



CRESCENDO ENTRE ECRÃS

Usos de meios eletrónicos
por crianças (3-8 Anos)

FICHA TÉCNICA

Título: CRESCENDO ENTRE ECRÃS: Usos de meios eletrónicos por crianças (3-8 Anos)

Edição: ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Supervisão: Rui Gomes, Vogal do Conselho Regulador da ERC

Coordenação Geral: Carla Martins, Assessora do Conselho Regulador da ERC

Coordenação da Edição: Catarina Rodrigues, Assessora do Conselho Regulador da ERC

Equipa de investigadores: Cristina Ponte (coordenadora), José Alberto Simões, Susana Batista e Ana Jorge - Centro de Investigação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA), Teresa Sofia Castro - Instituto de Educação da Universidade do Minho

Trabalho de campo (Inquérito): António Salvador (coordenador), Luzia Liebermann e Pedro Alves (Intercampus)

Design gráfico e paginação: Nova Agência – Design e Comunicação, Lda.

ISBN: 978-989-99607-1-8

Data de Publicação: Fevereiro de 2017

Índice

Sumário Executivo	5
Executive Summary	7
Apresentação do estudo	9
Study Presentation	11
I Parte – Pesquisa quantitativa	
Metodologia	16
Estrutura	16
Capítulo 1 – Lares, crianças e famílias em tempos digitais	
1.1 - Composição familiar	18
Características demográficas	18
Com quem vivem as crianças	18
Quem foram os adultos que responderam ao inquérito	18
1.2 - Historial dos pais no uso da internet	20
Frequência e historial de uso	20
Locais de uso e frequência do acesso	21
Dispositivos para aceder à internet	23
1.3 - Ambientes audiovisuais e digitais em que vivem as crianças	24
Aparelhos eletrónicos que existem em casa	24
Usos dos aparelhos existentes em casa por parte das crianças	25
Capítulo 2 – Usos da televisão por crianças de três a oito anos	
2.1 - Ambientes de visionamento televisivo	30
2.2 - Mediação parental	34
2.3 - Considerações dos pais sobre a importância da televisão	39
2.4 - Cruzando olhares de crianças (6-8 anos) e seus pais	41
Capítulo 3 – Jogos digitais	
3.1 - Ambientes de jogo	48
3.2 - Mediações parentais	50
3.3 - Preocupações dos pais sobre os jogos	52
3.4 - Cruzando olhares de crianças (6-8 anos) e seus pais	54

Capítulo 4 – Internet	
4.1 - Ambientes de acesso e uso da internet	60
4.2 - Mediações parentais	69
4.3 - Considerações dos pais sobre a importância da internet	74
4.4 - Cruzando olhares de crianças (6-8 anos) e seus pais	76
II Parte – Pesquisa qualitativa	
Metodologia	86
Estrutura	86
Capítulo 1 – Lares e ambientes das famílias	
Composição familiar	90
Dispositivos e serviços em casa	92
Capítulo 2 – Televisão	
2.1 - O que veem na televisão?	96
2.2 - Como usam a televisão?	98
2.3 - Quando veem televisão?	99
2.4 - Como é feita a mediação da televisão em família?	99
Capítulo 3 – Jogos	
3.1 - Onde e o que jogam as crianças?	106
3.2 - Quando e com quem jogam?	107
3.3 - O que aprendem as crianças com os jogos?	108
3.4 - Como é feita a mediação dos jogos?	109
Capítulo 4 – Internet	
4.1 - Como acedem à internet?	114
4.2 - O que fazem na internet?	115
4.3 - O que fazem nos ecrãs portáteis além da internet?	119
4.4 - Quando usam a internet?	120
4.5 - Como é feita a mediação na internet?	121
III Conclusões	124
IV Notas finais e Recomendações	128
Referências	131
Índice de figuras e quadros	133
Anexos	
Anexo 1. Procedimento de amostragem	138
Anexo 2. Questionários	140
Anexo 3. Convite, formulário de seleção e consentimento informado para participação no estudo qualitativo	164
Anexo 4. Apresentação sumária das famílias participantes no estudo qualitativo	166

Sumário Executivo

Este relatório apresenta os resultados da 3.ª edição do projeto da Entidade Reguladora para a Comunicação Social «Públicos e Consumos de Media», desenvolvida em parceria com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Esta edição tem como tema principal de análise os usos de meios eletrónicos por crianças (3-8 anos).

Procurou-se identificar os ambientes de ecrãs (televisão, computadores, consolas, telemóveis, *tablets*...) em que vivem as crianças destas idades, os seus modos de acesso e usos, como os pais orientam esses usos e as suas atitudes e preocupações.

O estudo incluiu duas componentes:

1. o primeiro **inquérito** nacional sobre este tema, realizado face a face em 656 lares, que reuniu um questionário para pais de crianças de 3 a 8 anos, e um questionário para crianças de 6-8 anos;
2. **entrevistas e observação** em lares de 20 famílias com perfis diferentes e com crianças dos 3-8 anos que fossem utilizadoras da internet.

Do **inquérito nacional** destacam-se os seguintes resultados:

CONSUMOS

- O telemóvel e o televisor são os ecrãs mais presentes nos lares, seguidos de *tablets* e portáteis.
- **Todas as crianças veem televisão, metade joga jogos digitais e 38% usam a internet**
- O acesso cresce significativamente com a idade: 22% das crianças de 3-5 anos e 62% das crianças de 6-8 anos acedem à internet.
- A internet é acedida sobretudo através de dispositivos móveis: *tablet*, computador portátil e *smartphone*. Cerca de metade das crianças que acede à internet tem um *tablet* seu.
- Os principais usos da internet são lúdicos: ver desenhos animados e filmes, jogar jogos, ouvir músicas.
- Nos ecrãs televisivos prevalecem os desenhos animados (com destaque para o canal infantil Panda) e outros programas infantis, seguidos de conteúdos para famílias.

DINÂMICAS FAMILIARES

- Cerca de dois terços das famílias que responderam ao inquérito têm apenas um filho. O ensino secundário predomina como habilitação escolar de pais e mães; um quinto tem ensino médio ou superior, o mesmo valor dos que não concluíram a escolaridade obrigatória. Nas ocupações, predominam funções administrativas, nas mães, e não administrativas, nos pais.
- Mais de dois terços dos pais e mães usam frequentemente a internet em casa, sobretudo em espaços comuns; metade teve o primeiro contacto com a internet em tempos de juventude; cerca de 20% não utilizam esta tecnologia.
- São as famílias de condição escolar mais baixa que reportam maior uso dos aparelhos digitais que existem em casa por parte das crianças.
- Crianças de famílias com estatuto socioeconómico alto são as que mais acedem e mais usam a internet.
- As crianças de 6-8 anos referem que a atividade que mais fazem com os pais é procura de informação; perto de um quinto refere usar a internet na escola, metade do valor apontado pelos pais.
- Os jogos digitais são mais praticados por rapazes, por crianças do grupo etário dos seis a oito anos, e por crianças de agregados de nível socioeconómico elevado. O dispositivo privilegiado é o *tablet*; os rapazes usam também consolas, e as raparigas gostam de jogar nos telemóveis. Eles preferem jogos competitivos; elas, cenários de fantasia e do cuidar.
- Mais de um terço dos pais não respondeu à questão das competências digitais dos filhos. Nas competências reconhecidas predominam instalar jogos e encontrar conteúdos do seu interesse.

PREVENÇÃO

- Os pais demonstram maiores preocupações em relação à internet do que à televisão.
- Menos de metade dos pais exprime preocupação com o consumo televisivo dos filhos, que consideram estar sob controlo. A sua intervenção aponta mais regras sobre conteúdos televisivos (interdição de conteúdos violentos) do que sobre tempos de ecrãs.
- Os pais com mais escolaridade manifestam mais preocupações e práticas restritivas em relação aos jogos digitais, sobretudo centradas nos conteúdos violentos.

Das **entrevistas e observação** em lares de 20 famílias, destacam-se as seguintes tendências:

- O contacto das crianças com a televisão é frequente e intenso, em espaços comuns da casa, e em televisores partilhados, que muitas vezes 'monopolizam' e utilizam com maior ou menor autonomia. Os tempos de ecrã em família, de canais generalistas, ocorrem durante e/ou após a hora de jantar.
- A televisão está presente em 'pano de fundo' enquanto as crianças se ocupam com outras coisas e como *baby-sitter*. Este ecrã também é usado para distrair a criança, quando está a ser vestida ou alimentada, ou para ajudar a adormecer ou a acordar.
- As preocupações mais expressas pelos pais relativamente à televisão são conteúdos inapropriados e violentos e o tempo de visionamento, que justificam práticas restritivas nalgumas famílias.
- Embora menos usados para jogar, consolas e computadores portáteis favorecem um maior acompanhamento por irmãos mais velhos e por adultos e o jogar em família.
- A maioria das crianças usa a internet numa base diária, através de ecrãs portáteis e individualizados, com preferência pelo *tablet*.
- Há famílias que não estimulam e até limitam o uso da internet por preferirem que as crianças se entretendam com outras atividades.
- Os dispositivos portáteis e tácteis são usados em modo *offline* para fins expressivos e lúdicos (tirar fotografias, filmar, pintar e jogar). *Online*, as atividades são recreativas, sobressaindo o YouTube, com vídeos de programas e/ou personagens que acompanham na televisão, mas também vídeos cómicos, de música, de desporto, jogos e tutoriais.
- *Tablets* e *smartphones* são usados para acalmar ou distrair a criança no momento da refeição, ou como moeda de troca por bom comportamento ou desempenho escolar.
- Observaram-se competências práticas das crianças – do manuseamento do dispositivo ou entre dispositivos ao uso da própria internet – e como conseguem chegar a conteúdos de seu interesse: com a ajuda de familiares; através do Google, que os direciona para o YouTube; através do histórico ou das propostas entretanto geradas.

- Os pais valorizam competências que as crianças desenvolvem com os jogos e a internet (destreza fina, capacidade de resolver problemas, aprendizagens linguísticas – ler e escrever, em português e inglês –, de cálculo, sociais, literacias digitais e outro tipo de educação mais geral, como sobre higiene pessoal).
- Como preocupações, os pais receiam violência, inadequação para a idade, o tempo que as crianças passam com os ecrãs e receio de dependência na internet.

O relatório encerra com **recomendações** a escolas, famílias, empresas e comunidade, elaboradas pela equipa científica do estudo.

Executive Summary

This report presents the results of the 3rd edition of the Regulatory Authority for the Media project "Public and Media Consumption", developed in partnership with the Universidade NOVA de Lisboa, Faculty of Social and Human Sciences. The main analytical theme of this edition is the use of electronic media by children (3-8 years-old).

It seeks to identify the screen environments (televisions, computers, consoles, mobile phones, *tablets*...) in which children of these ages live, how they access and use them, how their parents monitor their use and their attitudes and concerns.

The study includes two components:

1. the first national **survey** on this topic, carried out face-to-face in 656 homes, which included a questionnaire for the parents of children aged from 3 to 8 and a questionnaire for children aged from 6 to 8;
2. **interviews and observations** in the homes of 20 families with different profiles and with children aged 3 to 8 who use the internet.

From the **national survey**, the following results are highlighted:

CONSUMPTION

- Mobile phones and television screens are most common in homes, followed by tablets and laptop computers.
- **All of the children see television, half had play video games and 38% use the internet.**
- Access increases significantly with age: 22% of children between the ages of 3 and 5 and 62% of children between the ages of 6 and 8 access the internet.
- The internet is accessed mainly on mobile devices: *tablet*, laptop computer and *smartphone*. Around half of the children with access to the internet have their *own tablet*.
- The internet is used mainly for entertainment purposes: watching cartoons and films, playing games, listening to music.
- Television is mainly used to watch cartoons (especially the children's channel Panda) and other children's programmes, followed by content for the family.

FAMILY DYNAMICS

- Around two-thirds of the families that completed the survey have only one child. Most of the parents had completed secondary education, while one-fifth has intermediate or higher education – the same proportion that has not completed compulsory schooling. Most of the mothers work in administrative roles, while most of the fathers work in non-administrative roles.
- More than two-thirds of the parents and mothers use the internet frequently at home, particularly in common areas; half had their first contact with the internet in their youth; around 20% does not use this technology.
- The families with lower education levels reported that their children make greater use of digital devices at home.
- Children from families at the higher end of the socio-economic scale are those who most accessed and use the internet.
- Children between the ages of 6 and 8 stated that the activity they engage in most with their parents is searching for information; around one-fifth said they use the internet at school, half the number indicated by the parents.
- Boys, children between the ages of 6 and 8 years, and children from families at the higher end of the socio-economic scale are those who played video games most. The tablet is the favoured device; boys also use consoles, while the girls like to play with their mobile phones. The boys prefer competitive games; while the girls prefer fantasy and caring scenarios.
- More than one-third of parents did not respond to the question on their children's digital skills. Installing games and finding interesting content predominate among the recognised skills.

PREVENTION

- Parents expressed greater concern in relation to the internet than they did to television.
- Less than half of the parents are concerned about the amount of television their children watch, considering it to be under control. Their intervention is more concerned with content (stopping them from watching violent content) than with the time spent watching television.
- Parents with higher levels of education showed greater concern and readiness to restrict access to video games, particularly those with violent content.

From the **interviews and observation** in 20 family homes, the following trends are highlighted:

- Children's contact with television is frequent and intense in common areas of the home, and with shared television sets that are often 'monopolised' and used with greater or lesser autonomy. It's during and/or after the evening meal that the screen is shared and more general channels are viewed.
- Television is present in the 'background' as a *babysitter* while children occupy themselves with other things. This screen is also used to distract the child while he or she is being dressed or fed, or to help them sleep or wake up.
- The most commonly expressed concerns of parents in relation to television are about inappropriate and violent content and the time children spend watching television, which some families use to justify restricting access.
- While used less for playing games, consoles and laptop computers were preferred by older children and by adults and for playing as a family.
- Most children use the internet every day with portable and personal screens, with a clear preference for *tablets*.
- There are families that either do not encourage or limit their children's use of the internet because they would prefer them to entertain themselves with other activities.
- Portable and touchscreen devices are used *offline* for expressive and entertainment purposes (taking photographs, filming, painting and playing games). *Online*, the activities are recreational, with YouTube being particularly popular for viewing videos of programmes and/or celebrities from television, but also for video comics, music, sport, games and tutorials.
- *Tablets and smartphones* are used to calm and distract children at mealtimes, or as a reward for good behaviour or performance at school.
- Practical skills were observed in children – their handling of the device or between devices and their use of the internet – and how they manage to find the content that interests them: with the help of family members; using Google, which directs them to YouTube; through the browser history or the suggestions that are generated.
- The parents value the skills the children develop with games and the internet (dexterity, problem-solving, language learning - reading and writing, in Portuguese and English – calculations, social skills, digital literacy and other forms of more general education, such as personal hygiene).

- Parents' greatest concerns are violence that is unsuitable for their children's age, the time children spend in front of screens and their dependency on the internet.

The study's scientific team end the report with **recommendations** for schools, families, industry and the community.

Apresentação do estudo

As crianças começam cada vez mais cedo a relacionar-se com os ecrãs, do televisor da família ao telemóvel do pai ou da mãe. Muitas brincam com *tablets*, surpreendendo os familiares com a facilidade com que descobrem modos de os usar.

Um dos objetivos da regulação dos media consiste precisamente em assegurar a proteção dos públicos mais sensíveis, tais como menores, relativamente a conteúdos e serviços mediáticos suscetíveis de prejudicar o seu desenvolvimento.

Tendo em consideração esta disposição normativa, a ERC decidiu empreender um estudo sobre consumos de media especificamente dirigido a compreender de modo mais aprofundado as crianças como públicos dos media, tendo em conta a formação da sua personalidade, para melhor informar as suas decisões.

Deve lembrar-se que compete à ERC assegurar a realização de estudos e outras iniciativas de investigação e divulgação nas áreas da comunicação social e dos conteúdos. Adicionalmente, esse conhecimento e a sua divulgação na sociedade portuguesa permitem que pais, familiares e educadores possam acompanhar as relações das crianças com os media de um modo informado.

O estudo *Crescendo entre Ecrãs: Usos de meios eletrónicos por crianças (3-8 anos)* pretendeu, assim, conhecer como, nas suas famílias e noutros espaços que frequentam, as crianças em idade pré-escolar e dos primeiros anos de escolaridade estão a fazer uso desses ecrãs.

Esta preocupação conduziu-nos aos seguintes **objetivos**:

- Identificar modos de acesso e usos face aos media eletrónicos (televisão, computador, consola de jogos, telemóvel, *smartphone*, tablet, etc.) por parte de crianças (3-8 anos), em família;
- Caracterizar como os pais orientam os usos dos media eletrónicos, as suas atitudes, preocupações e fatores de contexto que intervêm nessa orientação.

Estes objetivos levaram-nos a um conjunto de **questões** norteadoras:

- Quais são os processos e dinâmicas de relação de crianças destas idades com os media? Como estão a televisão e os media digitais presentes no quotidiano das crianças mais novas, em família?

- Como se caracterizam as práticas das crianças (3-8 anos) com os meios eletrónicos?
- De que modos usos e posse de meios eletrónicos se relacionam com competências e interesses das crianças dessas idades?
- Que funções assumem os meios digitais e eletrónicos no quotidiano da criança: divertimento, aprendizagem, preenchimento de tempos vazios, entre outras?
- Como se caracterizam as práticas de mediação dos ecrãs eletrónicos por parte dos pais?
- Essas práticas de mediação são marcadas pelas suas considerações sobre o lugar dos media na vida das crianças?
- Como é feita a socialização para a televisão e meios digitais das crianças por parte das famílias, tendo em conta as suas expectativas, preocupações e pressões sociais?

O estudo assentou numa metodologia mista: por um lado, realizou-se um inquérito por questionário, que procurou um retrato dos padrões e tendências da realidade nacional; e, por outro, apostou-se numa abordagem qualitativa, para compreender a intrincada rede de relações entre entidades humanas e tecnológicas. Este relatório contempla a apresentação do estudo nas duas componentes, dividido nas suas duas Partes.

Este estudo preenche uma lacuna de conhecimento, dada a ausência de informação de âmbito nacional sobre como as crianças até oito anos estão a crescer em contacto com a tecnologia digital existente à sua volta. As estatísticas assinalam a maior implementação de ligações à internet através de banda larga nos lares com crianças: 87% para uma média nacional de 63% (INE, 2014), mas não as discriminam por grupos etários. Estudos de audiências televisivas cobrem idades acima dos quatro anos mas ignoram fatores de mediação familiar.

A nível europeu, essa lacuna tem começado a ser preenchida. Encontramos estudos longitudinais em países com elevada penetração e uso dos meios digitais em famílias com crianças: no Reino Unido, o *Ofcom* (*Office of Communications*), regulador das comunicações, realiza inquéritos nacionais anuais com um foco a partir dos três anos, desde 2005.

Na Holanda, a *Mediawijzer.net*, uma organização que visa promover literacia mediática em todas as idades, tem apoiado pesquisa sobre crianças mais novas (0-9 anos) e a mediação dos seus pais.

O *Joint Research Center* da Comissão Europeia realizou em 2014 um estudo exploratório junto de crianças até oito anos e suas famílias em sete países, entrevistando 10 famílias em cada país (Chaudron, 2015); esse estudo seria alargado para 18 países europeus, entre os quais Portugal, seguindo a mesma metodologia (Dias e Brito, 2016).

Com o conhecimento obtido através deste estudo e a sua divulgação na sociedade portuguesa pretende-se que pais, familiares, educadores, decisores de políticas públicas, indústrias, profissionais de comunicação e terceiro setor possam acompanhar as relações das crianças com os media de um modo informado.

Study Presentation

Children begin interacting with screens, from the family television to their parents' mobile phones, from an increasingly younger age. Many play with tablets, surprising family members with the ease with which they discover how to use them.

One of the aims of media regulation is precisely to ensure the protection of more sensitive audiences, such as minors, in terms of content and services that are more likely to harm their development.

Taking this regulatory provision into consideration, the ERC decided to undertake a study of media consumption in order specifically to achieve a greater understanding of children as media consumers, taking into account the development of their personality, in order to better inform its decisions.

It should be recalled that ERC is responsible for conducting studies and other publications and research initiatives in the field of the media and media content. Moreover, this information and its publication in Portuguese society allow parents, family members and educators to monitor the relationship between children and the media in a more informed manner.

The study *Growing Up between Screens: Use of electronic devices by children (3-8 years)* seeks to understand how, within their families and elsewhere, pre-school and primary age children use these screens.

This concern led us to the following **objectives**:

- Identify the forms of access and use of electronic media (television, computers, games consoles, mobile phones, smartphones, tablets, etc.) by children aged from 3 to 8, at home;
- Describe how parents supervise the use of electronic media, their attitudes, concerns and contextual factors that affect this supervision.

These objectives led us to a set of guiding **questions**:

- What are the processes and dynamics of the relationship between children of this age and the media? How are television and digital media present in the daily life of younger children at home?
- How do we describe how 3-8-year-old children interact with electronic media?

- How does the use and possession of electronic media affect the skills and interests of children of this age?
- What role do digital and electronic media play in the child's daily life: entertainment, learning, occupying free time, among others?
- How are the practices of interaction with electronic screens described by parents?
- Are these interaction practices affected by their considerations about the place of the media in their children's lives?
- How do families socialise children through television and digital media, taking their expectations, concerns and social pressures into consideration?

The study is based on a mixed methodology. On the one hand, there was a survey that sought to develop a picture of the standards and trends across the country, while on the other, the study adopted a qualitative approach, to understand the intricate network of relationships between humans and technology. This report presents the study in its two components, divided into two parts.

This study fills a knowledge gap, given the absence of national information on how children up to the age of eight are growing up while in contact with the digital technology that surrounds them. The statistics show that there are more broadband connections in homes with children: 87% compared to a national average of 63% (INE, 2014), although there is no breakdown by age group. Television audience studies cover those over the age of four, but they ignore family mediation factors.

This gap is beginning to be filled at the European level. We have found longitudinal studies in countries with high penetration and use of digital media in households with children: in the United Kingdom, the communications regulator, *Ofcom* (Office of Communications), has, since 2005, conducted annual surveys focusing on people from the age of three.

In the Netherlands, *Mediawijzer.net*, an organisation that promotes media literacy among all age groups, has supported research in children aged from 0 to 9, and the mediation of their parents.

In 2014, the European Commission's *Joint Research Centre* carried out an exploratory survey of children up to the age of eight and their families in seven countries, interviewing 10 families in each country (Chaudron, 2015); this study was extended to include 18 European countries, including Portugal, using the same methodology (Dias and Brito, 2016).

With the knowledge obtained through this study and its dissemination in Portuguese society, the aim is to allow parents, family members, educators, public policy decision-makers, industries, communication professionals and the third sector to be able to monitor the relationship between children and the media in a more informed manner.

I Parte

Pesquisa quantitativa



I Parte

Pesquisa quantitativa

Metodologia

Os resultados apresentados nesta secção têm por base um inquérito por questionário realizado junto de uma amostra nacional representativa de agregados familiares com crianças de idades compreendidas entre os três e os oito anos, através de um procedimento de amostragem aleatório por "random route". A amostra, composta por 656 indivíduos, assegurou diversidade geográfica e de origem social das famílias, conforme se pode ver na descrição das famílias (ver capítulo 1). O trabalho de campo foi realizado pela empresa GfK na Primavera de 2016.

Foram aplicados dois questionários, um destinado aos pais (ou representante legal/responsável pela criança), outro a crianças de seis a oito anos (ver Anexo 1). O questionário destinado aos pais cobriu todos os tópicos do estudo, incluindo questões sobre os filhos (3-8 anos) e os seus próprios usos e mediações das atividades dos filhos, nomeadamente:

- informação demográfica sobre pai/mãe/encarregado de educação;
- ambiente com média e equipamentos digitais;
- televisão: conteúdos e escolhas/ preferências, mediação e atitudes;
- jogos: usos, mediações e atitudes;
- internet: pais como utilizadores (frequência e equipamentos, contextos), crianças como utilizadoras (usos e atividades), mediações e preocupações parentais.

O questionário destinado a crianças compreendeu módulos simplificados relativos a:

- televisão: conteúdos e visionamento conjunto;
- jogos: frequência de uso, equipamentos, preferências e jogar em conjunto;
- internet: frequência de uso, atividades, utilização conjunta e atitudes.

A leitura dos dados merece ressalvas na medida em que, para diferentes meios eletrónicos e em função do número específico de utilizadores, se referem diferentes subamostras (n distintos). Quando nos referimos a todos os inquiridos, estamos a considerar os pais (ou adultos responsáveis pelas crianças) como respondentes. As respostas obtidas da amostra de crianças vêm devidamente assinaladas no final do quadro ou figura correspondente.

A designação 'pais' inclui os progenitores ou adultos responsáveis pela criança e que responderam ao questionário. Em circunstâncias específicas fazemos distinção entre *pais* e *mães*, dado a distinção desses papéis, que será explorada em futuras análises.

Em quadros e figuras indicamos com asterisco relações estatisticamente significativas, isto é, relações que para o teste em questão asseguram um nível de significância de, pelo menos, $p < .05^1$.

Estrutura

Esta I Parte encontra-se organizada em quatro capítulos. O primeiro dá conta da caracterização familiar e dos ambientes digitais em que as crianças estão a crescer. Os seguintes correspondem à televisão (capítulo 2), jogos digitais (capítulo 3) e internet (capítulo 4). Cada um destes três capítulos inclui as respostas das crianças de 6-8 anos, proporcionando um olhar cruzado sobre os resultados gerais e uma comparação com as respostas dos seus pais.

1 Sendo que, em grande parte dos casos, esta probabilidade é manifestamente inferior (i.e. $p < .01$ ou $p < .001$).

Capítulo 1

Lares, crianças e famílias em tempos digitais

Metade das 656 famílias que responderam ao inquérito nacional vive em agregados populacionais de menos de dez mil habitantes. Cerca de um quinto reside nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

As crianças vivem quase todas com os pais (ou com um deles); menos de um terço tem irmãos.

Predomina o ensino secundário nas habilitações escolares dos pais; um quinto tem cursos médios ou superiores, o mesmo valor que o dos pais que não concluíram a escolaridade obrigatória. Nas ocupações profissionais, predominam funções administrativas, nas mães, e não administrativas, nos pais. No estatuto socioeconómico (ESE) da família predomina o nível médio.

Estes pais e mães são maioritariamente "digitais", tendo tido o seu primeiro contacto com a internet em tempos de juventude; mais de dois terços fazem um uso frequente destes meios em casa, sobretudo em espaços comuns onde circulam as crianças. No reverso, cerca de um em cada cinco pais ou mães não utiliza a internet.

O pequeno ecrã do telemóvel e o grande ecrã do televisor são os mais presentes nos lares; *tablets* e portáteis são ecrãs que estas crianças veem com frequência os pais a usar em casa. São as famílias com condição escolar mais baixa que reportam maior uso dos aparelhos digitais que existem em casa por parte das crianças.

1.1 Composição familiar

Características demográficas

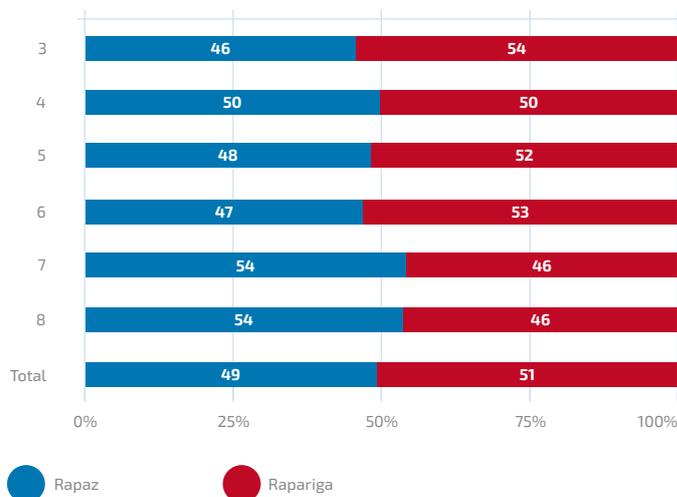
As 656 crianças deste estudo, entre os três e os oito anos, apresentam como média de idades 5,14 anos. Por sexo, a amostra está equitativamente distribuída (49% de rapazes, 51% de raparigas). A [Figura 1](#) mostra a distribuição por sexo dentro de cada idade.

Para efeitos de análise, as crianças foram agrupadas em dois grupos etários: 3-5 anos (60%), que corresponde à idade pré-escolar; e 6-8 anos (40%), que corresponde aos primeiros anos de escolaridade. Este predomínio de crianças mais novas deve ser tido em conta na leitura dos resultados gerais.

Com quem vivem as crianças

As crianças deste estudo vivem, na quase totalidade, com a mãe (94%), cuja presença é mais referida do que a do pai (76%). Pouco menos de um terço (30%) têm irmãos, o que

Fig. 1 SEXO DAS CRIANÇAS DO ESTUDO, POR IDADE (%)



N= 656. ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

ilustra a quebra de natalidade na sociedade portuguesa e tem como consequência infâncias vividas no singular, no lar. É relativamente baixa (13%) a presença de avós a viver em casa da criança. Outras pessoas (tios, primas, madrinha...) e figuras de lares recompostos (padrasto, madrastra) têm valores residuais, de 1-2%.

A maioria vive assim em família nuclear ou família monoparental. Das que vivem com irmãos, 40% vivem com crianças com idades compreendidas entre os três e os oito anos.

Quem foram os adultos que responderam ao inquérito

Foram sobretudo mães (69%) e pais (24%) que responderam ao questionário. Os avós representam 4% e outras pessoas são residuais (2%). Esta maior presença de mães coincide com o verificado em inquéritos dirigidos a idades mais velhas (9-16 anos), como o inquérito *EU Kids Online* (2010), e sugere a continuidade da representação da mãe como primeira/principal cuidadora e acompanhante da criança.

Por região, 34% dos agregados inquiridos localizam-se no Norte, seguindo-se a área de Lisboa (30%). A Região Centro corresponde a 23%, o Alentejo a 8% e o Algarve a 5%.

Por habitat, foram tidos em conta os resultados dos Censos 2011, por NUTs, que apontam que a maioria dos lares com crianças desta faixa etária se situa em agregados populacionais com menos de dez mil habitantes, seguindo-se agregados de dimensão média, entre dez e cem mil habitantes (quadro 1). Este traço demográfico deve ser tido em conta na leitura dos resultados: crianças desta idade a residirem em áreas metropolitanas constituem menos de um quinto da amostra.

Quadro 1

HABITAT ONDE VIVE O AGREGADO FAMILIAR DA CRIANÇA

	N	%
Menos de 10 mil habitantes	358	54,6
10 mil – 100 mil habitantes	200	30,5
Mais de 100 mil habitantes	40	6,1
Cidade de Lisboa	41	6,3
Cidade do Porto	17	2,6
Total	656	100,0

N= 656. ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

O **Quadro 2** apresenta o nível de educação de todos os inquiridos, distinguindo o 6º ano (grau de escolaridade obrigatória até 1986), o 9º ano (grau de escolaridade obrigatória entre 1986 e 2013), ensino secundário (obrigatório desde 2013) e curso médio/superior.

Quadro 2

NÍVEL DE EDUCAÇÃO DE TODOS OS INQUIRIDOS

	Todos os inquiridos		Mãe		Pai	
	N	%	N	%	N	%
Até ao 6º ano	114	17,4	66	14,6	31	19,6
9º ano	191	29,1	137	30,2	46	29,1
12º ano	220	33,5	154	34,0	54	34,2
Curso médio ou Superior	131	20,0	96	21,2	27	17,1
Total	656	100,0	453	100,0	158	100,0

ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

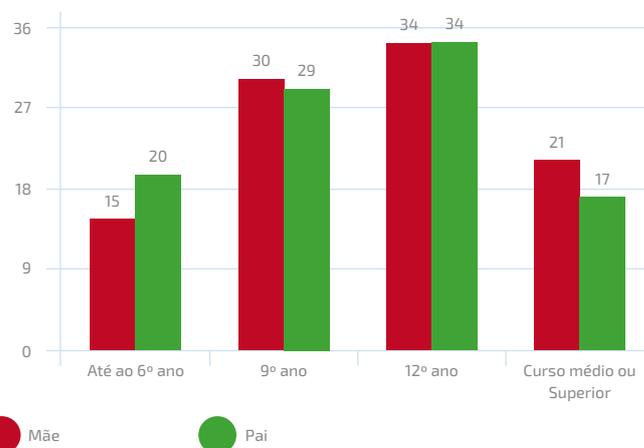
Mais de metade dos inquiridos (54%) ultrapassou a escolaridade obrigatória de nove anos e um quinto tem ensino médio ou superior, valores que marcam uma subida relativamente às habilitações dos pais no inquérito *EU Kids Online*. Perto de um quinto dos pais de crianças entre três e oito anos ainda apresenta uma escolaridade não superior a seis anos, abaixo da escolaridade obrigatória definida há três décadas.

A **Figura 2** ilustra essa distribuição, apenas considerando os progenitores. A maior parte dos pais e mães situa-se nas posições intermédias e as mães têm valores superiores nas habilitações literárias mais avançadas.

O **Quadro 3** apresenta a situação profissional atual de todos os inquiridos. A grande maioria (84%) é ativa no mercado de

Fig. 2

NÍVEL DE EDUCAÇÃO DOS PAIS E MÃES INQUIRIDOS (%)



Mãe

Pai

ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

trabalho, para 10% de desempregados. A situação de desemprego foi mais referida por mães do que por pais. A baixa percentagem de respondentes que se definem como tendo uma ocupação doméstica (4%), só expressa por mulheres, ilustra a forte ligação das mães ao mercado de trabalho, quer estejam ou não ativas nele. Os restantes valores (reformados, estudantes) são residuais.

Quadro 3

SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE TODOS OS INQUIRIDOS

	Todos os inquiridos		Mãe		Pai	
	N	%	N	%	N	%
Trabalha/ Exerce uma profissão	552	84,1	378	83,4	146	92,4
Desempregado (a)	66	10,1	52	11,5	10	6,3
Reformado(a)/ Pensionista	11	1,7	0	0	2	1,3
Aluno(a)/ Estudante	1	0,2	0	0	0	0
Doméstica	26	4,0	23	5,1	0	0
Total	656	100,0	453	100,0	158	100,0

ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

O **Quadro 4** apresenta a ocupação profissional dos respondentes seguindo as categorias usadas no inquérito *EU Kids Online*, para comparação de resultados nacionais recolhidos em 2010. Importa ter presente o hiato entre os inquiridos, de seis anos, e a diferença de idades entre as crianças respondentes (9-16 anos em 2010; 3-8 anos em 2016), aspetos que favorecem uma diferença entre os progenitores respondentes em 2016: mais novos, com mais educação.

Quadro
4

OCUPAÇÃO DE TODOS OS INQUIRIDOS, DAS MÃES E DOS PAIS (%)

	Todos os inquiridos		Mãe		Pai	
	N	%	N	%	N	%
Gestor de topo/ profissão liberal	18	2,7	12	2,6	4	2,5
Quadro superior / Gestor intermédio / Proprietário de empresa	85	13,0	61	13,5	20	12,7
Funcionário administrativo / Comerciante, artesão	100	15,2	75	16,6	22	13,9
Funcionário não administrativo/ supervisor, operário especializado	227	34,6	138	30,5	78	49,4
Operário não especializado / assistente operacional	122	18,6	92	20,3	22	13,9
Não ativo (trabalho doméstico, estudante, desempregado)	93	14,2	75	16,6	10	6,3
Reformado	11	1,7	0	0,0	2	1,3
Total	656	100,0	453	100,0	158	100,0

ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

Em 2016, 35% dos respondentes são funcionários não administrativos, supervisores e operários especializados. Seguem-se, a distância, trabalhadores manuais não especializados (19%), somando as duas categorias mais de metade das respostas. Funcionários administrativos, comerciantes ou artesãos (15%) superam quadros superiores, com funções de especialização e execução (13%). A categoria de gestores e profissionais liberais apresenta um valor quase residual (3%). A percentagem de respondentes não ativos, incluindo reformados, atinge 16%. Estes dados não diferem significativamente dos de 2010.

Os pais superam largamente as mães enquanto funcionários não administrativos, supervisores e trabalhadores especializados (50% dos pais; 31% das mães). Por sua vez, as mães superam os pais enquanto trabalhadoras manuais (20% e 14% respetivamente) e funcionárias administrativas. Ocupações de maior exigência (gestão, profissões liberais, quadros su-

periores) estão equitativamente distribuídas, na casa dos 15-16%. Esta distribuição por ocupação parece dissonante com o grau de instrução (cf. Figura 2).

A maioria dos inquiridos posiciona-se como principal contribuidor para a economia do lar (56%). Essa consideração é mais expressa por pais (86%) do que por mães (46%). Ainda assim, contraria a visão tradicional do pai como "testa de família" e pode ser entendida, a par das habilitações escolares conseguidas, como mais um sinal de mudança na sociedade portuguesa.

O grau de instrução da pessoa que mais contribui para o agregado familiar é liderado pelo ensino secundário (34%), seguido do 9º ano de escolaridade (29%) e do curso médio ou superior (21%). Pessoas com grau de instrução até ao 6º ano (16%) são as que menos referem que é seu o principal contributo. Sem surpresa, o maior contributo económico vem de quem tem uma situação profissional ativa (93%).

Tendo presente o nível de escolaridade e a ocupação da pessoa que mais contribui para o lar, foi construída uma distribuição por estatuto socioeconómico (ESE). Os resultados situaram praticamente metade dos inquiridos (49%) num nível médio; perto de um terço (29%) são lares de estatuto socioeconómico baixo e 22% correspondem a um nível alto. Relativamente a 2010, o estatuto mais referido passou de baixo para médio, para o que terá contribuído a melhoria nos graus de escolaridade dos inquiridos.

1.2 Historial dos pais no uso da internet

Frequência e historial de uso

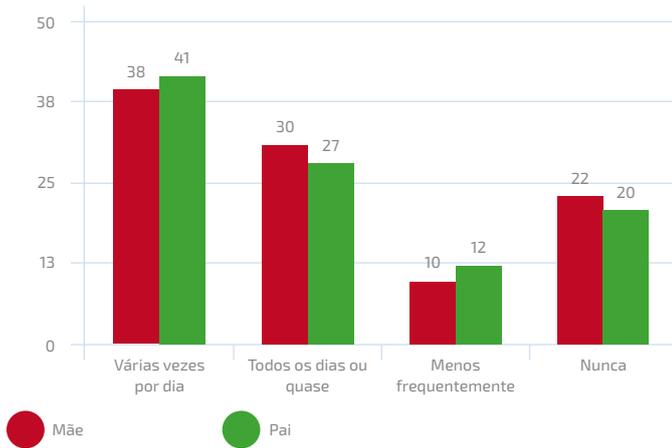
Mais de dois terços são utilizadores frequentes da internet: 68% refere uma frequência diária ou quase. Contudo, 21% indica que nunca a utilizou e 10% aponta uma frequência esporádica (uma vez por semana, menos), valores relativamente elevados para uma sociedade cada vez mais assente no digital.

Nas respostas de pais e mães, encontramos o mesmo valor no uso diário (68%), um valor ligeiramente maior no uso esporádico por parte dos pais (12%, para 10% nas mães) e a situação inversa no não uso, respetivamente 20% e 22%. Este padrão coincidente não acontecia no inquérito EU Kids Online, de 2010, onde os pais usavam bastante mais do que as mães. É outro sinal de mudança geracional.

A Figura 3, que apresenta padrões de uso por parte de mães e pais, revela que predomina o uso mais intenso (várias vezes por dia), seguido do uso diário ou quase, o que sugere uma intensa penetração da internet no quotidiano destes adultos internautas.

Fig. 3

FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DA INTERNET POR PARTE DOS PAIS E MÃES INQUIRIDOS (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

Para analisar a idade em que pais e mães começaram a usar a internet, foi feita uma distribuição a partir da pergunta *Com que idade começou a usar a internet*; foram considerados os que começaram a usar com menos de 20 anos e os que se iniciaram mais tarde, quando eram jovens adultos ou adultos.

Esta distribuição teve em conta a penetração da internet na sociedade portuguesa, onde desde 2002 lidera o grupo mais jovem (16-24 anos). Em 2010, 94% estavam *online*, para 47% dos que tinham entre 45-54 anos e 13% na faixa etária dos 65-74; em 2015, esses valores eram respetivamente, 98%, 65% e 29%. Diferenças geracionais no uso do digital têm ligação com o fosso por escolaridade: 50% entre os que têm escolaridade básica, 94% entre os que têm curso secundário e 98% entre os que têm curso médio ou superior (Pordata, 2016).

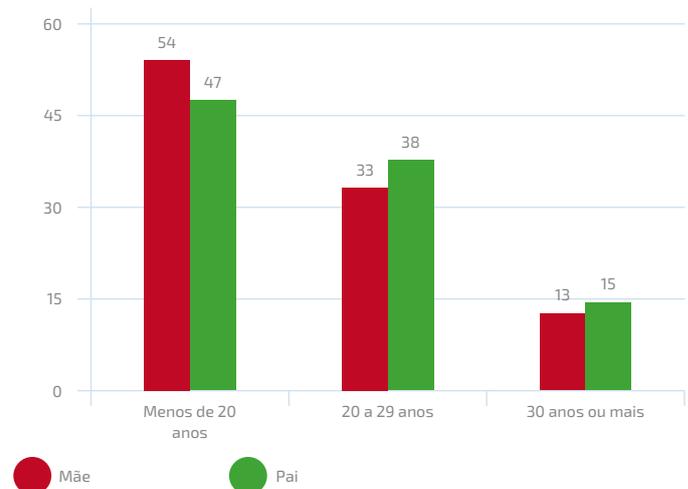
Políticas ativas para o digital, sobretudo entre 2007 e 2010, deram atenção ao apetrechamento de escolas e a condições de aquisição a baixo custo de computadores portáteis e de acesso à internet por parte de estudantes e de adultos em formação, pelos programas e-escolas (3º ciclo do básico e ensino secundário), e-escolinhas (pré-escolar, 1º e 2º ciclo do básico) ou Novas Oportunidades. Estas políticas tiveram impacto na posse individual de portáteis por jovens, e na sua presença nos lares.

A maioria dos pais e mães que usam a internet terá vivido esse primeiro contacto em tempos de juventude, com a média de idades a situar-se nos 21 anos e a mediana a baixar para os 19 anos. O sexo feminino apresenta ligeiramente valores mais baixos do que o sexo masculino, tanto na mediana (18 anos) como nas idades mais baixas referidas para o primeiro acesso (três anos para elas; cinco anos para eles). Estes resultados apontam um relativo equilíbrio de género no historial individual de acesso à internet.

A Figura 4 distribui as respostas de pais e mães em três categorias: os que tinham menos de 20 anos quando começaram a usar a internet, ou seja, aqueles para quem esse início de acesso à internet ocorreu em anos estruturantes de infância e adolescência; aqueles que começaram a usar quando eram jovens adultos, entre 20 e 29 anos; e os que começaram a usar quando tinham 30 ou mais anos. Mais de metade (52%) pertence ao primeiro grupo. Há pequenas diferenças de género, com as mães a superarem os pais no uso inicial mais precoce².

Fig. 4

IDADE QUE PAIS E MÃES TINHAM QUANDO COMEÇARAM A UTILIZAR A INTERNET (%)



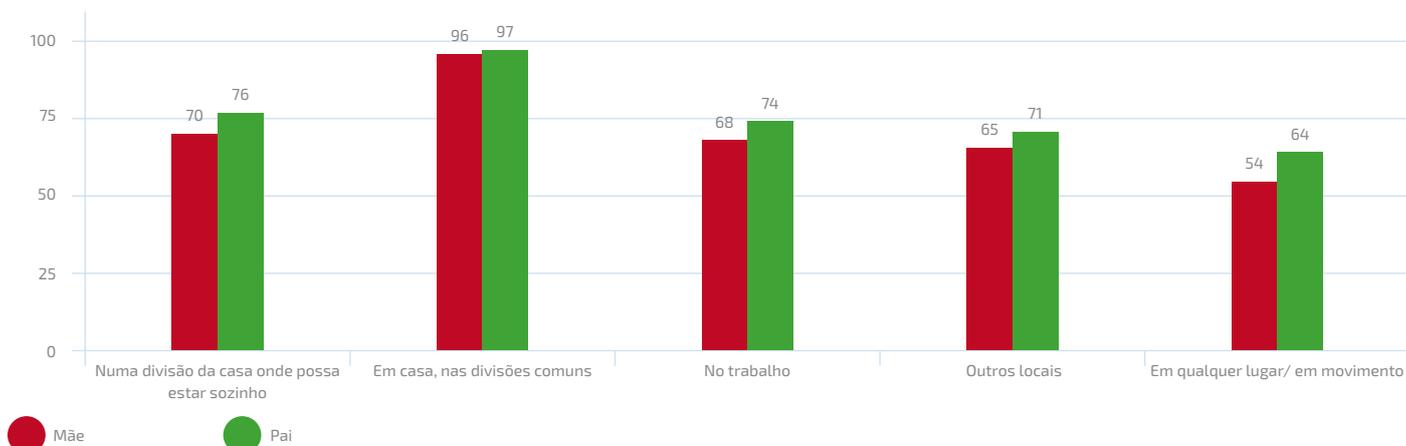
Base: Inquérito aos pais, inquiridos que utilizam a Internet.

Locais de uso e frequência do acesso

Os locais mais referidos distribuem-se pela casa, em espaços comuns (96%) e onde se possa estar sozinho (73%). Seguem-se o local de trabalho (69%) e outros locais (67%). Em qualquer lugar/em movimento, é apontado por mais de metade (58%) dos inquiridos que usam a internet. Como se pode ver na Figura 5, há ligeiras diferenças de género: os pais referem um pouco mais do que as mães o espaço privado da casa, o local de trabalho, outros locais e em qualquer lugar/movimento.

2 Nota: perto de um quarto dos progenitores que fazem uso da internet (24%), tanto mães como pais, não souberam situar esse início de uso da internet na sua cronologia de vida.

Fig. 5 LOCAIS DE USO DA INTERNET POR PARTE DOS PAIS E MÃES (%)



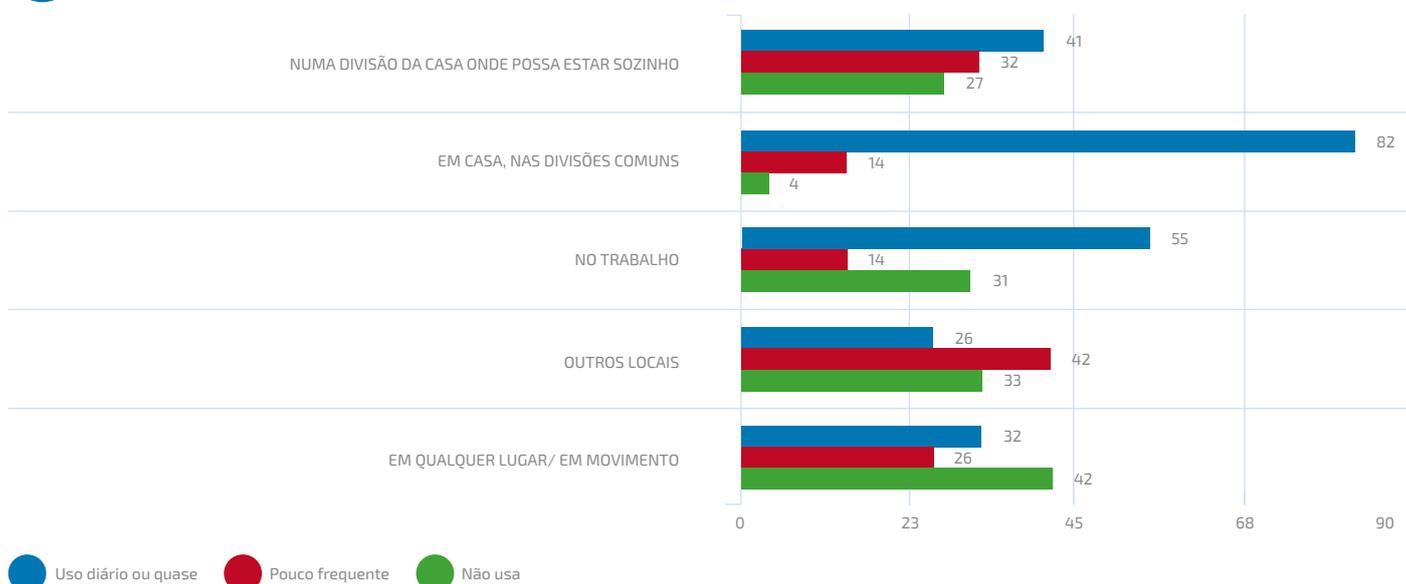
ERC. Base: Inquérito aos pais, inquiridos que utilizam a Internet.

O uso intenso (várias vezes por dia, todos os dias ou quase) é claramente superior nos espaços comuns, referidos por 82% destes pais e mães, um valor que duplica o acesso frequente em espaços privados (Figura 6). O uso esporádico em espaços privados é apontado por cerca de um terço. É residual a percentagem dos que referem *nunca* usar em espaços comuns, o que reforça uma imagem desse uso sobretudo social. No seu conjunto, os lares com internet com crianças de três a oito anos serão assim marcados pela visibilidade do acesso dos adultos à internet em espaços comuns, fazendo um uso de ecrãs perante a criança que por aí também circula.

O uso frequente da internet no local de trabalho fica um pouco acima da metade e o seu não uso é referido por perto de um terço, o que sugere ocupações profissionais de baixa exigência tanto na comunicação interna como na pesquisa de informação. O uso noutros locais é esporádico. O não uso das potencialidades móveis é o mais referido (42%), embora cerca de um terço já aponte um uso frequente em movimento.

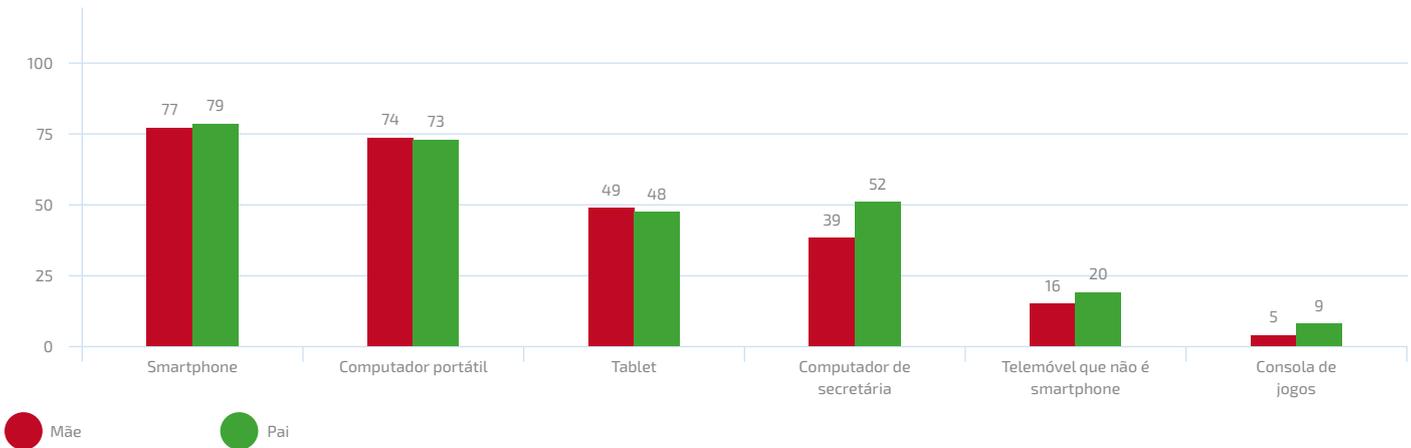
Estes padrões de frequência por locais distribuem-se de modo equilibrado entre pais e mães.

Fig. 6 FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR LOCAL (%)



Uso diário ou quase Pouco frequente Não usa

Fig. 7 USO DA INTERNET POR DISPOSITIVO POR PARTE DOS PAIS E MÃES (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais: inquiridos que utilizam a Internet.

Dispositivos para aceder à internet

Para cerca de dois terços de todos os inquiridos que acedem à internet, o *smartphone* (78%) e o computador portátil (73%) são os principais meios de acesso, destacando-se dos restantes. O *tablet* vem em terceiro lugar, referido por quase metade (48%), seguido do computador de secretária (42%). O acesso por telemóvel que não é *smartphone* atinge 17% e a consola de jogos fica-se pelos 5%.

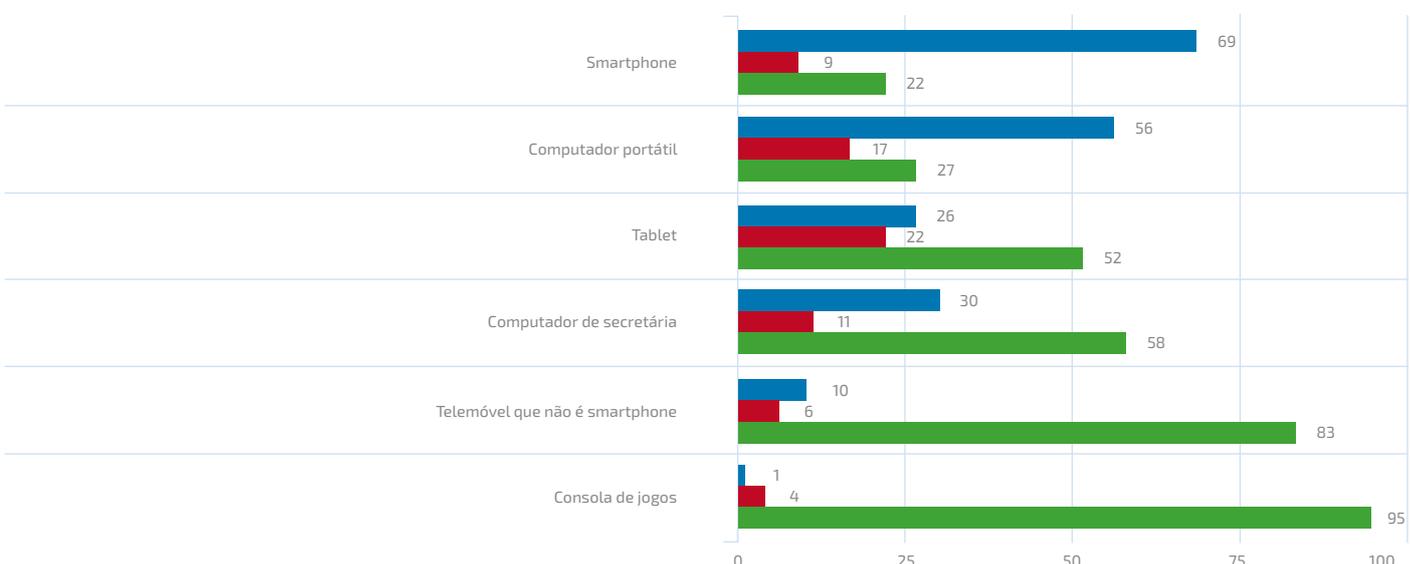
Não há praticamente diferenças entre pais e mães utilizados no que se refere aos meios móveis: *smartphone*, computador portátil, *tablet* e telemóvel, este com uma diferença de uso um pouco maior a favor dos pais (Figura 7). O computador

de secretária é mais usado por pais (52%) do que por mães (39%), que recorrem menos a dispositivos que não lhes permitem mobilidade em casa. O maior uso por parte dos pais ocorre também na consola de jogos, duplicando o valor reportado pelas mães, ainda que esse uso seja esporádico.

A Figura 8 torna visível a intensa frequência diária de uso de *smartphone* e do computador portátil, para acesso à internet, seguidos de longe pelo *tablet* e pelo computador de secretária, este último um dispositivo que parece ter 'morrido' para a internet para mais de metade dos inquiridos.

Os outros dispositivos são pouco usados ou não são usados de todo.

Fig. 8 FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR APARELHO POR PARTE DOS PAIS E MÃES (%)



● Uso diário ou quase ● Pouco frequente ● Não usa

N= 516. ERC. Base: Inquérito aos pais: inquiridos que utilizam a Internet.

Em síntese, a maioria das crianças de três a oito anos cujos pais e mães acedem à internet em casa claramente cresce a ver pais e mães a fazerem uso intenso de ecrãs digitais de pequena dimensão e grande mobilidade, junto de si, nos espaços comuns da casa. Este cenário não ocorre, contudo, para um quinto das crianças, cujos pais e mães reportam não usar a internet.

1.3 Ambientes audiovisuais e digitais em que vivem as crianças

Aparelhos eletrónicos que existem em casa

Os lares com crianças desta idade destacam-se dos lares portugueses por uma maior presença de meios digitais móveis, com destaque para os *tablets*.

Quase todos (99%) dispõem de televisor, seja ele *smartTV* ou não, confirmando os resultados do estudo da ERC, de 2015, sobre consumo audiovisual, aplicados à população com mais de 16 anos (Burnay e Ribeiro, 2016). Em termos singulares, a liderança pertence ao telemóvel/*smartphone* (92%): o meio com os ecrãs de menor dimensão supera o televisor sem acesso à internet (87%). Dois meios móveis, o computador portátil (70%) e o *tablet* (68%), estão presentes em mais de dois terços dos lares, bastante acima dos resultados do estudo da ERC, de 2015, onde 53% dos inquiridos referiam o computador portátil e 30% referiam os *tablets*.

Com 45% de presenças, o leitor de DVD aproxima-se da sua distribuição geral nos lares (49%); o mesmo ocorre com o computador de secretária (34% e 33% respetivamente). Ambos os dispositivos, menos recentes, estão ligeiramente à frente da televisão com acesso à internet (33%), das consolas de jogos, ligadas ao televisor e portáteis, bem como leitores portáteis de média presentes em cerca de um quarto dos lares. O leitor de livros digitais tem a presença mais reduzida (8%).

Quadro 5

APARELHOS EM CASA POR ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO, ESE DO AGREGADO FAMILIAR E FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DA INTERNET POR PARTE DO INQUIRIDO(%)

	Telemóvel	Aparelho TV	Computador portátil	Tablet	Leitor DVD/ Blue-Ray
Até 6º ano	85*	90*	41*	51*	23*
9º ano	88*	90*	60*	56*	35*
12º ano	96*	88*	80*	76*	56*
Curso médio/ superior	96*	78*	92*	86*	63*
ESE Baixo	87*	89*	53*	50*	33*
ESE Médio	92*	89*	68*	69*	45*
ESE Alto	99*	77*	94*	88*	62*
Utilização net Intensa	94*	84*	73*	72*	47
Utilização net Fraca	91*	94*	65*	65*	47
Utilização net Inexistente	86*	90*	59*	56*	39
Total	92	87	70	68	45

	Computador secretária	Smart TV	Consola TV	Leitor portátil de média	Consola móvel	Leitor e-book
Até 6º ano	20*	20*	19*	12*	12*	4*
9º ano	25*	24*	16*	14*	18*	3*
12º ano	37*	35*	33*	30*	31*	9*
Curso médio/ superior	52*	54*	41*	50*	41*	15*
ESE Baixo	25*	23*	22*	19*	17*	5*
ESE Médio	30*	28*	25*	20*	24*	6*
ESE Alto	52*	57*	40*	49*	41*	16*
Utilização net Intensa	34	34	29*	29	28	8
Utilização net Fraca	38	29	35*	25	29	4
Utilização net Inexistente	30	32	17*	21	19	8
Total	34	33	27	26	26	8

Esta distribuição apresenta diferenças estatisticamente significativas por grau de escolaridade dos inquiridos, ESE do agregado familiar e uso da internet, assinaladas no Quadro 5.

É desigual a presença destes meios nos lares com crianças destas idades. Exceto para o televisor que não é *smartTV* e o leitor de e-book, a presença dos aparelhos cresce com o grau de escolaridade. A relação direta com o ESE ocorre com todos os aparelhos menos o televisor. A consola ligada ao televisor está mais presente nos lares onde o uso da internet é esporádico.

A Figura 9 apresenta relações que obtiveram resultados estatisticamente significativos entre aparelhos e frequência de uso da internet: telemóvel; televisor sem acesso à internet; computador portátil; *tablet*; e consola ligada ao televisor.

À utilização intensa da internet por parte dos inquiridos corresponde uma maior presença do *tablet*, do computador portátil e do telemóvel. Um uso mais esporádico da internet apresenta os valores mais elevados da televisão tradicional e da consola a ela ligada. O seu não uso da internet não exclui a presença de computadores portáteis e de *tablets* em mais de metade desses lares.

Usos dos aparelhos existentes em casa por parte das crianças

Quase todas as crianças podem fazer uso do aparelho de televisão (96%) sem acesso à internet e quase três quartos (73%) também podem fazer uso do aparelho de televisão com ligação à internet, quando este existe em casa. Ou seja, os televisores são, de longe, os ecrãs que as crianças mais podem

usar. Mais de metade das crianças que pode usar o televisor, com ou sem ligação à internet, tem um para seu uso pessoal.

Das crianças com acesso ao *tablet* em casa, perto de dois terços (63%) possuem um para uso pessoal. O *tablet* parece ser visto pelos pais como um dispositivo digital adequado à criança.

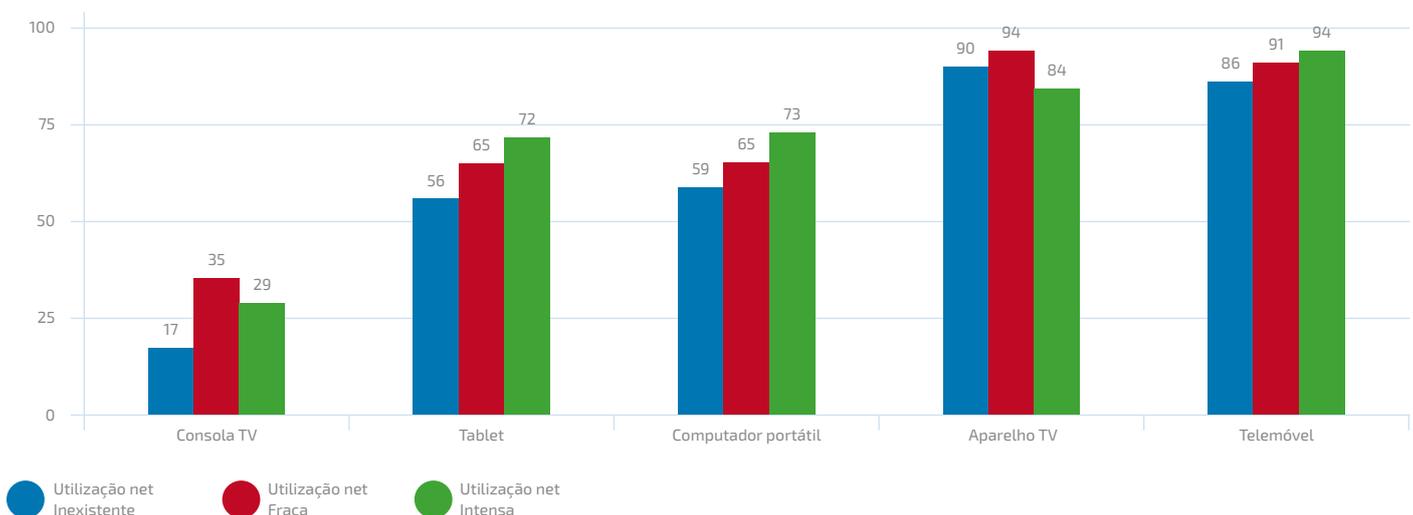
Outros dispositivos também associados à criança são as consolas de jogos, ainda que estejam apenas presentes em pouco mais de um quarto dos lares. Entre as crianças que usam esses aparelhos em casa, encontramos os valores mais elevados da sua posse: 75% têm uma consola de jogos portátil e 69% têm uma consola ligada ao televisor.

Se o *tablet* permite vários fins e os adultos consideram que pode ser usado pela criança, as consolas de jogos – mais limitadas nos usos que proporcionam – parecem ter sido adquiridas em grande medida *para* as crianças.

Tanto o telemóvel como o computador portátil são usados por menos de metade (45%) das crianças dos lares onde existem. Entre as que podem usar telemóvel, 18% (ou seja, 48 crianças) têm um aparelho para uso pessoal; destes aparelhos, perto de metade são *smartphones*. A posse de telemóvel é menor do que a posse do computador portátil (26%).

Por sua vez, um terço das crianças dos 172 lares onde existe um leitor portátil de média pode usar esse aparelho e destas um terço (ou seja, 19 crianças) tem um para uso pessoal. O leitor de livros eletrónicos, apenas presente em 50 lares, tem a taxa de menor uso por parte das crianças; contudo, das cinco que o podem usar três têm um para seu uso pessoal.

Fig. 9 APARELHOS EXISTENTES EM CASA SEGUNDO A FREQUÊNCIA DE USO DE INTERNET DOS INQUIRIDOS (%)



N= 656. ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.

Estes valores de uso e posse de meios digitais móveis que permitem uma diversidade de práticas (comunicação, jogos, visionamento de vídeos, etc.) sugerem, globalmente, ambientes familiares de restrição no seu acesso e de ainda maior restrição na sua posse individual. Estes valores contrastam com os valores de uso e posse de televisores.

Discriminando o uso de aparelhos por sexo e idade da criança, existência de irmãos no lar, grau de escolaridade dos pais, ESE do agregado e frequência de utilização da internet por parte do adulto que respondeu, encontramos relações estatisticamente significativas em vários parâmetros. Vejamos resultados para os vários aparelhos, com exceção do e-book³:

- Por sexo, os usos de consolas, móveis ou ligadas ao televisor, e de computadores portáteis são significativamente mais frequentes nos rapazes;
- Por idade, em todos os meios exceto televisores e leitores de DVD, os maiores usos ocorrem entre as crianças mais velhas, de seis a oito anos;

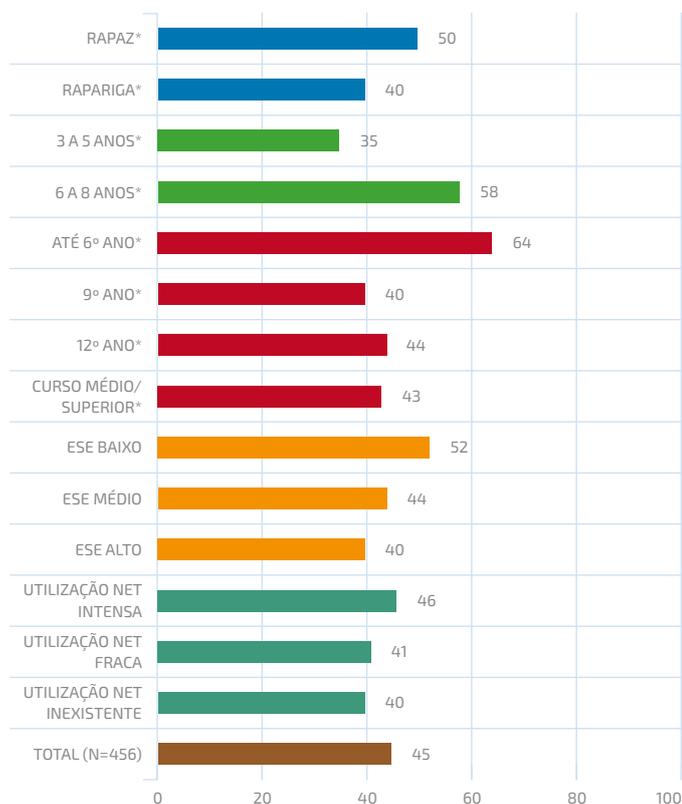
- A presença de irmãos não influi nos usos de nenhum aparelho;
- O maior uso de *tablets*, leitor de DVD, computador portátil e leitor portátil de média ocorre em lares onde os pais têm menor escolaridade, com valores que se destacam;
- O ESE do agregado é apenas significativo no uso de leitores portáteis de média, que ocorre mais em lares de ESE baixo;
- As diferenças na frequência de uso da internet por parte do inquirido são significativas em relação ao *tablet*, à consola móvel e ao telemóvel; o uso do *tablet* por parte da criança é mais elevado (86%) quando o adulto inquirido é um utilizador esporádico;

A Figura 10 compara o perfil de uso de quatro aparelhos móveis - portáteis, *tablets*, consolas e telemóveis - assinando-se os parâmetros com resultados estatisticamente significativos.

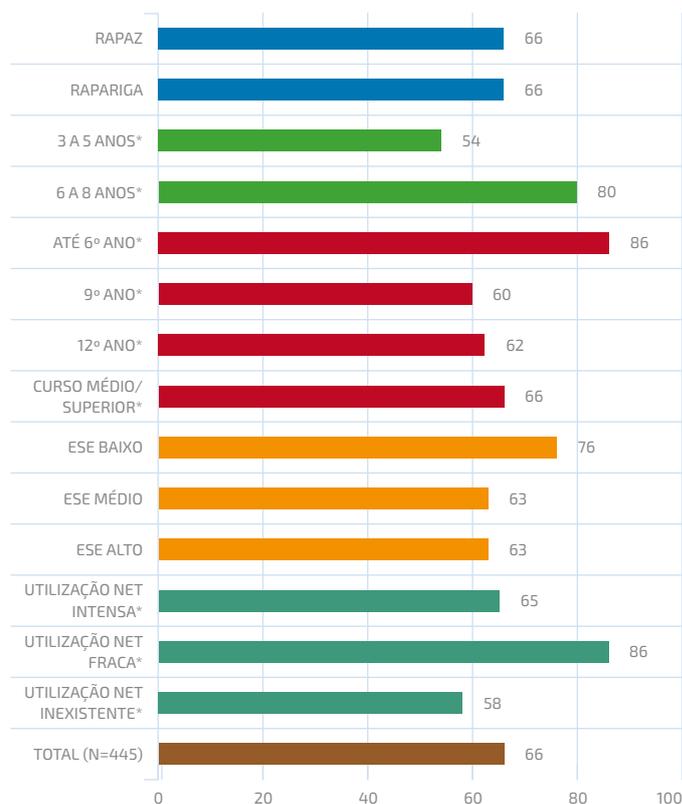
Fig. 10

USO DE APARELHOS QUE EXISTEM EM CASA PELA CRIANÇA POR SEXO, IDADE, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO, ESTATUTO SOCIOECONÓMICO DO AGREGADO E FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR PARTE DO INQUIRIDO (%)

Portátil

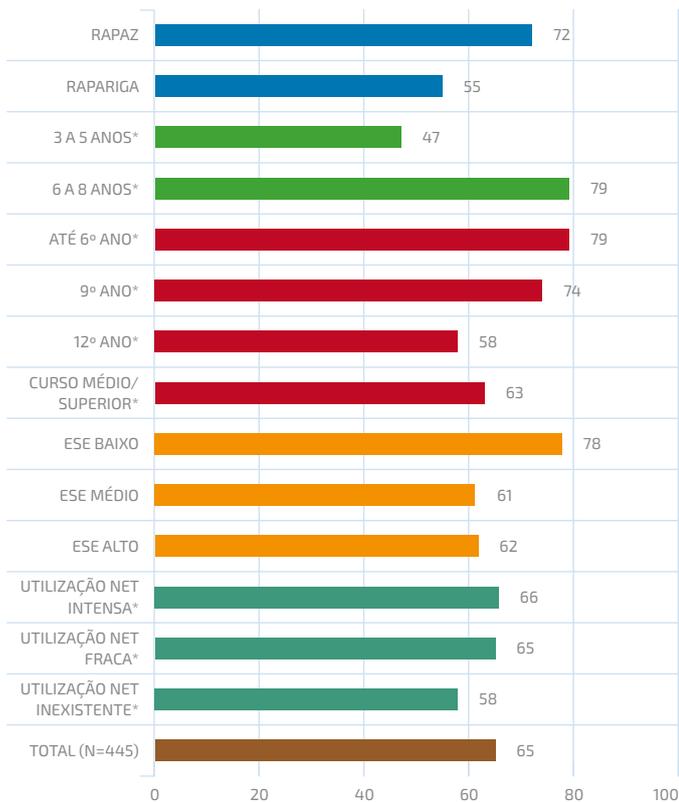


Tablet



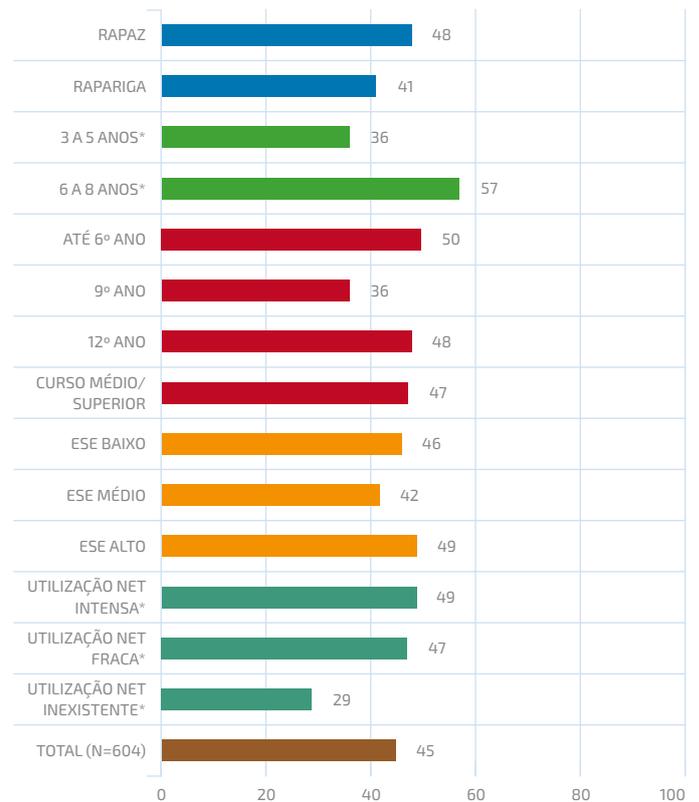
3 O seu número de casos não é suficiente para garantir os pressupostos necessários para realizar testes estatísticos.

Consola móvel



ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Telemóvel



Uma análise idêntica orientada para a posse destes aparelhos por parte da criança, no Quadro 6, revelou resultados estatisticamente significativos apenas relacionados com as crianças:

- Por sexo, as raparigas têm mais *tablets* e leitores portáteis de média do que os rapazes; os rapazes têm mais consolas móveis do que as raparigas, 84% para 60%;

- Por idade, as crianças mais velhas têm mais consolas ligadas ao televisor, telemóveis, computadores portáteis e leitores portáteis de média do que as mais novas.

Quadro 6

POSSE DE APARELHOS POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA(%)

	Aparelho TV	SmartTV	Tablet	Consola móvel	Consola TV
Rapaz	54	56	57*	84*	73
Rapariga	50	62	68*	60*	65
3 a 5 anos	58	51	59	64	45*
6 a 8 anos	60	54	66	81	78*
Total	59	52	63	75	69
	N=548	N=158	N=293	N=109	N=114

	Leitor DVD/Blue-Ray	Telemóvel	Computador portátil	Leitor portátil de média	Computador secretária
Rapaz	39	16	25	19*	19
Rapariga	44	20	26	45*	26
3 a 5 anos	40	9*	17*	14*	13
6 a 8 anos	43	26*	33*	44*	27
Total	42	18	26	33	22
	N=149	N=270	N=203	N=57	N=68

ERC. Base: Inquérito aos pais: todas as crianças.

Capítulo 2

Usos da televisão por crianças de três a oito anos

A experiência com conteúdos televisivos por parte de crianças de três a oito anos é intensa, frequente, ocorre desde cedo e processa-se sobretudo em ecrãs tradicionais, que permitem um maior monitoramento parental à distância. Os pais reportam intervenção restritiva sobre tempos e conteúdos televisivos (sobretudo relativamente a conteúdos violentos) e uma mediação ativa, que passa por conversarem com os filhos; o uso de restrições técnicas é reduzido, mesmo quando existe essa possibilidade, invocando-se a baixa idade da criança. Menos de metade dos pais exprime preocupação relativamente ao consumo televisivo dos filhos, que consideram sob controlo; as mediações variam com os seus graus de escolaridade.

Programas e canais dirigidos às crianças – com destaque para desenhos animados, em especial o Canal Panda, e outros programas infantis – são os mais referidos, mas existem referências a programas (como noticiários e telenovelas) e canais generalistas, marcadas por um visionamento conjunto em ambiente familiar. Variações por condição socioeconómica e por idade marcam esta experiência. É escasso o visionamento televisivo em meios digitais (*tablets*, computadores portáteis, *smartphones*).

2.1 - Ambientes de visionamento televisivo

Este ponto caracteriza a frequência do visionamento televisivo, os aparelhos em que a criança vê, os canais onde vê e os conteúdos que vê.

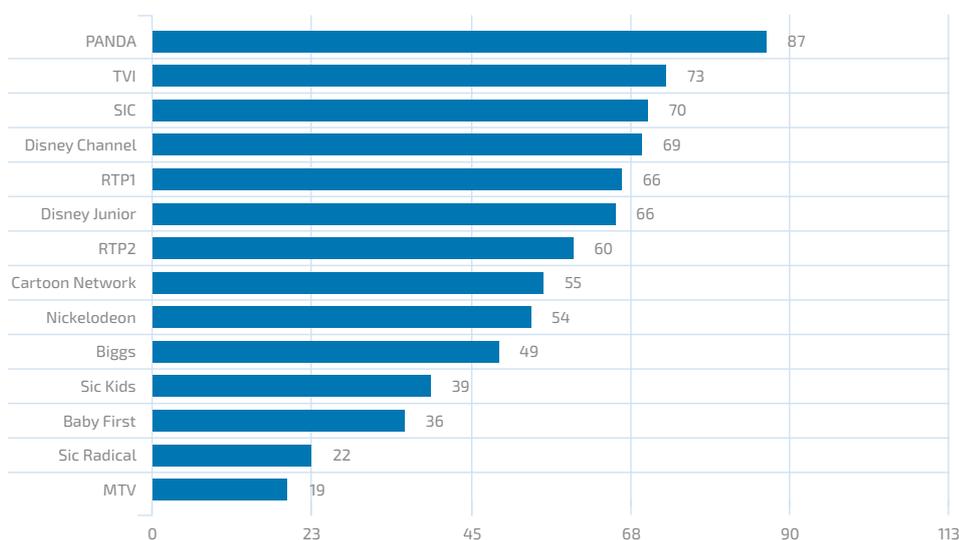
Frequência: A quase totalidade das crianças de três a oito anos (94%) vê programas televisivos todos os dias ou quase, sem grande variação por sexo ou idade. Apenas três inquiridos indicaram que a criança não via televisão. Aos dias de semana, a média de visionamento é de 1:41 hora, entre um mínimo de meia hora e um máximo de cinco horas. Nos dias de fim-de-semana, sobe para 2:51 horas, entre o mínimo de meia hora e o máximo de oito horas.

A frequência de visionamento da televisão decresce com o aumento da escolaridade dos pais e do ESE, em ambos os casos sendo essa associação estatisticamente significativa. Nos lares onde o grau de escolaridade é o 6º ano, todas as crianças veem televisão todos os dias ou quase, nos lares com curso médio/superior esse valor é de 89%.

Aparelhos utilizados: Ver conteúdos televisivos ocorre, sobretudo, em ecrãs de grande dimensão, não tácteis e sem mobilidade. Os televisores são os meios mais usados. 80% veem em televisores sem ligação à internet, 26% usa *smartTV*. Muito atrás, seguem-se o *tablet*, referido por 8%, e o computador portátil, por 4%; os restantes ecrãs são residuais. O uso do *tablet* e do computador portátil para ver televisão duplicam com a idade.

O uso da *smartTV* aumenta com a escolaridade dos pais (19% para 6º ano; 21%, para o 9º ano; 26% para o 12º ano; e 41% para o ensino médio e superior). Este uso acentua-se no ESE alto (44%), duplicando os restantes (médio: 22%; baixo: 20%). O uso de aparelhos de televisão sem ligação à internet é de 71% nos lares de ESE elevado e de 83% nos dois restantes.

Fig. 11 CANAIS VISTOS PELA CRIANÇA (%)



Canais: Dos nove canais referidos por mais de metade dos pais como sendo vistos pelas crianças (Figura 11), quatro são os canais abertos generalistas portugueses, dos quais dois estão no topo. À liderança do canal Panda (87%), segue-se a TVI (73%) e a SIC (70%). A experiência televisiva entre os três e os oito anos não se restringe, portanto, a canais que lhes são diretamente dirigidos⁴.

Na associação a canais, não se verificam diferenças significativas por sexo, exceto no Cartoon Network, mais visto por rapazes (61%) do que por raparigas (50%). O visionamento aumenta com a idade em todos os canais exceto no Panda, RTP2 e no Baby First, com variações significativas para os canais TVI, SIC, Disney Channel, RTP1, Disney Júnior, Cartoon Network, Nickelodeon, Panda Biggs, SIC Radical e MTV. Aumenta também significativamente com a presença de irmãos, para a SIC, Disney Channel e RTP1.

A escolaridade dos pais parece influenciar escolhas de canais segmentados para crianças: o visionamento do Canal Panda aumenta continuamente, de 77%, nas indicações de pais com escolaridade até ao 6º ano, até 91% entre pais com ensino secundário ou médio/superior; este aumento por escolaridade dos pais é significativo em quase todos os canais para crianças, onde se destacam o Disney Channel (56% e 82%, respetivamente) e o Disney Júnior (49% e 78%)⁵.

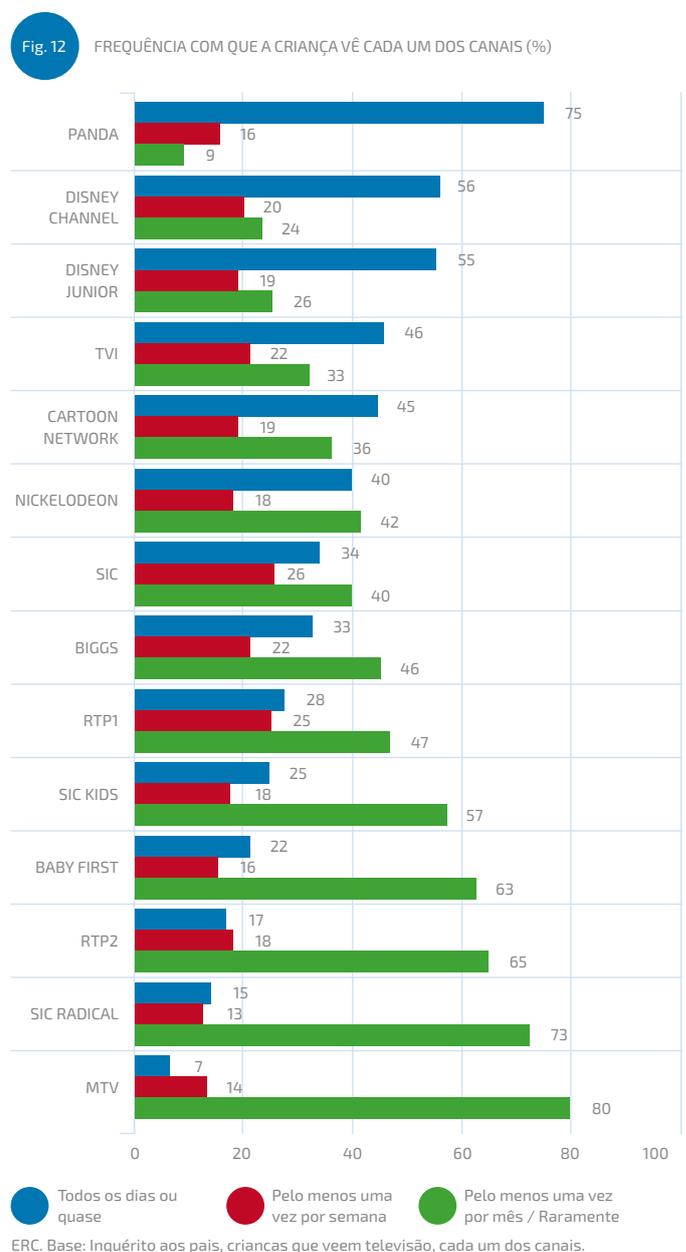
A experiência de ver televisão generalista está acima da metade das crianças de três a oito anos, de todas as condições sociais. O visionamento de canais generalistas por parte da criança é sempre mais referido por inquiridos com escolaridade até ao 6º ano; a variação por escolaridade dos pais é apenas estatisticamente significativa para a TVI: de 82% (6º ano) para 65% (curso médio/superior).

As diferenças de visionamento por parte das crianças entre TVI, SIC e RTP1 são reduzidas e, nos agregados de ESE mais alto, os valores praticamente coincidem: SIC e a TVI com 63%; RTP1, 62%. Nos agregados de ESE baixo, a TVI recolhe 79%, a SIC, 76% e a RTP1, 73%. A RTP2 é vista pelas crianças em 57% dos agregados de ESE elevado e em 63% dos agregados de ESE baixo.

O visionamento dos quatro canais generalistas ocorre praticamente sempre pelo serviço TDT⁶ (mais de 90%), existindo uma relação estatisticamente significativa por ESE e escolaridade.

Em síntese, enquanto o visionamento de quase todos os canais dirigidos a crianças aumenta significativamente com o ESE do agregado, o visionamento dos canais generalistas vai baixando com o aumento do ESE.

Os resultados da frequência do visionamento televisivo (todos os dias ou quase; pelo menos uma vez por semana; uma vez por mês ou menos) confirmam a liderança de canais dirigidos a estas idades relativamente a canais generalistas (Figura 12), mas nem todos recolhem a mesma popularidade.



⁴ Outros canais referidos pelos pais: Trace Urban, Sic Mulher, Fox, Record, National Geographic, Desporto (sem especificar), Fox, Globo.

⁵ Os canais cuja variação não é significativa são Cartoon Network, Nickelodeon, SIC Radical e MTV.

⁶ Televisão Digital Terrestre.

- Todos os dias ou quase, três quartos das crianças veem o canal Panda e mais de metade vê os dois canais Disney (Disney Channel e Disney Júnior); o Cartoon Network e o Nickelodeon estão ambos acima dos 40%.
- Mais de metade das crianças acompanha o canal Panda Biggs pelo menos uma vez por semana; os restantes canais para crianças têm visionamentos relativamente reduzidos.
- A TVI destaca-se entre os canais generalistas, com quase metade (46%) das crianças a verem-na todos os dias.
- Mais de metade das crianças acompanha a SIC e a RTP1 pelo menos uma vez por semana; o visionamento da RTP2 é esporádico para mais de 60% das crianças.

O que veem as crianças? Segundo os inquiridos, praticamente todas as crianças (99%) veem desenhos animados. Mais de um terço (77%) vê outros programas para crianças e 60% segue programas sobre animais, vida selvagem e natureza. No topo estão, portanto, conteúdos que lhes são dirigidos e outros que satisfazem a sua curiosidade e interesse pelo mundo natural.

Com quase metade de referências encontramos conteúdos ficcionais em formato real: Filmes e séries juvenis coincidem nos 47% e as telenovelas são vistas por 40%.

Talk-shows/programas da manhã ou da tarde, programas de descoberta de talentos, concursos, programas de desporto, de música e séries em geral são vistos por cerca de um terço das crianças, e noticiários são vistos por um quarto; documentários sobre ciência ou história são vistos por cerca de um quinto, acima das que veem *reality shows* (16%), o tipo de programas menos referido da lista.

Neste leque de programas encontramos resultados estatisticamente significativos:

- As telenovelas são mais vistas por raparigas (45%) do que por rapazes (34%) e o mesmo acontece com os *reality shows* (18% e 13%, respetivamente). Os rapazes referem ver mais programas de desporto do que as raparigas (39% e 29% respetivamente);
- Exceto nos desenhos animados, o visionamento de todos os tipos de programas aumenta com a idade;
- O interesse por programas sobre animais/vida selvagem/natureza varia com a escolaridade dos pais, de 51% nos pais com 6º ano a 72% nos pais com curso médio/superior; o mesmo ocorre com programas de música (24% e 43%, respetivamente) e em documentários sobre ciência e história (respetivamente 10% e 25%);

- O visionamento de telenovelas pelas crianças é mais referido por pais com escolaridade até ao 9º ano (52%) e menos referido por pais com curso médio ou superior (22%);
- Telenovelas e documentários sobre ciência ou história são os únicos programas com variações significativas por ESE. As telenovelas são referidas por 47% dos agregados de nível baixo, 42% de nível médio e 25% de nível alto. Os documentários sobre ciência ou história seguem a tendência contrária: 10% em agregados de nível baixo, 20% no nível médio e 27% no nível alto, aqui acima da telenovela.

A Figura 13 apresenta os perfis de visionamento de quatro tipos de programas que apresentaram variações estatisticamente significativas.

Com que frequência as crianças veem estes programas?

Como se destaca na Figura 14, os pais referem que os desenhos animados são vistos todos os dias ou quase pela grande maioria das crianças (88%), não havendo um visionamento que seja mais esporádico do que uma vez por semana.

O visionamento de outros programas para crianças e de telenovelas ocorre pelo menos uma vez por semana, para cerca de três em quatro crianças, e o visionamento no mínimo semanal de séries juvenis aproxima-se da metade.

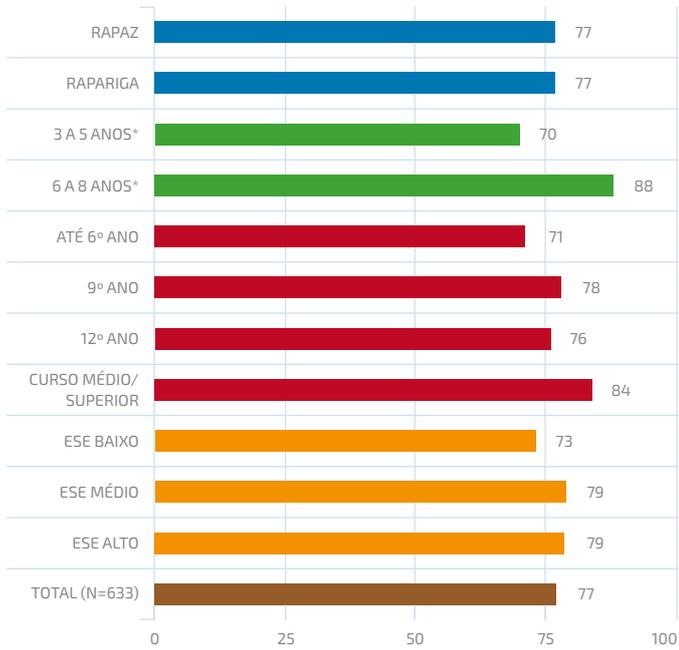
Também segundo os pais, pelo menos uma vez por semana, cerca de um terço das crianças vê filmes (37%), acompanha programas sobre animais/vida selvagem/natureza (35%), vê noticiários e *reality shows* (32%) e segue séries em geral (30%), combinando na sua dieta televisiva conteúdos ficcionais, documentais, noticiosos para adultos e construídos na lógica da realidade transparente.

Cerca de um quarto das crianças vê pelo menos uma vez por semana *talk shows*, programas da manhã ou da tarde, programas de desporto e de música, e programas de descoberta de talentos. O visionamento semanal de documentários sobre ciência e história é referido por cerca de um quinto dos pais.

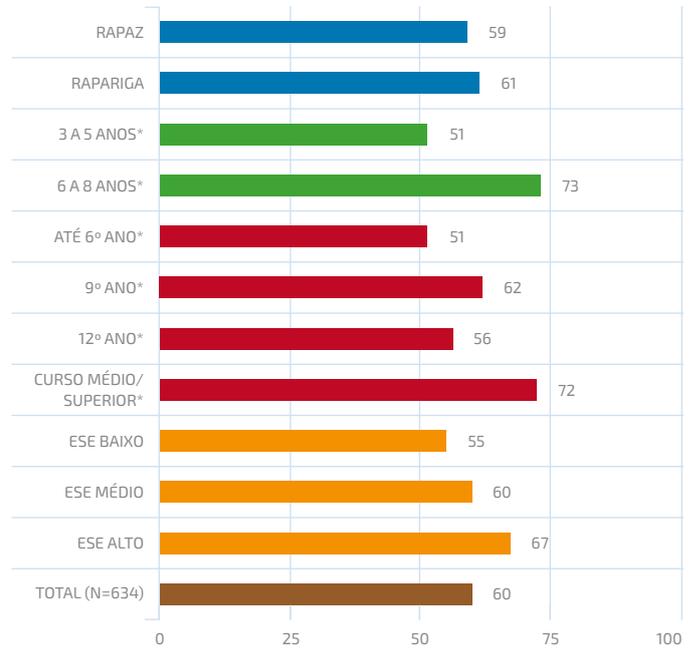
Para além de telenovelas, o contacto relativamente frequente com outros programas televisivos não dirigidos especificamente a estas idades ocorre em pelo menos um quinto das crianças entre os três e os oito anos. No seu reverso, a maior parte desses programas não é vista regularmente por mais de dois terços das crianças, o que sugere uma regulação parental sobre o que as crianças podem ver.

Fig. 13 Perfis de visionamento de programas de televisão (%)

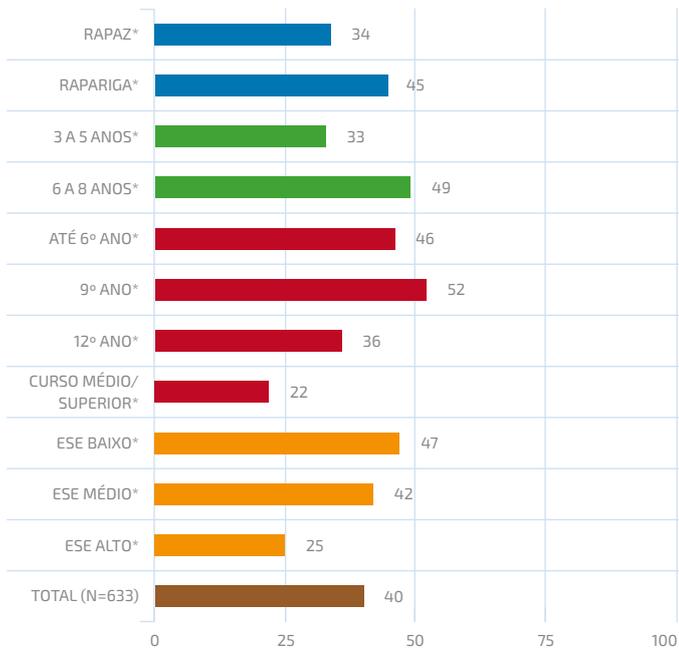
Programas infantis que não são desenhos animados



Programas sobre animais/ vida selvagem/ natureza



Telenovelas



Documentários sobre ciência ou história

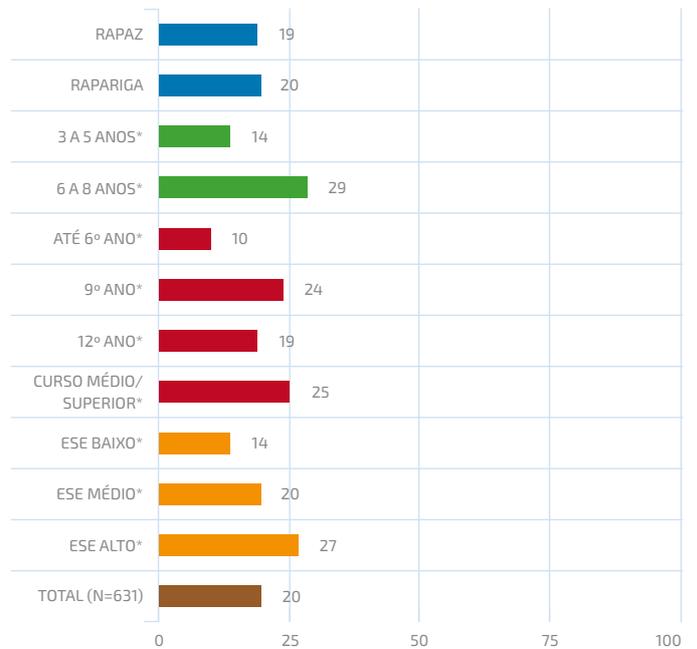
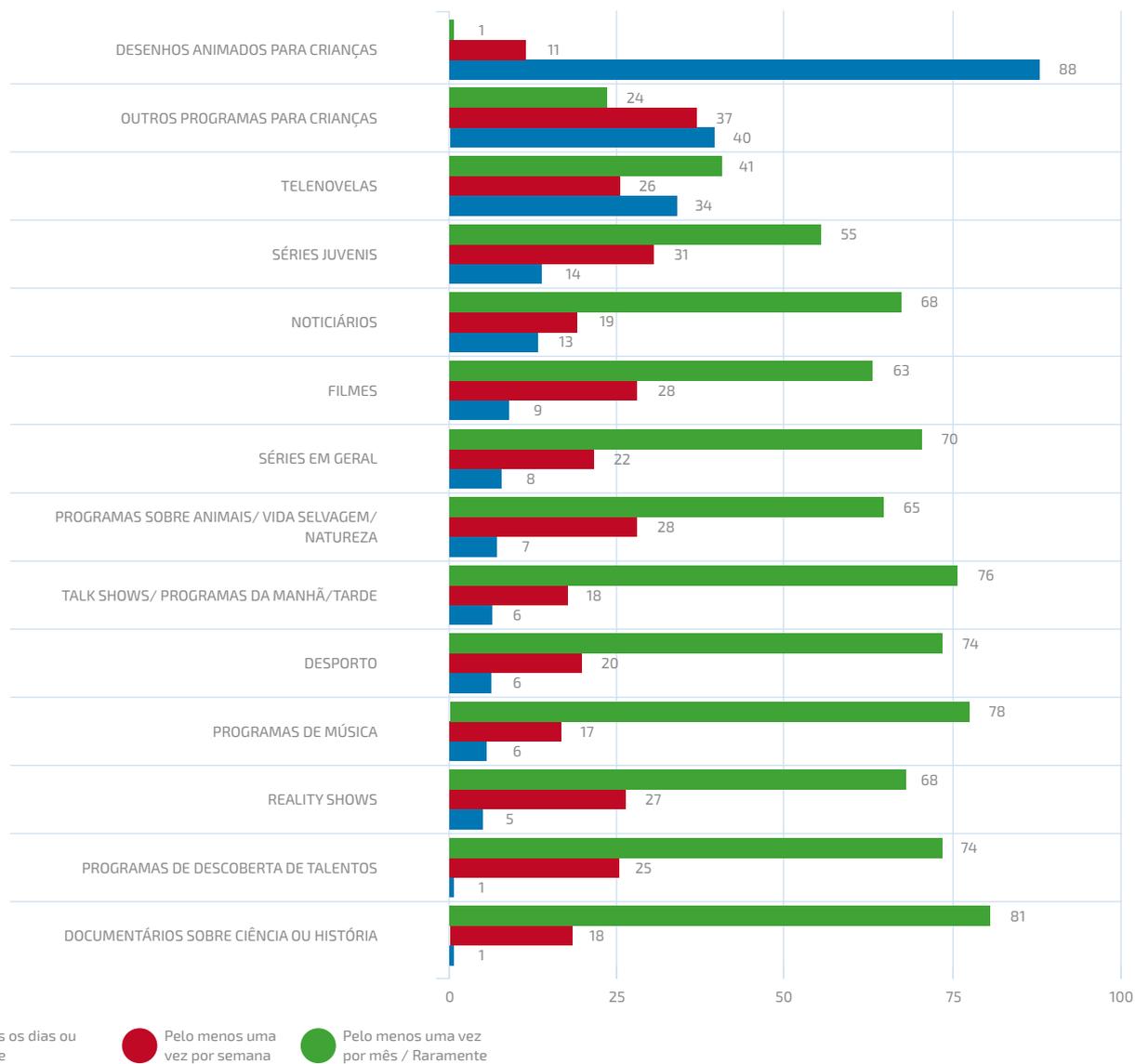


Fig. 14 FREQUÊNCIA COM QUE A CRIANÇA VÊ CADA UM DOS TIPOS DE PROGRAMAS (%)



● Todos os dias ou quase
 ● Pelo menos uma vez por semana
 ● Pelo menos uma vez por mês / Raramente

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que veem televisão, cada um dos tipos de programas.

2.2 - Mediação parental

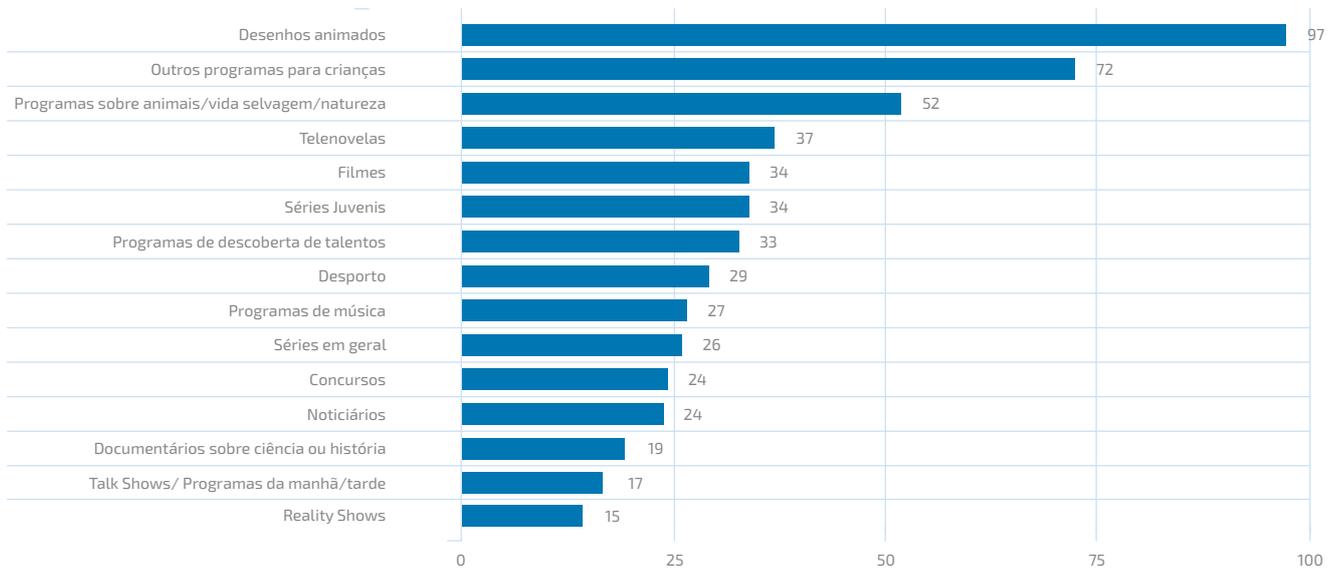
Nesta secção analisam-se o visionamento conjunto de programas e a sua frequência, bem como a frequência com que em família se fala do que se vê, seja por iniciativa dos pais ou da criança, as regras estabelecidas sobre ver televisão (tempo e conteúdos) e o recurso a meios técnicos para controlo do que a criança pode/não pode ver.

Ver em conjunto: Mais de três quartos dos inquiridos (79%) indicam que costumam ver televisão com a criança, um resultado que deixa de fora um número ainda substantivo de crianças (21%) que parece ver televisão sem a presença de adultos.

Os dois programas mais vistos pelas crianças, desenhos animados e outros programas para crianças, lideram neste visionamento conjunto, indicando uma atitude ativa de acompanhamento da criança.

Cerca de metade dos inquiridos que diz ver programas com a criança refere programas sobre animais/vida selvagem/natureza; um terço refere telenovelas, séries juvenis, filmes e programas de descoberta de talentos; um quarto indica programas de desporto, musicais, séries em geral, concursos e noticiários; documentários sobre ciência e história, *talk shows* da manhã ou da tarde e *reality shows* ficam-se nos 15%.

Fig. 15 Tipos de programas televisivos vistos pelo inquirido com a criança (%)

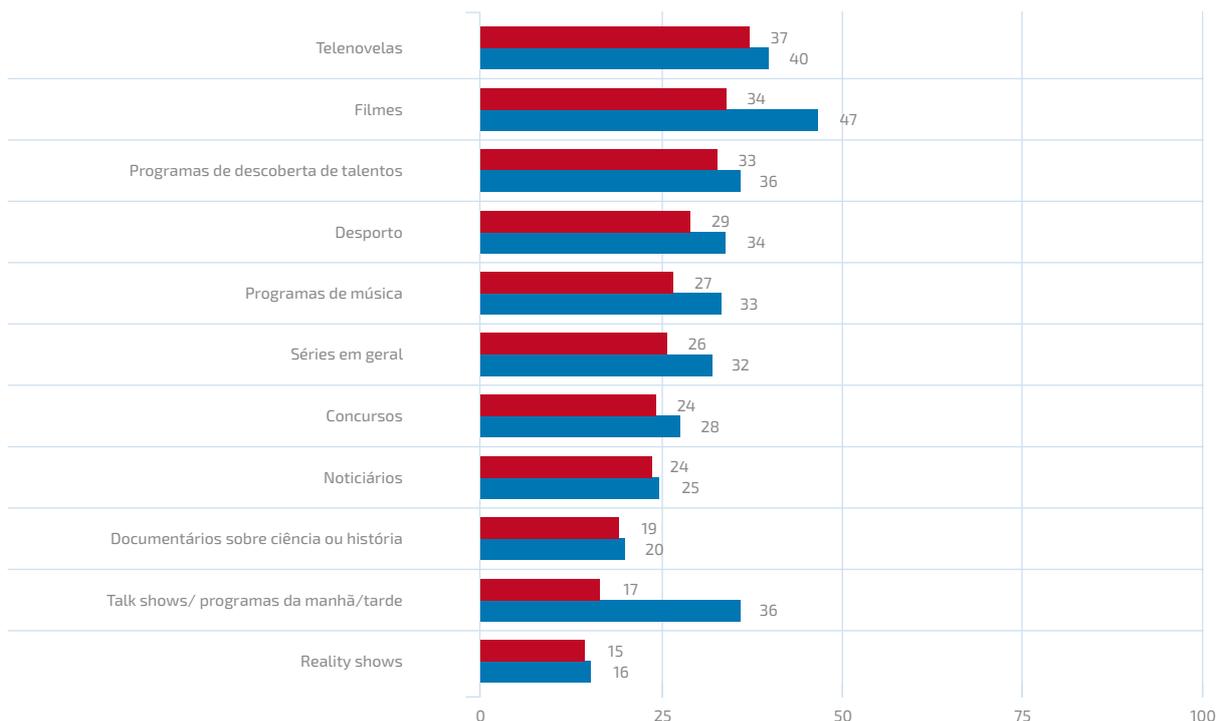


N=518. Base: Inquérito aos pais, pais que veem televisão com as crianças.

Articulando este visionamento conjunto com os programas que as crianças seguem e que não são especificamente destinados a audiências infantis, os resultados muito próximos da Figura 16 sugerem que o visionamento desses programas

ocorre quase sempre em família no caso de telenovelas, programas de descoberta de talentos, concursos, noticiários, documentários sobre ciência ou história e *reality shows*.

Fig. 16 Programas não infantis: visionamento pela criança e vistos pelo inquirido com a criança (%)



● Vistos pelo inquirido com a criança ● Vistos pela criança

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que veem televisão.

Neste visionamento conjunto, apenas nos programas de desporto há diferenças significativas por sexo, com mais rapazes (36%) a verem com os pais do que raparigas (23%).

Ver em conjunto desce com a idade nos desenhos animados e sobe em todos os outros tipos de programas.

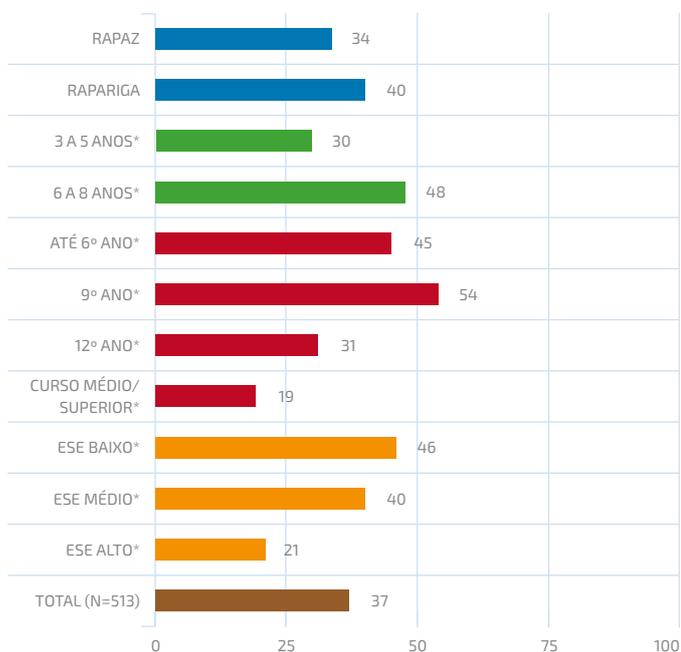
Viver com irmãos tem resultados significativos num maior acompanhamento por parte dos pais de programas para crianças que não são desenhos animados (80% para 69% entre quem não vive com irmãos), filmes (51% e 34% respetivamente) e séries juvenis (42% e 31%, respetivamente). Estes programas, entre os mais populares nas crianças mas a larga distância dos desenhos animados, parecem contar menos com o visionamento acompanhado dos pais no caso dos filhos únicos.

Por grau de escolaridade, é clara a distinção entre programas de cariz mais erudito (documentários, música) e programas populares e de entretenimento (telenovela, *talk show*).

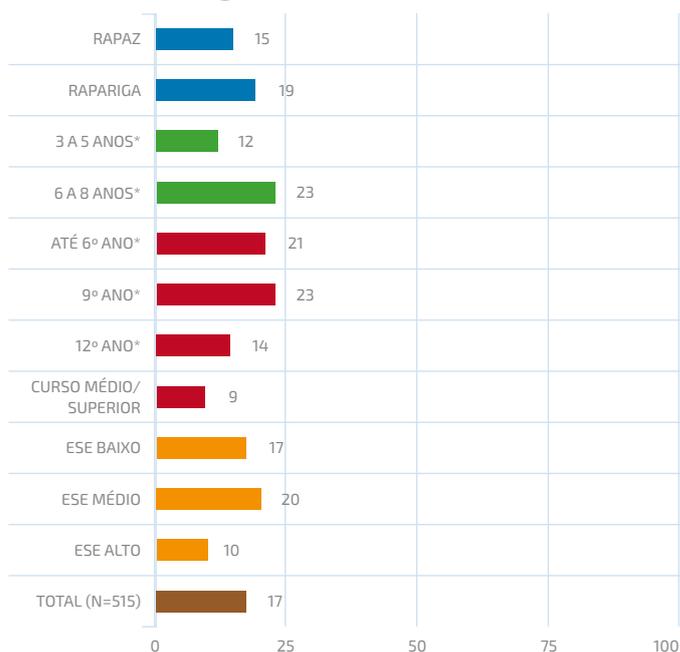
A Figura 17 apresenta os perfis de visionamento acompanhado de vários tipos de programas - telenovelas, *talk shows*/ programas da manhã/da tarde; *reality shows*; documentários; programas sobre natureza/vida animal; e programas de música - assinalando onde existem diferenças estatisticamente significativas.

Fig. 17 VISIONAMENTO DE PROGRAMAS EM CONJUNTO COM OS PAIS (%)

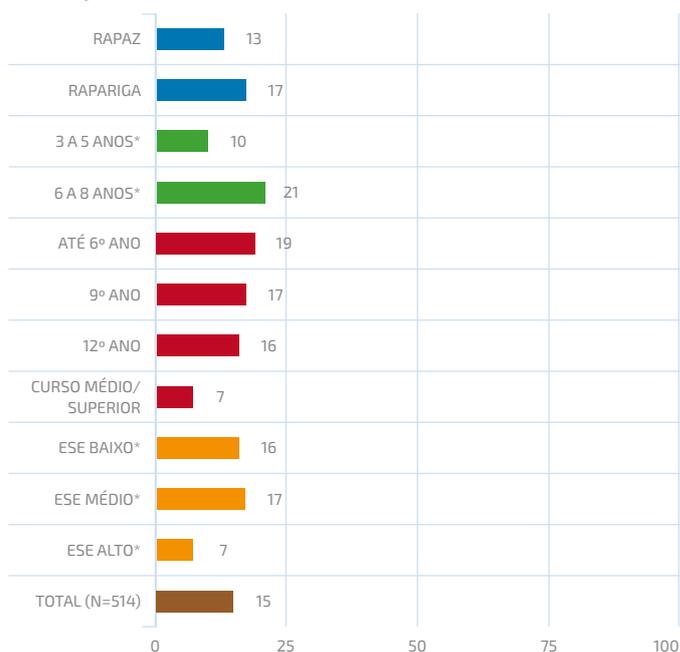
Telenovelas



Talk Shows / Programas da manhã/ tarde



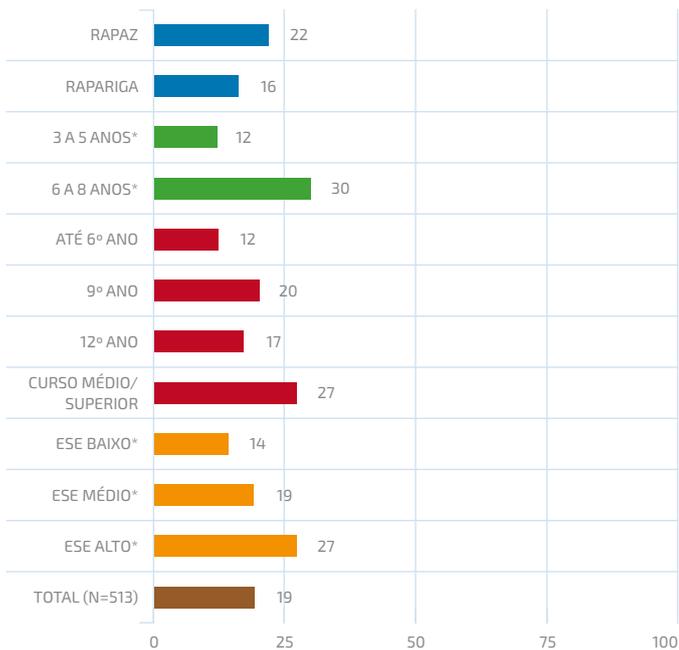
Reality Shows



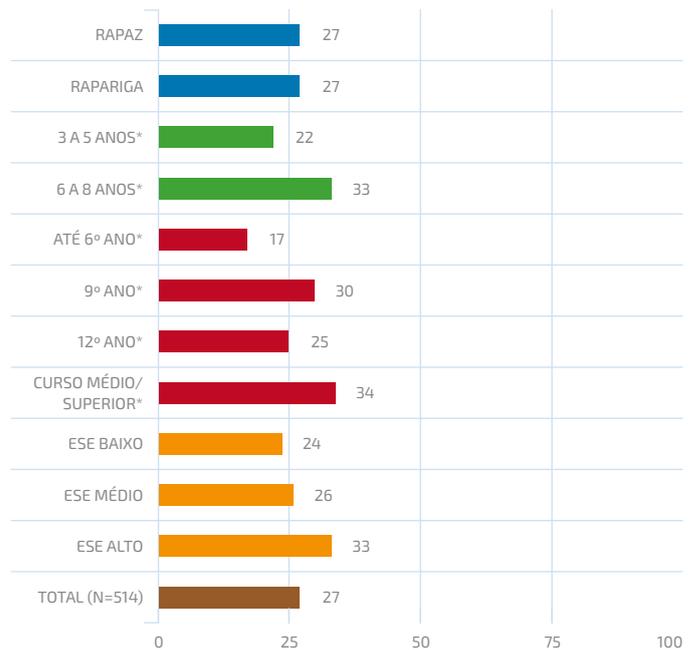
Frequência deste visionamento conjunto: Cerca de dois em cada cinco inquiridos diz ver diariamente com a criança desenhos animados e telenovelas; um em cada cinco diz ver outros programas para crianças e noticiários também todos os dias, sugerindo uma rotina familiar. Entre os conteúdos vistos em conjunto pelo menos uma vez por semana estão filmes, séries juvenis, programas sobre vida animal e *reality shows*.

Falar da televisão em família: A quase totalidade dos inquiridos reporta que conversa com a criança sobre o que esta viu na televisão (94%), que lhe sugere programas de televisão

Documentários

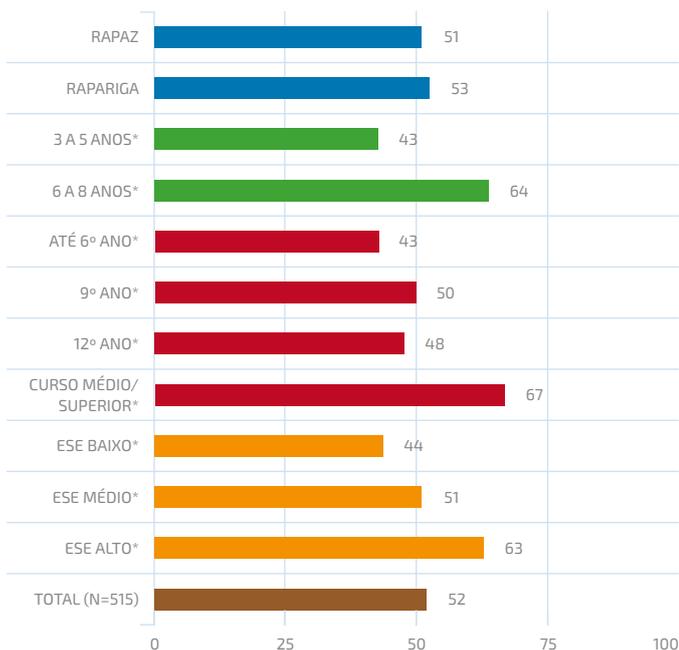


Programas de música



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que veem televisão.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Programas sobre animais/ vida selvagem/ natureza



para ver (91%) e que conversa com ela sobre o que é "real" ou não (90%). Conversar sobre o que assustou a criança também apresenta um valor elevado (85%); estes valores não variam significativamente com a idade da criança, mas parecem variar com o gênero: mais inquiridos dizem conversar com meninas (88%) do que com meninos (82%) em situação de susto.

A escolaridade revela também a sua importância na comunicação familiar por iniciativa dos pais. Práticas reportadas como conversar sobre o que a criança vê, fazer sugestões de programas ou conversar sobre como distinguir o 'real' do que

não é apresentam os valores mais baixos entre pais com escolaridade até ao 6º ano (entre 83% e 87%), e estão sempre acima de 90% nos graus seguintes. A prática de conversar com a criança quando alguma coisa a assustou apresenta a maior diferença: é reportada por 72% nos pais com 6º ano, para 87% entre pais com 9º ano ou ensino secundário, e 90% para pais com ensino superior.

Quando a iniciativa de falar de televisão é da criança: Mais de dois terços dos inquiridos (69%) referem que a criança os procurou para falar sobre o que viu ou ouviu na televisão, bastante acima dos que indicam que a criança os procurou para falar sobre algo que a perturbou (43%), para pedir algum produto ou serviço que viu publicitado (39%) ou para pedir aconselhamento sobre o que podia ver (35%).

Esta procura por parte da criança aumenta significativamente com a idade, em todas as situações, indicando maior socialização e capacidades de comunicação e expressão. Exceto nos pedidos de conselhos sobre o que ver, a variação por escolaridade dos pais tem significado. Mais uma vez, são os inquiridos com menor escolaridade os que menos referem a procura por parte da criança para:

- *Falar sobre o que viu:* a relação vai aumentando, de 58% de pais com escolaridade até ao 6º ano até 75% entre inquiridos que têm curso médio/superior;
- *Falar sobre alguma coisa que a preocupou:* 31% no 6º ano; 52% no 12º ano; 42% no 9º ano e grau médio/superior;

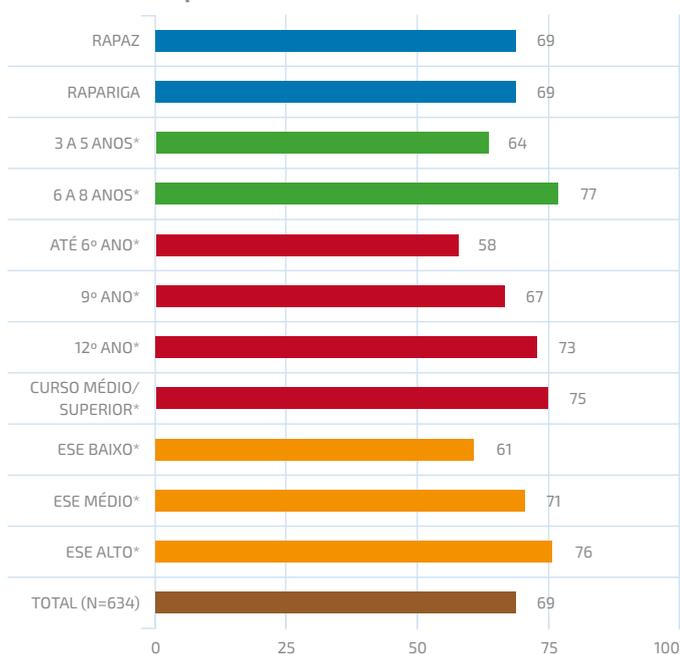
- *Pedir produtos ou serviços que viu publicitados na televisão*: varia entre 27% (6º ano) e 46% no 12º ano; 42% dos pais com grau médio/superior referem essa situação, para 39% dos que têm o 9º ano.

A Figura 18 apresenta a caracterização destes indicadores de relacionamento familiar por sexo e idade da criança, escolaridade dos pais e ESE do agregado.

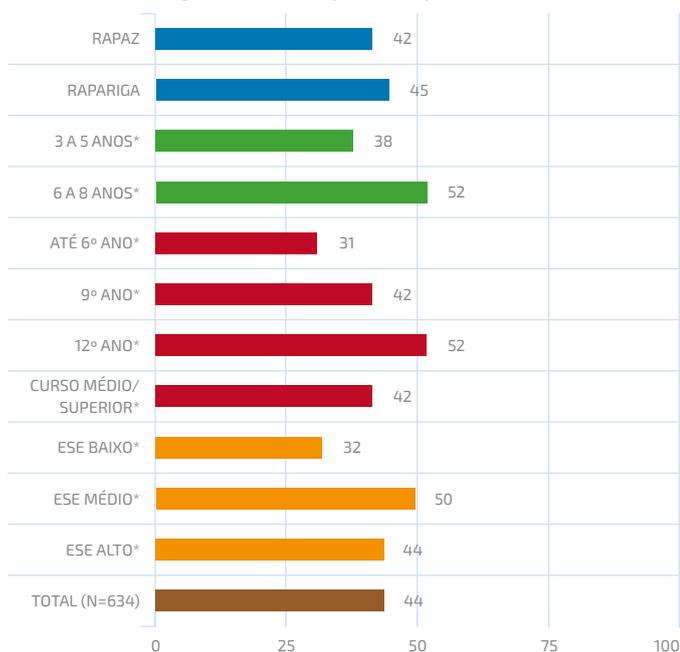
Fig. 18

ALGUMA VEZ A CRIANÇA OU PROCUROU PARA... POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

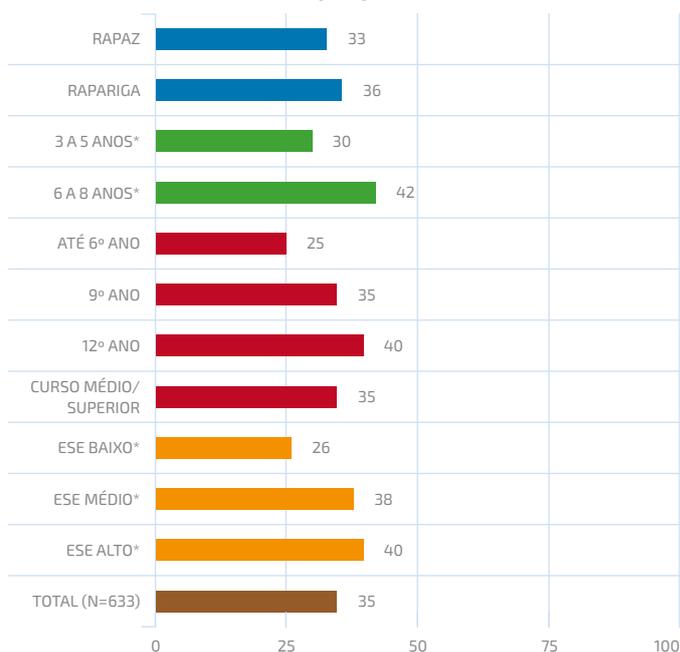
Falar sobre o que viu na televisão



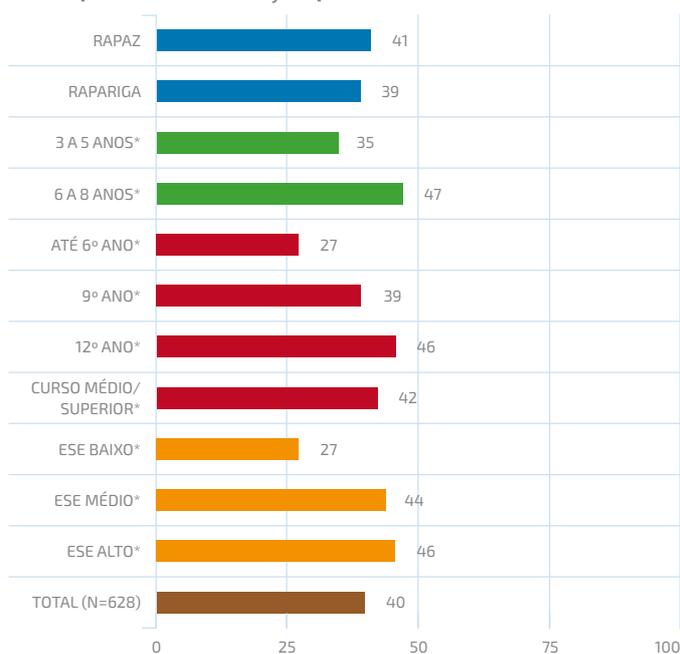
Falar sobre alguma coisa que o/a perturbou



Pedir conselhos sobre o que pode ver



Pedir produtos/serviços publicitados



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que veem televisão.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Regras para ver televisão. O visionamento televisivo nestas idades parece ser regulado pois apenas 3% dos inquiridos indicam que a criança pode ver televisão sem restrições. A principal regra que os pais colocam tem a ver com o tempo, não poder ver depois de uma determinada hora (81%), seguida da interdição de programas que não sejam para crianças (63%). A ausência de cariz violento em programas filmes ou séries é apontada por 51%. A inadequação da linguagem (39%) ou presença de nudez (35%) são referidas por mais de um terço. A obrigatoriedade de um visionamento acompanhado é indicada por 14%.

Estas regras não variam significativamente por género, indicando orientações educativas comuns. A variação por idade sugere também a atenção ao desenvolvimento global da criança: descem as regras do condicionamento a só poder ver programas infantis (de 71% para 52%) e a só poder ver programas de televisão acompanhada (de 17% para 11%). A interdição de ver programas com conteúdos violentos sobe de 45% para 60% e o visionamento sem restrições também aumenta, ainda que com valores residuais (de 2% para 6%).

A regulação é sempre menos apontada por inquiridos com menor escolaridade.

A interdição de ver *conteúdos violentos* sobe de 36% entre inquiridos até ao 6º ano, para 54-55% nos três graus seguintes, o que sugere um consenso entre essas famílias. A interdição de programas com *linguagem inapropriada* aumenta gradualmente, por escolaridade, de 29% no 6º ano para 46% no nível de formação médio/superior. A interdição da *nudez* apresenta a mesma subida gradual, com valores um pouco mais baixos, de 22% a 40%.

Mediação técnica: a maioria dos respondentes (56%) indica que o seu serviço de televisão não dispõe de uma forma de impedir o acesso a certos programas ou canais. Cerca de um terço (32%) afirma que existe essa possibilidade e os restantes 12% ignoram se existe ou não.

Entre a minoria de inquiridos que dispõe desse recurso, mais de metade (57%) faz uso dele. As diferenças com significado estatístico apontam apenas o nível de escolaridade dos pais: até 6º ano é onde menos ocorre (42%) e o 9º ano é onde mais ocorre (71%); quase metade com ensino secundário (49%) recorre a este meio, para 65% dos que têm formação média/superior.

Para cerca de três quartos dos inquiridos que dispõem deste recurso mas não fazem uso dele, a principal razão é a criança

ser demasiado nova para que seja necessário esse controlo. Para 27%, não há necessidade uma vez que a criança apenas vê televisão acompanhada e 9% indicam que não usa por não saber como usar. São residuais as referências a argumentos como não valer a pena instalar esse controlo por a criança encontrar um modo de contornar essa restrição, por essa restrição interferir no uso do televisor pelos irmãos ou outros membros da família ou por confiar na criança.

2.3 - Apreciações dos pais sobre a importância da televisão

Nesta secção analisamos os graus de preocupação face à televisão e considerações mais gerais sobre o seu contributo para a criança e a vida familiar.

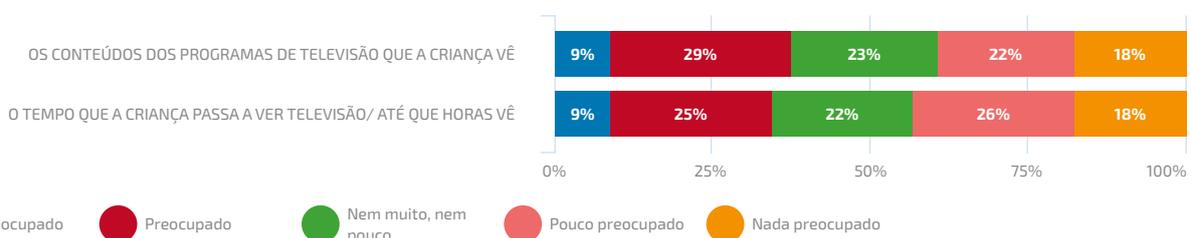
Graus de preocupação/despreocupação face à televisão.

Como se pode constatar através da Figura 19, mais de um terço dos inquiridos (38%) revela muita ou alguma preocupação relativamente à televisão, um pouco atrás dos 40% que não revelam qualquer grau de preocupação, sugerindo assim uma bipolaridade.

Se quase 9% dos pais expressa um grau elevado de preocupação tanto quanto aos conteúdos como quanto ao tempo, a ausência de preocupação sobre conteúdos e tempo é expressa por mais do dobro (18%).

Os inquiridos exprimem um pouco mais de 'alguma preocupação' sobre conteúdos (29%) do que sobre o tempo (25%), o que está em linha com as respostas dos que referem pouca preocupação. Ou seja, preocupações com conteúdos superam preocupações com o tempo. Enquanto os conteúdos estão claramente do lado da oferta, o tempo remete para formas de regulação que são definidas pelas famílias.

Fig. 19 PREOCUPAÇÕES POR PARTE DOS INQUIRIDOS RELATIVAMENTE À TELEVISÃO %



Os valores dos inquiridos que se dizem muito preocupados ou preocupados apresentam uma relação estatisticamente significativa com a escolaridade, crescendo continuamente de 25% (6º ano) até 41% entre os inquiridos com formação superior. Vejamos em detalhe a expressão das preocupações sobre o tempo e sobre conteúdos:

- A preocupação com o tempo cresce com a escolaridade, de 25% para 41% e está em linha com o ESE: 32% entre o nível baixo; 34% entre o nível médio; e 39% entre o nível superior;
- A preocupação com conteúdos expressa-se mais relativamente à violência (85%), à linguagem inapropriada (71%) e a conteúdos sexualmente explícitos (63%). As preocupações com a nudez, com a imagem pejorativa das mulheres enquanto objeto sexual e com o tratamento discriminatório de pessoas são referidas por menos de metade (40%). Preocupações com conteúdos que desrespeitam mais velhos e sobre estilos de vida de pessoas famosas são expressas por perto de um terço.

O cruzamento destas preocupações com características das crianças e dos inquiridos revela resultados significativos apenas na preocupação com a falta de respeito pelos mais velhos: esta preocupação desce com a idade da criança (de 37% para 24%); é referida por cerca de metade dos inquiridos que têm 12º ano ou ensino superior, e por cerca de um terço nos restantes; a variação por ESE é linear: 21% no nível baixo; 29% no nível médio; e 48% no nível superior.

Para que serve a televisão? No topo (Figura 20) encontramos três considerações que se sobrepõem sobre o papel da televisão na vida destas crianças e sobre o modo como se colocam estes inquiridos enquanto educadores. Assim, cerca de dois

terços dos inquiridos concordam com as afirmações de que há programas que favorecem o desenvolvimento da criança, que há programas que podem mostrar conteúdos desadequados à criança e que a televisão tem um papel apaziguador, proporcionando tranquilidade à criança.

O contributo da televisão para o apaziguamento nas relações familiares é igualmente importante para os inquiridos: cerca de metade concorda que quando a criança está a ver televisão experimenta também um tempo de descanso. Quase metade concorda também com a afirmação de que ver televisão é bom para o desempenho escolar da criança.

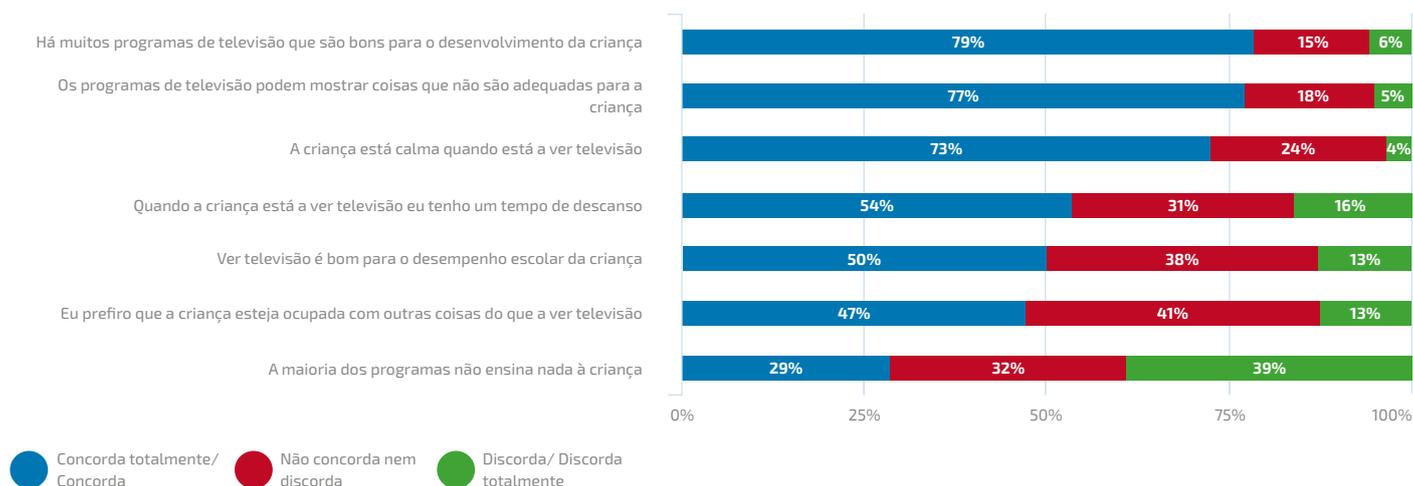
A afirmação que parece mais dividir os inquiridos remete para a apreciação global da televisão: perto de um terço (29%) considera que a maioria dos programas não ensina nada às crianças, 32% não concordam nem discordam, e 39% discordam, valorizando assim o lado positivo da televisão.

A concordância com a afirmação de que os pais devem atribuir um lugar secundário ao ver televisão no dia-a-dia das crianças, que deveriam estar ocupadas com outras coisas, é expressa por perto de metade dos inquiridos (47%). É esta a afirmação que suscita mais dificuldade em tomar uma posição não ambígua, com 41% dos inquiridos a indicar que não concorda nem discorda.

Estes resultados apresentam valores estatisticamente significativos para várias afirmações colocadas:

- *A criança está calma quando está a ver televisão*: um pouco mais referido para raparigas (76%) do que para rapazes (69%);

Fig. 20 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TELEVISÃO %



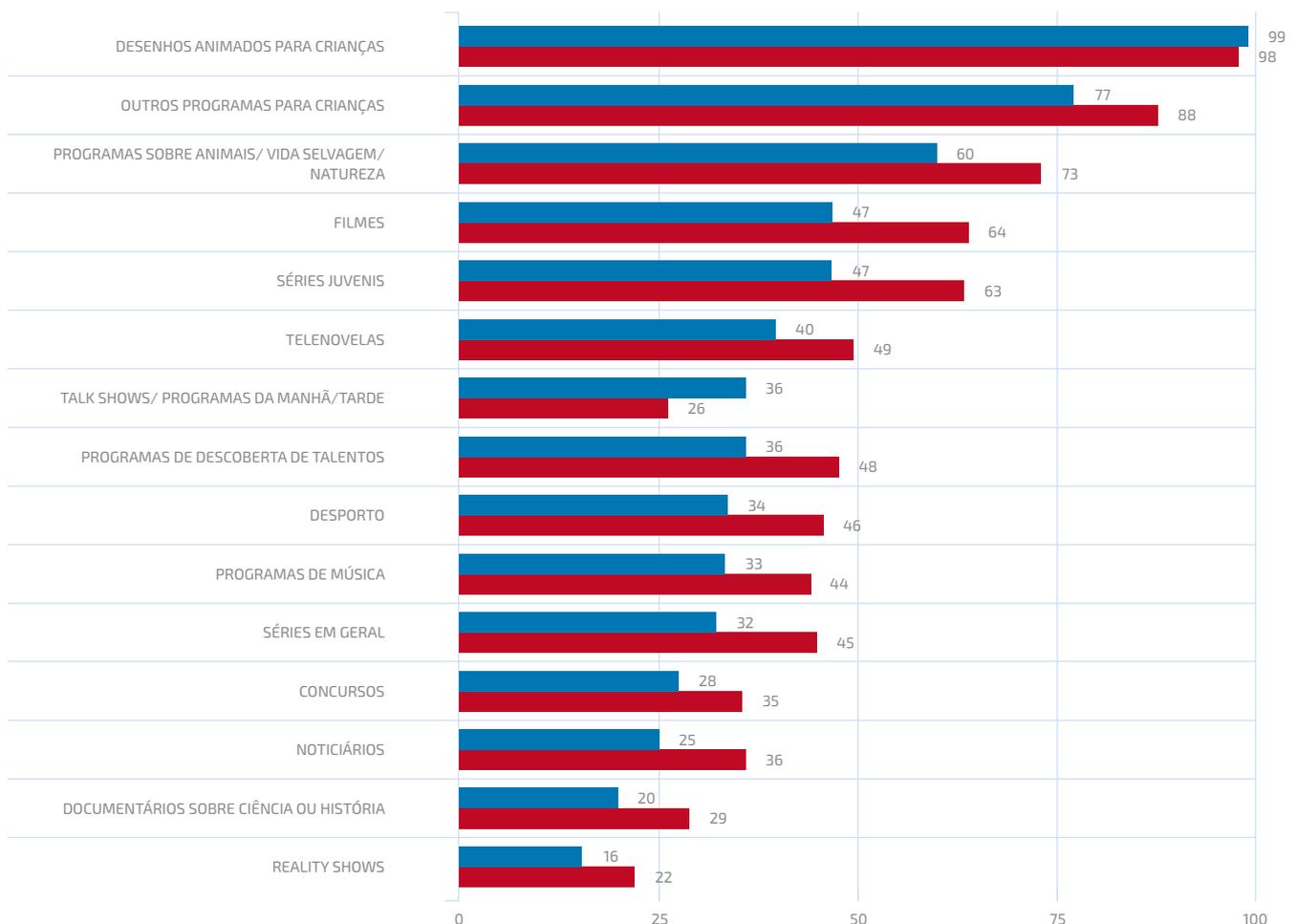
N=653. Base: Inquérito aos pais de crianças que veem televisão.

- *Quando a criança está a ver televisão eu tenho um tempo de descanso:* suscita uma concordância irregular por escolaridade dos pais: até 6º ano (47%); 9º ano (61%), 12º ano (54%); e curso médio/superior (48%);
- *Ver televisão é bom para o desempenho escolar da criança:* concordam 51% dos inquiridos com escolaridade até 6º ano, 58% com escolaridade até ao 9º ano, 47% com escolaridade até 12º ano, e 40% dos que têm curso médio/superior. A menor concordância (menos de metade) é expressa por pais com mais escolaridade.
- *Os programas de televisão podem mostrar coisas que não são adequadas para a criança:* inquiridos com escolaridade até ao 6º ano (65%) contrastam os com graus mais elevados: 80% com 9º ano ou 12º ano; 78% com ensino médio/superior.

2.4 - Cruzando olhares de crianças (6-8 anos) e seus pais

Esta secção analisa as respostas de 263 crianças de seis a oito anos a questões sobre televisão especialmente elaboradas para elas, sobre o que veem, com quem veem e que regras identificam nesse visionamento. Sempre que possível, articulamos as respostas de crianças e pais, a fim de assinalar coincidência ou divergência de olhares sobre práticas com ecrãs.

Fig. 21 TIPO DE PROGRAMAS VISTOS PELA CRIANÇA SEGUNDO OS INQUIRIDOS (%)



Todos os pais

Pais crianças de 6 a 8 anos

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que veem televisão.

Frequência de ver televisão e DVD: Crianças e pais coincidem nas respostas sobre a frequência de visionamento televisivo: 95% dos pais e das crianças indicam que estas veem todos os dias ou quase, o que sugere uma prática da criança intensamente reconhecida em família.

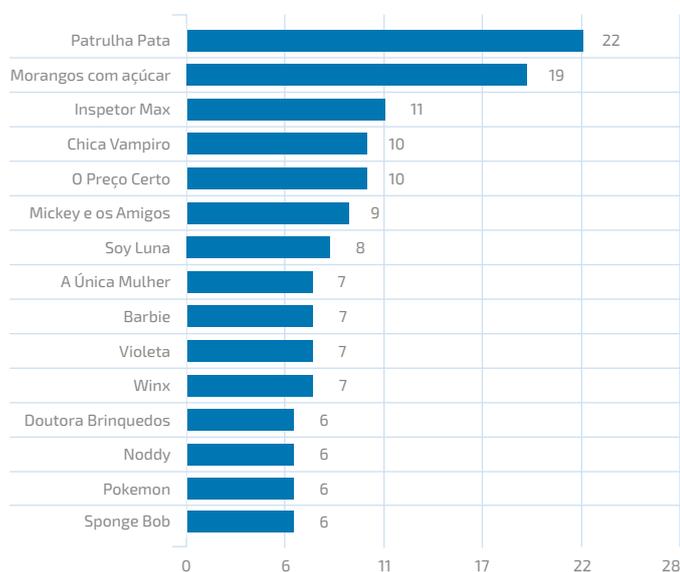
Quanto ao DVD, 60% destas crianças declaram não fazer uso deles e apenas 7% reportam ver DVDs todos os dias ou quase.

Programas vistos pelas crianças de 6-8 anos: Como já se assinalou e como a Figura 21 confirma, os pais de crianças de seis a oito anos destacam mais que estas crianças veem outros tipos de programas para além de desenhos animados. Outros programas para crianças e documentários sobre animais e natureza sobem significativamente nas suas posições cimeiras; filmes e séries juvenis – conteúdos ficcionais de duração mais prolongada e com personagens reais, alguns deles legendados – aproximam-se dos dois terços.

O interesse das 262 crianças em responder à pergunta aberta sobre os programas que costumam ver mais traduz-se nas **613** referências que usaram para responder a essa questão:

- **181** são designações genéricas de formatos e conteúdos: *desenhos animados*: 79; *futebol*: 28; *concursos*: 20; *filmes*: 17; *música*: 17; *séries*: 13; *notícias*: 5; *programas de talento*: 2;
- **95** referem o canal ou o espaço contendor: Canal Panda: 33; Disney Channel: 19; Disney Júnior: 11; Cartoon Network: 10; Panda Biggs: 7; Zig Zag: 7; Nickelodeon: 5; SIC Kids: 3;

Fig. 22 OS 15 PROGRAMAS MAIS REFERIDOS (N)



N=262. ERC. Base: Inquérito às crianças entre 6 e 8 anos que veem televisão.

- **337**, mais de metade, discriminam programas específicos.

A Figura 22 apresenta os 15 programas que tiveram mais de cinco referências. Destacam-se uma série de animação, *Patrulha Pata* (22), e a série juvenil *Morangos com Açúcar* (19). Um concurso para grande público (*O Preço Certo*) e uma telenovela da noite (*A Única Mulher*) aparecem entre os programas mais referidos, mas a primazia vai para programas destinados a audiências infanto-juvenis.

O Quadro 7 apresenta os restantes 104 programas (P), que tiveram de uma a cinco referências.

Quadro 7

PROGRAMAS COM UMA A CINCO REFERÊNCIAS

5 refs. (7 P)	Art Attack; Bombeiro Sam; Mundo Animal; Naruto; Princesa Sofia; Titio Avô; Doraemon;
4 refs. (6 P)	Caracóis Dourados e Ursinho; Ídolos; Incrível mundo de Gumball; K.C. Agente Secreta; Ovelha Choné; Shin Chan
3 refs. (22 P)	Adventure Time; Carteiro Paulo; Despenteado; Dora e os amigos na cidade; Heidi; Henry Dangen; Homem Aranha; Jack e os Piratas; Jackie Chan; Massa Fresca; Miles do Futuro; My little Pony; O Mundo de Mia; Rei Leão; Robin dos Bosques; Ruca; Sabrina: Segredos de uma Bruxa; Scooby Doo; Sissi; Regular Show; Tartarugas Ninja
2 refs. (22 P)	A Raposa; Abelha Maia; Acampamento Kikiwaka; Alvin e os Esquilos; As melhores amigas de sempre; Breadwiners; Dora a Exploradora; Finn, o Humano; Os Pinguins do Madagascar; Gameshakers; Hora da aventura; Lab Rats; Manual do Jogador; Master Chef; Os Sete Anões; Sonic; Uma aventura; Yokai; Jessie; Digimon; Futurama; The Voice
1 refs. (47 P)	American Dad; Angry Birds; Backstage; Batman; BD Ciências; Bing; Bob o Construtor; Brandy & Mr. Whiskers; Football Team; Frozen; Coração d' Ouro; Gravity; I love it; Iran Man; Invizimals; JewelPets; Jonathan Test; Kim Possible; Lilo e Stitch; Liv e Maddie; Loud em casa; Manos Craft; Mónica e os Amigos; O Divo; O Patinho Feio; O Rei Juliano; Os 10 mandamentos; Octonautas; Os campeões; Os substitutos; Oliver e Benji; Os Dinossauros; Panda e os Amigos; Peter Pan; Pocoyo; Phineas & Furb; Porquinha Peppa; Quem quer ser milionário; Rapaz Ostra; Ranger Capitão Herry; Santa Bárbara; Sid Ciências; Steven Universe; Teen Titans Go; The Simpsons; Transformers; Xana Toc Toc

N=262. ERC. Base: Inquérito às crianças entre 6 e 8 anos que veem televisão.
P = Programas.

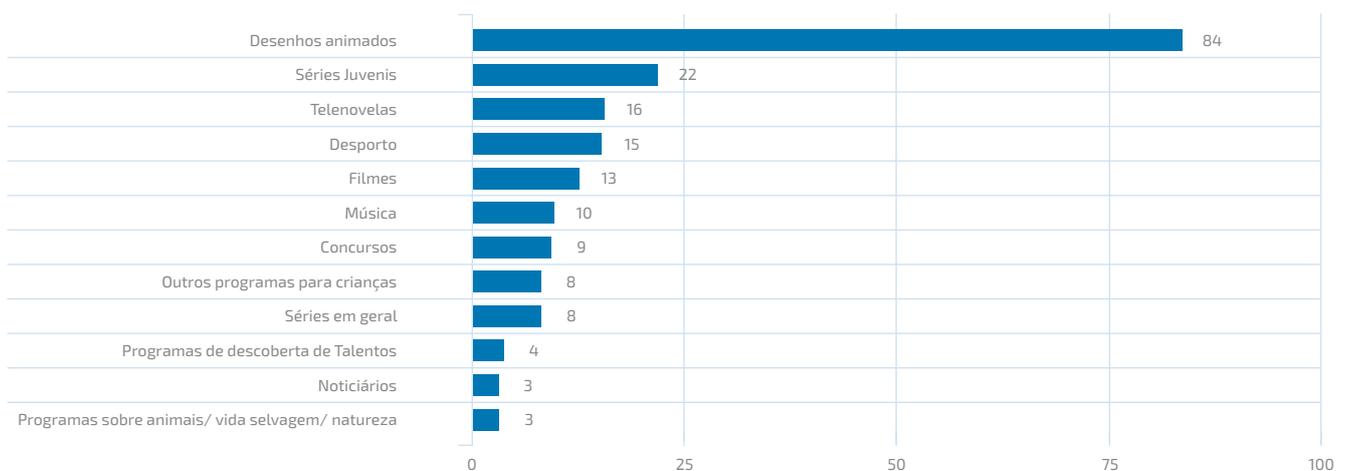
A Figura 23 agrega estes programas específicos por tipos de programas: 84% são desenhos animados, seguidos de longe por séries juvenis (22%), telenovelas (16%), programas de desporto (15%), filmes (13%) e programas de música (10%). Os restantes estão abaixo desse valor.

Regista-se uma dissonância entre respostas de pais e filhos, no reportar espontâneo das crianças sobre programas que costumam ver. Apenas 3% referem noticiários ou programas sobre animais/vida selvagem/natureza, ambos reportados por dois terços dos pais como sendo vistos por crianças desta idade, nuns casos numa base diária, como vimos.

O programa mais visto passa no canal Panda, mas a TVI é o canal que consegue reunir mais programas desta lista que não são desenhos animados (*Morangos com Açúcar*, *Inspetor Max*, *A Única Mulher*); os dois primeiros estão no ar há gerações; o terceiro é uma telenovela, formato dominante de ficção na televisão popular.

As 337 referências a programas específicos que as crianças referem ver habitualmente cobrem programas para várias audiências e uma pulverização nos programas para crianças. Vejamos agora que programas rapazes e raparigas desta idade referem como sendo os que gostam mais de ver na televisão. A Figura 24 apresenta os nomes de programas que obtiveram mais de três referências, distinguindo as respostas de rapazes e raparigas.

Fig. 23 TIPO DE PROGRAMAS MAIS VISTOS (%)



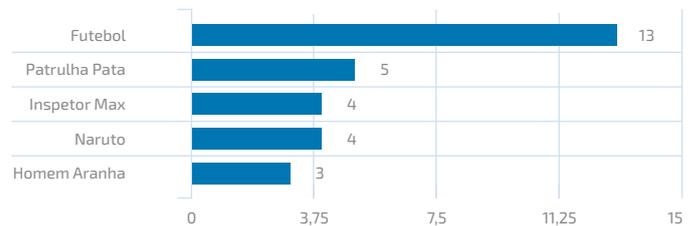
N=262. ERC. Base: Inquérito às crianças entre 6 e 8 anos que veem televisão.

Para uma visão das designações usadas pelas crianças desta idade relativamente ao que gostam mais de ver na televisão, apresentamos todos os resultados no Quadro 8. As referências mais frequentes, genéricas, apontam uma ligação a um

Fig. 24

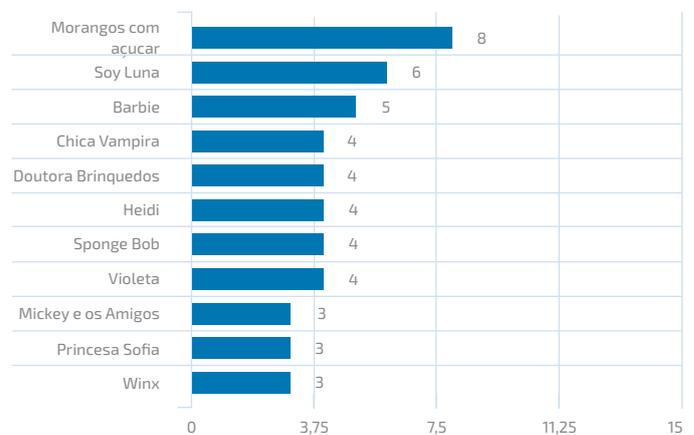
DESIGNAÇÕES DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO PREFERIDOS POR RAPAZES E POR RAPARIGAS COM 3 OU MAIS REFERÊNCIAS (N)

Rapazes



N=135. ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que veem televisão.

Raparigas



N=127. ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que veem televisão.

formato (desenhos animados) e a um canal (Canal Panda). Referências a outros canais dirigidos a crianças surgem também nesta lista, numa sugestão do seu favoritismo em relação a todos os outros canais.

Quadro 8

O QUE GOSTA MAIS DE VER NA TELEVISÃO POR SEXO

	Rapazes (N=135)	Raparigas (N= 127)
≥3 referências	Desenhos animados (18); Futebol (13); Canal Panda (12); Patrulha Pata, Cartoon Network, Disney Channel (5); Inspetor Max, Naruto (4); Homem Aranha, Séries, Disney Júnior (3)	Desenhos animados (21); Canal Panda (10); Modangos com Açúcar (8); Soy Luna (6); Barbie (5); Chica Vampira, Doutora Brinquedos, Heidi, Sponge Bob, Violeta, Disney Channel (4); Mickey e os Amigos, Princesa Sofia, Winx, Novelas (3)
2 referências	Henry Dangen, Jack e os Piratas, Miles do Futuro, Noddy, Pokemon, Preço Certo, Shin Chan, Zig Zag, Filmes, Panda Biggs	A Guarda do Leão, Inspetor Max, Robin dos Bosques, Sabrina: Segredos de uma Bruxa, Sissi, Filmes, Disney Júnior, Música, Doraemon
1 referência	Acampamento Kikiwaka, Adventure Time, Art Attack, Bombeiro Sam, Breadwinners, Despenteados, ídolos, Incrível Mundo de Gumball, Jackie Chan, Lab Rats, Manual do Jogador, Morangos com açúcar, Notícias, Os 10 mandamentos, Os campeões: Oliver e Benji, Ovelha Choné, Princesa Sofia, Quem quer ser milionário, Rei Leão, Ruca, Scooby Doo, Soy Luna, Sponge Bob, Tartarugas Ninja, Titio Avô, Uma Aventura, Winx, Yokai, Concursos, Música, Invizimals, Digimon, The Simpsons, The Voice, Octonautas, Phineas & Furb, Doraemon, Xana Toc Toc	Caracóis Dourados e Ursinho, Dora a Exploradora, Os Pinguins do Madagascar, Incrível Mundo de Gumball, Kim Possible, Miles do Futuro, Mônica e os Amigos, Mundo Animal, O Rei Juliano, Os Sete Anões, Ovelha Choné, Patrulha Pata, Ruca, Sid Ciências, Zig Zag, Séries, Panda Biggs, Futebol, Jessie, Panda e os Amigos, The Voice, Ranger Capitão Herry, Santa Bárbara

N=262. ERC. Base: Inquérito às crianças entre 6 e 8 anos que veem televisão.

Socializar a ver televisão: Uma questão colocada às crianças procurava entender a sua socialização televisiva; se viam acompanhadas, com quem viam televisão, em primeiro lugar, e com quem mais gostavam de ver certos programas de televisão.

As crianças que veem televisão acompanhadas têm sobretudo a companhia dos pais (83%, um valor superior ao das crianças mais novas); a companhia dos irmãos (40%), de outros familiares (35%) e amigos (30%) vem com grande distância.

Como se vê no Quadro 9 com os amigos as crianças desta idade gostam sobretudo de ver desenhos animados (74%), filmes e séries juvenis, num referencial dominado pela ficção; as mesmas tendências também acontecem quando veem com irmãos, mas com mais diversidade de conteúdos. Quando veem televisão com os pais, todos os tipos de programas são referidos; um terço refere gostar de ver desenhos animados; no conjunto sobressaem programas de tipo familiar, como telenovelas, programas de desporto e concursos.

Quadro 9

TIPO DE PROGRAMAS QUE GOSTA MAIS DE VER COM...

	Pais		Irmãos		Amigos	
	N	%	N	%	N	%
Desenhos animados	65	33	57	66	49	74
Telenovelas	55	28	1	1	3	5
Filmes	26	13	8	9	8	12
Desporto	24	12	4	5	2	3
Concursos	20	10	3	3	0	0
Séries juvenis	18	9	14	16	8	12
Programas de música	10	5	5	6	3	5
Programas de descoberta de talentos	9	5	2	2	0	0
Programas sobre animais/ vida selvagem/ natureza	6	3	0	0	0	0
Séries em geral	4	2	2	2	0	0
Outros programas para crianças	3	2	2	2	0	0
Noticiários	1	0,5	0	0	0	0

ERC. Base: Inquérito às crianças entre 6 e 8 anos que veem televisão.

Falar sobre o que vê na TV: É com os pais que o grupo de crianças entre 6 e 8 anos indica mais conversar sobre o que veem na televisão: três quartos referem-nos, seguindo-se os amigos (52%), os irmãos (43%), outros familiares (26%) e os professores (11%). Estes valores apontam já a importância da cultura de pares, nesta idade, e a relativamente baixa atenção à experiência das crianças com ecrãs televisivos por parte de professores.

Restrições: Ao contrário dos pais, onde apenas 3% reportavam não existir restrições no acesso ao televisor, 39% destas crianças reportam poder ver o que quer na televisão.

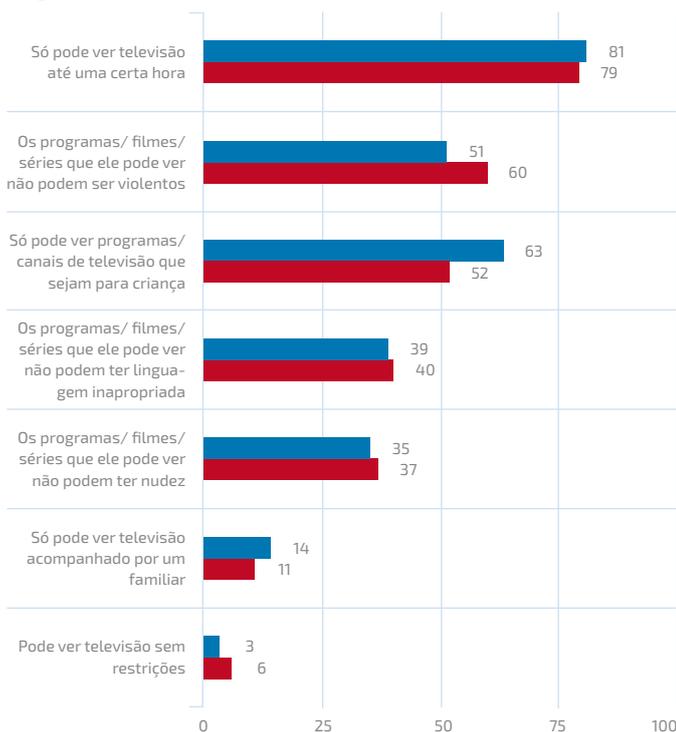
A Figura 25 coloca lado a lado as respostas dos pais das crianças desta faixa etária em relação com as respostas de todos os pais do estudo, e as respostas de crianças de 6-8 anos que declaram ter restrições no acesso à televisão (61%) a perguntas sobre restrições.

Como já vimos, aumenta a interdição de as crianças mais velhas verem conteúdos violentos enquanto baixa quase na mesma proporção a restrição relativamente a programas e canais que sejam especificamente para crianças. Questões relativas a tempos e outros conteúdos pouco variam.

Tratadas de modo a permitir comparação, as respostas abertas das crianças destas idades que referem restrições dos pais (*diz-me o que não podes ver na televisão*) coincidem em colocar a violência de filmes e séries no topo (70%), quase o dobro das restrições apontadas a filmes para adultos. Poucas crianças referem restrições relativamente a programas com linguagem imprópria, uma preocupação frequente nos pais. Uma criança refere não poder ver touradas. Nenhuma refere restrições a conteúdos informativos de imagem real, como notícias.

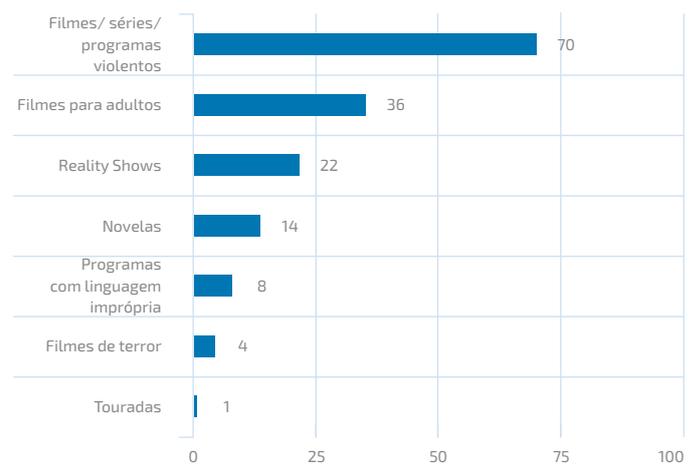
Fig. 25

RESTRIÇÕES SOBRE VER TELEVISÃO REFERIDAS POR TODOS OS PAIS, POR PAIS DE CRIANÇAS DE 6-8 ANOS E POR CRIANÇAS DESSA IDADE QUE AS REFEREM (%)



● Todos os pais ● Pais de crianças de 6 a 8 anos

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que veem televisão (Todos os pais, N=653; Pais crianças 6 a 8 anos, N=262).



N= 160. ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças com idades entre 6 a 8 anos que não podem ver tudo o que querem na televisão.

Capítulo 3

Jogos digitais

Os jogos digitais são praticados por metade das crianças dos três aos oito anos de idade, das 656 famílias que responderam ao questionário nacional. Estão mais presentes nos agregados de nível elevado e são mais frequentes entre crianças do grupo etário dos seis a oito anos.

O dispositivo privilegiado para jogar é o *tablet*. As respostas dos pais marcam diferenças de gênero, em relação ao tipo de aparelhos utilizados (consolas mais usadas por rapazes; telemóveis mais usados por raparigas) e ao tipo de jogos (mais competitivos para eles; relacionados com cenários de fantasia e do cuidar para elas).

Os pais estarão menos envolvidos na vivência conjunta do jogo do que em relação ao visionamento televisivo. Preocupações e práticas restritivas são semelhantes, sobretudo centradas nos conteúdos violentos, e estão mais presentes entre pais com grau de escolaridade mais elevado.

3.1 - Ambientes de jogo

Este ponto caracteriza a frequência de jogar jogos digitais, os aparelhos em que a criança joga e com quem joga.

Frequência: Os jogos digitais não fazem parte da experiência de metade das crianças de três a oito anos, segundo os inquiridos, na maioria seus pais e mães. Entre a metade que joga, 27% jogam ocasionalmente e 23% jogam várias vezes por dia, todos os dias ou quase todos os dias.

Como se vê no Quadro 10, a frequência de jogar difere de forma estatisticamente significativa em função do sexo e da idade da criança, do nível de educação do inquirido e do ESE do agregado familiar:

- Os rapazes jogam mais frequentemente do que as raparigas (respetivamente 28% e 19% jogam todos os dias ou quase); 45% dos rapazes e 54% das raparigas não jogam.
- A frequência intensa do jogar digital (várias vezes por dia, todos os dias ou quase) mais que triplica com a idade: 12% das crianças de 3 a 5 anos e 39% entre os 6 e os 8 anos; o jogar ocasionalmente sobe de 20% entre os 3-5 anos para 38% entre os 6-8 anos.
- A escolaridade dos pais está inversamente relacionada com a frequência do jogar: quanto mais baixa é a escolaridade dos pais, mais estes respondem que a criança joga todos os dias ou quase todos os dias: 30% dos pais com 6º ano; 24% dos pais com 9º ano; 20-21% dos pais com 12º ano ou superior.

- Relativamente a não jogar, a variação não é linear: 57% dos pais com 9º ano dizem que a criança não joga, seguindo-se 50% dos pais com 12º ano; 47% dos pais com 6º ano; e 41% dos pais com curso médio/superior.
- Por ESE, jogar com frequência decresce, de 25% no ESE baixo para 21% no ESE elevado.

Quadro 10

FREQUÊNCIA DE JOGO POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Várias vezes por dia / Todos os dias ou quase	Menos frequentemente	Nunca
Rapaz*	28	27	45
Rapariga*	19	28	54
3-5*	12	20	68
6-8*	39	38	22
Até 6º ano*	30	24	47
9º ano*	24	19	57
12º ano*	20	31	50
Curso médio/superior*	21	37	41
ESE Baixo *	25	23	52
ESE Médio*	23	24	53
ESE Alto*	21	40	40
Total	23	27	50

N= 656. ERC. Base: Inquérito aos pais, todas as crianças.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Nestas famílias, predomina uma mediação restritiva (não uso de jogos digitais ou jogar de modo esporádico) em cerca de três quartos das crianças ou mesmo 80%, no caso dos de ESE alto.

Aos dias de semana, a média de tempo a jogar é de 43 minutos, indo de poucos minutos a um máximo de quatro horas. Nos dias de fim-de-semana, a média sobe para 1:27 horas, entre o mínimo de quinze minutos e o máximo de oito horas.

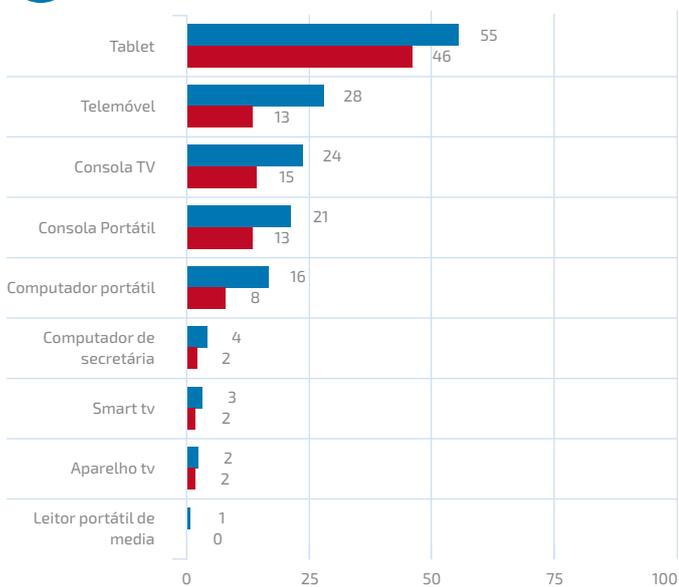
Segundo os pais, das 331 crianças que jogam jogos digitais apenas 59 (18%) jogam na internet; 2% dos pais não souberam responder. Deste modo, para 80% das crianças que jogam jogos digitais a experiência não passa diretamente pelo *online*.

Aparelhos utilizados e frequência de uso: Como se observa na Figura 26, o *tablet* é referido por mais de metade (55%) dos inquiridos, com quase o dobro das referências do telemóvel (28%), que vem em segundo lugar. Nos lugares seguintes vêm a consola ligada à televisão (24%) e a consola portátil (21%).

São também estes os quatro aparelhos digitais usados com mais frequência pelas crianças.

Os computadores portáteis vêm em quinto lugar, usados por 16%. Computadores de secretária e aparelhos de televisão, com ecrãs maiores e sem mobilidade, obtêm resultados residuais. A experiência de jogar jogos digitais ocorre assim quase sempre em ecrãs pequenos e que permitem mobilidade, em aplicações com manuseio táctil, em tecnologias com orientação para entretenimento, favorecendo uma prática de jogo individual.

Fig. 26 APARELHOS USADOS PELA CRIANÇA PARA JOGAR JOGOS DIGITAIS (%)



● Usa ● Usa mais

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que jogam jogos digitais.

A Figura 27 apresenta o perfil de uso dos quatro principais aparelhos que as crianças usam para jogar: *tablets*, telemóveis, consola TV e consola móvel, assinalando os resultados estatisticamente significativos.

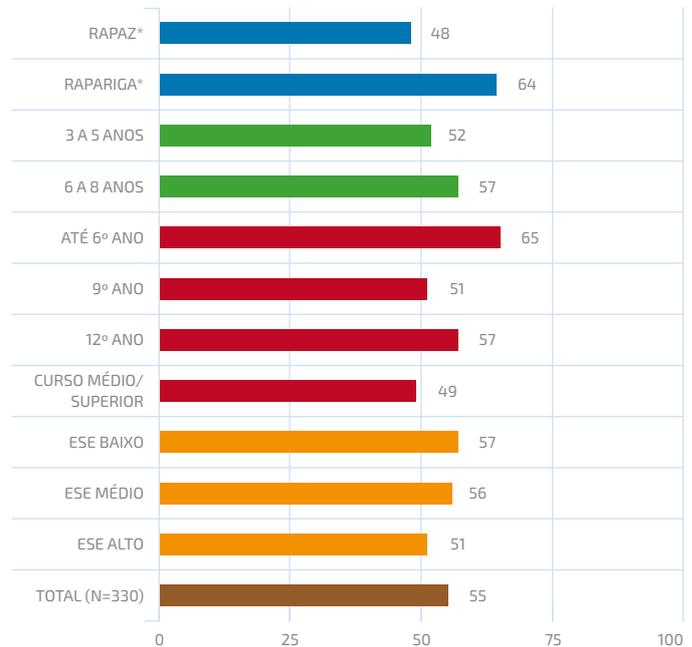
A distribuição de aparelhos obtém resultados estatisticamente significativos em várias dimensões:

- **Sexo:** As raparigas lideram no uso do *tablet* (64%) e do telemóvel (34%), para valores respetivos de 48% e 23% entre rapazes; o uso da consola TV, da consola móvel e do computador portátil por rapazes é o dobro do uso por raparigas;
- **Idade:** O aumento significativo por idade ocorre apenas na consola TV e no computador de secretária, este com valor residual;

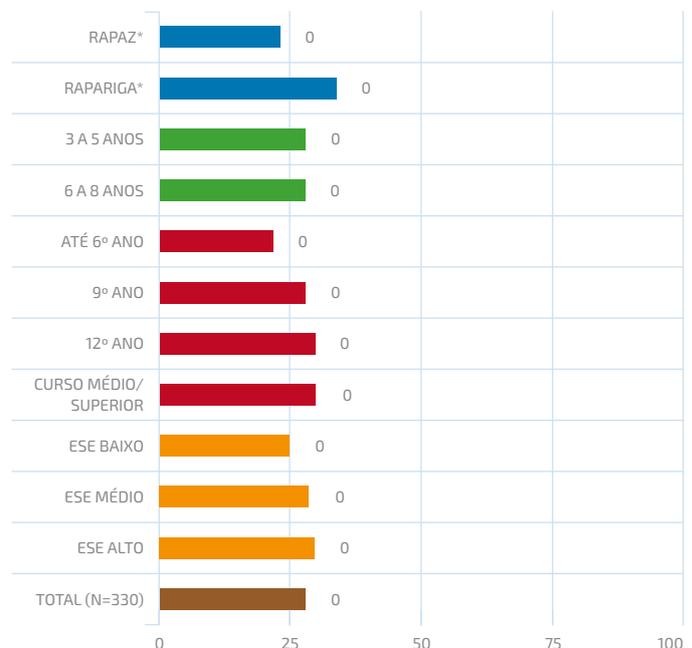
Fig. 27

APARELHOS MAIS USADOS PELAS CRIANÇAS PARA JOGAR JOGOS DIGITAIS POR SEXO, IDADE, NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESTATUTO SOCIOECONÓMICO DO AGREGADO FAMILIAR (%)

Tablet

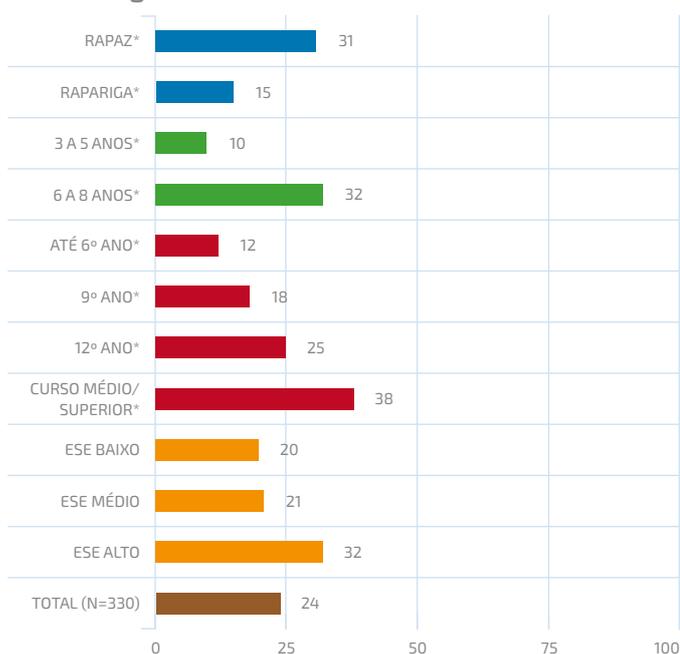


Telemóvel

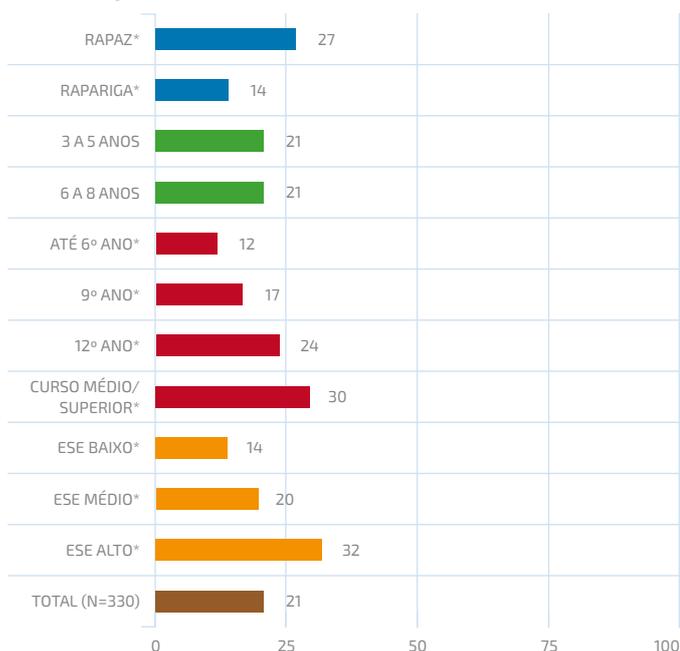


- **Escolaridade dos pais:** As consolas, TV e portátil são os únicos dispositivos cujo uso cresce significativamente com a escolaridade dos pais;
- **ESE:** Apenas o uso da consola portátil tem relação direta com ESE do agregado.

Consola ligada à televisão



Consola portátil



3.2 - Mediações parentais

Neste ponto analisa-se o jogar em conjunto, com pais e com outros parceiros, e as regras para jogar estabelecidas pelos pais.

Com quem a criança joga: das 331 crianças que jogam jogos digitais, um pouco mais de metade (52%) joga sozinha; 47% jogam acompanhadas; quatro inquiridos responderam não saber com quem a criança joga.

Jogar com outras pessoas difere por género: mais de metade (58%) dos rapazes jogam acompanhados, enquanto um pouco mais de um terço (36%) das raparigas o faz.

Os parceiros mais importantes das crianças que jogam acompanhadas estão no agregado familiar: irmãos (48%) e pais (45%). Cerca de um terço (32%) refere os amigos e 19% referem outros familiares. Nenhum inquirido apontou a figura do professor. Comparando com o visionamento televisivo em conjunto, reportado por três quartos dos inquiridos, esta experiência com ecrãs conta menos com a presença de pais, e realiza-se mais solitariamente ou com irmãos e pares.

De facto, só há relações estatisticamente significativas nas categorias de idade e a companhia ser de amigos ou irmãos; jogar acompanhado por amigos mais que duplica com a idade: 16% aos 3-5 anos; 41% aos 6-8 anos. Dos que vivem sem irmãos, 43% jogam com amigos, quase duplicando o valor dos que, vivendo com irmãos, jogam com amigos (22%), sugerindo uma maior atenção por parte dos pais à socialidade com pares por parte das crianças que crescem sem irmãos em casa.

Regras para jogar. Tendo presente que metade das crianças deste estudo tem a restrição de não jogar, se somarmos as regras inquiridas relativamente à outra metade, das crianças que jogam – *só poder jogar até determinada hora; os jogos terem classificação etária adequada; os jogos não conterem conteúdos violentos; os jogos não conterem linguagem inapropriada; só poder jogar acompanhado/supervisionado por familiar/adulto; só poder jogar jogos aprovados por familiar/adulto; poder jogar sem restrições* – confirma-se uma mediação parental restritiva na experiência dos jogos digitais.

Como se pode ver no Quadro 11, adiante, apenas 6% dos inquiridos cujos filhos jogam indicam não haver qualquer restrição.

Tal como no caso dos ecrãs televisivos, o tempo continua a ser a principal restrição, apontada por 63% dos inquiridos cujas crianças jogam.

Com as devidas cautelas dados os números diferentes de inquiridos, parece haver alguma semelhança na hierarquia de restrições relativas a conteúdos para televisão e para jogos, sugerindo uma orientação comum. Vejamos:

- *Classificação etária/adequação:* Cerca de metade (51%) dos inquiridos cujas crianças jogam aponta preocupações com classificação etária dos jogos; 63% dos inquiridos deste estudo indicam restrições relativamente a programas televisivos que não sejam adequados à idade da criança;

- *Conteúdos violentos*: a preocupação com conteúdos violentos apresenta valores relativamente próximos: 47% no caso dos jogos e 51% no caso da televisão;
- *Linguagem inadequada*: 29% dos inquiridos cujos filhos jogam referem restrições quanto à inadequação da linguagem; 39% dos inquiridos referiam essa preocupação relativamente à televisão;
- *Controlo e obrigatoriedade de companhia*: A aprovação do jogo por parte de um adulto é referida por 36% dos inquiridos cujas crianças jogam; 19% indicam que as crianças só podem jogar acompanhadas por um adulto, um pouco acima da obrigatoriedade do visionamento televisivo acompanhado (14%).

O Quadro 11 revela como estas regras relativas aos jogos digitais apresentam variações estatisticamente significativas para todos os indicadores, exceto o sexo, sugerindo neste ponto uma regulação parental não discriminada para rapazes e raparigas.

- A restrição do tempo (*só até determinada hora*) é a única que cresce significativamente com a idade;

- A regulação segundo o grau de escolaridade dos pais apresenta padrões diversos;
- Os pais com menor escolaridade (até 6º ano) indicam **menos** regulações sobre *tempo, adequação etária, violência, sem linguagem inapropriada e obrigatoriedade de acompanhamento por adulto*;
- Os pais com graus de escolaridade mais elevada (12º ano; curso médio e superior) indicam **mais** restrições e controlo/supervisão por adulto: *adequação etária; sem linguagem imprópria; obrigatoriedade de jogar acompanhado por adulto; obrigatoriedade de aprovação do jogo por adulto*;
- Três restrições relativas a jogos crescem significativamente por ESE: *obrigatoriedade de adequação etária; sem linguagem imprópria e aprovação por adulto*.

Mediação técnica: Cerca de três quartos (77%) dos 225 pais de crianças que jogam jogos digitais não usam ferramentas para garantir o acesso apenas a jogos de uma determinada faixa etária; só 55 declaram fazer uso dessas ferramentas e 21 não sabem se a ferramenta está ativa ou não. Estes valores estão em aparente paradoxo com a elevada restrição, reportada, de a criança apenas jogar jogos adequados à sua idade.

Quadro 11

Regras/ restrições para jogar jogos digitais por sexo, idade, nível de escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)

	Não pode jogar a partir de determinada hora	Jogos têm de ter classificação etária adequada	Só pode jogar jogos que não contenham violência	Só pode jogar jogos que não contenham linguagem inapropriada	Só pode jogar acompanhado/supervisionado por familiar/adulto	Só pode jogar jogos aprovados por um familiar/adulto	Pode jogar sem restrições
Rapaz	65	48	48	28	18	33	7
Rapariga	60	55	45	30	21	39	6
3 a 5 anos	54*	55	43	28	21	41	6
6 a 8 anos	68*	49	49	29	18	32	6
Até 6º ano	49*	38*	30*	18*	8*	33*	10
9º ano	70*	41*	54*	21*	12*	17*	2
12º ano	67*	65*	48*	35*	27*	43*	6
Curso médio/superior	58*	55*	49*	39*	23*	48*	9
ESE Baixo	57	39*	40	20*	12	29*	9
ESE Médio	68	56*	47	27*	21	33*	4
ESE Alto	59	57*	52	42*	23	47*	8
Total	63 (N=330)	51 (N=331)	47 (N=331)	29 (N=331)	19 (N=331)	36 (N=331)	6 (N=331)

ERC. Base: Inquirido aos pais, crianças que jogam jogos digitais.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Como se observa no Quadro 12, a principal razão avançada por metade dos inquiridos que não fazem uso dessas ferramentas é a idade da criança, a mesma razão para a mediação técnica para a televisão. A preocupação aumenta com a idade da criança: 63% dos pais de crianças de 3-5 anos assinalam que essa preocupação não se coloca, valor que desce para 41% no grupo dos 6-8 anos.

A confiança nas escolhas dos jogos pela criança, apontada por 13%, é superior ao argumento idêntico face à televisão, que era residual. A relação entre o grupo de idade e a confiança na criança é estatisticamente significativa (3-5 anos: 4%; 6-8 anos: 18%).

Quadro 12

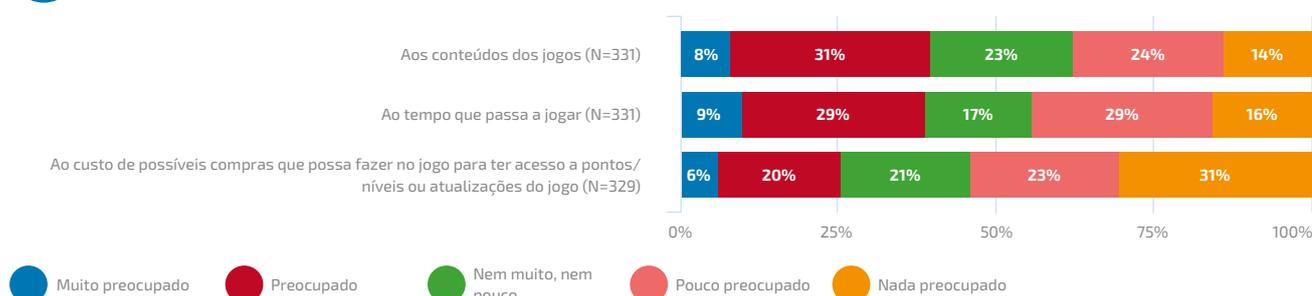
RAZÕES PARA NÃO USAR FERRAMENTAS DIGITAIS

	N	%
O meu filho é muito jovem. Esse problema ainda não se coloca	121	49
O meu filho joga acompanhado	48	20
Não sabe fazer isso	35	14
Não sabia que era possível	33	13
Confio nas escolhas do meu filho	31	13
É demasiado complicado e perde-se muito tempo a instalar/gerir	7	3
Isso iria interferir nas utilizações de jogos pelos outros membros da família	5	2

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que jogam jogos digitais e pais que usam ferramentas para mediação técnica.

A resposta "não saber fazer isso", apontada por 14% dos inquiridos, apresenta resultados estatisticamente significativos em relação com a sua escolaridade (de 30% até ao 6º ano a 4% com curso médio/superior) e com o ESE (baixo: 28%; médio: 12%; alto: 5%).

Fig. 28 PREOCUPAÇÕES POR PARTE DOS PAIS RELATIVAMENTE A JOGOS %



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que jogam jogos digitais.

3.3 - Preocupações dos pais sobre os jogos

Nesta secção analisamos os graus de preocupação face aos jogos, estabelecendo uma possível relação com os resultados face ao visionamento televisivo no que se refere a conteúdos e tempos, tendo presente que no caso dos jogos estamos perante **apenas** o grupo de pais que permite que os filhos joguem (metade do total).

Como se pode ver na Figura 28, as preocupações parentais relativamente a *conteúdos* de jogos apresentam valores percentuais próximos dos valores relativos aos conteúdos televisivos: 8% dos inquiridos cujos filhos jogam expressam muita preocupação (9% no caso da TV); 31% expressam alguma preocupação (29% no caso da TV). O peso dos que não tomam posição é de 23% (24% para a TV); o grupo dos "nada preocupados" com os conteúdos dos jogos varia mais relativamente ao valor expresso para os conteúdos televisivos: 14% para 18%.

Também aqui a preocupação com o *tempo* aparece menos destacada do que com os conteúdos: quase metade (45%) dos pais cujos filhos jogam declara-se pouco ou nada preocupado com o tempo, um valor idêntico ao do tempo passado a ver televisão. Aliás, a restrição apontada ao tempo remetia para o limite de uma determinada hora, como a hora do deitar.

O custo de possíveis despesas associadas ao jogo, como compras, é o que menos preocupa os inquiridos: apenas cerca de um quarto expressa muita ou alguma preocupação.

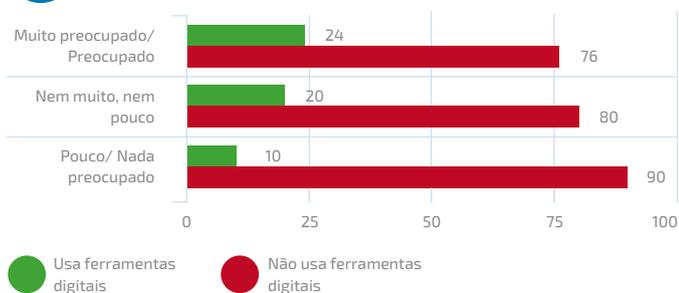
De notar nesta Figura (28), como na relativa à televisão (Figura 19), a existência de um núcleo relativamente estável, ainda que minoritário, de inquiridos muito preocupados.

Não existem relações estatisticamente significativas entre estas preocupações e o sexo ou idade da criança, educação do inquirido e ESE do agregado familiar.

Existe, contudo, uma relação estatisticamente significativa entre usar ferramentas digitais para garantir que a criança apenas tem acesso a jogos de determinada classificação etária e o grau de preocupação quanto ao conteúdo dos jogos, como revela a Figura 29: perto de um quarto dos pais que exprimem muita ou alguma preocupação usa ferramentas digitais; entre os pais que não estão preocupados com os conteúdos, apenas um décimo faz uso dessas ferramentas.

Fig. 29

USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS E GRAU DE PREOCUPAÇÕES DOS PAIS FACE AOS CONTEÚDOS (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que jogam jogos digitais.

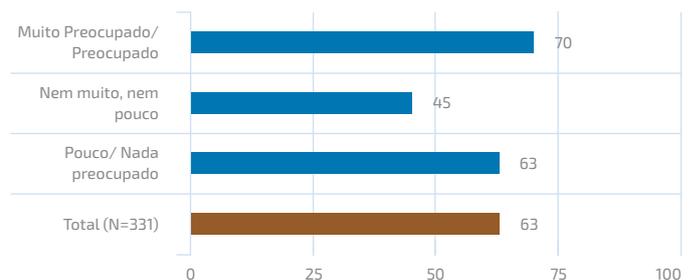
A relação entre o grau de preocupação e a utilização de regras ou restrições para jogar jogos digitais é estatisticamente significativa em três tipos de restrições: tempo, conteúdos violentos e jogar acompanhado, apresentadas na Figura 30:

- **Tempo:** o grau de preocupação com o tempo que a criança passa a jogar tem uma relação estatisticamente significativa com a regra “não pode jogar a partir de determinada hora”: esta regra apresenta valores elevados tanto nos pais preocupados (70% dos que expressam essa preocupação) como nos pais não preocupados (63%); menos de metade (45%) dos que não sabem definir o seu grau de preocupação apontam esta restrição. Ou seja, os dois extremos (pais preocupados ou não preocupados com o tempo que a criança passa a jogar) quase coincidem na importância de marcar um limite horário (a estabelecida hora do dormir ou outra);
- **Conteúdos:** o grau de preocupação com os conteúdos dos jogos tem uma relação estatisticamente significativa com as regras “Só pode jogar jogos que não contenham violência” e “Só pode jogar acompanhado/ supervisionado por familiar/ adulto”. A regra relativa a só poder jogar jogos não violentos é expressa por cerca de 60% dos pais que se declaram muito ou algo preocupados, quase o dobro do que é referido entre os pais pouco ou nada preocupados (36%), um resultado que se apresenta coerente;

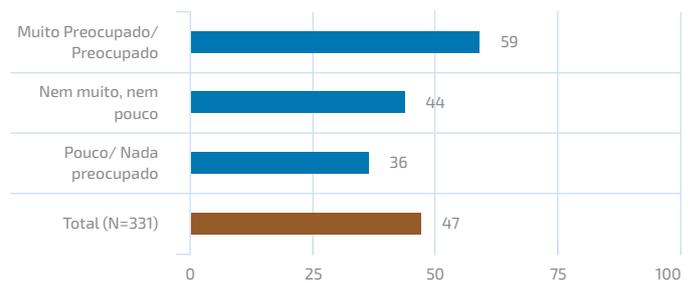
Fig. 30

GRAUS DE PREOCUPAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE REGRAS/ RESTRIÇÕES PARA JOGAR JOGOS DIGITAIS (%)

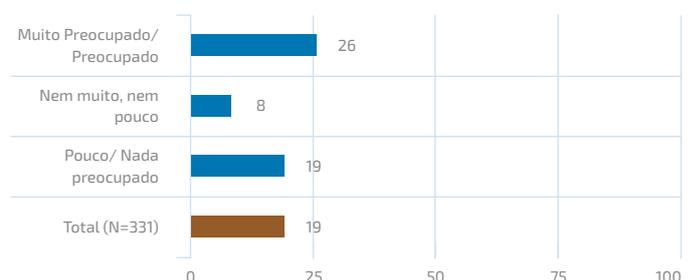
Grau de preocupação com o tempo que passa a jogar e regra “não pode jogar a partir de determinada hora”



Grau de preocupação com os conteúdos dos jogos e regra “Só pode jogar jogos que não contenham violência”



Grau de preocupação com os conteúdos dos jogos e regra “Só pode jogar acompanhado/ supervisionado por familiar/ adulto”



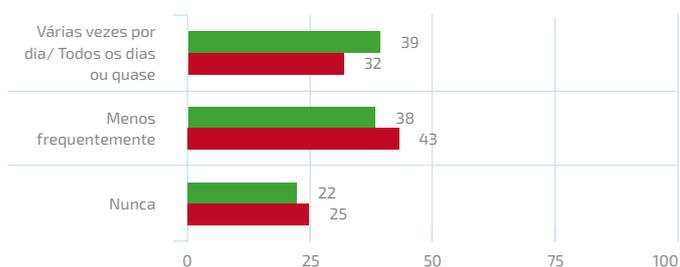
ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que jogam jogos digitais.

3.4 - Cruzando olhares de crianças (6-8 anos) e seus pais

Esta secção analisa as respostas de 263 crianças de 6-8 anos a questões relativas a jogos digitais, especialmente elaboradas para elas. Sempre que possível, articulamos as respostas de crianças e dos seus pais, a fim de assinalar a coincidência ou divergência de olhares.

Frequência do jogar digital: considerando a variação da frequência (várias vezes por dia, todos os dias ou quase; de uma vez por semana a uma vez por mês; e mais raramente ou nunca), a Figura 31 revela dissonância: os pais destacam mais do que as crianças a frequência intensa do jogo (39% para 32%, respetivamente); as crianças referem mais do que os pais que jogam ocasionalmente (43% para 38%, respetivamente). Um quarto das crianças refere não jogar nunca, acima do valor apontado pelos pais (22%).

Fig. 31 FREQUÊNCIA DO JOGAR DIGITAL SEGUNDO OS PAIS E AS CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais e às crianças entre 6 e 8 anos.

Estes resultados são, no seu conjunto, menos coincidentes do que os resultados comparados entre pais e filhos relativos à frequência do visionamento televisivo nesta idade.

Dos que jogam jogos digitais nesta faixa etária (N=198), 112 são rapazes e 86 são raparigas.

Equipamentos para jogar: Nesta idade, os jogos digitais realizam-se sobretudo nos *tablets*, o aparelho que recolhe mais de metade (57%) de respostas das crianças e dos seus pais, aqui coincidentes.

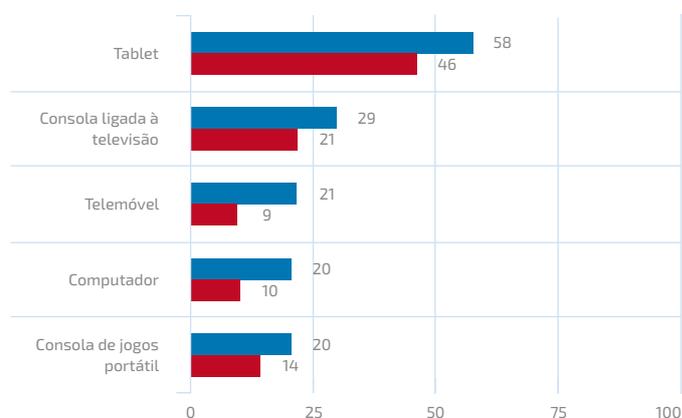
Relativamente aos dispositivos onde estas crianças gostam mais de jogar, como se vê na Figura 32, o *tablet* recolhe quase metade das preferências, seguido da consola ligada à televisão e da consola móvel, somando os três aparelhos 80% das preferências. Os ecrãs do computador e do telemóvel ficam-se pelos 10% de referências, cada. É residual o uso de apa-

relhos que não sejam o *tablet*, as consolas, o telemóvel e o computador.

Jogos: À solicitação de indicarem três jogos que gostavam de jogar, as crianças revelaram uma grande dispersão, tal como aconteceu com os programas de televisão. Houve mais designações genéricas de tipos de jogos (*jogos de aventuras, jogos de números, jogos de princesas, jogos de pintar...*) do que aconteceu com os programas de televisão.

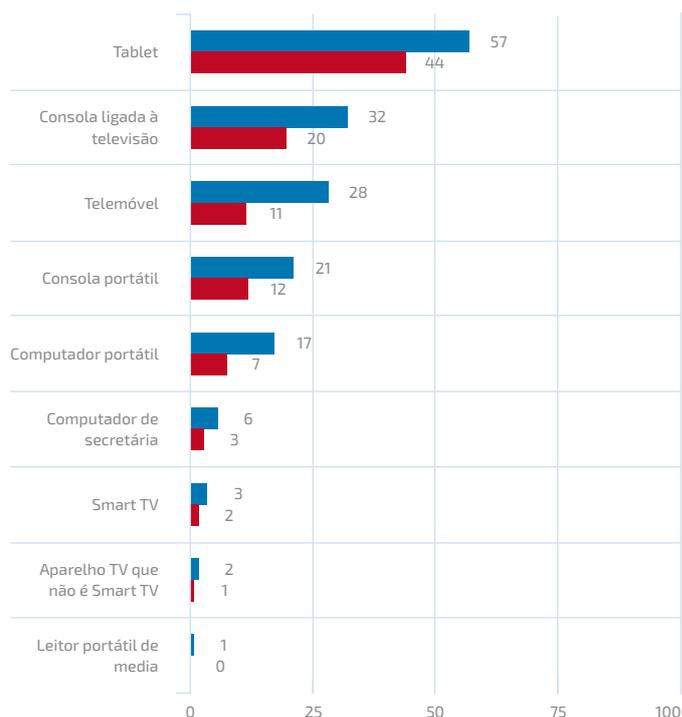
Fig. 32 APARELHOS USADOS PELA CRIANÇA PARA JOGAR JOGOS DIGITAIS: USOS, PREFERÊNCIAS, FREQUÊNCIA (%)

Crianças



ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que jogam jogos digitais.

Pais



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças de 6 a 8 anos que jogam jogos digitais.

Quadro 13

REFERÊNCIAS A JOGOS DIGITAIS

23 refs. (2 desig.)	Super Mário; jogos de futebol
19 refs. (1 desig.)	FIFA
14 refs. (1 desig.)	Jogos de corridas
12 refs. (2 desig.)	Angry Birds, Candy Crash
11 refs. (1 desig.)	Jogos de princesas
9 refs. (1 desig.)	Bubbles
8 refs. (2 desig.)	Jogos de Lego, MineCraft
7 refs. (3 desig.)	Dragon ball, PES, Pou
6 refs. (1 desig.)	GTA
5 refs. (3 desig.)	Jogos de Culinária, Jogos de pintar, Sonic
4 refs. (9 desig.)	Jogos de Ação (sem especificar), Bike run, Cars, Jogos de Animais, Paciência, Pokemon, Sims, Star Wars, Ténis
3 refs. (6 desig.)	Jogos de manicure, LittleBigPlanet, Subway surf, Taxi Driver, Zombi, Batalha Naval
2 refs. (22 desig.)	Angela, As Brincadeiras com a Barbie, Jogos de Aventuras (sem especificar), Color, Jogos de música, Jogos de Números, Joanelinha, Jogos de Piano, Jogos de Puzzle, Just Dance, Nemo, Nintendogs, Skylander's, Sopa Letras, StarDoll, Tetris, Truck Simulator, Jogos da Wii, Farmville, Rayman, SpongeBob, MotoGp
1 ref. (73 desig.)	Bus Rush, Mínimos, Mahjong, Marabá e o Urso, Jogos de Decoração, Golf, Adivinhas, School Bus Driver, Festa na Selva, Jogos de Estratégia, Traffic, Tomb Raider, Quebra Cabeças, Trinity Universe, Clack Roxal, Real Basketball, Toy Story, 8 Ball, Away Singles, Best Friends, Cobra, Cocoroco, Comboios, Digimon, Jogos do Dino da Danone, Dragon City, Elifoot, Eternal sonata, Galo, Helicopter RC, Homem Aranha, High School Musical 3, Hypatiamat, Yokai, Jogos Kizi, Jogos de Luta, Mobil, Monsters, Muffi, Ninjago, Os mortos vivos, OSM, Planeta 51, Quem quer ser milionário, Quinta, Real moto, Rebenta a bolha, Scooby Doo, SITE DO DANONINHO, Soda kras, Zizzigzaa e tap kids, Jogos de Roupas, Pay Day, Jogos de Cabeleireiros, Pesca e Caça, Asterix e Obelix, Violeta, Naruto, Power Ball, Tom, Zeldo, Motor Storm, Jogos Didáticos, Five Nights, Zombotron, Pet Rescue Saga, Tsunami, Jogos de Moda, Miniclip Games, Winx, Ratatuie, Puffly

ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que jogam jogos digitais.

O Quadro 13 apresenta a lista de **127** designações, genéricas e específicas, organizadas hierarquicamente, das mais recorrentes para as mencionadas apenas uma vez.

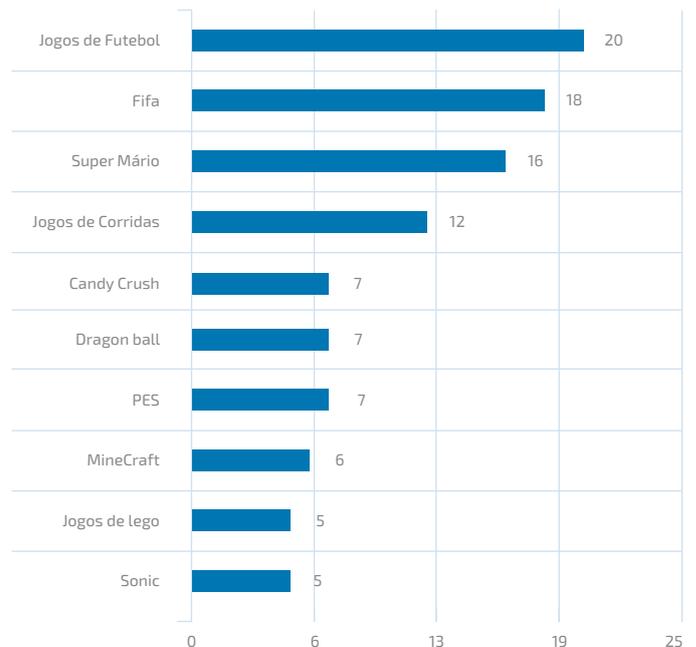
No topo está o jogo clássico de ação e aventura da Nintendo, *Super Mário*, surgido há mais de 30 anos. Também muito referidas são designações genéricas a jogos ligados a competição e desporto (jogos de futebol, FIFA, jogos de corridas).

A Figura 33 revela como se distribuíam os jogos com cinco ou mais referências, entre rapazes e raparigas desta faixa etária. Os rapazes, que referem mais esta atividade do que as raparigas, não só contribuem com mais referências como as colocam no topo; apenas dois jogos coincidem entre rapazes e raparigas (*Candy Crush* e *Super Mário*); não há nenhum rapaz a referir *jogos de princesas*, que fazem o pleno das 11 referências entre raparigas.

Fig. 33

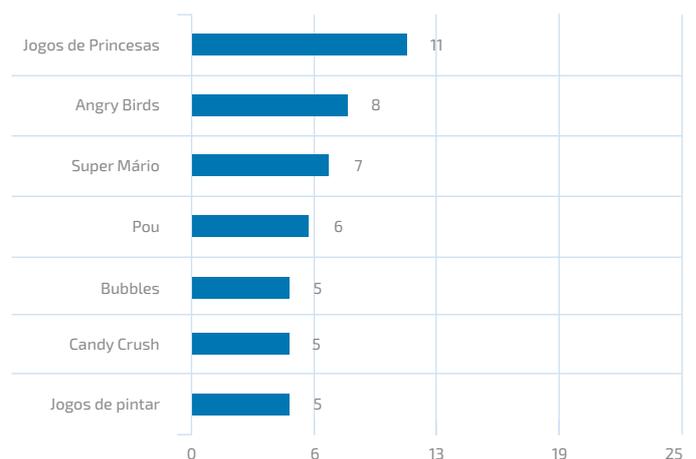
DESIGNAÇÕES DE JOGOS MAIS REFERIDOS POR RAPAZES E POR RAPARIGAS (N)

Rapazes



N=112. ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que jogam jogos digitais.

Raparigas



N=86. ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que jogam jogos digitais.

Socializar a jogar: No modo de jogar, sozinho ou com companhia, as respostas de crianças e pais aproximam-se. Segundo os pais, metade das crianças joga com outras pessoas; nas respostas das crianças, um pouco mais de metade (52%) joga sozinha.

Há alguma variação do companheiro/a de jogo: para 51% das crianças, os pais são os companheiros de jogo, seguindo-se os amigos (46%) e os irmãos (40%). Para os pais, as crianças que jogam acompanhadas fazem-no sobretudo com irmãos (49%), seguindo-se os pais (43%) e os amigos (41%). Outros familiares são relativamente pouco referidos por crianças (14%) e pelos pais (17%). Nem pais nem crianças referem que aquelas jogam jogos digitais com professores.

O Quadro 14 apresenta o jogo preferido consoante as companhias. *Jogos de futebol* são os mais apreciados para serem jogados em conjunto, seja com pais, irmãos ou amigos; os jogos *Candy Crush*, *GTA* e *Super Mário* também são transversais. O jogo *GTA*, para adultos, é referido três vezes entre os jogos preferidos a serem jogados com pais.

Restrições: A Figura 34 compara as regras e restrições colocadas pelos pais de crianças de seis a oito anos relativamente aos jogos com as respostas dos pais de todas as crianças que jogam (recorde-se que metade das crianças deste estudo não joga).

Quadro 14

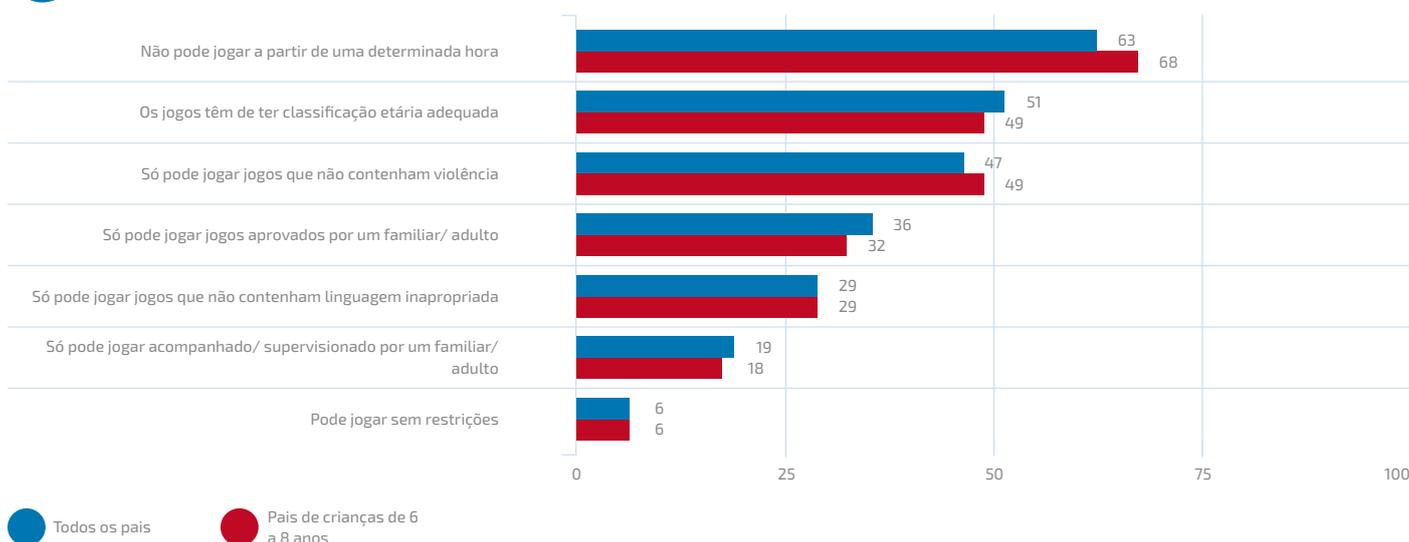
JOGAR ACOMPANHADO: REFERÊNCIAS A JOGOS PREFERIDOS PARA...

Jogar com pais (N=48)	Jogar com amigos (N=44)	Jogar com irmãos (N=38)
Jogos de Futebol (9) Candy Crush (4); Galo, GTA (3); FIFA, Jogos de Princesa, Little Big Planet, Tennis (2);	Jogos de Futebol (7); FIFA (5); Jogos de Princesa (3); Bubbles, Dragon Ball, Jogos de Lego, Minecraft, Super Mário, PES, Pokemon (2);	Jogos de futebol (5); Jogos de corridas (4); Candy Crush (3); Jogos de Números, FIFA, Super Mário, Zombi (2);
1 referência:	1 referência:	1 referência:
Adivinhas, Batalha Naval, Bike Run, Bubbles, Cars, Dragon City, Festa na Selva, Jogos da Wii, Jogos de Ação, Jogos de Corridas, Jogos de Culinária, Jogos de Lego, Jogos de Moda, Jogos de Piano, PES, Planeta 51, Skylander's, Star Wars, Subway surf, Super Mário.	Batalha Naval, Candy Crush, Festa na Selva, Galo, GTA, Jogos de Aventura, Jogos da Wii, Jogos de Cabeleireiros, Jogos do Dino da Danone, Jogos de Estratégia, Karate, Moto Gp, Naruto, Os Mortos Vivos, OSM, Power Rangers, Sonic, Star Wars, Tênis, Trinity Universe, Tsunami.	Angry Birds, Cars, Color, Comboios, Dragon Ball, Galo, GTA, Helicopter RC, Jogos de Animais, Jogos da Wii, Jogos de Luta, MineCraft, Ninjago, OSM, Paciência, Rayman, Skylander's, Sonic.

ERC. Base: Inquérito às crianças, crianças que jogam jogos digitais.

Fig. 34

CRIANÇAS QUE JOGAM: REGRAS/ RESTRIÇÕES POR PARTE OS PAIS (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais: crianças que jogam jogos digitais. [N todos os pais=331; N pais crianças 6-8 anos=204]

Os valores sobre restrições pouco divergem com a idade. As maiores diferenças por parte de pais de crianças mais velhas estão na maior restrição horária (não poder jogar depois de uma certa hora) e na menor necessidade de aprovação por parte de um adulto.

Há variações de novo nas respostas de pais e de crianças de 6-8 anos: 13 pais dizem que elas podem jogar sem restrições; 44 crianças dizem que há certos jogos que os pais não deixam jogar. Mais de dois terços das interdições incidem sobre jogos violentos. Jogos com nudez, fora da faixa etária ou com linguagem inapropriada ficaram abaixo de um quinto. Algumas crianças indicaram jogos interditos (uma referência cada): *Counter-strike*, *GTA*, *Minecraft*, *Need for speed*, *The Sims*, *Uncharted*.

Capítulo 4

Internet

Os resultados do inquérito nacional destacam o relativamente baixo número de crianças cujos pais referem que fazem uso da internet, menos de duas em cada cinco. Entre as que acedem, o uso é maior entre crianças de famílias de ESE alto e entre crianças de 6-8 anos. O acesso é feito sobretudo através de *tablets*. Perto de metade das crianças que acede à internet tem um *tablet* só para si.

O uso da internet é principalmente lúdico: jogar e ver filmes.

O acompanhamento mais frequente por parte dos pais é sentar-se ao lado da criança. Fazer atividades online em conjunto (onde predomina a procura de informação) ou incentivar a criança a explorar e a aprender coisas novas são práticas ocasionais. Menos de um quarto dos inquiridos cujas crianças acedem à internet usa mediação técnica, como filtros e monitorização.

Entre as restrições que as crianças de 6-8 anos mais apontaram estão sites para adultos, conteúdos violentos e o acesso a redes sociais, que é a atividade favorita para mais de metade das 62 crianças que responderam à pergunta aberta sobre o que mais gostavam de fazer.

Mais de um terço dos inquiridos não soube identificar competências dos filhos no uso da internet; as competências práticas (instalar jogos, encontrar conteúdos) foram as mais destacadas.

Dois terços dos inquiridos cujas crianças usam a internet concordam com a afirmação de que a internet contribui para um bom desempenho escolar.

As preocupações expressas (pela credulidade das crianças, contacto com estranhos, inadequação de conteúdos ou publicação de informações pessoais) e dificuldades de controlo são maiores do que em relação à televisão.

4.1 - Ambientes de acesso e uso da internet

A utilização da internet é minoritária no quotidiano das crianças de três a oito anos: perto de dois em cinco inquiridos (38%) referiu que a criança a seu cargo fazia uso da rede.

Quem acede e com que frequência: como revela o Quadro 15, esta prática pouco varia entre rapazes e raparigas, ainda que elas apresentem valores ligeiramente mais baixos no uso frequente e mais elevados no não uso. Varia de forma signifi-

ficativa com a idade: são pouco mais de um quinto (22%) as crianças de 3-5 anos que utilizam a internet, valor que quase triplica (62%) entre as crianças de 6-8 anos. Entre as crianças que acedem à internet, o acesso é mais esporádico do que diário, em ambas as faixas etárias.

Outros valores com diferenças significativas apontam as características do agregado familiar. A escolaridade dos pais tem uma relação direta com o uso mais frequente da internet, indo de 12% entre pais com 6º ano de escolaridade a 18% entre pais com ensino médio/superior.

Os valores do **não acesso** apontam alguma transversalidade: 66% e 70% respetivamente, entre crianças cujos pais têm o 6º ou o 9º ano; 59% das crianças cujos pais têm o 12º ano e pouco mais de metade (51%) das crianças cujos pais têm ensino médio/superior. Esta diferenciação é visível por ESE: 66% no nível baixo; 64% no nível médio e 51% no nível alto.

Quadro 15

FREQUÊNCIA DE ACESSO À INTERNET POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Várias vezes por dia / Todos os dias ou quase	Menos frequentemente	Nunca
Rapaz*	16	24	60
Rapariga*	14	22	63
3-5*	6	16	77
6-8*	28	34	38
Até 6º ano*	12	22	66
9º ano*	13	17	70
12º ano*	17	24	59
Curso médio/superior*	18	31	51
ESE Baixo *	13	20	66
ESE Médio*	15	21	64
ESE Alto*	13	20	51
Total	15	23	62

N= 656. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

O tempo *online* indicado pelos pais cujas crianças acedem à internet varia entre uma média de 47 minutos aos dias de semana e um pouco mais (75 minutos) ao fim de semana. Nos dias de semana, a variação vai de um mínimo de 15 minutos para um máximo de três horas. Aos fins-de-semana a variação vai de um mínimo de 15 minutos a um máximo de seis horas.

Locais de acesso: Como se vê na Figura 35, quase todas as crianças que acedem à internet fazem-no nas divisões co-

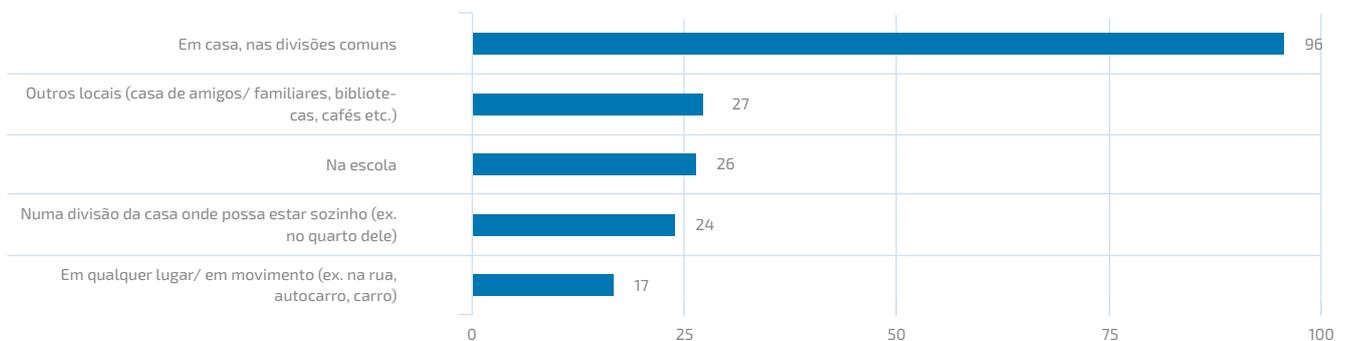
munos do lar, os espaços também mais usados pelos adultos para aceder à rede, como vimos. Estas são idades em que a supervisão por parte dos pais é acentuada, pelo que se compreende a importância dos espaços comuns. Não obstante, quase um quarto das crianças (24%) acede à internet numa divisão da casa onde pode estar sozinha.

A escola, cuja importância democratizadora da inclusão digital tem sido reconhecida em políticas públicas, e outros locais (como casa de familiares, amigos, bibliotecas, etc.) são também indicados por cerca de um em cada quatro pais cujas crianças usam a internet.

Tendo em conta o baixo valor absoluto das crianças que acedem, pode-se salientar que a esmagadora maioria das crianças não usufrui do acesso à internet na escola, nomeadamente nos primeiros anos de escolaridade – no nosso estudo apenas 26% dos inquiridos reportam que as crianças acedem na escola.

De facto, a escola e outros espaços de acesso fora do lar são vividos por um número reduzido de crianças, como se pode ver no Quadro 16. As utilizações nesses locais apresentam relações estatisticamente significativas apenas com a idade da criança, a escolaridade dos pais e o ESE do agregado.

Fig. 35 LOCAIS DE ACESSO DA CRIANÇA À INTERNET (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais: crianças que acedem à internet.

Quadro 16

REGRAS/ RESTRIÇÕES PARA JOGAR JOGOS DIGITAIS POR SEXO, IDADE, NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Numa divisão da casa onde possa estar sozinho (ex. no quarto dele)	Em casa, nas divisões comuns	Na escola	Outros locais (casa de amigos/ familiares, biblioteca, cafés etc.)	Em qualquer lugar/ em movimento (ex. na rua, autocarro, carro)
Rapaz	25	94	28	28	18
Rapariga	23	98	24	25	15
3 a 5 anos	17	94	7*	19*	23
6 a 8 anos	27	96	37*	31*	13
Até 6º ano	26	95	22	13*	8
9º ano	18	93	19	18*	18
12º ano	27	97	28	28*	18
Curso médio/ superior	24	97	33	42*	19
ESE Baixo	29	94	26	16*	13
ESE Médio	23	97	24	23*	17
ESE Alto	21	94	30	44*	20
Total	24 (N= 249)	96 (N= 250)	26 (N= 234)	27 (N= 245)	17 (N= 248)

ERC. Base: Inquérito aos pais: crianças que acedem à internet.
Legenda: * relações estatisticamente significativas.

- **Idade:** A percentagem de crianças que acede à internet na escola sobe de 7%, entre os 3-5 anos, para 37% entre os 6-8 anos. Também o acesso noutros locais (casa de amigos, de familiares, etc.) sobe de 19%, entre os mais novos, para 31% entre os mais velhos.
- **Escolaridade dos pais e ESE:** o acesso noutros locais, como casas de familiares e amigos, aumenta com a escolaridade dos pais, indo de 13% entre pais com 6º ano de escolaridade a 42% entre pais com ensino médio/superior. A variação por ESE segue o mesmo padrão: baixo: 16%; médio: 23%; alto: 44%, sugerindo a importância dos níveis de envolvimento digital nos círculos de relacionamento familiar e social.

Tendo em conta este contexto de acesso à internet, basicamente realizado nos espaços comuns da casa como vimos na Figura 35, a Figura 36 confirma que é também nesses espaços que o acesso é mais frequente: 45% acede pelo menos todos os dias e um valor muito próximo (43%) acede pelo menos uma vez por semana. Para 12% esse acesso ocorre mais raramente.

Em todas as restantes localizações, incluindo a escola, o acesso é também esporádico, pelo menos uma vez por mês ou menos.

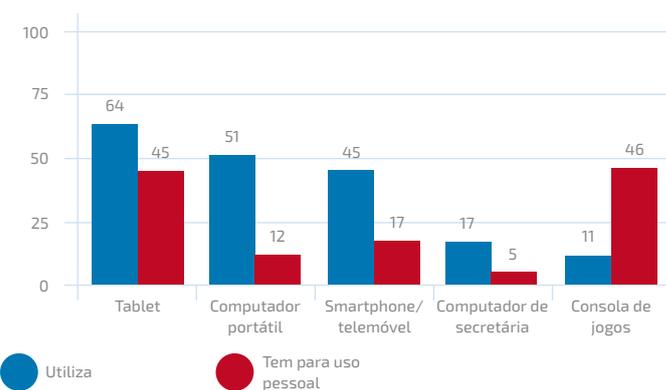
Aparelhos usados para aceder à internet: tal como para jogar, também o *tablet* é o dispositivo mais usado para a criança ir à internet, referido por 63% dos inquiridos cujas crianças acedem à rede. O seu uso diário ou pelo menos uma vez por semana ultrapassa o dos restantes dispositivos, como se vê na Figura 38, adiante.

Em segundo lugar, aparece o computador portátil, um aparelho com maior complexidade, referido por cerca de metade (51%). Um terço refere que as crianças fazem dele um uso relativamente frequente, pelo menos uma vez por semana, e o seu uso mais esporádico também tem alguma expressão. Não longe deste dispositivo aparece o telemóvel/*smartphone*, com valores idênticos de uso frequente (todos os dias, pelo menos uma vez por semana). Em comum, estes três aparelhos têm a mobilidade como contexto de uso.

Computadores de secretária e consolas de jogos apresentam valores claramente reduzidos. As consolas de jogos, referidas por quase metade dos inquiridos (46%) como sendo da própria criança são apenas utilizadas por 11% para irem à internet. De um modo genérico, as crianças vão à internet em aparelhos partilhados com outros membros da família, acontecendo isso menos no caso do *tablet*.

Fig. 37

USO E POSSE PELA CRIANÇA DE CADA UM DOS APARELHOS PARA ACEDER À INTERNET (%)



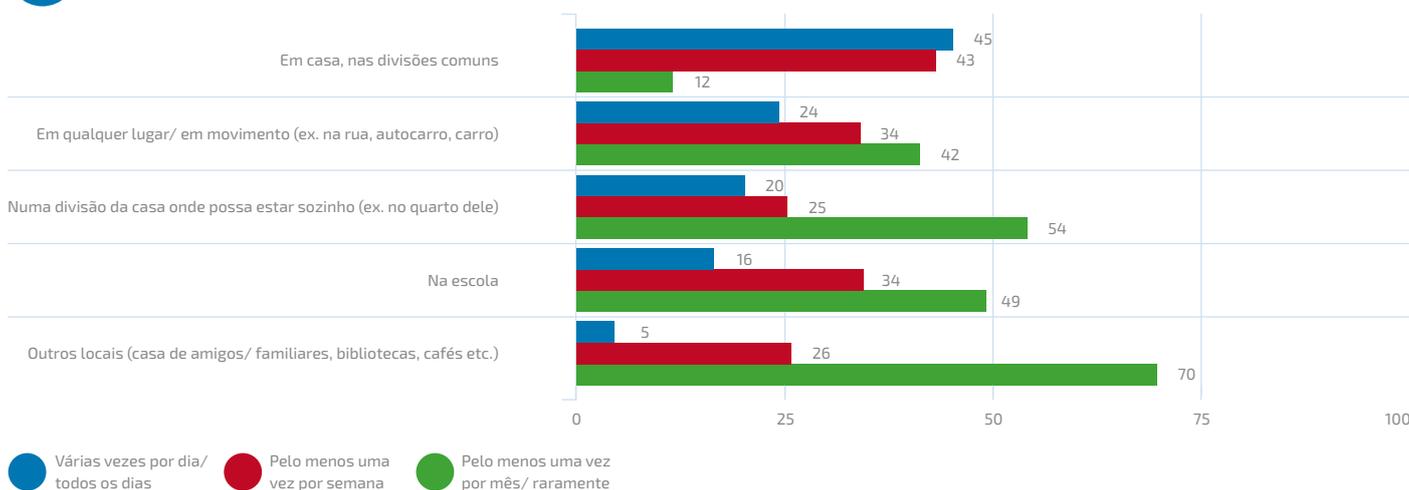
● Utiliza

● Tem para uso pessoal

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet. "Tem para uso pessoal" calculado com base naqueles que usam determinado equipamento.

Fig. 36

FREQÜÊNCIA COM QUE A CRIANÇA ACEDE À INTERNET EM CADA UM DOS LOCAIS (%)



● Várias vezes por dia/todos os dias

● Pelo menos uma vez por semana

● Pelo menos uma vez por mês/raramente

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet, cada um dos locais de acesso.

Estes resultados relativamente aos dispositivos usados para ir à internet apresentam diferenças estatisticamente significativas em vários parâmetros, anotados no Quadro 17:

- **Sexo:** confirmando tendências anteriores relativamente a jogos, o *tablet* é muito mais usado para ir à internet por parte de raparigas (74%) do que por parte de rapazes (54%).
- **Idade:** o acesso por via do computador de secretária mais que duplica dos mais novos (9%) para os mais velhos (21%).
- **Escolaridade dos pais:** o acesso à internet através de um portátil é mais referido por pais com graus mais elevados de escolaridade: 12º ano: 53%; curso médio ou superior: 64%. São os pais com o 9º ano de escolaridade os que menos referem esse acesso (38%).
- **ESE:** há uma relação direta entre o acesso à internet por via do *tablet* e o ESE do agregado: 49% das crianças acedem à internet pelo *tablet* no nível baixo; 64% no nível médio; 76% no nível alto. Esta relação confirma a diferenciação da presença dos *tablets* nos lares.

Quadro 17

APARELHOS USADOS PARA ACEDER À INTERNET POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

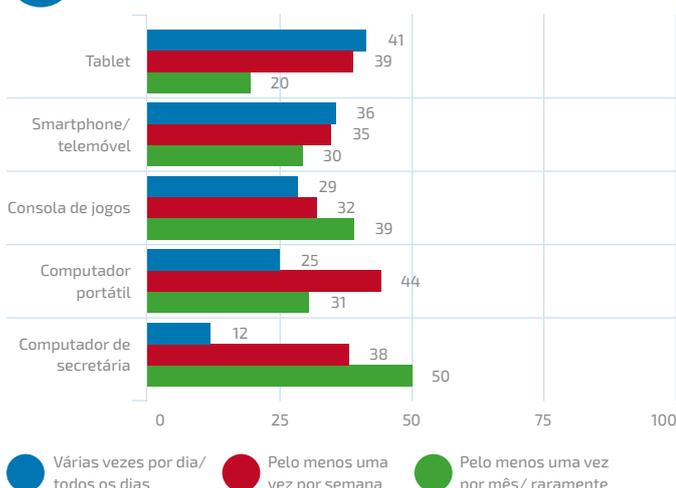
	Smartphone/ telemóvel	Computador de secretária	Computador portátil	Tablet	Consola de jogos
Rapaz	41	18	54	54*	13
Rapariga	50	16	48	74*	10
3 a 5 anos	49	9*	46	61	9
6 a 8 anos	43	21*	54	65	13
Até 6º ano	37	5	46*	58	16
9º ano	43	19	38*	52	4
12º ano	52	19	53*	67	13
Curso médio/superior	43	19	64*	73	14
ESE Baixo	34	13	45	49*	12
ESE Médio	50	21	50	64*	10
ESE Alto	48	14	59	76*	14
Total	45 (N=247)	17 (N=248)	51 (N=248)	64 (N=247)	11 (N=245)

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet. Respostas contemplam utilização, independentemente da frequência.

Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Fig. 38

FREQUÊNCIA COM QUE A CRIANÇA ACEDE À INTERNET EM CADA UM DOS APARELHOS (%)



Os *tablets* e os *smartphones*/telemóveis são os aparelhos mais usados para ir à internet, todos os dias ou pelo menos uma vez por semana (Figura 38). O acesso por via destes aparelhos, móveis, de pequena dimensão e de ecrãs tácteis, tem prioridade face ao acesso pelos computadores com teclado. O computador portátil é referido como meio de acesso diário por um quarto das crianças que acedem e pelo menos uma vez por semana para 44%. A consola de jogos e o computador de secretária são dos aparelhos menos usados para esse fim.

De acordo com os pais, cerca de três quartos (74%) das crianças de três a oito anos sabem ligar o aparelho que usam mais frequentemente para aceder à internet. Das crianças que não conseguem, 84% pedem aos pais para o fazer, 18% aos irmãos, 12% a outros familiares e apenas 2% aos professores.

Esta competência varia de forma estatisticamente significativa apenas com a idade das crianças: 84% das crianças de 6-8 anos conseguem ligar o aparelho que mais usam para aceder à internet e um pouco mais de metade das crianças de três a cinco anos consegue fazê-lo (55%).

Atividades: Entre a minoria de crianças que acedem à internet, como se vê na Figura 39, o seu uso prolonga a experiência dos ecrãs de televisão em torno dos formatos mais apreciados: quase quatro em cinco pequenos internautas veem filmes e desenhos animados.

Os vídeos na internet incluem formatos que não surgiram na programação televisiva 'clássica': tutoriais, que ensinam a criança a montar um brinquedo ou a progredir num jogo; vídeos de *role playing*, onde adultos e crianças se mascaram de personagens e dramatizam cenas e histórias.

Os jogos vêm em segundo lugar nas referências dos adultos relativamente às práticas das crianças, embora seja quase residual o valor das crianças que jogam *online*, como vimos. Esta dissonância pode decorrer da dificuldade em distinguir quando a criança está a jogar online ou não. Ouvir músicas e ver vídeos de músicas corresponde a um outro grande interesse.

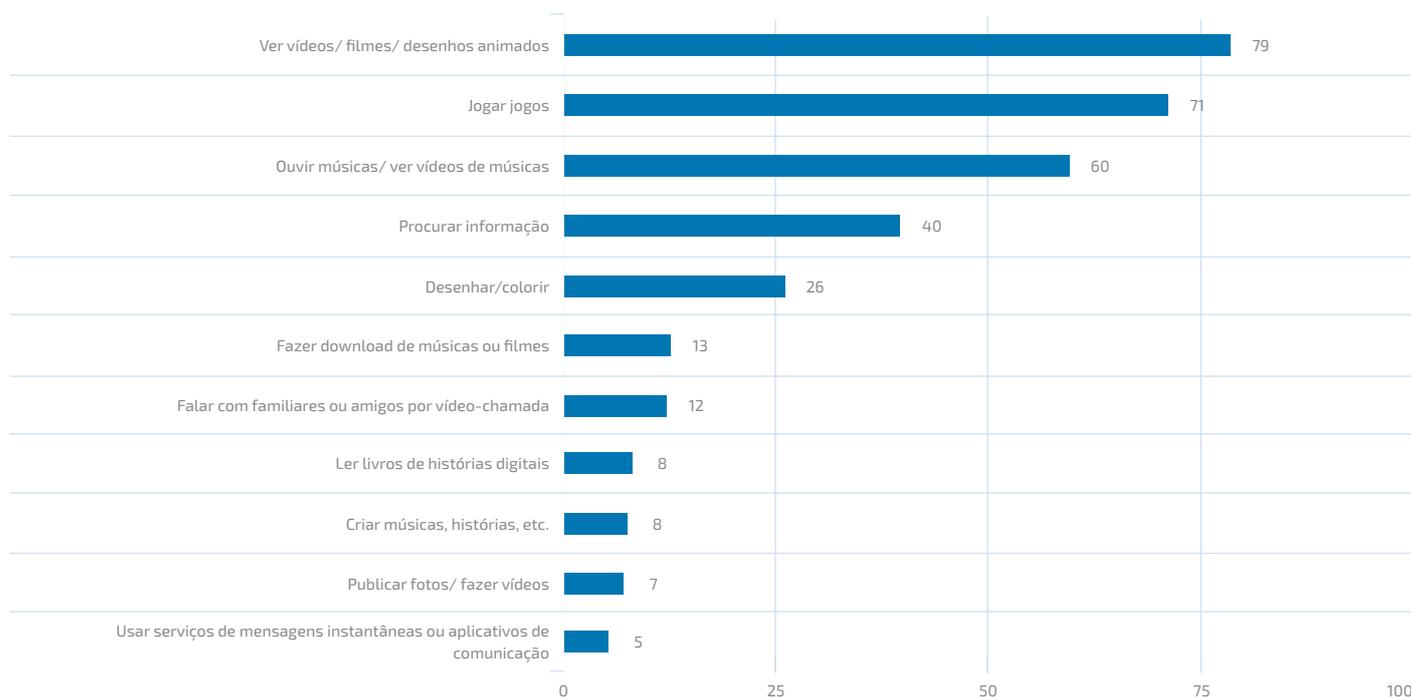
No conjunto destas três atividades, todas com valores superiores a 60%, destaca-se a plataforma YouTube, como fonte de recursos multimédia, ligada ao entretenimento, ao lúdico e ao humor, à imaginação, ao prazer da imitação e da repetição do já visto e já ouvido e do domínio do acesso, aspetos das culturas de infância nesta idade.

Procurar informação, referida por 40% dos inquiridos cujas crianças usam a internet, parece apontar para motores de busca como o Google. Pouco mais de um quarto (26%) refere que a criança faz uso da tela para procurar figuras que possa desenhar ou colorir, numa reprodução digital de uma prática em papel usada por gerações de crianças desta idade que alia o prazer estético (escolha de cores) ao treino da motricidade fina.

Descarregar músicas ou filmes e falar com familiares e amigos por videochamada são referidas para pouco mais de uma em cada 10 crianças. Para as restantes atividades inquiridas – criar músicas, publicar fotografias ou fazer vídeos ou usar aplicativos de comunicação – os valores são residuais.

Sem diferenças significativas por sexo – ao contrário do que acontecia com os jogos – as atividades na internet apresentam valores estatisticamente significativos relativamente à idade, à escolaridade dos pais e ao ESE, como se observa no Quadro 18.

Fig. 39 ATIVIDADES REALIZADAS PELA CRIANÇA NA INTERNET (%)



Quadro 18

ATIVIDADES NA INTERNET POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Procurar informação	Jogar jogos	Ver vídeos/ filmes/ desenhos animados	Ouvir músicas/ ver vídeos de músicas	Fazer download de músicas ou filmes	Publicar fotos/ fazer vídeos
Rapaz	42	71	75	55	11	7
Rapariga	37	72	83	64	14	7
3 a 5 anos	17*	55*	78	50*	2*	3
6 a 8 anos	53*	81*	79	65*	19*	9
Até 6º ano	22*	76	82*	49*	19*	3
9º ano	35*	75	63*	45*	4*	2
12º ano	36*	69	83*	65*	9*	8
Curso médio/ superior	61*	69	85*	71*	23*	13
ESE Baixo	30*	79	75	48	8	2
ESE Médio	37*	69	79	60	11	7
ESE Alto	54*	68	81	69	20	11
Total	40 (N=244)	71 (N=244)	79 (N=244)	60 (N=245)	13 (N=242)	7 (N=244)

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Vejamos como se apresentam as quatro atividades mais referidas pelos pais

- *Procurar informação*: esta atividade refere-se a um total de 97 crianças. Os valores mais que triplicam, de 17% nos internautas mais novos (3-5 anos) para 53% nos mais velhos (6-8 anos); também mais que triplica entre o valor mais baixo, reportado por pais com escolaridade até ao 6º ano (22%), e o mais elevado, reportado por pais com curso médio ou superior (61%), sendo notória a diferença deste nível de escolaridade relativamente aos níveis intermédios, onde pouco mais de um terço reporta esta atividade. Esta atividade digital que exige destreza – saber como enunciar e como dar entrada ao que se procura – traduz-se em termos de ESE: é reportada por 30% no nível baixo, por 37% no nível médio e por 54% no nível alto.
- *Jogar online*: esta atividade é reportada relativamente a 173 crianças. Os valores aumentam com a idade, de 55% entre os mais novos para 81% entre os mais velhos.
- *Ver vídeos, filmes e desenhos animados*: cobre 192 crianças e apresenta valores quase idênticos por pais com diferentes graus de escolaridade, na casa dos 82-85%; pais com escolaridade até ao 9º ano reportam significativamente menos (63%).

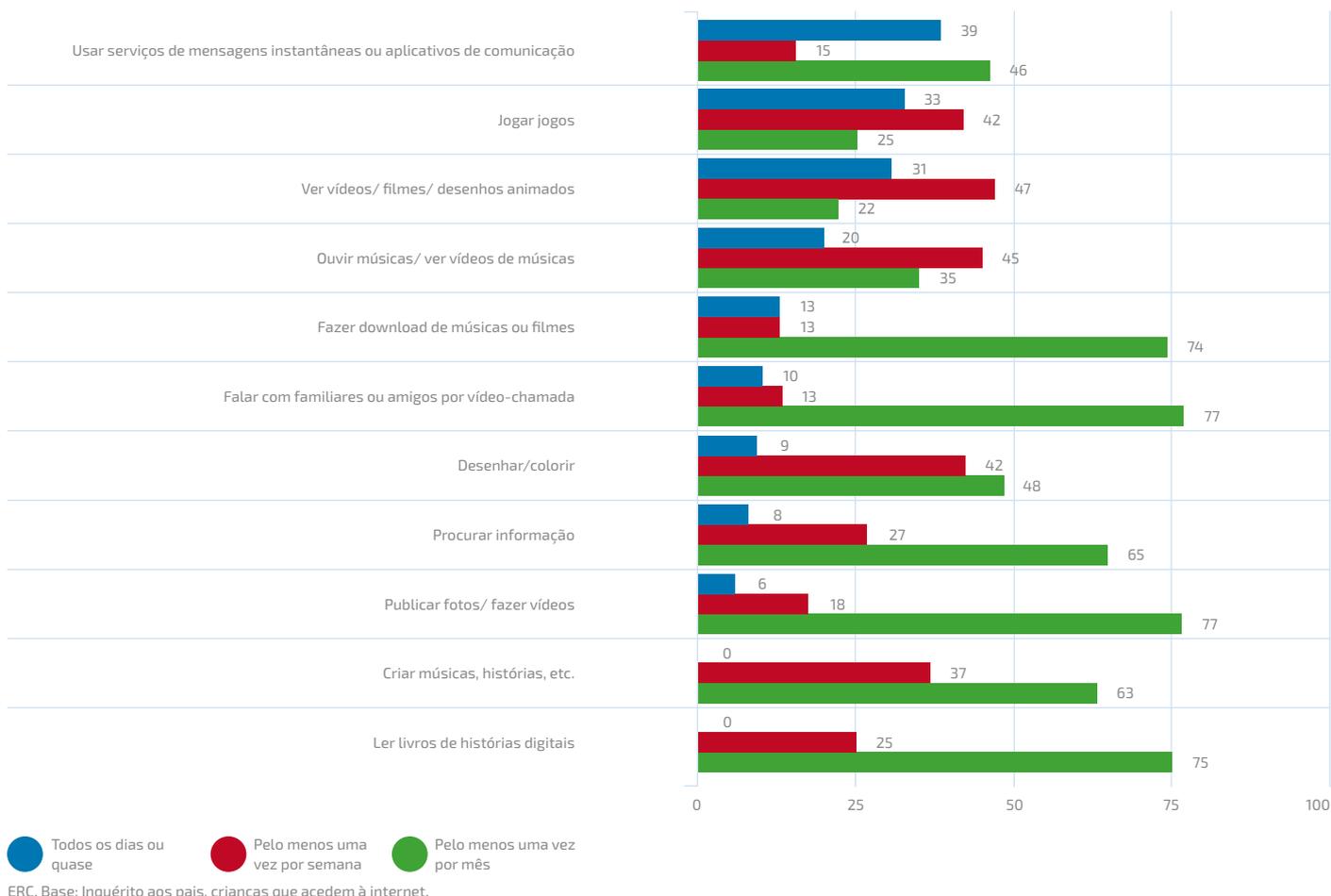
- *Ouvir músicas e ver vídeos de músicas*, referente a 146 crianças, varia significativamente com a idade, crescendo de 50% para 65%; diferencia-se por grau de escolaridade dos pais: fica perto da metade entre pais com 6º e 9º ano, atinge 65% dos pais com 12º ano e 71% com curso médio ou superior, numa progressiva mediação na educação do gosto musical.

A frequência com que as crianças realizam estas atividades, reportada pelos pais, ajuda a dar um sentido às práticas digitais nesta idade, como se observa na Figura 40.

Uma das atividades relativamente pouco referida – usar aplicativos de comunicação ou serviços de mensagens instantâneas – é a que recolhe, percentualmente, o valor mais elevado de frequência diária: são poucas as crianças envolvidas nesta atividade mas essa prática é parte relevante da sua rotina quotidiana. Jogar jogos e ver vídeos, filmes e desenhos animados são outras atividades frequentes, numa base diária ou pelo menos uma vez por semana, seguidas pelas atividades relativas a música.

Desenhar/colorir é reportado por cerca de metade, numa base de alguns dias por semana. Procurar informação recolhe um pouco mais de um terço das referências nessa base. Criar histórias é referido mais esporadicamente, pelo menos uma vez por semana. As restantes atividades ocorrem ainda mais esporadicamente, pelo menos uma vez por mês.

Fig. 40 FREQUÊNCIA COM QUE A CRIANÇA FAZ CADA UMA DAS ATIVIDADES NA INTERNET (%)



Podemos atribuir estes valores não só a diferentes interesses, mas também a competências diferenciadas. No caso dos *downloads*, podem estar subjacentes regras definidas no processo de mediação dos usos ou restrições associadas aos diferentes tipos de acesso.

Uso de redes sociais: Segundo as respostas dos inquiridos, o uso de redes sociais por crianças apresenta um peso residual. Dos oito inquiridos que reportam que a criança utiliza uma rede social, metade indica redes sociais para crianças: *Club Penguin* (3) e *StarDoll* (1). Os restantes referem *Facebook* (3) e *YouTube* (1). As razões apontadas para esse uso são: jogar jogos; estar integrado com o grupo de amigos; partilhar fotos e imagens com amigos; e ter uma atividade em comum com os pais ou outros familiares.

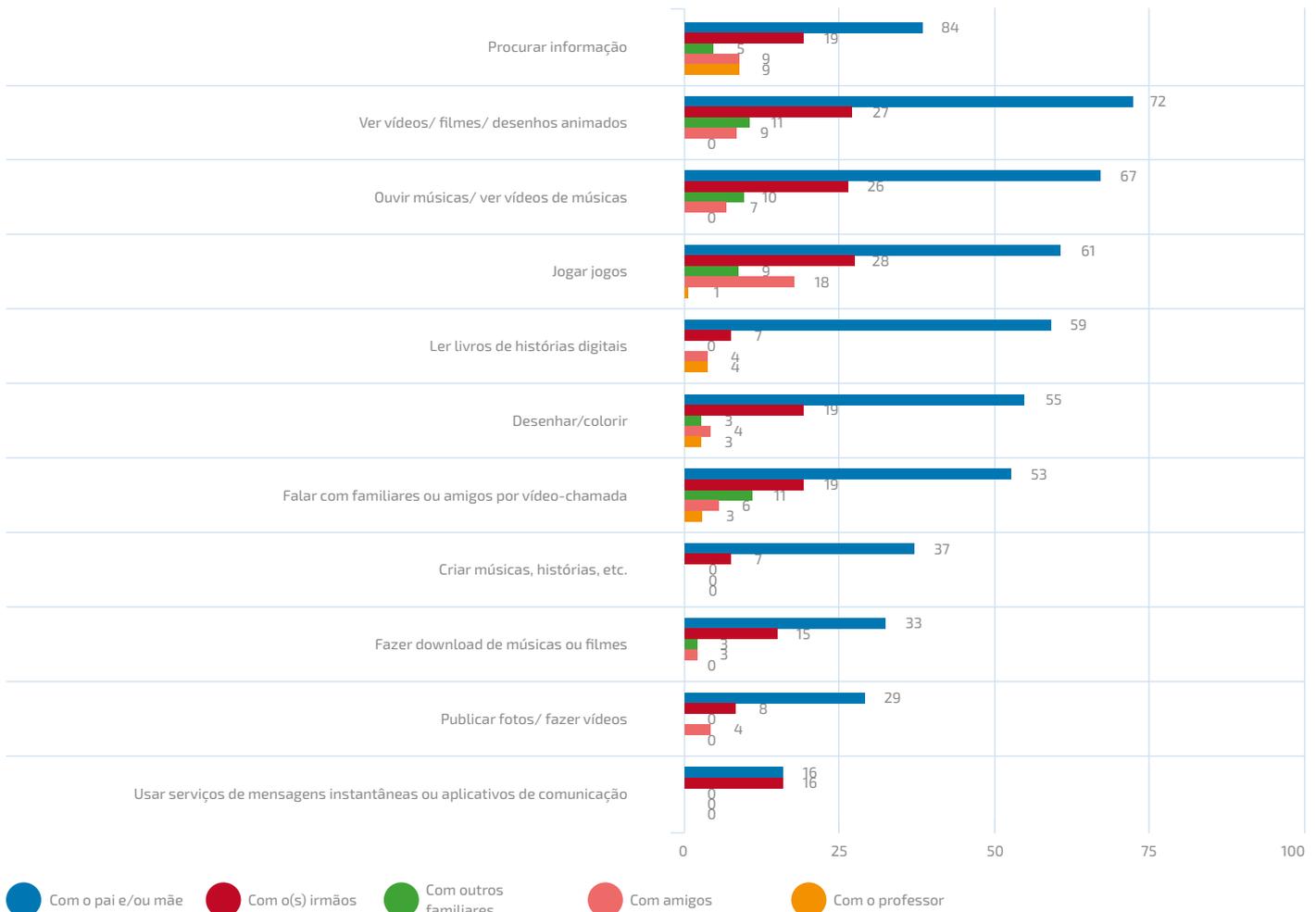
De acordo com os pais, as razões apontadas para a ausência de utilização de sites de redes sociais são quase unânimes: 92% afirmam que a criança é demasiado nova para utilizar este tipo de plataformas; por seu lado, 13% dizem que a criança nunca mostrou interesse em querer usar e 7% referem desconhecer esse tipo de programas/aplicações.

Na internet, com companhia: A Figura 41, que caracteriza as companhias que estão com a criança em várias atividades *online*, embora isso não aconteça em todas as ocasiões, destaca largamente a presença do pai ou da mãe.

A presença dos pais ocorre tanto em atividades mais frequentes como em atividades menos frequentes. Mais de sete atividades são acompanhadas pelo menos por mais de metade dos pais: procurar informação lidera (84%), seguindo-se ver vídeos, filmes e desenhos animados, ouvir música, jogar jogos, atividades que estão entre as mais frequentes. Neste conjunto, cabem ainda atividades mais esporádicas, como ler livros de histórias digitais, desenhar/colorir e falar com familiares por vídeo chamada.

A presença dos pais é evidente tanto nas atividades mais comuns ligadas ao entretenimento, como nas atividades que requerem maior apoio, como procurar informação. Os irmãos e os amigos surgem igualmente como elemento de partilha sobretudo em atividades mais populares como jogar jogos, ver filmes/vídeos ou ouvir músicas. Bastante abaixo encontra-se a presença de outras pessoas, incluindo outros familiares,

Fig. 41 Com quem faz cada uma das atividades na Internet (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

professores ou mesmo amigos, que apenas se destacam no caso dos jogos.

Entre os resultados significativos deste acompanhamento parental, temos a *procura de informação*: é reportada por 65% dos pais de agregados com ESE baixo, por 91% nos de ESE médio e por 85% nos de ESE alto.

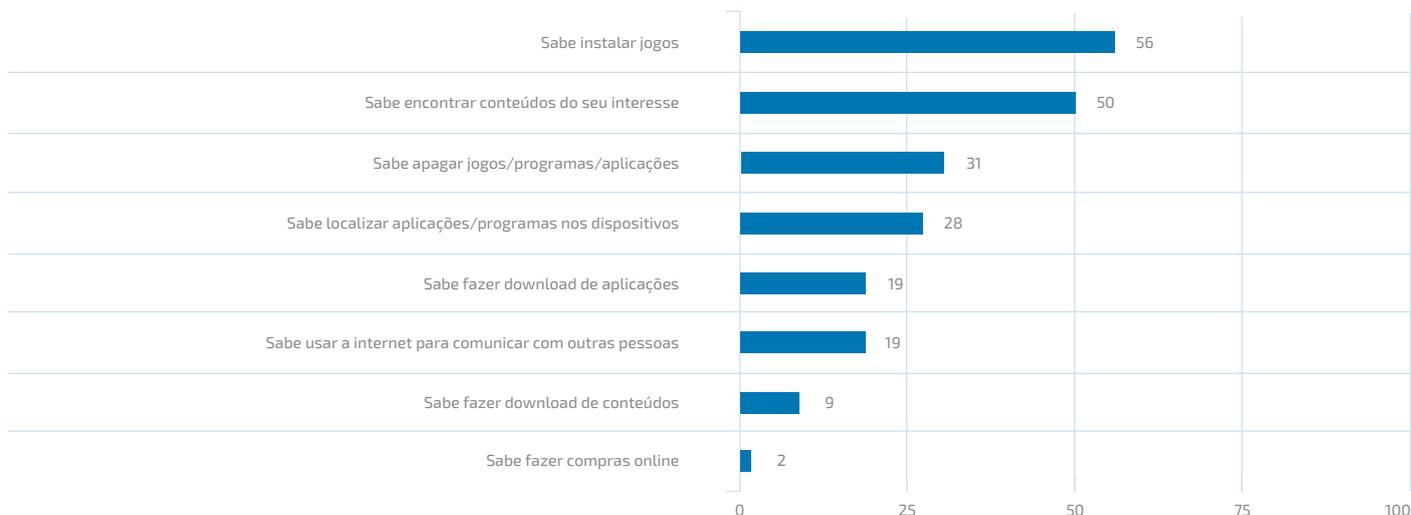
Competências online da criança: Ainda que não constitua uma apreciação direta das competências detidas pelas crianças e da sua autonomia para realizar certas atividades *online*, a indagação das mesmas através do olhar dos pais é fundamental para se poder diferenciar usos e compreender práticas.

Dos 251 inquiridos que poderiam responder (pois as crianças usam internet), apenas 160 responderam a esta pergunta identificando competências. Curiosamente, dos 91 que assinaram “não saber”, a quase totalidade (91%) utiliza a internet.

Na Figura 42, que apresenta as competências atribuídas às crianças pelos pais, podemos constatar que predominam *competências práticas* relacionadas com o manejo de recursos que parecem associáveis a dispositivos tácteis, como *tablets* e *smartphones*: mais de metade (56%) refere que a criança sabe instalar jogos; perto de um terço refere que a criança os sabe apagar; um pouco mais de um quarto (28%) refere que a criança sabe localizar aplicações e programas nos dispositivos; perto de um quinto refere que sabe descarregar aplicações.

Metade dos inquiridos que responderam a esta questão afirma que a criança sabe encontrar conteúdos do seu interesse e um quinto identificou uma competência comunicacional: a criança saber usar a internet para falar com outras pessoas. Descarregar conteúdos que não sejam aplicações apresenta-se como mais difícil e é residual o número dos que referem que a criança sabe fazer compras *online*.

Fig. 42. COMPETÊNCIAS DA CRIANÇA SEGUNDO OS INQUIRIDOS (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Se esta lista de competências revela uma relativa autonomia das crianças relativamente ao uso da internet e dos aparelhos que permitem o acesso, revela igualmente limitações da própria utilização, subentendendo não apenas coisas que não consegue fazer, mas também coisas que não faz na internet.

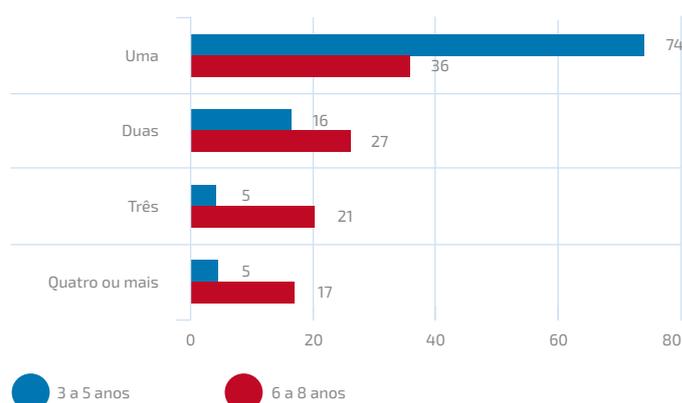
Vejamos que valores estatisticamente significativos apresentam as competências mais referidas, tendo em conta o número absoluto de casos:

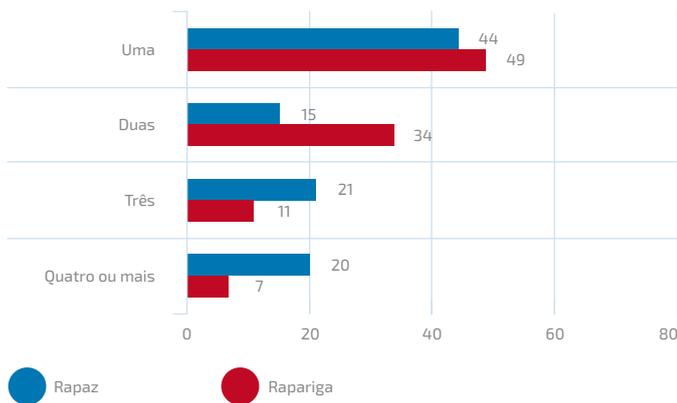
- *Instalar jogos* (89 crianças): varia significativamente com a idade, de 40% aos 3-5 anos, para 62% aos 6-8 anos;
- *Encontrar conteúdos do seu interesse* (80 crianças): não apresenta variações significativas nem por sexo nem por idade; apresenta variações significativas de acordo com a escolaridade dos pais que responderam a esta questão: é referida por 36% dos pais com o 6º ano de escolaridade, e por 38% dos pais com o 9º ano de escolaridade. Quase metade dos pais (47%) com o 12º ano de escolaridade refere esta competência, valor que sobe para 75% entre os pais com curso médio ou superior. A variação por ESE do agregado ilustra esta diferença: 43% e 42% nos níveis baixo e médio; 71% no nível alto;
- *Apagar jogos, programas, aplicações* (50 crianças): cresce igualmente com a idade, de 19% entre os mais novos, para 35% entre os mais velhos. É mais reportada quando a criança vive com irmãos (44%) do que quando não vive com irmãos (24%);
- *Comunicar com outras pessoas* (30 crianças): é uma competência que cresce notoriamente com a idade (2% das crianças de 3-5 anos; 5% das crianças de 6-8 anos). A variação por ESE é igualmente notória: 7% no nível baixo; 18% no nível médio; 32% no nível superior.

O número médio de competências indicado pelos pais que responderam a esta questão é 2,1. São poucas as crianças a quem os pais apontam quatro ou mais das competências inquiridas. Estes valores variam com a idade das crianças, como se vê na Figura 43: a quase três quartos das crianças de 3-5 anos é apontada uma competência, enquanto na faixa dos 6-8 anos, a distribuição é mais repartida.

Existem igualmente diferenças significativas por sexo, na consideração dos pais que responderam a esta questão: os rapazes são mais referidos como detendo maior número de competências do que as raparigas.

Fig. 43. NÚMERO DE COMPETÊNCIAS DA CRIANÇA, POR IDADE E SEXO, SEGUNDO OS INQUIRIDOS (%)





N= 160. ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

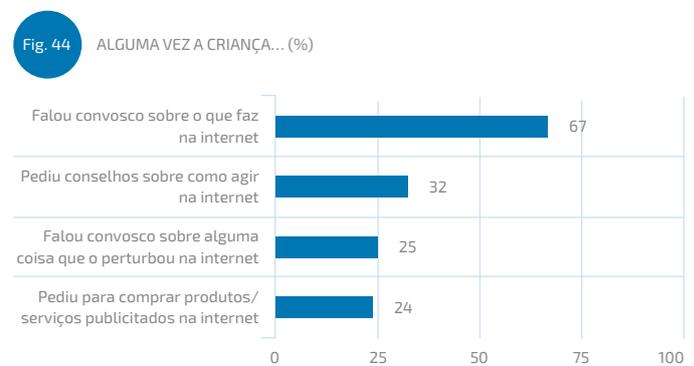
4.2 - Mediações parentais

Os pais têm um papel central nestes anos de exploração da internet, desde escolherem espaços comuns da casa, por onde circula a criança, quando acedem à internet à decisão de introduzir ou não a criança nessa rede, facilitando ou barrando o seu acesso a plataformas e aplicações como o YouTube, jogos, etc. Também a sua presença em atividades em conjunto, ou a orientação para que a criança esteja acompanhada quando acede à internet nesta idade, são marcas de mediação.

A Figura 44 discrimina os valores válidos reportados pelos inquiridos relativamente a situações relacionadas com o online onde tenham sido interpelados pela criança⁷.

Cerca de dois terços dos inquiridos destacam que a criança falou com eles sobre o que faz na internet, um valor que duplica o valor relativo ao pedido de aconselhamento. Um quarto dos inquiridos regista também que a criança já conversou com eles sobre alguma coisa que a perturbou e que pediu para comprar produtos ou serviços publicitados na internet.

Vejam no Quadro 19 como se apresentam estas respostas.



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Quadro 19

ALGUMA VEZ A CRIANÇA O PROCUROU PARA... POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Falou convosco sobre o que faz na internet	Falou convosco sobre alguma coisa que o perturbou na internet	Pediu conselhos sobre como agir na internet	Pediu para comprar produtos/ serviços publicitados na internet
Rapaz*	65	20*	27	25
Rapariga*	68	31*	39	22
3-5*	52*	15*	23*	19
6-8*	75*	31*	37*	27
Até 6º ano*	64	21	26*	21*
9º ano*	61	16	19*	11*
12º ano*	68	27	44*	30*
Curso médio/superior*	71	33	33*	30*
ESE Baixo *	66	19	23	13
ESE Médio*	66	26	39	28
ESE Alto*	69	28	30	28
Total	67 (N=246)	25 (N=247)	32 (N=244)	24 (N=243)

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Legenda: * relações estatisticamente significativas.

⁷ O número de respostas "não sabe" é relativamente baixo: cinco inquiridos não sabem se a criança falou com algum dos pais sobre o que faz na internet; quatro não sabem se a criança falou sobre algo que a perturbou; sete não sabem se alguma vez pediu conselhos; oito não sabem se alguma vez pediu para comprar produtos online.

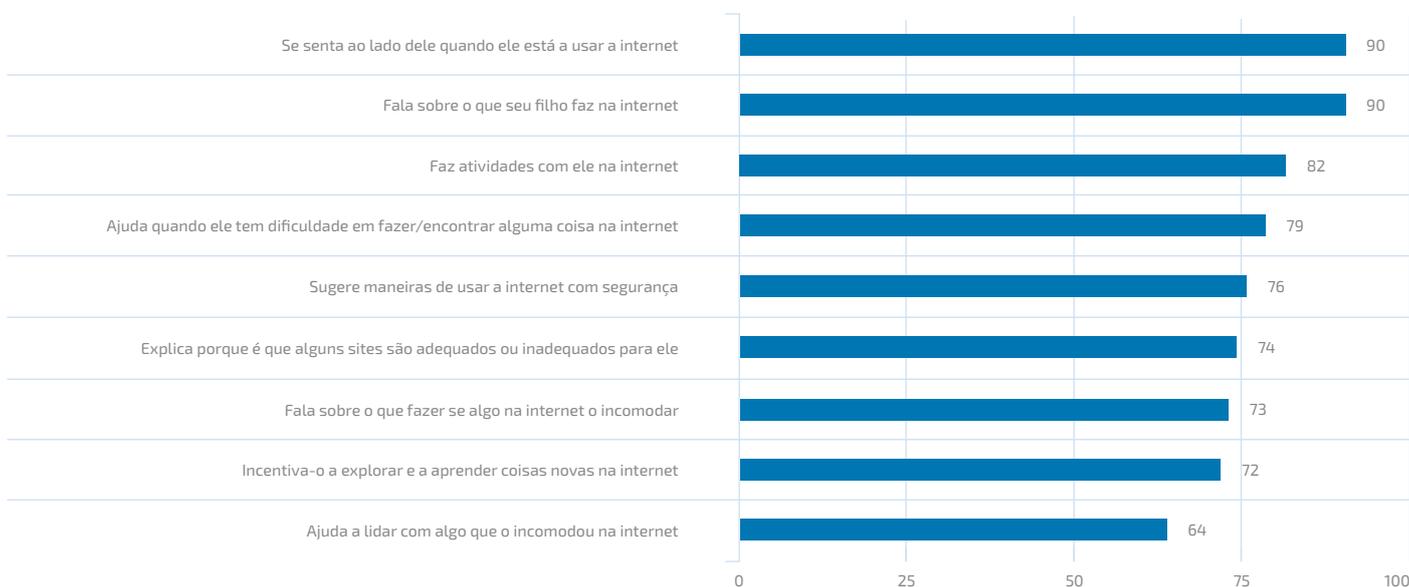
- *Falar com os pais sobre o que faz na internet* (164 crianças): apresenta resultados estatisticamente significativos apenas no que se refere à idade, subindo de mais de metade (52%) aos 3-5 anos para 75% aos 6-8 anos. Este resultado sugere contextos familiares onde o que a criança, seja rapaz ou rapariga, faz *online* é tema de conversa, independentemente da escolaridade dos pais ou do ESE do agregado.
- *Falar com os pais sobre alguma coisa que a perturbou na internet* (62 crianças): apresenta variações estatisticamente significativas por sexo (20% dos rapazes; 31% das raparigas) e por idade, cujos valores duplicam: 15% aos 3-5 anos, e 31% aos 6-8 anos. Também aqui, ainda que com uma menor ocorrência relativamente ao anterior, a diversidade socioeconómica e cultural não parece fazer diferença.
- *Pedir conselhos sobre como agir na internet* (78 crianças): varia significativamente com a idade, de 23% aos 3-5 anos para 37% aos 6-8 anos, e com a escolaridade dos pais, com uma relação não linear: é mais referida por inquiridos com o 12º ano de escolaridade (44%) e com cursos médio e superior (33%); é menos referida por inquiridos com o 9º ano de escolaridade (19%).
- *Pediu para comprar produtos ou serviços publicitados na internet* (58 crianças): varia apenas significativamente com o grau de escolaridade dos pais; é mais referida entre os inquiridos com 12º ano e curso médio e superior, 30% em ambos os casos; é referida por 21% dos que têm o 6º ano de escolaridade e apenas por 11% dos que têm o 9º ano de escolaridade.

Como reportam os pais a sua mediação ativa sobre usos da internet? A Figura 45 revela valores de mediação parental ativa semelhantes aos encontradas entre crianças mais velhas (9-16 anos) nos inquéritos *EU Kids Online*, de 2010 (Ponte *et al.*, 2012) e *Net Children Go Mobile*, de 2014 (Simões *et al.*, 2014): 90% dos pais de crianças desta idade dizem que se sentam ao lado da criança quando esta está na internet, e que falam com ela sobre o que faz na internet (a iniciativa de falar sobre o que a criança faz partirá mais dos pais do que da criança, tendo em conta os resultados anteriores).

Menos inquiridos referem mediações ativas mais intensas, envolvendo co-uso e intervenção: fazer atividades com a criança na internet (82%), ajudar quando a criança tem alguma dificuldade em fazer algo ou encontrar alguma coisa na internet (79%). Dar sugestões relativas a segurança, explicar a adequação ou não dos sites, falar com a criança sobre o que fazer em situação de incómodo ou incentivar a explorar e a aprender coisas novas apresentam valores semelhantes, na casa dos 76%-72%. Mais baixa é a percentagem dos que reportam que **ajudam** a criança a lidar com uma situação concreta que a incomodou: esta intervenção que implica um agir num dado 'momento de crise' é referida por 64%.

Como revela o Quadro 20, nenhuma destas mediações apresenta variações significativas consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga, o que mais uma vez sugere uma não diferenciação por género na educação parental. Algumas das mediações apresentam variações estatisticamente significantes noutros indicadores, apresentados de seguida segundo o seu número de casos.

Fig. 45 MEDIAÇÃO ATIVA SOBRE USOS NA INTERNET (%)



- *Faz atividades com a criança quando ela está na internet* (205 casos): o valor percentual cresce com o nível de escolaridade, de 69%-70% nos pais com 6º ano e 9º ano, para 88% nos pais com 12º ano e 91% nos pais com curso médio e superior. Esta variação é também estatisticamente significativa por nível socioeconómico do agregado: baixo: 65%; médio: 86%; alto: 89%.
- *Incentivar a criança a explorar e a aprender coisas novas na internet* (179 casos): varia significativamente com a idade da criança (60% aos 3-5 anos; 79% aos 6-8 anos), com a presença de irmãos (82%, para 67%, quando não vive com irmãos) e com o ESE: 60% no nível baixo; 71% no nível médio; 83% no nível alto.

Quadro 20

MEDIÇÃO ATIVA POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

Com que frequência o senhor/a senhora...	Fala sobre o que seu filho faz na internet	Incentiva-o a explorar e a aprender coisas novas na internet	Se senta ao lado dele quando ele está a usar a internet	Faz atividades com ele na internet
Rapaz*	92	72	89	78
Rapariga*	88	72	92	85
3-5*	87	60*	87	76
6-8*	91	79*	93	85
Até 6º ano*	92	67	85	69*
9º ano*	86	66	90	70*
12º ano*	89	69	91	88*
Curso médio/ superior*	94	84	94	91*
ESE Baixo *	91	60*	86	65*
ESE Médio*	88	71*	91	86*
ESE Alto*	93	83*	93	89*
Total	90 (N=247)	72 (N=249)	90 (N=250)	82 (N=250)

Com que frequência o senhor/a senhora...	Sugere maneiras de usar a internet com segurança	Fala sobre o que fazer se algo na internet o incomodar	Ajuda quando ele tem dificuldade em fazer/encontrar alguma coisa na internet	Explica porque é que alguns sites são adequados ou inadequados para ele	Ajuda a lidar com algo que o incomodou na internet
Rapaz*	79	74	79	74	59
Rapariga*	73	72	78	75	62
3-5*	58*	59*	68*	54*	52*
6-8*	86*	81*	84*	86*	71*
Até 6º ano*	64	69	71	71	53
9º ano*	77	70	77	75	64
12º ano*	72	71	78	70	61
Curso médio/ superior*	86	81	84	81	75
ESE Baixo *	65	64	68	65	52*
ESE Médio*	78	76	82	77	64*
ESE Alto*	82	78	82	79	75*
Total	78 (N=247)	73 (N=246)	79 (N=247)	79 (N=246)	64 (N=244)

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.
 Legenda: * relações estatisticamente significativas.

- *Ajudar quando a criança tem dificuldade em encontrar algo na internet* (195 casos), *sugerir maneiras de usar a internet em segurança* (192 casos), e *falar sobre o que fazer se algo incomodar a criança* (178 casos) variam apenas significativamente consoante a idade da criança: são referidos por um pouco mais de metade dos inquiridos relativamente a crianças de três a cinco anos, valor que sobe para os 80% na faixa etária seguinte.
- *Ajudar a criança a lidar com algo que a incomodou* (156 casos) varia por idade, subindo de 52% para 71%, e também por ESE do agregado: baixo: 52% médio: 64%; alto: 75%.

A frequência com que estas mediações são realizadas, apresentada na Figura 46, ajuda a matizar os resultados anteriores ao ressaltar que são sobretudo ocasionais.

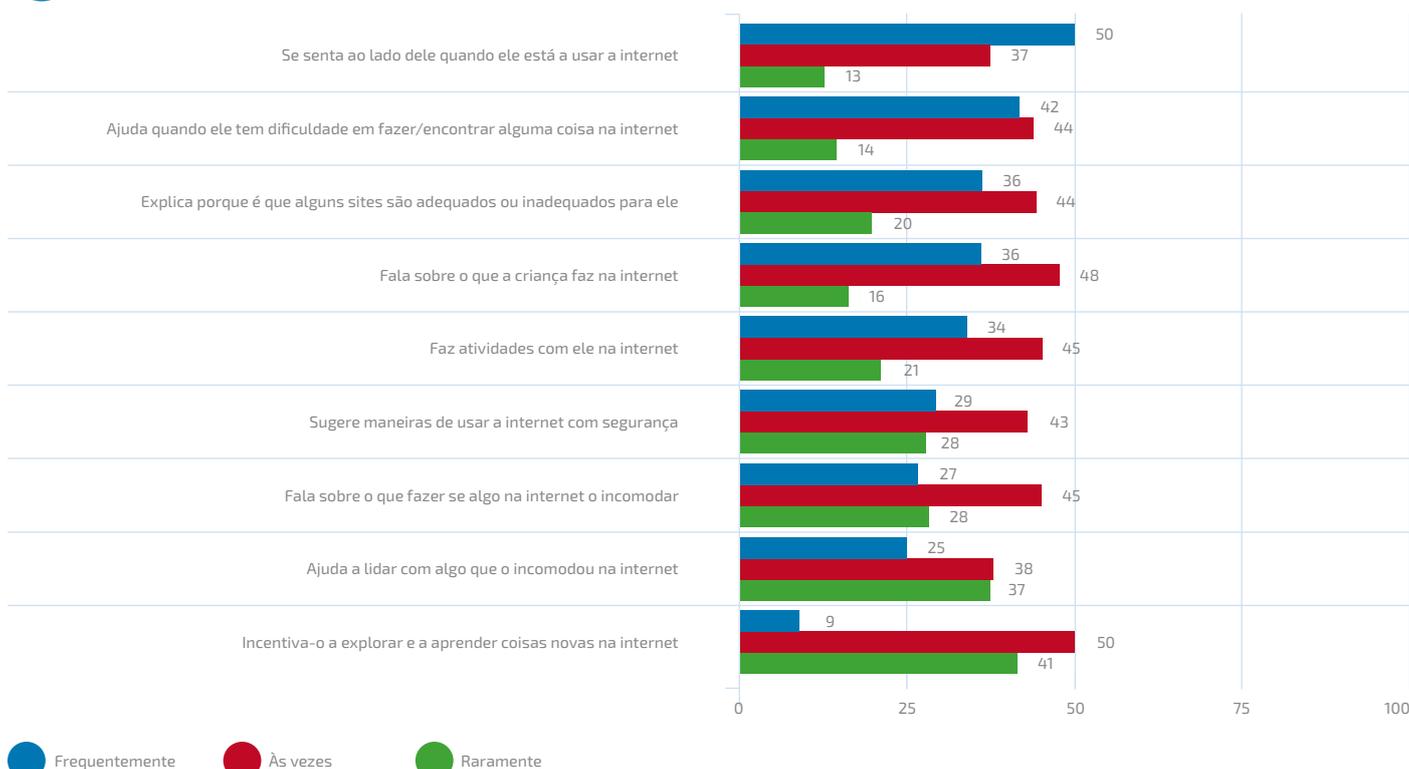
A única mediação que se apresenta como sendo mais frequente do que ocasional ou rara é a presença ao lado da criança quando ela está a usar a internet. É referida como sendo frequente por metade dos inquiridos. No entanto, esta presença tanto pode ter um lado ativo (estar sentado ao lado em diálogo com a criança ou observando o que faz) como passivo e

indiferente. Do lado oposto, a mediação menos frequente (referida por 9%) é a intervenção mais desafiante: incentivar a explorar e a aprender coisas novas na internet.

Relativamente à mediação técnica – bloquear ou filtrar websites, verificar o histórico dos websites e programas visitados ou usados pela criança, filtrar aplicações ou programas que a criança pode descarregar, ou dispor de um sistema de alerta no caso de a criança tentar fazer compras *online* –, as respostas coincidem, com 22% e 23% dos inquiridos a referir que o faz, como se vê no Quadro 21.

- *Bloquear ou filtrar websites* apresenta valores estatisticamente significativos por sexo, com os rapazes a serem alvo do dobro da intervenção realizada relativamente a raparigas (respetivamente 30% e 15%), por ano de escolaridade dos pais (subindo de 11%-13% nos níveis mais baixos para 23% entre pais com 12º ano e 37% entre pais com curso médio ou superior), e por ESE do agregado, com idêntico padrão: baixo: 13%; médio: 20%; alto: 36%.
- *Verificar o histórico dos websites* apresenta padrões de valores semelhantes aos anteriores, estatisticamente significativos no que se refere aos graus de escolaridade e por nível socioeconómico do agregado⁸.

Fig. 46 FREQUÊNCIA COM QUE O INQUIRIDO FALA SOBRE CADA UM DOS ASSUNTOS SOBRE INTERNET COM A CRIANÇA (%)



● Frequentemente ● Às vezes ● Raramente

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

⁸ A verificação do website e dispor de um alerta no caso de a criança tentar fazer compras online verificam-se mais entre utilizadores da internet (25%) do que entre não utilizadores (7%).

Quadro
21

MEDIAÇÃO TÉCNICA POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Bloquear ou filtrar websites	Verificar histórico dos websites e programas visitados/usados pelo seu filho	Filtrar as aplicações/programas que o seu filho pode descarregar	Alertar no caso de o seu filho tentar fazer compras online
Rapaz*	30*	24	28	24
Rapariga*	15*	21	18	20
3-5*	24	17	23	20
6-8*	22	25	23	23
Até 6º ano*	11*	13*	16	16
9º ano*	13*	11*	14	16
12º ano*	23*	27*	26	24
Curso médio/ superior*	37*	32*	31	29
ESE Baixo *	13*	13*	13	16
ESE Médio*	20*	22*	25	23
ESE Alto*	36*	31*	29	26
Total	23 (N= 244)	22 (N= 246)	23 (N= 244)	23 (N= 245)

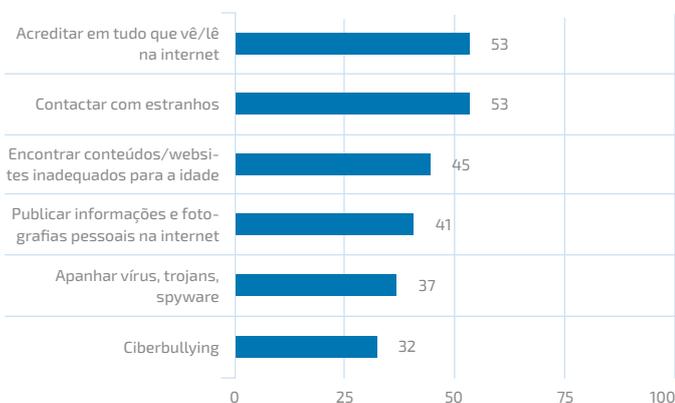
ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Legenda: * relações estatisticamente significativas.

Relativamente a preocupações sobre segurança *online* nesta idade, e excluindo os inquiridos que declararam não saber responder à questão, obtiveram-se os seguintes valores relativos, apresentados na Figura 47.

As principais preocupações remetem para a ingenuidade da criança relativamente ao que se apresenta aos seus olhos (acreditar em tudo o que vê na internet) e ao contacto com estranhos, ambas referidas por mais de metade dos inquiridos.

Fig. 47 Mediação de segurança online (%)



ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Se a primeira é própria dos primeiros anos de vida e se pode associar a cenas que visiona em vídeos de imagem real produzidos pelo utilizador, por exemplo, já o receio de contacto com estranhos enunciado de modo tão expressivo não parecer em conta que as crianças desta idade, nas suas atividades, pouco fazem uso de plataformas que facilitem esse contacto⁹.

A preocupação com encontrar conteúdos e *websites* inadequados para a idade vem em terceiro lugar (45%) e está em linha com idêntica preocupação relativamente aos ecrãs televisivos. É seguida de perto pelo receio de que a criança publique informações e fotografias pessoais na internet (41%), uma preocupação que parece ignorar as relativamente baixas competências reportadas em matéria de usos de plataformas sociais, mais uma vez como que antecipando para esta idade a teia de preocupações expressa relativamente a crianças mais velhas e que fazem parte dos "guiões públicos" de preocupações sobre crianças e internet.

Preocupações com vírus e outros riscos tecnológicos e preocupações relativas com *ciberbullying*, um comportamento persistente e agressivo por parte de pares, são referidos por cerca de um terço dos inquiridos.

⁹ Esta preocupação precoce está em linha com a preocupação expressa pelos pais portugueses relativamente a crianças mais velhas e adolescentes, como se viu nos inquéritos europeus *EU Kids Online* (2010) e *Net Children Go Mobile* (2014), relativos a crianças de nove a 16 anos. Parece estarmos perante um padrão cultural de receio do "outro", fazendo coincidir a figura do "estranho" com um adulto, potencial pedófilo ou raptor. As possibilidades positivas de a criança ou adolescente contactar ou ser contactada por alguém com quem partilhe interesses – como acontecia em gerações anteriores, com a troca de correspondência postal – parecem fora do horizonte.

Como se observa no Quadro 22, todas estas preocupações aumentam significativamente com a idade, em valores que chegam a duplicar ou mesmo a quadruplicar, como no caso do *ciberbullying*.

As preocupações com a possibilidade de a criança encontrar conteúdos ou websites inadequados à sua idade e com a possibilidade de a criança acreditar em tudo o que vê na internet são mais expressas por pais com formação superior (56% e 61%, respetivamente) e menos expressas por pais com o 9º ano de escolaridade (30% e 37%, respetivamente). Esta segunda preocupação recolhe mais de metade das respostas nos restantes níveis de escolaridade dos pais. Por ESE, é significativa a diferença entre o nível baixo (38%) e os dois restantes, que coincidem nos 58%.

As diferenças por sexo na criança manifestam valores estatisticamente significativos nas preocupações parentais relativas ao *ciberbullying* e ao risco de o dispositivo apanhar vírus e outros problemas técnicos. Em ambos os casos os valores referidos a rapazes superam largamente os valores referidos a raparigas: 39% e 25%, respetivamente, para o *ciberbullying*; 44% e 30%, respetivamente, para os riscos tecnológicos.

4.3 - Apreciações dos pais sobre a importância da internet

A Figura 48 apresenta considerações dos pais em relação à internet. Com as devidas cautelas por estarmos perante números diferentes de inquiridos, vale a pena considerar as respostas comparando-as com as que foram dadas para a televisão.

As duas considerações que recolheram maior nível de concordância, os benefícios para o desenvolvimento global da criança e a existência de conteúdos que podem ser inadequados – que não se excluem mutuamente – não diferem muito do que foi encontrado para a televisão (Figura 20). Contudo, enquanto na televisão os valores quase coincidiam, perto dos 80%, neste caso a apreciação positiva sobre o potencial da internet para o desenvolvimento global da criança, expressa por três quartos dos inquiridos cujos filhos acedem à internet, demarca-se um pouco mais da consideração negativa, de que a criança, na internet, pode encontrar conteúdos que não são adequados, expressa por 69%.

Quadro 22

MEDIÇÃO DE SEGURANÇA ONLINE POR SEXO E IDADE DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DO INQUIRIDO E ESE DO AGREGADO FAMILIAR (%)

	Encontrar conteúdos/websites inadequados para a idade	Acreditar em tudo que vê/lê na internet	Ciberbullying	Publicar informações e fotografias pessoais na internet	Apanhar vírus, trojans, spyware	Contactar com estranhos
Rapaz*	50	57	39*	44	44*	56
Rapariga*	39	50	25*	37	30*	50
3-5*	25*	36*	10*	21*	23*	36*
6-8*	55*	63*	44*	51*	44*	62*
Vive com irmãos	41	57	37	40	37	52
Não vive com irmãos	47	51	30	41	37	54
Até 6º ano*	45*	57*	24*	39	43	55
9º ano*	30*	37*	19*	30	30	48
12º ano*	47*	57*	35*	44	39	51
Curso médio/ superior*	56*	61*	45*	48	37	59
ESE Baixo *	36	38*	18*	32	30	51
ESE Médio*	47	58*	36*	46	42	54
ESE Alto*	49	58*	39*	41	35	54
Total	45 (N=246)	53 (N=246)	32 (N=247)	41 (N=245)	37 (N=246)	53 (N=247)

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

Legenda: * relações estatisticamente significativas.

O contributo da internet para um bom desempenho escolar da criança é apontado por cerca de dois terços, um valor que supera o que foi atribuído à televisão (50%). Esta diferença vai na linha de uma consideração reconhecida de que a televisão, estando sobretudo associada a entretenimento, tende a ser menos vista com valor pedagógico do que a internet, que surgiu carregada com atributos ligados ao conhecimento e à pesquisa de informação (Clark *et al.*, 2005).

Por sua vez, a concordância com a afirmação de que é preferível que a criança esteja ocupada com outras coisas em vez de estar na internet, expressa por 60% dos inquiridos cujos filhos acedem à internet, supera a afirmação idêntica relativa à televisão, expressa por 47% dos inquiridos que responderam ao estudo.

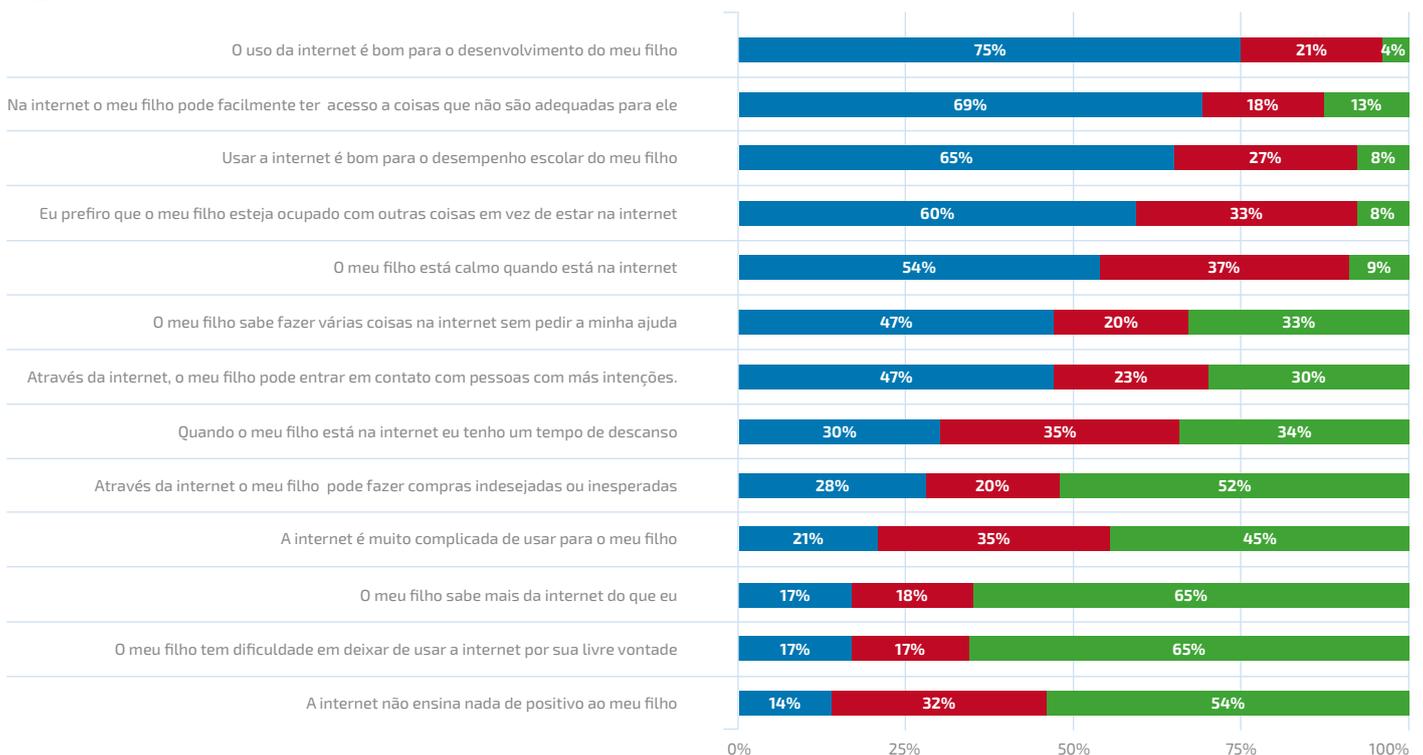
O reconhecimento da função apaziguadora das atividades *online* é mencionado por um pouco mais de metade (54%) daqueles inquiridos, um valor que fica bastante abaixo do valor atribuído à consideração idêntica face à televisão (73%).

Claramente, os ecrãs televisivos e o seu visionamento surgem como mais tranquilos e "calmos" para a criança do que as atividades *online*.

Perto de metade dos pais cujos filhos acedem à internet (47%) concorda em reconhecer alguma autonomia da criança na utilização da internet; é esse o valor que também recolhe a consideração sobre a possibilidade de a criança ser contactada por estranhos.

A consideração de que quando a criança está na internet os pais podem ter algum tempo de descanso reparte-se quase equitativamente entre os que discordam, os que não têm posição e os que concordam, com vantagem para os que não têm posição (35%), logo seguidos dos que discordam (34%). Esta é das considerações que mais diverge do que foi respondido relativamente à televisão: nos extremos, mais de metade (54%) concordavam e apenas 13% discordavam.

Fig. 48 CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERNET (%)



● Concordo totalmente/ concordo ● Não concordo, nem discordo ● Discordo/ discordo totalmente

ERC. Base: Inquérito aos pais, crianças que acedem à internet.

As considerações que mereceram maior discordância foram as relativas ao nível de conhecimento digital da criança (*o meu filho sabe mais da internet do que eu*) e ao grau de dependência que a atividade suscita (*o meu filho tem dificuldade de deixar a internet por sua livre vontade*). Ambas recolheram quase dois terços de discordância por parte dos pais cujos filhos acedem à internet, deste modo contrariando duas ideias popularizadas, a dos 'nativos digitais' e a da dependência digital decorrente do uso. Mais de metade discorda também da consideração de que a internet não ensina nada à criança (54%) ou de que a internet facilita a realização de compras inadequadas ou inesperadas (52%).

Por fim, um pouco menos de metade (45%) destes pais cujos filhos acedem à internet discorda da consideração de que a internet é difícil de usar pela criança, um valor que mais que duplica o dos que concordam (21%).

Vejamos que cruzamentos significativos surgiram:

Varição por sexo: a referência a *Usar a internet é bom para o desempenho escolar do meu filho* recolhe maior concordância quando a criança é rapaz (71%) do que quando é rapariga (58%); 5% dos pais de rapazes discordam, para 12% dos pais de raparigas. A afirmação de que *o meu filho sabe fazer várias coisas na internet sem pedir a minha ajuda* é também mais corroborada por pais de rapazes (56%) do que de raparigas (38%) – aliás, este valor relativo a competências e autonomia de raparigas é superado pelo valor dos pais que discordam (39%), enquanto 23% não têm posição.

Varição por idade: A consideração relativa a autonomia e competências regista uma viragem na passagem de idade: entre os 3-5 anos a discordância vence, com 42%, enquanto 33% concordam; entre 6-8 anos, mais de metade (55%) concorda, quase duplicando o valor dos que discordam (28%). A consideração do grau de dificuldade – *a internet é muito complicada de usar para o meu filho* – varia também significativamente com a idade: entre os três e os cinco anos, 43% dos inquiridos cujas crianças usam a internet não conseguem tomar posição e quase um terço (32%) discorda. Entre os seis e os oito anos, mais de metade (52%) discorda e os que não conseguem tomar posição baixam para 30%.

Varição por ESE: A consideração do potencial educativo da internet – *a internet não ensina nada de positivo ao meu filho* – varia significativamente com o ESE do agregado familiar: nos níveis alto e médio a discordância ultrapassa os 60%; no nível baixo, 44% não concordam nem discordam e 37% discordam; é neste nível que é mais elevado o valor dos que concordam (19%). A consideração sobre as relações do saber – *o meu filho*

sabe mais da internet do que eu –, que são também relações de poder, varia significativamente com o ESE do agregado, registando a discordância de 71%-70% nos níveis alto e médio, respetivamente, e a discordância de cerca de metade dos inquiridos (51%) de agregado de nível baixo.

Varição por grau de escolaridade: a consideração de que a criança sabe mais da internet do que o inquirido é ainda estatisticamente significativa por grau de escolaridade:

- 28% dos inquiridos com escolaridade até ao 6º ano concordam com a afirmação e a mesma percentagem não concorda nem discorda;
- 68% dos inquiridos até ao 9º ano discordam, mais que triplicando o valor dos que concordam (21%);
- 66% dos inquiridos até ao 12º discordam, seis vezes mais do que o valor dos que concordam (11%);
- 75% dos inquiridos com curso médio ou superior discordam, 16% concordam.

4.4 - Cruzando olhares de crianças (6-8 anos) e seus pais

Tal como aconteceu com o visionamento televisivo e os jogos, também as respostas de crianças de 6-8 anos e dos seus pais coincidem quanto ao acesso (ou não acesso) à internet. Não existe diferença entre as respostas obtidas junto das crianças de 6-8 anos e as que pudemos apurar junto dos seus pais no que respeita à utilização global da internet (Quadro 23). Nestas idades, perto de dois terços (62%) acedem à internet.

Encontramos contudo, diferenças no que respeita à frequência de utilização: os pais referem mais o uso diário ou quase (46%), a criança refere mais um uso menos frequente, pelo menos uma vez por semana (43%). Por sua vez, 38% das crianças dizem que raramente usam a internet, mais do triplo do que os pais referem (12%).

Neste uso, a Figura 49 revela diferenças significativas quer por ESE, quer por escolaridade dos pais inquiridos.

A percentagem de utilizadores desta faixa etária entre as crianças de meios socioeconómicos elevados é quase o dobro da que encontramos em famílias de ESE baixo. A mesma diferença relativa pode ser encontrada no que se refere à escolaridade dos pais, entre o nível mais baixo e o mais elevado.

Quadro 23

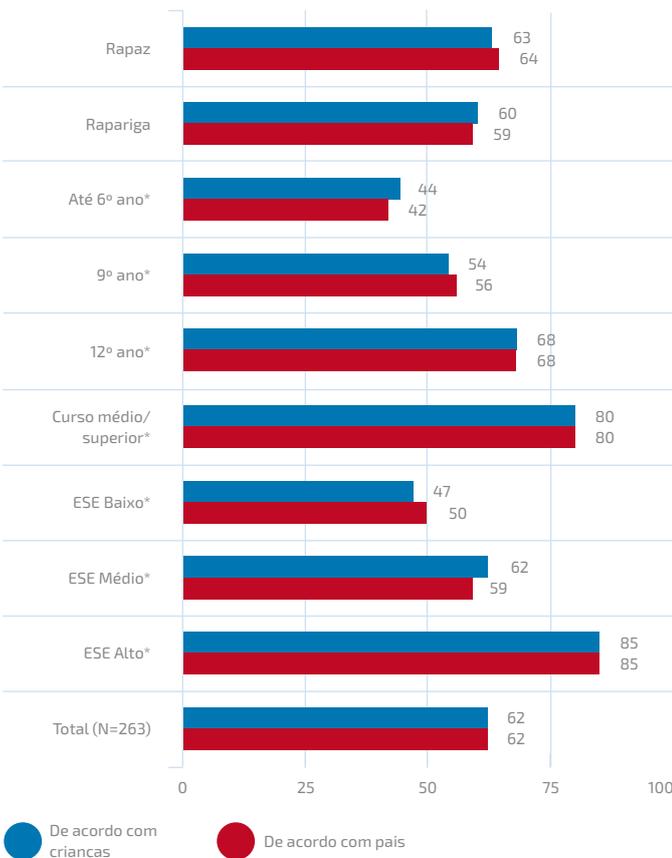
UTILIZAÇÃO DE INTERNET DE ACORDO COM CRIANÇAS DE 6-8 ANOS E PAIS (%)

Utilização internet	Uso filhos	Uso filhos (de acordo com pais)
Utilizadores	62	62
Não utilizadores	38	38
N= 263		
Todos os dias ou quase todos os dias	35	46
Pelo menos uma vez por semana	43	38
Pelo menos uma vez por mês	8	4
Raramente	38	12
N= 162		

ERC. Base: crianças 6-8 anos; pais de crianças de 6-8 anos.

Fig. 49

UTILIZAÇÃO DA INTERNET DE ACORDO COM AS CRIANÇAS DE 6-8 ANOS E PAIS POR SEXO DA CRIANÇA, ESCOLARIDADE DOS PAIS E ESE (%)



ERC. Base: crianças de 6-8 anos; pais de crianças de 6-8 anos. *relações estatisticamente significativas

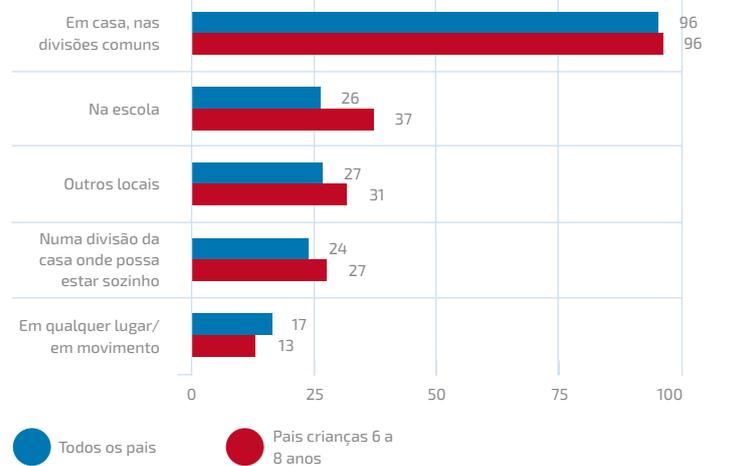
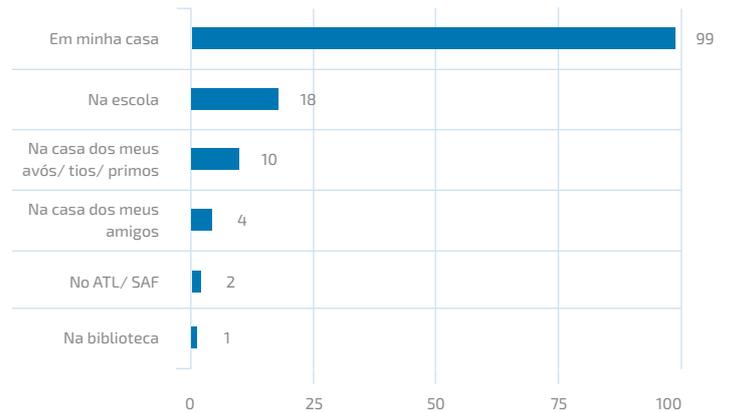
As diferenças por sexo são ligeiras, à semelhança do que temos verificado noutros casos, o que sugere não discriminação no modo como pais consideram o acesso digital de filhos e filhas.

A Figura 50, relativamente aos espaços, também praticamente não apresenta diferenças entre as respostas de pais e filhos, revelando sintonia entre as mesmas. O lar é o contexto por excelência de utilização por parte das crianças de 6-8.

Fig. 50

LOCAIS ONDE USA A INTERNET DE ACORDO COM AS CRIANÇAS DE 6-8 ANOS E OS PAIS (%)

Crianças



ERC. Base: crianças de 6-8 anos que utilizam internet; pais de crianças que utilizam internet.

O uso na escola surge 'inflacionado' no caso dos pais: apenas 18% das crianças de 6-8 anos referem esse uso, praticamente metade do valor apontado pelos seus pais (37%). Em todos os outros locais inquiridos à criança (casa de amigos, de familiares, ATL, bibliotecas) encontramos também valores menores do que os apontados pelos seus pais.

A Figura 51, que apresenta as atividades apontadas por crianças de 6-8 anos e o que os seus pais reportam que elas fazem, acentua também diferenças nas respostas.

As respostas dos pais, na coluna da direita, referem maior dedicação das crianças mais velhas aos jogos (mais 10 pontos percentuais), à música e à procura de informação (a maior subida). Descarregam mais músicas e filmes, o que sugere um aumento de competências digitais.

Contudo, na coluna da esquerda, encontramos da parte das crianças valores muito mais baixos do que os reportados pelos pais: pouco mais de metade (53%) refere que vê filmes e desenhos animados; jogar jogos e ouvir música /ver vídeos de música estão abaixo da metade.

Não havendo uma exata correspondência entre as restantes atividades inquiridas aos pais e às crianças não são possíveis outras comparações. As crianças desta idade parecem, contudo, ter dificuldade em identificar o que fazem na internet segundo este inventário de atividades.

Nas atividades preferidas (*O que gostas mais de fazer na internet?*), onde podiam indicar até três, os jogos e o mundo audiovisual foram amplamente nomeados.

Digimon, Vídeos Winx, Vídeos Minecraft, Vídeos Pinypon (uma referência cada).

Os jogos (74 vezes no topo) são referidos sobretudo de forma genérica: *jogar* (65 referências). Referências específicas: *Jogar FRIV* (2 referências); *StarDoll* (2 referências); *Jogar Dragon City*; *Jogos de corridas automóveis*; *Jogos de roupa*; *Candy Crush*; *Minecraft* (uma referência cada).

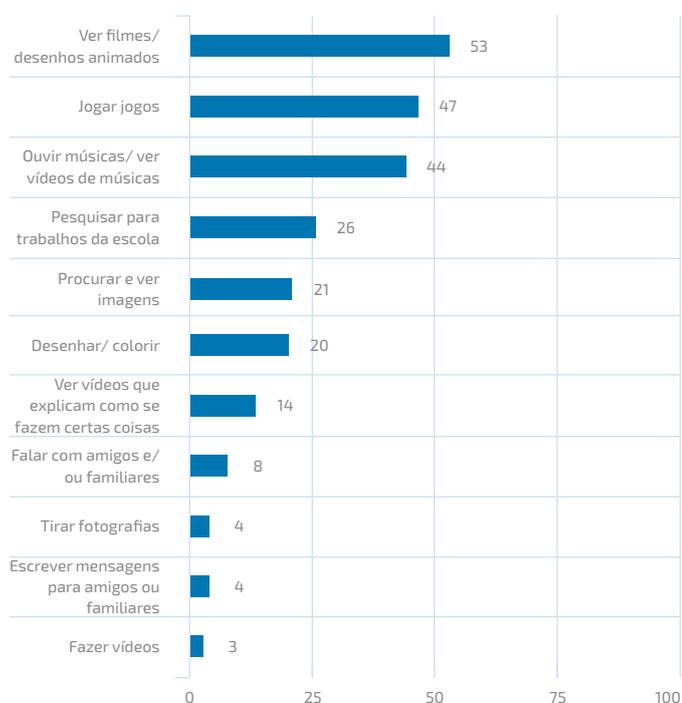
A música aparece sobretudo referida genericamente – *ouvir música* (37 referências) – mas há três referências específicas às *Músicas do Panda*.

Há atividades favoritas que apontam outros interesses, competências informacionais e comunicacionais, e implicação da criança na relação com outros internautas:

- comunicar pela internet: conversar com familiares (5); conversar com amigos (4);

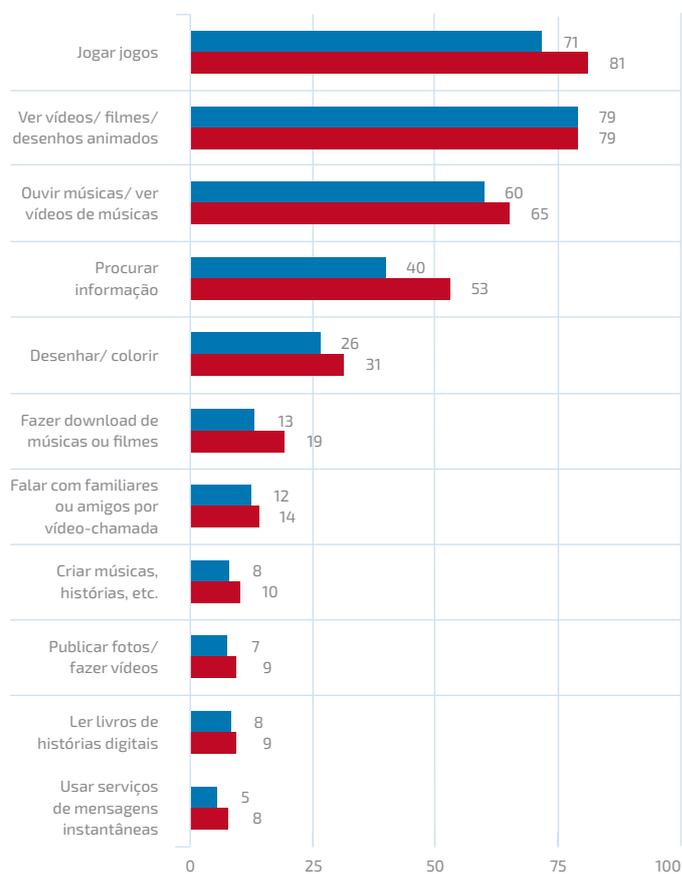
Fig. 51 ATIVIDADES NA INTERNET DE ACORDO COM AS CRIANÇAS DE 6-8 ANOS E OS PAIS (%)

Crianças



Filmes, animação e vídeos (111 vezes no topo) são enunciado sobretudo de forma genérica: *ver filmes* (40); *ver desenhos animados* (34). Também são associados a vias de visionamento – *YouTube* (15); *Netflix* (1) ou conteúdos concretos: *ver vídeos de apanhados* (5); *vídeos Pokemon*, *Vídeos Mickey*, *Vídeos*

Pais



● Todos os pais ● Pais de crianças de 6 a 8 anos

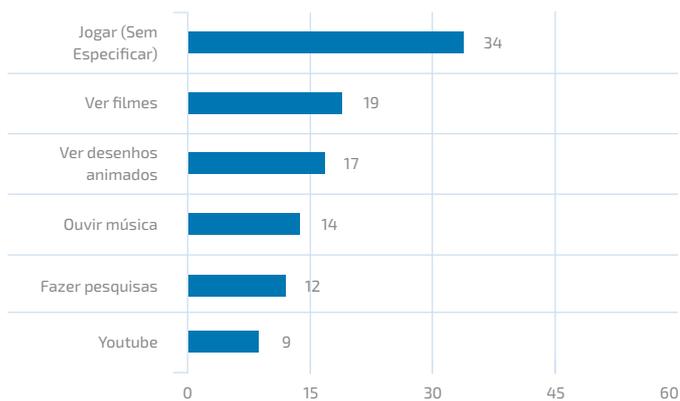
ERC. Base: crianças de 6-8 anos que utilizam internet; pais de crianças que utilizam internet.

- objetivos e conteúdos educativos e expressivos: *Desenhar/pintar* (7), *aprender* (3); *ler* (2), *Escola Virtual* (1);
- outras situações: três crianças indicam Facebook como atividade preferida; duas assinalam *publicar e ver fotografias* e outras duas, *instalar jogos*, apontando para competências técnicas avançadas.

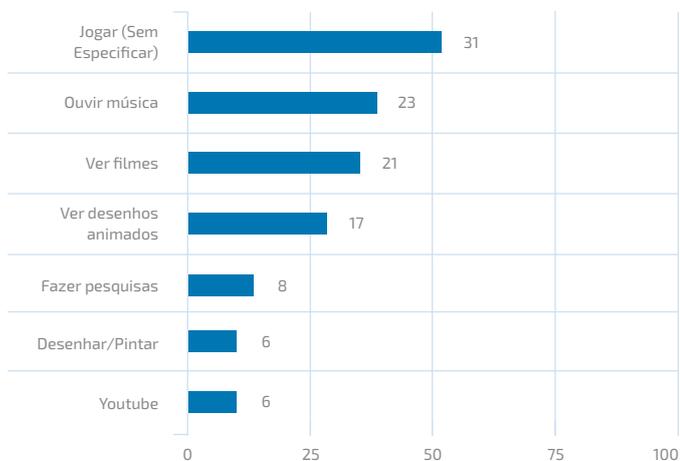
A Figura 52 coloca lado a lado as atividades preferidas que obtiveram mais de cinco referências por parte de rapazes (105 referências) e raparigas (112 referências), com totais relativamente próximos. Eles destacaram seis atividades, elas sete, pois incluem também desenhar/pintar – todas as atividades, coincidem, com os jogos a liderar.

Fig. 52 ATIVIDADES NA INTERNET QUE AS CRIANÇAS MAIS GOSTAM DE FAZER, POR SEXO (N)

Rapazes



Raparigas



ERC. Base: crianças de 6-8 anos que utilizam internet (Rapazes - N = 85; Raparigas - N = 77).

Estes resultados sugerem interesses e uma cultura de infância comum, que se expressa ludicamente no digital – o que varia, como já vimos na seção dos jogos, são conteúdos específicos: *que filmes, que jogos, que músicas, que pesquisas*.

O Quadro 24, que reúne **47** referências mais esporádicas, revela algumas atividades comuns: *conversar com familiares; conversar com amigos; vídeos de apanhados; aprender; publicar e ver fotografias*.

Quadro 24

REFERÊNCIAS A ATIVIDADES QUE GOSTAM MAIS DE FAZER (N)

Rapazes		Raparigas	
4 refs. (1 desig.)	<i>Conversar com familiares</i>		
3 refs. (2 desig.)	<i>Conversar com amigos, Vídeos de apanhados</i>	3 refs. (1 desig.)	<i>Músicas do Panda</i>
2 refs. (1 desig.)	<i>Aprender</i>	2 refs. (3 desig.)	<i>Facebook; StarDoll; Vídeos de apanhados</i>
1 ref. (13 desig.)	<i>Candy Crush; Desenhar/ pintar; Facebook; Instalar jogos; Jogar dragon city; Jogos de corrida de automóveis, Jogar FRIV, Ler, Minecraft, Publicar e ver fotografias; Vídeos Digimon, Vídeos Minecraft, Vídeos Pokemon.</i>	1 ref. (13 desig.)	<i>Aprender; conversar com amigos; Conversar com familiares; Escola Virtual; Instalar jogos, Jogar FRIV, Jogos de roupa, Ler, Netflix; Publicar e ver fotografias; Vídeos Mickey, Vídeos Pinypon, Vídeos Winx</i>

ERC. Base: crianças de 6-8 anos que utilizam internet

Das 162 crianças de seis a oito anos que usam internet, mais de metade (56%) referem que a usam com outras pessoas. Os resultados coincidem genericamente com os reportados pelos pais, colocando estes com uma liderança ainda mais destacada (80%). Os irmãos (22%) e os amigos (19%) são referidos a distância. Outros familiares (10%) e professores (9%) são outras companhias indicadas pelas crianças desta idade.

O Quadro 25 especifica o que referem relativamente às companhias mais apontadas, onde predominam atividades transversais: *Jogar (sem especificar); ver desenhos animados; ver filmes; YouTube; ouvir música*.

Entre as **63 referências** a atividades associadas a **pais** surgem algumas com clara orientação educacional e de aprendizagem (*Fazer pesquisa; Aprender; Escola Virtual; Vídeos de cozinha*), e outras atividades partilhadas: Facebook; comunicar com familiares; jogar jogos de mais velhos (Jogar Criminal Case).

Quadro
25

REFERÊNCIAS A ATIVIDADES QUE CRIANÇAS GOSTAM MAIS DE FAZER COM... (N)

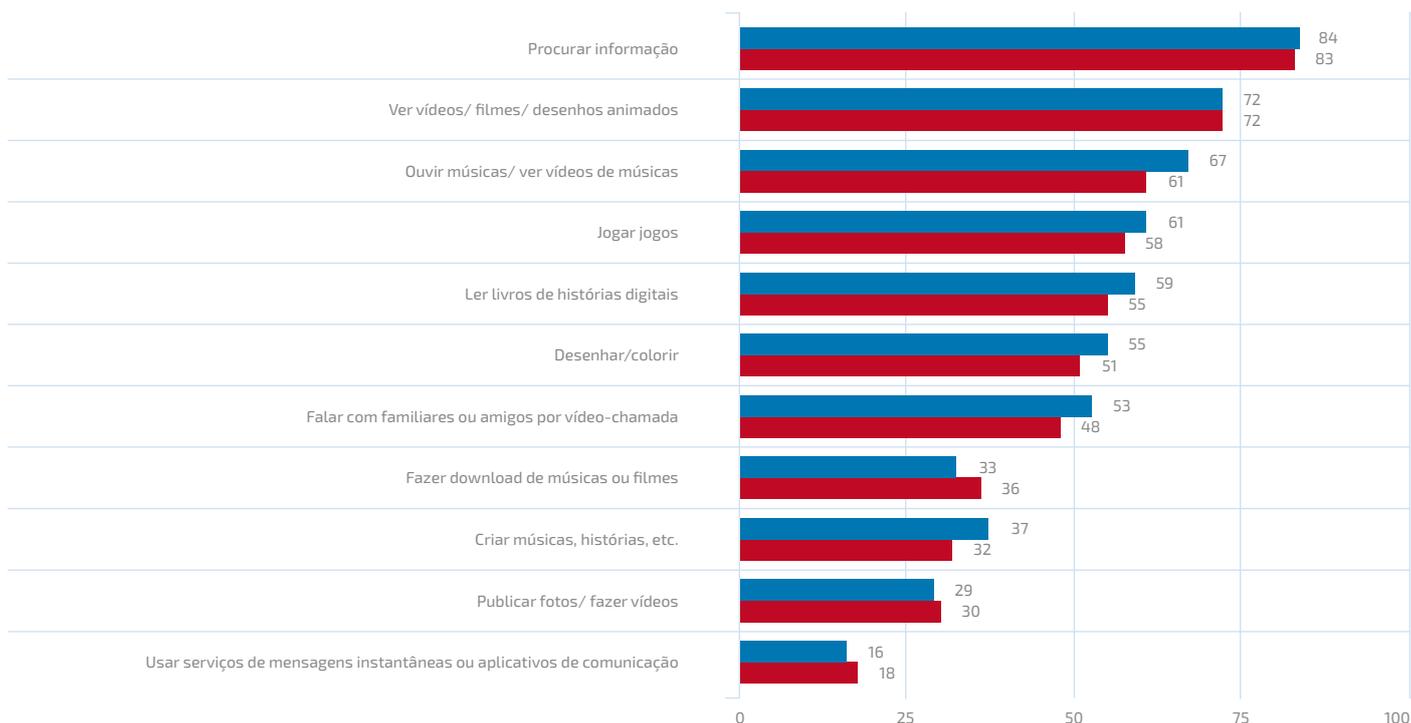
Pais (N=90)		Irmãos (N=20)		Amigos (N=17)	
21 refs. (1 desig.)	Jogar (sem especificar)				
15 refs. (21 desig.)	Ver filmes				
		13 refs. (1 desig.)	Jogar (sem especificar)		
12 refs. (2 desig.)	Fazer pesquisa; Ouvir música				
7 refs. (2 desig.)	YouTube; Ver desenhos animados				
5 refs. (1 desig.)	Vídeos de apanhados	5 refs. (1 desig.)	Ouvir música	5 refs. (1 desig.)	Jogar (sem especificar)
		3 refs. (1 desig.)	Ver desenhos animados	4 refs. (1 desig.)	Ouvir música
2 refs. (2 desig.)	Desenhar/Pintar; Candy Crush	2 refs. (1 desig.)	YouTube	2 refs. (2 desig.)	Ver desenhos animados; YouTube
1 refs. (6 desig.)	Aprender; Conversar com familiares; Escola Virtual; Facebook; Jogar Criminal Case; Vídeos de cozinha	1 refs. (4 desig.)	Escola Virtual; Jogar FRIV; Publicar e ver fotografias; Ver filmes	1 refs. (7 desig.)	Conversar com amigos; Conversar com familiares; Jogar FRIV, Super Heróis, Ver filmes; Vídeos de apanhados; Vídeos Pokemon

ERC. Base: crianças de 6-8 anos que utilizam internet

Fig. 53

ATIVIDADES QUE FAZ NA INTERNET SEGUNDO OS PAIS (%)

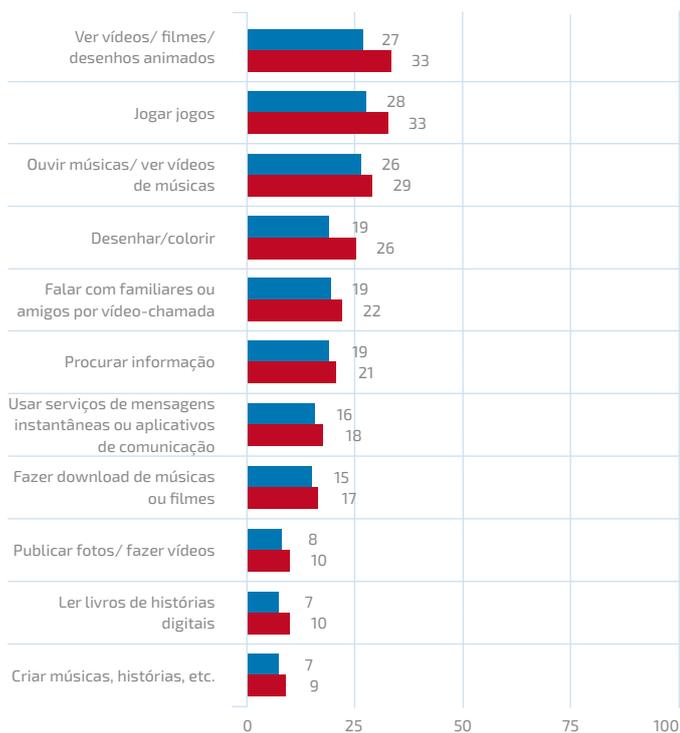
Com os pais



Todos os pais

Pais de crianças de 6 a 8 anos

Com os irmãos



● Todos os pais ● Pais crianças 6 a 8 anos

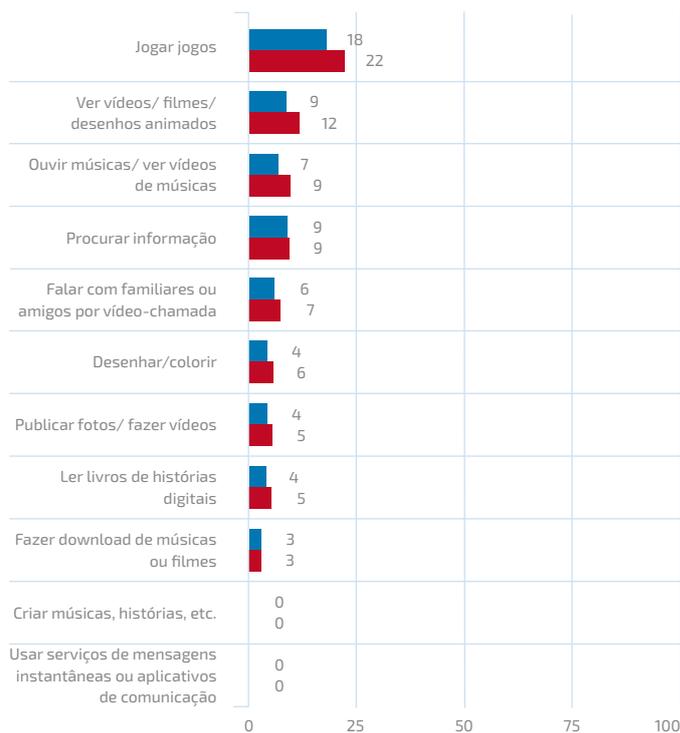
ERC. Base: pais de crianças que utilizam internet.

As respostas dos pais das crianças desta idade sobre as atividades que a criança costuma fazer na sua companhia, de irmãos e de amigos, na Figura 53, dão conta de ligeiras variações que se verificam relativamente aos resultados gerais, expostos na Figura 41.

Ao invés de colocarem os jogos em primeiro lugar, como as crianças o fizeram, os pais destacaram *procurar informação* (84%) como a principal atividade que realizam em conjunto com elas, seguindo-se as outras também referidas pelas crianças. Esta variação sugere diferentes olhares sobre o que se faz na internet e uma tendência para valorizar a rede como recurso informacional e educacional por parte dos pais. Ainda que a descida seja relativamente baixa, não deixa de ser interpelante notar a redução de atividades comunicacionais, expressivas e criativas feitas em conjunto, como *ler livros de histórias digitais, falar com familiares e amigos por videochamada, criar histórias e músicas*.

Na perspetiva dos pais, o que as crianças desta idade fazem com os irmãos e os amigos não varia nas posições de topo: ver vídeos, jogar, ouvir músicas. As atividades na companhia de amigos recolhem valores mais baixos do que na companhia de irmãos.

Com os amigos



● Todos os pais ● Pais crianças 6 a 8 anos

A relação das crianças desta idade com o digital é mais vivida através da ligação a adultos (eles, pais) do que através do contacto com pares. Os baixos valores relativamente à companhia de amigos acentuam infâncias vividas no singular, com escassa possibilidade de experienciar com pessoas da mesma idade – como poderia acontecer em espaços escolares.

Relativamente às redes sociais, o espaço de comunicação com pares e familiares que os pais consideraram fora da experiência das crianças (apenas oito referências registadas), as crianças desta idade que usam a internet apontaram valores expressivos de uso.

No total, as indicações de redes somam 67 referências. Uma rede para crianças (*Club Penguin*) e outra para mais velhos (*Facebook*) recolhem 20 referências cada. A rede *StarDoll* é referida seis vezes e a rede *Habbo*, duas vezes. O conjunto de outras redes soma 19 referências. Estes valores, relativamente baixos, superam bastante os indicados pelos pais.

Dois questões abertas procuraram saber mais sobre as redes sociais que foram perguntadas: *E do que disseste, o que é que mais gostas? O que costumavas fazer lá?*

A resposta à primeira questão indicou como rede favorita o *Facebook* (27%), seguida do *Club Penguin* (26%). As redes *Habbo* e *StarDoll* recolheram 2% cada. Mas as crianças referiram também outros ambientes, como o YouTube. Atividades ligadas a conteúdos audiovisuais do seu interesse – *Ver desenhos animados* (18%), *ver vídeos no YouTube* (10%), *ouvir música* (2%), *ver vídeos de ballet* (2%) – somam perto de um terço das preferências.

Nas respostas sobre as atividades mais frequentes nas redes sociais, 24 crianças destacaram jogos e 20 referiram *ver filmes*. *Conversar com amigos* surge em terceiro lugar, apontado por 13 das crianças desta idade, à frente das *conversas com familiares*, referidas por três. Quatro referiram a publicação de fotos. Atividades apontadas por uma ou duas crianças foram: desenhar; pesquisar; ouvir música; ler artigos; publicar vídeos.

Mediação restritiva: o não uso da internet será a principal mediação restritiva, que se exerce sobre 38% das crianças desta idade, como vimos no Quadro 23. Das 162 que usam internet, 106 (65%) responderam à pergunta formulada de uma forma aberta: *Há coisas que os teus pais não te deixam fazer na internet? Se sim, o que não te deixam fazer?*

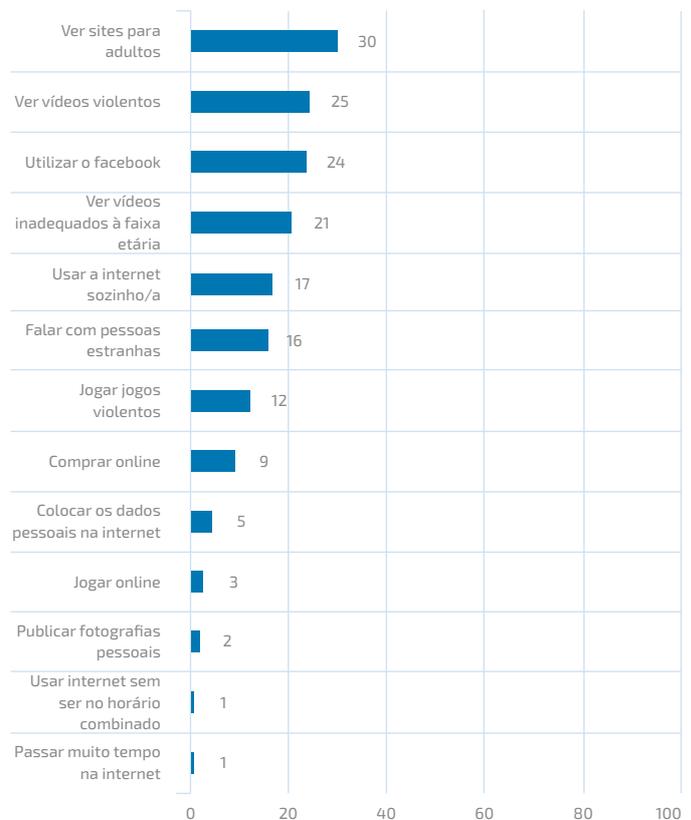
A análise a estas respostas abertas, na Figura 54, colocou nos quatro primeiros lugares as seguintes interdições: *ver sites para adultos* (30%); *ver vídeos violentos* (25%); *usar o Facebook* (24%); *ver vídeos que não sejam adequados à idade* (21%). Estas interdições estão em linha com o referido pelos pais e ilustram a sua preocupação com conteúdos audiovisuais de teor violento, com sites com conteúdos sexuais e com as redes sociais.

Outras interdições com alguma expressão foram: *usar a internet sozinha* (17%); *falar com pessoas estranhas* (16%); *jogar jogos violentos* (12%); *fazer compras online* (9%); *colocar dados pessoais na internet* (5%). Com referências residuais, as crianças indicaram restrições como *jogar online*, *publicar fotografia pessoais*, *usar a internet sem ser no horário combinado*, *passar muito tempo na internet*.

Ou seja, para as crianças, restrições com certos conteúdos, relativas a redes sociais e a atividades de sua iniciativa, superaram largamente as restrições relativas ao tempo.

Olhares das crianças sobre as suas práticas: A maioria das crianças utilizadoras considera a internet como positiva: 87% concordam com a afirmação de que *há coisas muito boas na internet para pessoas da tua idade*, 10% não sabem e 3% discordam. *Aprender muitas coisas na internet* mereceu a concordância de 85%; 11% não souberam responder e 4% discordam.

Fig. 54 RESTRIÇÕES NA INTERNET SEGUNDO AS CRIANÇAS (%)



N= 106. ERC. Base: crianças de 6-8 anos que utilizam internet e que dizem que há coisas que pais não as deixam fazer na internet.

Na pergunta sobre que atividade preferiam (*De todas as coisas que dissesse que fazias – ver televisão, jogar, usar a internet – de qual gostas mais?*), as respostas das 162 crianças que usam a internet colocam em primeiro lugar a atividade de ver televisão (46%), seguida de jogar (37%) e finalmente usar a internet (18%).

Para muitas crianças destas idades, 'usar a internet' parece ser uma expressão algo abstrata por contraste com as práticas que aí realizam (ver vídeos, jogar, ver e ouvir músicas...). O que as crianças utilizadoras nos disseram sobre as suas atividades *online* favoritas revela como as culturas do consumo digital nesta primeira infância estão imbricadas nas vertentes da ficção e da fantasia que encontram nos desenhos animados televisivos, e na vertente lúdica e desafiante dos jogos, num ambiente de convergência mediática.

II Parte

Pesquisa qualitativa



II Parte Pesquisa qualitativa

Metodologia

Incidindo sobre famílias com crianças entre os três e os oito anos que fossem utilizadoras das tecnologias digitais, a componente qualitativa da investigação incluiu:

1. a observação dos contextos domésticos de presença e uso dos média (*media tour*);
2. a realização de entrevistas-conversa com a criança e a observação das suas práticas com os média em contexto familiar;
3. a realização de entrevistas semi-estruturadas aos pais.

A recolha de dados foi realizada em uma a duas visitas (com a duração média de 90 a 150 minutos) a cada família, no seu lar.

Procuraram-se 20 famílias com crianças com idades compreendidas entre os três e os oito anos, precavendo critérios que garantissem heterogeneidade de perfis, partindo dos mesmos indicadores de caracterização familiar utilizados no inquérito por questionário. O estatuto socioeconómico foi definido a partir dos indicadores de ocupação profissional e escolaridade; o agregado familiar foi definido a partir da composição e estrutura do agregado; e a localização geográfica foi definida a partir da localização: meio urbano/periferia; norte e sul do país.

A divulgação do estudo foi disseminada pela rede de contactos pessoais dos investigadores; a cada família interessada – em concreto, 28 – em participar no estudo foi entregue uma carta de apresentação do estudo e uma ficha de inscrição (ver *Anexo 3*).

Num segundo momento, as fichas de inscrição foram analisadas de modo a garantir os critérios de heterogeneidade referidos atrás. Num terceiro momento, as famílias selecionadas foram contactadas no sentido de programar os encontros para a realização do trabalho de campo, sempre que possível, no domicílio familiar. No caso de duas famílias, as entrevistas decorreram no local de trabalho da progenitora, a pedido das mesmas.

Em 12 famílias, as entrevistas foram realizadas com a presença do pai e mãe; em sete apenas com a mãe e uma entrevista foi realizada com o pai. Em sete famílias, irmãos com idades fora do estudo também participaram nas entrevistas. Em duas famílias, participaram tios e avós.

Este trabalho qualitativo está subordinado aos parâmetros éticos aplicados na pesquisa com crianças, de acordo com a prática corrente na investigação da rede *EU Kids Online*. Sendo a investigação um processo do qual resultam produtos de interesse cívico e académico, foram tidos em conta os direitos e a integridade dos participantes na investigação através de consentimento informado assinado pelo representante do agregado familiar (*Anexo 3*).

Relativamente às crianças, antes das atividades foi pedido oralmente o seu assentimento para participar e respeitada uma eventual manifestação de desinteresse ou vontade de abandonar as atividades. As famílias foram informadas do direito de poderem interromper a participação neste estudo a qualquer momento.

A participação das famílias foi voluntária. A cada família participante foi entregue uma gratificação simbólica, um cheque-presente da FNAC, no valor de €50.

As 20 famílias participantes foram anonimizadas, recorrendo a apelidos começados por letra de A a Z. Às crianças foi atribuído um nome próprio iniciado pela letra atribuída à família (ver Quadro 26, abaixo, e *Anexo 4*).

As visitas às famílias realizaram-se entre maio e julho de 2016.

As sessões foram gravadas em áudio e transcritas; foram também recolhidos registos de vídeo e fotográficos ilustrativos.

Os dados recolhidos foram organizados com o apoio do *software* de análise de dados qualitativos NVivo. De modo a obter conhecimento a partir dos dados empíricos, foi combinada a técnica de análise temática com a de análise narrativa.

Estrutura

Para manter coerência, também esta II Parte está dividida em quatro capítulos.

No Capítulo 1 damos conta da caracterização familiar e dos ambientes digitais em que as crianças estão a crescer e aos quais têm eventualmente acesso. Permitirá contextualizar os resultados, oferecendo um retrato dos ambientes familiares com vários equipamentos digitais.

Os capítulos 2, 3 e 4 apresentam os dados relativos à televisão, aos jogos e à internet, respetivamente. Em cada capítulo, relatam-se e confrontam-se usos dos meios eletrónicos pelas crianças e as mediações, dinâmicas e preocupações/atitudes

específicas dos pais. O capítulo sobre internet inclui questões acerca dos pais como utilizadores, dado que permitem realçar contrastes geracionais com os média digitais, constituindo uma mais-valia para a análise.

Em vários momentos há referências a questões analisadas noutros capítulos, pela natureza convergente das práticas digitais.

Capítulo 1

Lares e ambientes das famílias

As 20 famílias do estudo qualitativo revelam diferenças em relação ao quadro da parte quantitativa que importa considerar na interpretação dos resultados obtidos. A maioria reside no Norte do país, duas na área metropolitana de Lisboa e duas na cidade de Lisboa. Doze famílias vivem em zonas semi-urbanas ou afastadas dos principais centros urbanos e oito famílias vivem no centro da cidade onde residem.

Predominam as famílias nucleares com dois filhos, seguidas de famílias de pais com um filho e de famílias recompostas. A maioria das crianças observadas tem entre seis e oito anos. Nas ocupações dos pais, destacam-se as profissões técnicas de nível intermédio e profissões intelectuais e científicas. Prevaecem os que têm formação superior: 13 pais e 17 mães. Cinco pais e três mães têm o ensino secundário completo. Dois pais têm o 9.º ano de escolaridade.

Todas as famílias têm serviço de televisão, por cabo ou satélite, e internet em casa, com níveis de acesso e utilização diferente. Algumas fazem um uso esporádico da internet em casa, e por meio de ecrã portátil. Para outras, os ecrãs e a internet estão integradas nas dinâmicas diárias.

O televisor e o *tablet* são os meios mais presentes e utilizados pelas crianças. Uma minoria tem um televisor para uso individual; os *tablets* ou são partilhados, geralmente entre irmãos, ou são para uso pessoal.

Predominam profissões técnicas, sendo as não qualificadas a exceção. A maior parte dos pais entrevistados têm formação universitária: dez pais são detentores de licenciatura e três de formação pós-graduada; nove mães têm licenciatura e oito formação pós-graduada (especializações, mestrados ou MBA). Cinco pais e três mães têm formação de ensino secundário, dois pais têm o 9.º ano de escolaridade.

Doze famílias vivem em zonas semi-urbanas ou afastadas de centros urbanos e oito famílias vivem no centro da cidade onde residem. Metade vive em moradia e metade em apartamento.

Composição familiar

Sem pretensão de representatividade, tiveram-se em conta critérios de diversidade na seleção das famílias observadas na parte qualitativa do estudo *Crescendo entre ecrãs*. Das 20 famílias, duas têm duas crianças nas idades consideradas para o estudo (3-8 anos), pelo que o número de crianças observadas totaliza as 22 (Quadro 26). Seis famílias têm apenas um filho e nove famílias têm dois filhos; das cinco famílias com três ou mais filhos, quatro são famílias recompostas, depois do divórcio de um ou dois dos adultos.

Assim, neste conjunto predomina a família nuclear com dois filhos. A família Lacerda é composta apenas pela mãe com as duas filhas depois do divórcio. A família Baltazar, composta por pai, mãe e filha, vive entre duas habitações. (ver Anexo 4).

Das 22 crianças, duas tinham três anos à data do estudo, cinco tinham quatro anos, uma tinha cinco anos, sete tinham seis anos, e sete tinham oito anos. As idades das mães variam entre os 32 e os 45 anos, remetendo para a tendência demográfica das mulheres terem filhos cada vez mais tarde. Entre os pais, encontram-se idades entre 34 e 69 anos.

Quadro
26

IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES NO ESTUDO QUALITATIVO

Família	Pseudónimo da(s) criança(s)	Sexo da(s) criança(s)	Idade da(s) criança(s)	Irmãos fora do estudo (sexo, idade)	Idade e profissão da mãe	Idade e profissão do pai	Tipo e área de residência
Amaral	André	Rapaz	3		36, Estudante	36, Desempregado	Moradia, Norte
Baltazar	Bárbara	Rapariga	3	Rapaz, 15; Rapaz, 27	39, Diretora hospitalar	44, Empresário	Moradia/Apartamento, área metropolitana Lisboa
Carvalho	Catarina	Rapariga	4	Rapaz, 9	38, Prof. 1º ciclo	39, Eng. informático	Moradia, Norte
Dias	Diogo	Rapaz	4	Rapariga, 2	38, Prof. 1º ciclo	38, Prof.	Apartamento, Norte
Esteves	Evandro	Rapaz	4	Rapariga, 17; Rapaz, 10*	37, Prof. 1º ciclo	38, Assist. administrativo	Apartamento, Norte
Faria	Francisco	Rapaz	4		39, Advogada	41, Inspetor automóvel	Apartamento, Norte
Garcia	Gabriela	Rapariga	5	Rapariga, 2	35, Escriturária	37, Balconista	Apartamento, Norte
Henriques	Helena	Rapariga	6	Rapaz, 11	36, Desempregada	42, Enfermeiro	Moradia, Norte
Infante	Isaque	Rapaz	6		36, Desempregada	37, Prof. 2º e 3º ciclos	Moradia, Norte
Junqueira	Jade	Rapariga	6		43, Prof. 1º ciclo	45, Gestor de projeto	Apartamento, Norte
Lacerda	Lara	Rapariga	6	Rapariga, 11	43, Secretária	46, Arqueólogo	Apartamento, Norte
Macedo	Martim	Rapaz	6	Rapariga, 11	40, Prof. 1º ciclo	40, Técnico operativo	Apartamento, Norte
Neves	Nuno	Rapaz	6	Rapariga e rapaz (adultos)	37, Chefe de secção	48, Comercial	Moradia, Norte
	Nélson	Rapaz	6				
Oliveira	Olga	Rapariga	4	Rapariga e rapaz (adultos)	45, Designer	69, Consultor	Moradia, área metropolitana Lisboa
Passos	Pedro	Rapaz	6	Rapariga, 2	32, Empresária	34, Eng. civil	Moradia, Norte
	Patrícia	Rapariga	8				
Rodrigues	Rita	Rapariga	8	Rapaz, 10	43, Prof. 1º ciclo	42, Eng. informático	Moradia, Norte
Saraiva	Sónia	Rapariga	8		44, Operadora	56, Técnico de 1.ª classe	Apartamento, Norte
Teles	Tiago	Rapaz	8		43, Jornalista	45, Prof.	Apartamento, Lisboa
Varela	Valentim	Rapaz	8	Rapaz, 13	42, Argumentista	42, Argumentista	Apartamento, Lisboa
Zambujal	Zara	Rapariga	8	Rapaz, 14	40, Administrativa	40, Medidor	Moradia, Norte

* Filho do companheiro.

Dispositivos e serviços em casa

Por lar, há uma média de dois televisores (49 televisores contabilizados). Estes ecrãs estão presentes na sala comum em todas as famílias; dez famílias têm televisor na cozinha, em oito há televisão no quarto dos pais e em quatro existe televisão no quarto de um irmão mais velho.

Quadro 27

POSSE DE DISPOSITIVOS TELEVISIVOS POR FAMÍLIA

Família	Sala	Cozinha	Escritório	Quartos
Amaral	1	-	-	1
Baltazar	2	-	-	1
Carvalho	1	1	-	2
Dias	1	1	-	2
Esteves	1	1	-	-
Oliveira	1	-	-	-
Faria	1	-	-	1
Garcia	1	1	-	1
Henriques	1	1	-	-
Infante	1	1	-	1
Junqueira	1	1	-	-
Lacerda	1	1	-	-
Macedo	1	-	-	1
Neves	1	-	-	1
Passos	2	-	-	-
Rodrigues	1	-	-	1
Saraiva	1	1	-	-
Teles	1	-	-	-
Varela	1	-	1	-
Zambujal	1	1	-	3

Duas famílias têm ecrãs de televisão na sala, cozinha e quartos (incluindo a criança do estudo). A sala é onde as crianças mais costumam ver televisão, seguida da cozinha e, por último, do quarto.

Como se pode observar no Quadro 28, três crianças têm televisão no seu quarto. O Diogo, quatro anos, é uma delas, mas, de acordo com a mãe, “*não liga a televisão, nem sei se a sabe ligar*”. As duas raparigas, uma de cinco e outra de oito anos, que têm televisão no quarto usam-na com autonomia (Família Garcia e Família Zambujal).

O *tablet* existe em todas as famílias, e está operacional em todas à exceção da família Neves, visto que se avariou numa brincadeira dos gémeos. Cinco crianças têm *smartphone*, das quais quatro têm seis e oito anos; sem utilização da função telefone, em pelo menos dois casos tem acesso à rede.

Quadro 28

POSSE DE DISPOSITIVOS INDIVIDUAIS PELA CRIANÇA

Criança, idade	Televisão	Tablet	Smartphone
André, 3 anos	-	Pessoal	-
Bárbara, 3 anos	-	Pessoal	-
Catarina, 4 anos	-	Partilhado	-
Diogo, 4 anos	Quarto	Partilhado	-
Evandro, 4 anos	-	Partilhado	-
Olga, 4 anos	-	Partilhado	-
Francisco, 4 anos	-	Partilhado	-
Gabriela, 5 anos	Quarto	Pessoal	-
Helena, 6 anos	-	Pessoal	-
Isaque, 6 anos	-	Pessoal	-
Jade, 6 anos	-	Partilhado	-
Lara, 6 anos	-	Partilhado	Sem cartão SIM
Martim, 6 anos	-	Partilhado	Sem cartão SIM
Nuno e Nélson, 6 anos	-	Avariado	-
Pedro, 6 anos, e Patrícia, 8 anos	-	Partilhado	-
Rita, 8 anos	-	Pessoal	-
Sónia, 8 anos	-	Pessoal	Sem cartão SIM
Tiago, 8 anos	-	Pessoal	Sem cartão SIM
Valentim, 8 anos	Escritório	Partilhado	-
Zara, 8 anos	Quarto	Pessoal	Pessoal

Das famílias observadas, sete têm consolas de jogos; destas, cinco famílias, com crianças entre os seis e oito anos usam-nas com regularidade (famílias Infante, Teles, Varela, Rodrigues e Henriques). A família Neves tem a consola arrumada e os gémeos não a conhecem. Na família Macedo, o uso é esporádico: de acordo com o pai, existe “*uma Playstation antiga, de vez em quando até jogamos*”.

Os computadores portáteis são usados, regra geral, pelos adultos para trabalho e, por isso, estão menos acessíveis às crianças. São os dispositivos que as crianças menos usam sozinhas. Quando os usam, costumam estar acompanhadas pelos pais ou irmãos mais velhos.

Todos os lares contratam serviços de televisão e internet (NOS, MEO e Vodafone). A existência de crianças pequenas na família pode ser precisamente a razão para tal, por poderem dispor de um serviço mais conveniente e personalizado. Como confirmam a mãe de Gabriela, cinco anos e a mãe do Diogo, quatro anos:

- Eu só tinha em casa os quatro canais, nunca tive interesse. Tanto é que agora tenho imensos e continuo a ver sempre os mesmos canais: TVI, TVI, TVI. A minha tia tinha muitos canais e foi lá que ela se foi habituando aos bonecos até que eu tive que pôr em casa, por causa dela. (família Garcia)
- Ao fim-de-semana já há alguns desenhos animados nos quatro canais públicos que são adaptados à idade dele, mas durante a semana nem tantos. A televisão não tem, por exemplo, às 8 da noite, só se for no segundo canal e, às vezes, alguns não gosto, lá está. E normalmente, usamos mais a televisão por cabo. (família Dias)

As famílias indicam a pressão das indústrias de produtores de dispositivos, de serviços de média e de indústrias de conteúdos, referindo 'promoções' e 'campanhas' nas grandes superfícies, por vezes como 'oportunidades' para expandir o parque de ecrãs nas casas, o que ilustra a abrangência dos esforços de *marketing*.

Capítulo 2

Televisão

O contacto com conteúdos televisivos por parte das crianças das famílias observadas é frequente e intenso, geralmente na sala e na cozinha, em televisores partilhados que muitas vezes 'monopolizam' e sabem utilizar com maior ou menor autonomia.

Programas e canais dirigidos às crianças lideram as preferências, ainda que os conteúdos se alterem com a idade. O Canal Panda destaca-se, entre os mais novos, no visionamento televisivo marcado pelos desenhos animados, e produtos comerciais associados; entre os mais velhos, a preferência recai sobre séries e novelas infanto-juvenis, oferecidas por canais como o Cartoon Network ou o Disney Channel.

Os tempos de ecrã partilhados em família ocorrem durante e/ou após a hora de jantar, a assistir a programas de canais generalistas: noticiários, programas desportivos, concursos e programas de deteção de talentos.

Além da função entretenimento, a televisão está presente em 'pano de fundo' enquanto as crianças se ocupam com outras coisas, e cumpre a função de apaziguamento e de 'baby-sitter', nos tempos em que as mães orientam tarefas domésticas.

Entre as preocupações mais comuns referidas pelos pais destacam-se conteúdos inapropriados ou violentos e o tempo de visionamento, que justificam práticas restritivas nas famílias com pendor mais protecionista, também relacionadas com o sexo e a idade da criança.

Preocupações com conteúdos fazem com que pais mudem as próprias práticas ou orientem os programas visionados pelos filhos; apenas uma família mencionou mediação técnica, através do bloqueio de canais, que se revelou ineficaz. Preocupações com o tempo de ecrãs levam à limitação de acesso e à resistência em comprar um televisor para uso pessoal das crianças.

2.1 - O que veem na televisão?

O canal Panda consta nas preferências das crianças em todas as idades, independentemente do sexo da criança (Quadro 29). Como afirma a mãe da Catarina, quatro anos, "É a instituição Panda". O canal destaca-se também nas preferências nos produtos comerciais associados que as crianças pedem aos pais, desde *merchandise* (Figura 55), ao evento próprio do

canal, o Festival Panda, e na credibilidade que parece ter conquistado junto dos pais.



Fig. 55

A GARRAFA DA PATRULHA PATA DE EVANDRO, 4 ANOS

Como o Quadro 2 ilustra, e em linha com os resultados quantitativos, à medida que as crianças crescem mudam as suas preferências televisivas. Aos oito anos de idade, o Cartoon Network e o Disney Channel predominam, por força de séries e novelas infanto-juvenis.

Pais de crianças que veem televisão com irmãos mais velhos referem um contacto com conteúdos inapropriados, mais violentos e com outra linguagem. Esta situação parece inquietá-los, em particular as mães.

Quadro
29

PREFERÊNCIAS DE CANAIS DE TELEVISÃO PARA CRIANÇAS

Sexo	Rapaz		Rapariga	
Idade	Canais	Programas	Canais	Programas
3 anos	Panda	Patrulha Pata Rato Renato A guarda do Leão	Panda Biggs Nickelodeon Disney Júnior	Patrulha Pata Frozen Xana Toc Toc Dora Pedrito Coelho Abelha Maia Telenovela
4 anos	VH1 MTV Panda Disney Júnior Baby TV	Patrulha Pata Octonautas Miles do Futuro Faísca MacQueen Frozen Mínimos Ruca Pedrito Coelho Panda e os Caricas Masterchef Júnior (TVI) Pequenos Talentos (TVI)	Disney Júnior	Princesa Sofia Doutora Brinquedos PJ Masks Telenovela Pequenos Gigantes (TVI) Masterchef Júnior (TVI)
5 anos	-	-	Nickelodeon Panda TVI	Dora Twilight Telenovela Alta Definição (SIC)
6 anos	Cartoon Network Disney Júnior Panda SIC TVI	GumBall Shin Chan PJ Masks Calimero Miles do Futuro Rei Juliano Patrulha Pata Uzo Octonautas Dora KC Agente secreta Teen Titans Johnny Test Telejornal Futebol Piratas das Caraíbas The Voice (RTP)	Disney Channel Panda Nickelodeon Cartoon Network Disney Júnior	Simsala Grimm Descendentes Hotel Transilvania Violetta Soy Luna Miraculous – As aventuras de Lady Bug O meu cão tem um blog Austin & Ally Pequenos Gigantes (TVI) Jogos futebol seleção nacional Donos disto Tudo (RTP) Big Picture (RTP) Got Talent (RTP)
7 anos	-	-	-	-
8 anos	Cartoon Network Disney Channel	Manual para quase tudo Phineas e Ferb Star Wars	Cartoon Network Nickelodeon Disney Channel Biggs Panda	Frozen Violetta Soy Luna KC Agente secreta Irmão Meio Lab Rats H2O Patrulha Pata Márcia e o Urso Telejornal Piratas das Caraíbas Allô, Allô (RTP Memória) Got Talent (RTP) X Factor (SIC) Ídolos (SIC)

Em algumas famílias verifica-se o monopólio do ecrã da televisão pela criança enquanto está acordada - “*Sim, depois das 10h a televisão é nossa*”, refere a mãe do Francisco, quatro anos. Noutras, o tempo de ecrã televisivo é reivindicado pelos adultos - “*agora é a minha vez*” (família Teles). Durante ou depois do jantar, os programas que as crianças mais veem com os pais são os noticiários, num momento de partilha que pode ter significado educativo:

Nós vemos as notícias, ele vê também. Não com tanta atenção. [...] para perceber que a televisão não é só dele. (mãe do Evandro, quatro anos)

Com a mãe assistem à telenovela, com o pai, veem conteúdos futebolísticos e noticiosos. *Donos disto tudo, Big Picture, Masterchef Júnior, Got Talent, X Factor, Ídolos, Pequenos Gigantes, The Voice, Alta Definição* são os programas de entretenimento dos canais generalistas de que as crianças gostam e tempos de ecrã partilhados em família:

Mãe: [...] nós vimos o Masterchef Júnior que começou em Portugal e ele gostou de ver os meninos a cozinhar.

Pai: Por acaso estávamos a falar. Vimos todos juntos. (família Faria)

Panda e os Amigos, no canal Panda e *Dora*, no canal Nickelodeon, são duas séries cuja vertente educativa é valorizada por duas famílias. A primeira porque “*aborda vários aspetos, de higiene, de segurança*” (Mãe de Sónia, oito anos); a segunda porque é interativa e estimula aprendizagens no domínio do vocabulário em português e em inglês:

Mãe: A Dora é interativa com eles.

Pai: Pede para eles repetirem.

Mãe: ‘Então ajudem-me’.

Pai: Mistura o português com o inglês. Diz coisas em português e inglês. (família Baltazar)

2.2 - Como usam a televisão?

Estimuladas pelos pais ou por sua iniciativa, todas as crianças sabem utilizar o comando do ecrã de televisão. Fazem-no com maior ou menor autonomia, dependendo da idade e do estilo de mediação parental adotada.

As crianças memorizam o número dos canais que mais veem, mesmo quando esse número difere entre aparelhos:

É o 4 e o 2 [42 = Panda]... Lá em cima [nos quartos] é o 6. Na cozinha, acho que é o 7. (Catarina, seis anos)

Segundo os pais, as crianças aprendem a usar as funções do comando e da box, num misto de aprendizagem com os familiares, observação e experimentação.

A Gabriela, cinco anos, aprendeu com a mãe que, por falta de tempo, lhe ia dando instruções sobre como usar o comando do televisor:

Mãe: Eu nem sempre tenho disponibilidade, ou porque estou ocupada ou porque estou a cozinhar e digo: ‘eu já vou’. Ela não quer esperar. ‘Como é que se faz?’ Eu digo o 2 e o 0. E pronto. E ela faz sozinha.

Gabriela: Depois aprendi e agora faço sempre sozinha.

O André, três anos, aprendeu a usar a televisão por observação, mas também porque a mãe ensinou (Figura 56):

Ele agora já sabe ligar, sabe pesquisar, sabe pôr a Patrulha Pata sozinho... Mas também porque eu o ensinei... Aprendeu a ver, sim, mas porque eu ensinei, sim. (mãe, família Amaral)



Fig. 56

ANDRÉ, 3 ANOS, A PESQUISAR NA TELEVISÃO

A experimentação e as dicas fornecidas pelo pai parecem estar na base das aprendizagens técnicas do Francisco, quatro anos:

Porque ele explora e depois... eu normalmente não gosto de lhe dar demasiada informação, mas o pai explica-lhe mais coisas (mãe, família Faria)

Algumas funções que as crianças utilizam na televisão, independentemente de saberem (ou não) ler e escrever: ligar e desligar; ir buscar programas já emitidos; puxar atrás e para a frente; colocar o programa no início; colocar em pausa; pesquisar. A maior ou menor mestria com que usam e tiram partido do comando e da *box* parece estar relacionada com:

- **Idade da criança:** *“é muito independente mas há coisas que não consegue, não é? Ela tem quatro anos”* (mãe, família Carvalho);
- **Familiaridade com o aparelho:** *“mas depois não sabe orientar-se com o comando. O comando é diferente.”* (mãe do Francisco, quatro anos);
- **Iniciativa da criança:** *“tem sempre a iniciativa de começar a pegar no comando”* (mãe, família Faria);
- **Obediência a regras:** *“Ela não faz. Mas se lhe pedir para ligar liga. Não faz por respeito.”* (mãe da Jade, seis anos);
- **Mediação parental restritiva:** *“Eu ainda não lhe expliquei como é que ele chega lá. Sou muito controladora.”* (mãe do Diogo, quatro anos).
- **Mediação parental ativa:** *“Aprendeu a ver, sim, mas porque eu ensinei, sim.”* (mãe do André, três anos);

Nestas famílias, o consumo de televisão é feito em diferentes plataformas (televisor e *tablet*) e em diferido (gravações programadas ou automáticas, dos sete dias anteriores):

A maior parte dos programas veem gravados. Vão atrás. (Pai, família Varela)

Ver televisão no modo transmissão tradicional em duas plataformas é habitual em duas famílias. Na família Teles, o pai recorre ao *tablet* para ver televisão, quando o Tiago, 8 anos, está jogar Playstation no ecrã televisivo. Na família Carvalho, o filho mais velho, de nove anos, usa o *tablet* para ver televisão quando os pais e a Catarina, de quatro, estão a ver outra coisa.

2.3 – Quando veem televisão?

A televisão está presente nas rotinas diárias das crianças, em casa, na escola e em casa de familiares mais próximos, como

os avós. Estas rotinas são diferentes aos dias de semana e ao fim-de-semana, ou com a época do ano. Nalgumas famílias, o televisor está ligado para fazer companhia, enquanto as crianças brincam ou usam o *tablet*, e quando os adultos andam envolvidos nas suas tarefas domésticas:

Eu, para fazer o jantar, preciso que eles estejam mais controlados e, de facto, confesso que uso um bocadinho a televisão como forma de controlar um bocadinho, porque a televisão prende-os muito. (mãe, família Dias)

Durante a semana, as crianças costumam televisão quando chegam a casa, ao final do dia, depois da escola e das atividades extracurriculares até irem para a cama. Algumas famílias reservam a televisão para depois dos trabalhos de casa, enquanto outras concedem à criança um momento de decompressão e de relaxe, enquanto lancham e descansam:

A televisão, depois dos trabalhos de casa, quando chega a casa. (mãe, família Saraiva)

Tentamos dar um sempre um bocadinho para descomprimir, para fazer uma coisa que goste. (mãe, família Teles)

Algumas famílias desligam o televisor durante o jantar, porque é o momento em que a família pode estar reunida, para *“falarmos um bocadinho sobre o dia-a-dia”* (pai, família Henriques). Noutras, a hora da refeição da noite é o momento para interagirem enquanto veem programas de entretenimento:

Pai: Mas, por exemplo, ela gosta de ver de vez em quando, nem sempre nos lembra-mos, dos *Donos Disto Tudo*. Ela gosta de ver e vemos todos. E gosta muito de ver, de vez em quando gosta de ver, e brinca a tentar acertar no *Big Picture*, também.

Mãe: Sim, porque é à hora da refeição.

Pai: É à hora da refeição e ela, às vezes, diz é o A, o B ou o C.

Mãe: E jogamos. (família Junqueira)

Noutras ainda, há fragmentação motivada por diferentes interesses. Na família Saraiva, como o pai não dispensa os noticiários, por vezes a Sónia, oito anos, convence os pais a deixarem-na jantar sozinha, na cozinha, para ver os desenhos animados, no canal Panda:

Sónia: Janto sozinha, às vezes janto sozinha.

Mãe: Nós jantamos na sala, ela janta na cozinha. Às vezes quando ela quer ver alguma coisa, na televisão, *Patrulha Pata* ou assim. (família Saraiva)

Depois de jantar, algumas famílias optam por ver em conjunto desenhos animados, enquanto outras recorrem à televisão como indutor do sono:

Aquele momento que ele 'tá ali quietinho... 'Tá a relaxar. E daqui a um minuto ou dois já está a dormir. (mãe do Isaac, seis anos).

Noutras famílias o televisor ajuda a acordar, a vestir e a tomar o pequeno-almoço:

Acorda mais facilmente com a televisão, senão vem para aqui dormir. É uma forma de o estimular, de abrir o olho. (pai do Tiago, oito anos)

Ao fim-de-semana, todas as famílias confirmam que as crianças usam mais o ecrã televisivo, mais *"do que aquilo que era suposto"* (Pai da Olga, quatro anos), porque passam mais tempo em casa. Isto porque para algumas famílias é quando se podem dedicar a tarefas domésticas:

Também eu aproveito para fazer muita coisa ao fim-de-semana e é verdade que acabamos por deixá-los um bocado ali com a televisão. Há coisas para fazer. Há roupa para passar. Há roupa para lavar. Há tudo e eles acabam por sofrer um bocado com isso, mas faz parte. Não há outra hipótese. (mãe família Garcia)

As tarefas domésticas são trazidas para a entrevista sempre pelas mães, e esta delegação na televisão não é isenta de um sentimento de culpa.

Outras famílias procuram mais tirar as crianças de casa, mas durante o inverno as brincadeiras ficam mais confinadas aos espaços interiores e inevitavelmente entre ecrãs:

Refugiam-se mais nas brincadeiras de Playstation e nas tecnologias. (mãe, família Henriques)

No jardim de infância, as crianças veem conteúdos selecionados pelas educadoras, no prolongamento, enquanto aguardam que os pais ou familiares as venham buscar, ou depois da sesta e antes do lanche:

Eles quando acordam, não lhes dão logo o lanche, dão-lhes tempo em que eles estão na televisão. Alguns para ganharem fome, outros para acordarem, despertarem mais um bocadinho (mãe, família Carvalho).

2.4 - Como é feita a mediação da televisão em família?

A socialização da criança para a televisão acontece inicialmente em contexto familiar, refletindo perceções, preocupações e as próprias memórias televisivas dos pais.

Os ecrãs são vistos de modos diferentes pelos pais. Para uns, *"fazem parte da nossa vida"* (mãe, família Amaral); para outros, *"há muita tecnologia em redor deles [dos filhos] e em todo o lado"* (mãe, família Carvalho) e, se fosse possível, por eles *"essas coisas não existiam"* (mãe, família Junqueira).

Assim, numas famílias prevalece um tipo de mediação da televisão mais relaxada, em que a criança tem autonomia para usar o telecomando, gerir o seu tempo de ecrã e aquilo que quer ver. Noutras, com uma filosofia protecionista, predomina uma maior preocupação com o tempo de ecrãs, vigora uma maior superintendência do comando da televisão, limita-se o seu acesso e potencialidades de uso, bem como os conteúdos que as crianças consomem.

Nestas 20 famílias, a mediação parental no que respeita à televisão é feita essencialmente a três níveis: i) acesso ao ecrã; ii) acesso aos conteúdos; iii) tempo de ecrã.

Acesso ao ecrã: alguns pais adotam procedimentos mais protecionistas e restritivos em função da idade e do sexo da criança. São raparigas quem se encontra mais na situação de pedir aos pais para ligar a televisão:

Pai: Tentamos sempre que os comandos estejam num lado onde ela não chega.

Mãe: Não lhe damos o comando para ela mexer. (família Baltazar)

Pede para ligar. Porque eu também não quero que seja demasiado e, portanto, também não autorizo que ela faça. (pai, família Oliveira)

Ela não pega [no comando] sem nos pedir... Eu fui assim criada e essa parte não me arrependo de ter que pedir para ligar a televisão... Dar-lhes essa autonomia, também acho mal. (mãe da Jade, seis anos)

Também se observou maior tendência para os programas infantis predominarem no tempo de ecrã das famílias, quando há raparigas:

Tentamos orientar tudo, de forma às oito e meia estarmos os três a ver. Os quatro quando está o pai. O irmão também vai de arrasto. (mãe da Helena, seis anos)

Se bem que famílias com mais do que um filho promovam a partilha do televisor, esta acaba por não ser pacífica. São os irmãos mais novos que acabam por, com ou sem ajuda dos pais, ver as suas vontades prevalecer na seleção dos programas:

Ela [irmã de 11 anos] cede muito. E ele, acaba por ser sempre ele a escolher (mãe do Martim, seis anos).

Investigadora: Há disputa entre vocês para ver quem fica com a TV?

Irmão: Às vezes.

Investigadora: Quem é que vence?

Irmão: Normalmente, é ela. Com a ajuda da minha mãe e do meu pai. [riem-se todos] (família Zambujal)

Este favorecimento por parte dos pais pode estar associado à intenção de proteger as crianças mais novas de um contacto precoce com conteúdos e linguagem desajustados à idade:

'Tou num dilema, porque [para] o mais velho, o Panda já é uma vergonha.. Para ele é o Biggs, mas ela acaba por também assistir... eu às vezes não concordo, porque já são mais violentos. A linguagem já é outra. (mãe da Catarina, quatro anos)

De modo a controlar os conteúdos a que o Isaque, seis anos, acede, os pais compraram-lhe o "Comando Kids", lançado no mercado pela antecedente marca Zon, que apenas lhe permite o acesso aos canais infantis (Figura 57):

Comprámos foi um comando para ele. Sim, que é da NOS e, então, só tem esses canais. Ele só pode mudar esses canais. (mãe, família Infante)

Mesmo quando não há irmãos, os pais diligenciam a partilha do ecrã, reclamando o tempo de ecrã dos adultos. A família Teles usa a frase chave "agora é a minha vez", com a qual cada membro da família reivindica o seu tempo de ecrã e seleção de programas. Na família Faria, o Francisco, de quatro anos, quando termina o seu tempo de ecrã, já se habituou a dar lugar aos pais, "podem ver os vossos bonecos". O tempo de ecrã de cada um também é respeitado na família Oliveira; no entanto, como "os telejornais dão à hora dela, eu só vejo depois de a deitar" (pai da Olga, quatro anos).



Fig. 57

O COMANDO KIDS, USADO PELO ISAQUE, 6 ANOS

Acesso a conteúdos: Os hábitos de televisão dos adultos, em muitos lares observados, mudaram por causa das crianças, independentemente do tipo de mediação predominante. Em outras famílias, telejornais, telenovelas, rubricas temáticas sobre crime e filmes são conteúdos problemáticos, que os pais optam por ver mais tarde ou, pura e simplesmente, não ver. Para evitar a exposição das crianças a conteúdos negativos dos telejornais, ou porque fazem perguntas ou porque notam que afetam as crianças, essas famílias procuram outras vias para se manter informados; uns mudam de canal quando consideram as notícias violentas e outros usam a estratégia de colocar as crianças de costas para a televisão. Outros ainda procuram mudar práticas dos avós, quando a criança está com eles.

Mãe: E ela, então, começou a dizer que tinha visto na televisão com os avós, que vê que as pessoas que vão para o hospital, que as pessoas ficam doentes, que as pessoas têm problemas. Então, pedimos para deixarem de ter a televisão naquele canal, enquanto ela está lá, porque são notícias muito repetitivas...

Pai: E depois vão muito ao detalhe do crime e ela estava a ficar assim mais susceptível... Ela fica muito absorvida.

Mãe: E fica preocupada... E à medida que a idade vai passando, ela começa a perceber muito mais aquilo que vê e a fazer perguntas. (família Junqueira)

A família Henriques deixou de ver telenovelas, porque considera que abordam temáticas violentas e outras de cariz relacional e sexual, difíceis de explicar e de perceber pela criança:

Ela começou a ver essa novela [*Mar Salgado*], mas depois tivemos que falar com ela e deixamos todos de ver, então, a SIC. Era a história de uma mulher que tinha tido dois filhos, que lhe tinham sido roubados os filhos, pelo próprio pai e depois foram dados a não-sei-quem para tomar conta. E depois aquilo começou tudo a ser assim um bocado violento para perceber e para explicar.... 'Pessoas que têm interesses e gostos diferentes da mamã e do papá', também, e tal. E há coisas que são próprias para a idade e outras que não são... Acabámos todos por começar a ver o Disney Channel. (mãe da Helena, seis anos)

A mãe Teles considera que a televisão banalizou a violência e sexo. Relembra como há 15 anos, quando no Big Brother deu uma cena de sexo, 'caiu o Carmo e a Trindade' e compara como agora os *reality shows* estimulam isso. A programação da 'televisão diária' é uma fonte de preocupação para esta mãe que não quer que o filho tenha maus exemplos ou pesadelos.

Para lidar com as perguntas do André, três anos, a mãe procura explicações simples:

Eu mudo de canal e dou-lhe uma resposta qualquer. Que 'tão zangados. Qualquer coisa assim... Mas nunca minto ou digo algo de disparatado. Digo-lhe o que é. Tento explicar as coisas. E pronto, ele fica satisfeito com a resposta.

Já a família Zambujal tem uma postura mais descontraída. Porém, ainda que os pais considerem que as crianças "têm de ver de tudo", se, "por exemplo estamos a ver um filme violento, se calhar, mudamos. Ou que não sejam adequados" (mãe da Zara, oito anos).

Canais com conteúdos para adultos, apesar de não serem "uma preocupação", estão bloqueados nas famílias Henriques e Rodrigues, mas ambas referem a fragilidade desse sistema:

Claro que, também é verdade, que eles sabem os códigos. E a gente sabe que é verdade, porque os códigos pin são todos iguais para todas as coisas. Não há um código para os pais e outro para as outras coisas. (pai, família Henriques)

Entre conteúdos nos canais infantis e filmes de animação, os pais procuram 'orientar' ou 'controlar' o que as crianças veem. A mãe do Diogo, quatro anos, assume a sua postura controladora, contrária à do pai, que diz ser mais complacente. Gosta de saber o que o filho está a ver na televisão e sempre que pode vê os desenhos animados com ele. Os canais que prefere são o Baby First, Disney Júnior e o Panda (Figura 58). No Panda, nem todos os desenhos animados são permitidos, mudando de canal quando são violentos:

Mãe: Se bem que no canal Panda tem um ou outro desenho animado que eu não deixo ver.

Investigadora: Algum exemplo?

Mãe: Não, eu não sei quais são, porque eu mudo a televisão. Os que deixo ver são a *Patrulha Pata*, por exemplo. O *Miles do Futuro*. São desenhos animados mais... não são violentos. São um bocadinho mais soft.



Fig. 58 DIOGO, 4 ANOS, A VER O MILES DO FUTURO

A mãe da Helena, seis anos, acompanha e procura orientar os hábitos televisivos da filha. Deixa-a ver filmes de princesas e séries, e as séries infanto-juvenis *Violetta* (quando passava na televisão) e *Soy Luna*, mas muda de canal quando ela quer ver o *Manual do Jogador para Quase Tudo*.

Que a gente tenta sempre dizer 'Aquilo não se faz'... Mas o que é que se vai fazer? Ela já não se contenta muito com a Porquinha Peppa. (mãe, família Henriques)

A família Junqueira procura orientar os gostos da filha para além do mundo da Disney. Os pais estimulam Jade, seis anos, para os filmes de animação de produtoras europeias e independentes. Notam que é difícil lutar contra as grandes marcas e que a menina se vai rendendo ao canal Disney Júnior (Figura 59) e a filmes de princesas, como o *Frozen*:

Mãe: Cinema Europeu de animação. Não é só Disney.

Investigadora: Como é que ela chega ao cinema europeu?

Pai: Somos nós que vamos colocando... a Casa da Magia eu li um comentário muito bom. Mostrei para ela ver e ela gosta.

Mãe: É muito receptiva a ver coisas novas. Tentamos conduzir.

Pai: Sim, sim.

Mãe: Sair da Disney o mais possível.

Investigadora: Alguma razão para isso?

Mãe: Eu acho que a Disney...

Pai: É muito princesa, muito príncipe.

Mãe: Evito ao máximo comprar coisas cor-de-rosa. Esse estigma. Ou que as meninas só podem ser algumas coisas. Tentamos inculcar-lhe ao máximo que ela pode ser o que quiser.

Pai: E que tem que ver outras coisas.

Mãe: Mas é tão difícil lutar contra isso. Muito, muito. A pressão de tudo. De querer as princesas. Eu detesto princesas e ideia do cavalo branco e depois o homem ideal. Porque depois acompanha as meninas que depois o príncipe dela vai chegar no cavalo branco. Isso não existe. E tem que ser combatido de pequenina (família Junqueira).

gente vê, são bonequinhos bonitas, meninas, tudo direitinho. Tem o que nós temos. Os outros são assim aqueles bonecos que só têm o tronco, as mãos, é assim dois paus. É muito mais adulto. Por isso é que eu não gosto, mesmo a imagem... (mãe, família Garcia)

Tempo de ecrã: Outra questão que desassossega os pais é o tempo que os seus filhos passam em frente ao televisor, razão que leva alguns a não cederem à pressão da criança para ter televisor no quarto:

Investigadora: Eles têm televisão no quarto?

Mãe: Quarto, zero, zero. Não.

Patrícia: Devias pôr.

Mãe: Não. O quarto é para dormir. E a televisão vê-se em família. Isso são ideias muito fixas. Não é de agora.

Patrícia: Era melhor, porque assim cada um via o que queria na sua televisão.

Mãe: Não.

Pedro: Sim.

Mãe: Não. (mãe da Patrícia, oito anos e do Pedro, seis anos)

A família Faria não teve de imediato a percepção de como a televisão poderia estar a contribuir para a dispersão de interesses do filho que parecia não se conseguir concentrar numa tarefa por muito tempo (Figura 60). Quando a mãe se deu conta de que o filho passava muito tempo em frente ao ecrã, começou a limitar a sua duração do visionamento de televisão:

Por exemplo, ele agora 'tá com a televisão ligada nos bonecos, mas uma hora, uma hora e tal e eu vou mudar. Vou pôr nas notícias ou um programa de entretenimento para os adultos, não é? Que ele não tem percepção do que está a acontecer e corre bem, porque ele entretém-se com outras coisas. Ele vai brincar com os carros, vai fazer ali as pistas dele (mãe do Francisco, quatro anos)



Fig. 59 JADE, SEIS ANOS, A VER O DISNEY JÚNIOR

Posição discordante tem a mãe da família Garcia que confia no universo infantil e cor-de-rosa da Disney. A Gabriela, cinco anos, gosta de ver o canal Nickelodeon, que a mãe considera ser menos infantil e, por isso, a seu ver, menos apropriado:

Esse canal que ela gosta até... eu até acho a Disney mais infantil. Mais fofo. Tem *Princesa Sofia*, tem *Doutora Brinquedos*. Ela não, ela gosta de uns que é assim... acho que até nem é muito para a idade dela. Acho que até é mais assim... bonecos estranhos. Por exemplo, a *Doutora Brinquedos*, a



Fig. 60

FRANCISCO, QUATRO ANOS, JOGA COM AS CARTAS DOS *INVISIBLES* DEPOIS DE TER ESTADO A BRINCAR COM OS CARROS, COM O CANAL PANDA COMO BARULHO DE FUNDO E O TABLET NO SOFÁ

Nas famílias Lacerda (Lara, seis anos) e Zambujal (Zara, oito anos) não se baliza o tempo de ecrã, porque nenhuma das meninas “*é muito de ver televisão*” (mãe, família Zambujal). Já a família Baltazar deixou de ver televisão ao final do dia para a Bárbara, três anos, poder ver o seu canal Panda:

Mãe: Eu estou a jantar às oito horas com a Bárbara e a essa hora devia estar no canal de notícias, mas não estou. Estou no Panda.

Pai: Eu deixei de ver televisão para ver o Panda [tom brincalhão]. Ela deixou de ver as notícias para ver o Panda.

Mãe: Uma pessoa já conhece os desenhos animados todos. (família Baltazar)

Capítulo 3

Jogos

São as crianças de seis a oito anos as que mais jogam, em *tablet*, *smartphone*, consolas e portáteis - nestes, com maior acompanhamento, por irmãos ou adultos -, variando o tipo de jogos com o dispositivo utilizado. Todas jogam *on-line*, mas pouco devido aos custos. Eles, mais voltados para jogos de corridas e lutas; elas, para moda e maquilhagem.

Nestes lares, os jogos, à semelhança da televisão, fazem parte das atividades realizadas em família, sobretudo através das consolas. Alguns pais mencionam esse acompanhamento e orientação como forma de monitorização das atividades dos filhos.

Os pais valorizam competências proporcionadas pelos jogos digitais - destreza fina, capacidade de resolver problemas, aprendizagens linguísticas, de cálculo, sociais, literacias digitais e outro tipo de educação mais geral, como sobre higiene pessoal. Expressam também preocupações, relacionadas sobretudo com violência, inadequação para a idade e o tempo que as crianças passam a jogar.

Em rapazes que têm dificuldade em lidar com a frustração por não conseguir passar de nível ou perder, a mediação parental passa por proibir de jogar ou, mais frequentemente, controlar os jogos descarregados nos dispositivos, assumindo essa tarefa ou avaliando previamente os pedidos dos filhos.

3.1 - Onde e o que jogam as crianças?

As crianças abaixo dos seis anos de idade jogam no *tablet* pessoal ou partilhado e no *smartphone* dos pais e irmãos mais velhos. As mais velhas, para além dessas plataformas, jogam nas consolas (PSP3, PSP4 e Wii) e no computador. Jogam online com menor frequência porque esses serviços são pagos. Por vezes, diz o Valentim, oito anos, a Playstation store concede dias de utilização grátis dos serviços *plus* que dão acesso a outros jogos e a jogar online:

Valentim: Eu consegui ter este ano, dois dias de internet... durante dois dias se formos à Playstation store... muito raramente aparece uma coisa e tens dois dias de internet grátis.

Pai: Ele pode aceder à internet pela Playstation. (família Varela)

Os jogos mais populares que jogam nos computadores portáteis, normalmente acompanhados pelos pais ou pelos irmãos mais velhos, são o Friv, o Minecraft e o StarDoll.

Quando o *tablet* é partilhado, em geral existe uma pasta com os jogos da(s) criança(s):

Eles têm a pastinha deles dos jogos. A irmã [11 anos] tem uma pasta e ele tem outra. (mãe do Martim, seis anos)

Nos ecrãs portáteis os jogos mais populares são o Subway Surfers, Clash of Titans, Candy Crush, Angry Birds, jogos com animais de estimação virtuais, como a Angela e o Tom, jogos de culinária, *quizzes*, colorir, desenhar e puzzles. O Piano Tiles agrada a crianças e adultos:

Pai: Normalmente, ela anda sempre num dos jogos que é...
Mãe: Piano.

Pai: do Piano, Piano Tiles. Ela não toca piano.

Mãe: Eu quase que fiquei entusiasmada com esse jogo... Esse foi o único jogo que eu joguei. (família de Jade, seis anos)



Fig. 61

HELENA, SEIS ANOS, JOGA JOGO DA GATA ANGELA

Para além destes jogos, os rapazes são mais voltados para jogos de corridas e de lutas (Speed Car Drift Racing; Sniper 3D; Wild Safari Hunt, entre outros). Nos dispositivos usados pelas raparigas, encontram-se jogos de moda e maquilhagem (Hair Salon; Princess Room; Frozen, entre outros). Também nos jogos, as suas preferências evoluem:

Isto é hoje, ontem era mais o Lego (na PS3). Agora nas últimas semanas tem sido Lego, Lego, a respirar Lego, desde manhã até adormecer. (Pai do Tiago, oito anos)

3.2 - Quando e com quem jogam?

As crianças jogam quando regressam a casa, depois do jantar até irem para a cama e com mais liberdade aos fins-de-semana. Fora de casa, os jogos são um recurso utilizado pelos pais, para manterem as crianças ocupadas e entretidas:

Fora de casa, só se estivermos num restaurante ou café ou algum sítio onde estejamos parados ou no carro, numa viagem que seja muito longa e ele pede para jogar um bocadinho para se entreter que senão é muito tempo. E nós deixamos. (mãe do André, três anos)

Às vezes, quando saímos e estamos num sítio onde não há crianças, é capaz de pedir o telefone e jogar um joguinho ou outro que instalou. Uns jogos de maquilhagem. (pai da Helena, seis anos)

A seguir aos programas de televisão, os jogos fazem parte das atividades mais realizadas em família. A família do Martim usa a Playstation antiga para, de vez em quando, jogarem juntos. Já a família da Rita diverte-se a "cantar na PS3".

A família Infante, nas férias ou em épocas festivas, aproveita o facto de ter mais crianças em casa para jogar Playstation "com vários comandos que o meu marido comprou para eles jogarem todos juntos. Corridas". A família Esteves, nas férias, joga na Wii, "dois a dois, tipo eliminatórias... eles gostam muito de ver os pais também participar nas brincadeiras".

O Tiago, oito anos, joga mais com o pai na Playstation, porque é com quem passa mais tempo. A mãe, que tem horários mais complicados, recorda que quando o Tiago era mais pequeno lhe pedia ajuda para avançar os níveis mais difíceis dos jogos.

Também o Diogo, quatro anos, e o André, três anos, pedem ajuda às mães quando não conseguem passar de nível nos jogos. Segundo a mãe do Diogo, este fica satisfeito por a ver a contornar as dificuldades e avançar no jogo (Figura 62):

E às vezes, fica mais contente ver-me a jogar do que jogar ele, porque vê-me a passar e para isso já vai satisfazendo, porque ele percebe que não conseguia passar além daquilo e se eu passar, ele fica contente só de assistir. (mãe, família Dias)

O André, três anos, e a mãe deram autorização para os filmar enquanto jogavam um jogo os dois. O jogo requer bastante

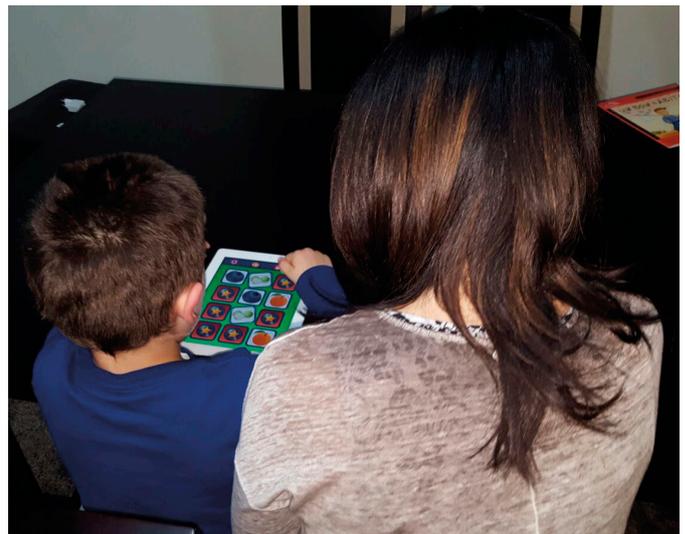


Fig. 62 DIOGO, QUATRO ANOS, A EXPLORAR UM JOGO NA COMPANHIA DA MÃE

perícia e revela alguma dificuldade, mas persistem a jogar em equipa:

Mãe e filho jogam o jogo e discutem estratégias.

Mãe: Não jogamos esse há muito tempo.

Ele procura o jogo e abre.

Mãe: Diz lá à investigadora como se joga esse.

André: Olha, este aqui tem que apagar todos os fogos e para ir à pedra, para apagar todos os fogos: este e este... Perdi.

A uma dada altura pede ajuda à mãe.

André: Isto é um bocado difícil.

Fazem tentativas em conjunto para passar o nível.

Mãe: Espera... se calhar temos que empurrar...

André: Perdemos...

Mãe: Então se calhar é lá em cima.

André: Pois... A pedra tem que chegar aqui para o meio para ele soltar para ali para ele carregar no botão, para conseguir apagar o fogo.

Mãe: Ah, boa, então, vamos lá tentar outra vez. Boa!

Quase conseguiram.

André: Oh perdemos, outra vez... Sabes porquê? Tem que se carregar no botão e chegamos.

Mãe: Vá, então vamos lá tentar outra vez.

André: Mas tem que se carregar o fogo, senão tu perdes, senão tu perdes, e eu e tu. Tem de ser o papá...

Mãe: É?

André: O papá é que sabe as coisas.

Continuam a jogar os dois.

Mãe: Já tá, já tá.

André: Ei, conseguimos!

Mas ficam sem água e afinal, não conseguem.

André: 'Tava quase, suspira. (família Amara)

O Francisco, quatro anos, e o pai partilham o gosto por um jogo de dinossauros, pedido pelo menino, depois de ter visto em casa de um amigo. Na família Zambujal e na família Varela, os jogos são jogados entre irmãos. A Zara e o Valentim, ambos de oito anos, têm mau perder, *“ainda mais se for contra o irmão”* (mãe, família Zambujal).

3.3 - O que aprendem as crianças com os jogos?

Os pais encontram vantagens nos jogos. A família Teles esperava que o Tiago (oito anos) começasse a escrever e 'ler mais depressa', mas não notaram grande 'evolução' nessa competência. No entanto, mencionam que os jogos o deixaram mais rápido a nível de destreza fina e permitiram que desenvolvesse 'estratégias para resolver problemas' e evitar frustrações:

Ele chega a um impasse, no dia-a-dia ele consegue, se calhar, evitar outro tipo de frustrações, porque consegue procurar caminhos alternativos e isso acho também que tem a ver com esta nova geração ter outro tipo de ferramentas à mão. (família Teles)

Para um pai, o universo dos jogos é "muito complexo", já que a capacidade económica e a literacia exigidas aos pais em termos de jogos "são muito elevadas" (família Teles).

A família Varela nota que o Valentim, oito anos, desenvolveu competências linguísticas, sociais e de conhecimentos a nível da informática:

Houve a parte de desenvolvimento de comunicação, desenvolvimento social. Esta coisa de gerir, criar uma chamada com quatro ou cinco miúdos e às vezes o computador não estar a funcionar bem, ele ter de dizer "Agora esperem que tenho que reiniciar o computador para depois entrarmos" mesmo com miúdos mais velhos. Eu acho que ele tem capacidades sociais que são para além do simples estar a jogar num computador. A nível do inglês, a nível da perceção da informática dos computadores. Das redes, o que é um servidor, como é que se entra num servidor. (mãe do Valentim)

O Valentim adquiriu vocabulário no Inglês não só a jogar o Minecraft, mas também a ver séries em inglês, sem legendas no YouTube. Os conhecimentos na informática vieram de vídeos sobre jogos e com o irmão mais velho:

A Wii só é preciso ter net que vais a multijogador, pões o IP de servidor e entras... O IP é uma espécie de palavra-passe

que eles usam para tu entrares no servidor. E tu podes saber essa palavra-passe vendo vídeos. Eu vi um vídeo de um YouTuber, fui mais abaixo, fui à descrição e vi lá o IP. Copiei o IP, pus no Minecraft, adicionei o servidor e agora é só entrar. (Valentim)

Na família Zambujal, os pais não são defensores de jogos mas reconhecem que a Zara e o irmão desenvolveram os conhecimentos do Inglês, muito por causa desta atividade:

O inglês por exemplo, é uma coisa que ele acho que até com os próprios jogos que eu tanto critico, acabam por aprender e dominar algumas palavras. A Zara igual. (mãe da Zara, oito anos)

A Rita, oito anos, explica que é no Minecraft que fala com outras pessoas e exercita o inglês:

Há ingleses que, às vezes, pedem para eu dizer como é que vou buscar madeira. Eu meto. Eu digo. Tipo, quer construir a casa, mas não tem qualquer objeto para construir. Eu digo-lhe e ele vai buscar. (Rita, família Rodrigues)

Para além da língua inglesa, a família Henriques identifica aprendizagens relacionadas com os jogos, como o cálculo e perceber que para se atingirem objetivos há que seguir procedimentos:

Pai: Porque alguns jogos obrigam a contar, não é? Ir percebendo que para passar o nível tem que atingir determinado objetivo. Algumas destas coisas são claramente vantagens.

Mãe: A sequência de determinadas ações. Porque para fazer um bolo, tem que primeiro isto e depois isto e só depois é que lhe aparece o resultado final. Comportamento sequencial das coisas.

A família Baltazar encontra no jogo do gato Tom vantagens na educação sobre higiene pessoal que são transmitidas de forma lúdica:

Mas isto é engraçado porque lhes vai dando também a ideia... o gato para sobreviver precisa de ir à casa de banho, precisa de comer, precisa de tomar banho porque cheira mal, porque começam a aparecer moscas à volta e porque é que se toma banho e se lava os dentes. Este não tem os dentes, mas a gata tem. Lava os dentes. Primeiro passa água, depois escova os dentes. É educativo. (mãe da Bárbara, três anos)

3.4 - Como é feita a mediação dos jogos?

Se todas as famílias observadas têm consolas de jogos, em todas existem ecrãs portáteis. O *tablet* e o *smartphone* são os meios mais acessíveis e os que as crianças preferem usar para se divertirem, pela sua versatilidade e portabilidade. Este cenário impulsionou a indústria dos jogos, permitindo a qualquer pessoa com conhecimentos informáticos criar um jogo e usar os canais de distribuição da App Store, da Apple e da Google Play, da Google, para aprovar e distribuir o seu jogo, aumentando exponencialmente o número e o tipo de jogos disponíveis para o utilizador final.

A maior parte dos pais entrevistados opta por gerir os jogos descarregados nos ecrãs portáteis e utilizados pelos filhos. Além de evitar que os mais novos, por descuido, descarreguem jogos pagos, permite-lhes avaliar o conteúdo dos jogos (apurar se são violentos ou educativos) e adequar a classificação etária da criança (de acordo com o PEGI: Pan-European Game Information).

O Valentim, oito anos, joga vários jogos, mas em particular o Minecraft em várias plataformas. O pai faz o *download* dos jogos e a sua mediação é também uma forma de vigilância sobre interações que surgem no Minecraft com outros jogadores. Valentim sabe como o irmão mais velho foi verbalmente molestado por outros jogadores quando criou um canal no YouTube onde partilhava os seus vídeos a jogar e comentar jogadas no Minecraft:

Mãe: As críticas que vieram logo foram fortíssimas. Foram mesmo violentas... Miúdos, miúdos mais velhos... Eram coisas do género 'Não percebes nada disto', 'És um grande totó'. Coisas nessa linha.

Valentim: Coisas que não vou mencionar porque são muito violentas. (família Varela)

Nas últimas férias, o Valentim foi abordado no Minecraft por um jogador mais velho, aparentemente de 16 anos, mas os pais, com a ajuda do irmão, estiveram atentos e a pessoa 'desapareceu'.

Em famílias com raparigas ou com crianças mais pequenas, os pais escolhem e descarregam os jogos que, na sua opinião, são mais adequados e gerem-nos no dispositivo:

Sou eu que faço *download*. Muitas vezes faço porque acho que o jogo é interessante para ela... por critérios de destreza, ela tem que pensar um bocado no que está a fazer.

Outros é porque ela gosta, vê, às vezes eu 'tou a escolher e pergunto-lhe o que é que quer que eu... não deixo ficar muitos jogos, vou eliminando uns, vou pondo outros para ela também não criar aquela sensação de que tem 40 jogos. Eu pergunto-lhe qual é que ela quer eliminar, para depois se instalar outros para ela experimentar. Mas os jogos que ela gosta é muito de pintar, de vestir, como é natural. Eu tento é pôr os outros como o Piano Tiles, que dê mais destrezas. (pai da Jade, seis anos)

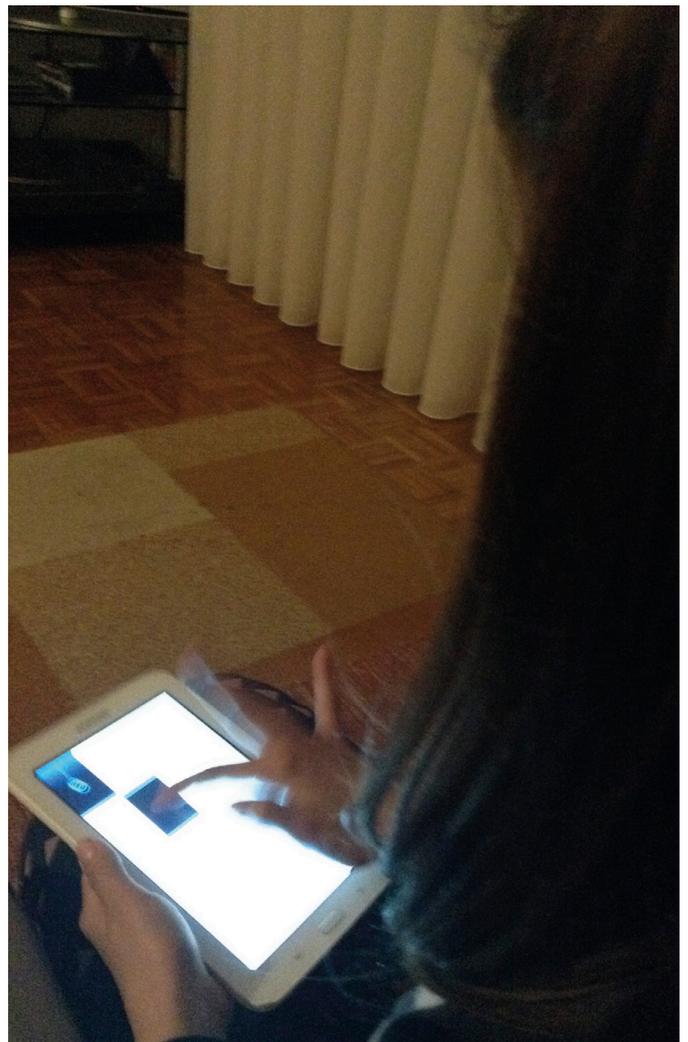


Fig. 63 PIANO TILES, UM DOS JOGOS PREFERIDOS DA SÓNIA, OITO ANOS

O pai da Bárbara, três anos, reforça este controlo: *"Ela não joga nenhum jogo que a gente não conheça"*. A mãe da Catarina, quatro anos, usa como critério a idade para selecionar os jogos, antecipando exigências cognitivas de jogos para mais velhos:

Eu escrevo puzzles para a idade entre os cinco, seis anos, apesar de ela ter quatro. São muito fáceis os de quatro anos. (mãe, família Carvalho)

A mãe do André, três anos, acompanha o filho quando este joga de modo a manter-se atualizada e apta a responder a futuras solicitações da criança:

Ele diz: 'Olha vais aqui, carregas aqui e assim e já está!'. Como mãe, sinto essa necessidade de acompanhar e de ver como as coisas funcionam também para não me deixar ser ultrapassada e, se caso ele um dia tenha alguma dificuldade, eu não saiba responder. (mãe, família Amaral)

Os smartphones das mães são os mais utilizados pelas crianças, pois os dos pais são considerados mais ferramentas de trabalho.

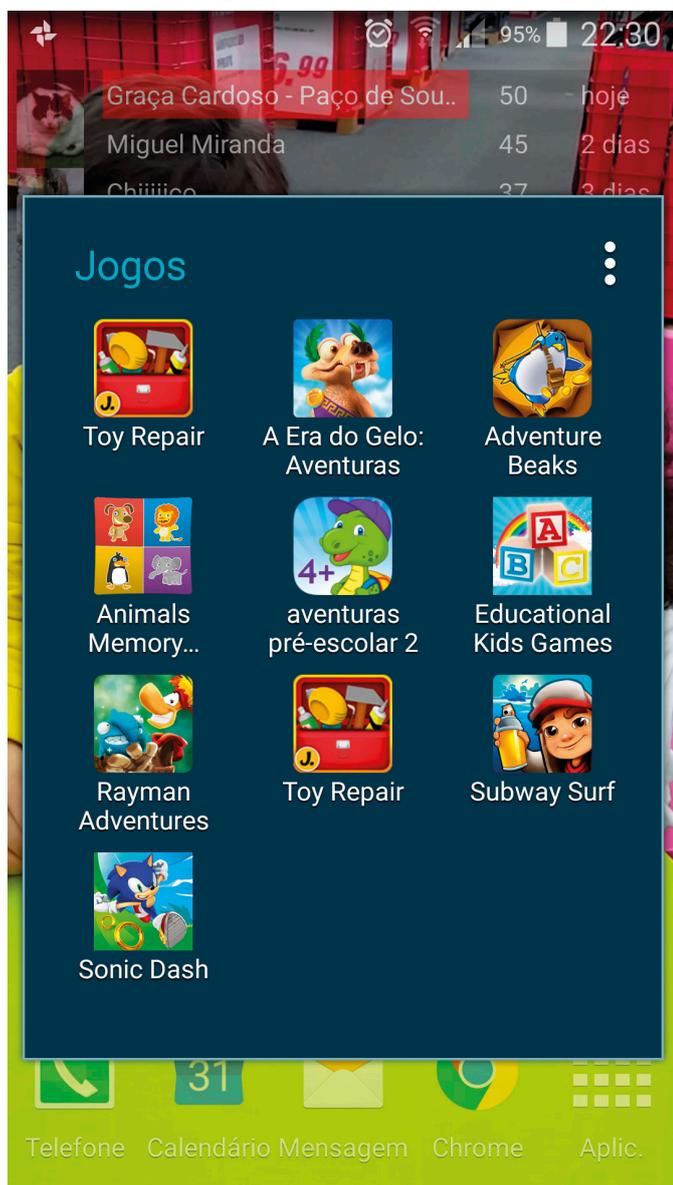


Fig. 64 JOGOS EXISTENTES NA PASTA DO SMARTPHONE DA MÃE, FAMÍLIA DIAS

A mãe do Diogo, quatro anos, seleciona e descarrega jogos que lhe parecem mais adequados: puzzles, quebra-cabeças, descobrir diferenças. Por vezes, ajuda-o a passar os níveis para evitar que o jogo o deixe 'frustrado' por não conseguir atingir os objetivos. O Diogo só joga quando a mãe autoriza, mais no smartphone dela (Figura 64) porque o tablet é usado pelo pai para trabalho. Para evitar as radiações, a mãe coloca o smartphone em modo de voo. O Diogo, que já sabe ativar o modo de voo sozinho, aproveitou para jogar sem pedir autorização à mãe quando esta estava distraída durante a entrevista:

Eu já lhe disse que quando joga tem que pôr em modo de voo, por causa de não ter tantas radiações. Agora é capaz de estar ali escondido a jogar. É bem provável. Porque, pois, eu ainda não me impus. Ele ainda não percebeu que ainda não o castiguei o suficiente. Que ele só pode jogar quando eu deixo.

A mãe, entretanto, pega no telemóvel e confirma que o menino já havia colocado o smartphone em modo de voo para jogar e comenta:

... já está em modo de voo. (mãe, família Dias)

O Martim, seis anos, sabe que o pai não gosta que ele jogue jogos violentos, mas joga GTA em casa do tio:

Pai: Hum. Pois. E o pai não gosta que vás para lá, porque é que o pai não gosta? O que é que tu queres jogar lá? [...] O jogo é muito vi-o-len-to, não é? Um jogo muito violento. Ele gosta. Ele adora ir para lá por causa disso... Como é que se chama o jogo que tu vais jogar para o tio?

Martim: GTA. (família Macedo)

Na família Garcia, a mãe escolhe os jogos que, a seu ver, são mais infantis, mas também deixa a Gabriela, cinco anos, escolher. Mas só a mãe descarrega os jogos.

Na família Passos, a gestão dos jogos está igualmente a cargo da mãe. A Patrícia, oito anos, e o Pedro, seis anos, escolhem e a mãe avalia os jogos antes de descarregar. Como as crianças preferem os jogos do Facebook, a mãe permite que usem a sua conta da rede social para jogar, sob a sua supervisão:

Os do Facebook é fácil eles verem e buscar. Como nenhum deles tem Facebook vão para a minha conta. E eu consigo controlar tudo o que eles tão a fazer. Digo 'não podes jogar este jogo que não é um jogo para ti'. Ou porque ele é violento ou porque ele é esquisito. E respeitam isso. (mãe, família Passos)

O pai do Francisco, quatro anos, não tem por hábito procurar jogos para o filho; é este que pede depois de ter visto em casa de um amigo. Como o *tablet* é antigo, o pai nem sempre consegue descarregar o jogo pedido e tenta soluções equivalentes:

Eu vou à procura, pela descrição que me deram do que é e tento instalar e rezar para que seja aquilo. Se não for aquilo, está o caldo entornado. E às vezes não dá, porque o nosso iPad é o iPad 2 e há jogos que já são para o Air ou 4. E tivemos aí um problema, com um desses jogos que ele queria e eu não consegui instalar. Então instalei uns parecidos e resolveu. (pai, família Faria)

O último jogo que o Francisco pediu é de dinossauros. A mãe não gosta, porque são mais violentos, prefere que ele jogue jogos mais infantis da Lego ou de pintar, mas o menino não tem interesse nesses. O pai vai jogando com ele o jogo dos dinossauros e monitorizando.

Os pais do Isaque, seis anos, também se preocupam com o tipo de jogos que o menino descarrega para o *tablet*. Isaque prefere e descarrega jogos violentos e que não são para a idade dele. Quando a mãe não gosta de um jogo, proíbe-o de jogar. O pai, responsável pela mediação técnica do *tablet*, desinstala-lhe o jogo.

Tinha um jogo que eu disse mesmo 'tira-me isso'. Porque era um jogo que era... ele tinha que matar um tubarão. Um tubarão enorme. Mas era muito animado, nem era muito adulto. E o tubarão matava pessoas. E ele achava um piadão. Porque o tubarão tinha que ser alimentado [com peixes]... Então, o meu marido limpou aquilo tudo também. (mãe, família Infante)

O tempo que as crianças passam a jogar e os comportamentos que têm por causa dos jogos inquietam os pais e impulsionam-os a agir. Apesar de os pais do Tiago, oito anos, não se considerarem "restritivos", ele deixou de poder jogar quando queria, porque "houve uma altura que acordava e a primeira coisa que queria fazer era ir jogar" (mãe, família Teles).

O Valentim, oito anos, e o irmão viram a Playstation apreendida por terem 'mau perder':

Mãe: Porque é que a Playstation foi apreendida? Queres contar?

Valentim: [em voz baixa] Por causa que ele tem um mau perder.

Mãe: Olha quem fala. Como é que tu ficas quando o jogo não corre bem? Nervoso, a gritar a chorar, não é?

Valentim: A berrar.

Mãe: E, então, eu digo 'não podes ficar nesse estado, senão acaba-se o jogo'. (família Varela)

Vários pais referem o "não gostar de perder" e apoderar-se do jogo como comportamentos a controlar. O Evandro (quatro anos) "faz birras" porque tem que ser ele a escolher o jogo e a jogar primeiro. O Tiago (oito anos) quando perdia, chorava e ficava chateado.

As raparigas tendem a assumir uma postura mais serena. A Gabriela (cinco anos) e a Helena (seis anos) mudam de jogo: A Sónia (oito anos) diz: "Se não consigo, tento o meu melhor". A Rita (oito anos) diz que vê televisão quando os pais não a deixam jogar mais.

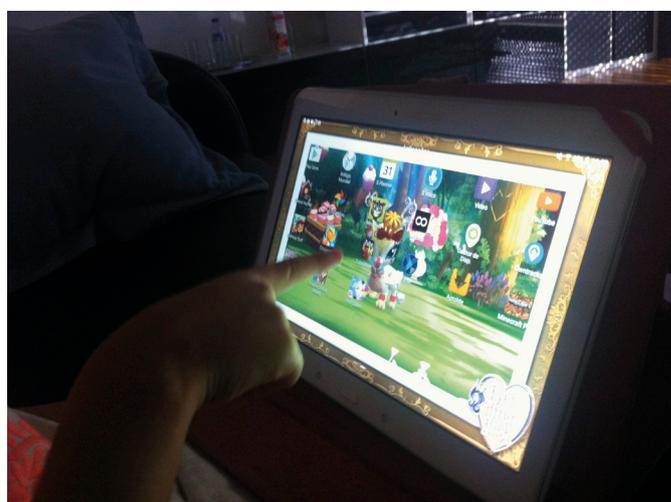


Fig. 65

PORMENOR DA RITA A JOGAR NO TABLET

Capítulo 4

Internet

Todas as crianças destas 20 famílias usam a internet praticamente de forma diária. Privilegiam-se ecrãs portáteis e individualizados para o acesso, e o *tablet* é o dispositivo preferido.

Estes dispositivos digitais são usados em modo *offline*, para tirar fotografias, filmar, pintar ou jogar. As atividades *online* estão ligadas a conteúdos recreativos. O YouTube é o principal foco de interesse, muitas vezes na companhia dos irmãos.

Ainda que as preferências se alterem com a idade, observa-se uma convergência de conteúdos entre ecrãs: entre os vídeos mais procurados pelas crianças na internet encontram-se programas e/ou personagens que acompanham na televisão; referem ainda vídeos de rir, de música, de desporto, jogos e tutoriais.

Observaram-se competências práticas, no manuseamento do dispositivo ou entre dispositivos ao uso da própria internet, e variedade de formas de as crianças chegarem a conteúdos de seu interesse: com ajuda de familiares, sobretudo se não souberem escrever; através do Google, que os direciona para o YouTube, do histórico ou das propostas entretanto geradas.

Os adultos reconhecem competências adquiridas pelas crianças no uso da tecnologia, desde ler e escrever, aquisi-

ção de vocabulário (em português e inglês), criatividade, até à destreza fina. Várias famílias referiram a sugestão ativa e procura de aplicações para desenvolver determinadas competências.

Em muitas famílias, embora as crianças saibam fazer *download* de aplicações, são os adultos que o fazem; a intervenção familiar também ocorre na utilização de aplicativos de comunicação com vídeo, que fazem parte das dinâmicas familiares em metade dos lares observados.

A internet é ainda usada para apaziguar, distrair e recompensar: acalmar a criança, distraí-la no momento da refeição, ou como moeda de troca por bom comportamento ou desempenho escolar.

Há famílias que não estimulam e até limitam o uso da internet por preferirem que as crianças se entretendam com outras atividades.

São comuns preocupações relativamente a conteúdos violentos (sobretudo com rapazes), a dependência ou a publicação de informação pessoal, geralmente interdita.

As famílias parecem ajustar o estilo de mediação às situações, ao relacionamento que existe entre os adultos e a criança, à personalidade da criança e como esta se relaciona com os ecrãs.

4.1 - Como acedem à internet?

Nestes 20 lares o acesso à internet é feito por Wi-Fi. As famílias acompanham a mudança do computador fixo para ecrãs portáteis e individualizados, até porque estes equipamentos estão mais baratos. As crianças, por norma, usam dois ou mais dispositivos para aceder à internet (*tablets*, *smartphones*, computadores, consolas) num registo (quase) diário, na maior parte das famílias:

Quase todos os dias. Quando não tenho nada para fazer.
(Helena, seis anos)

Recorde-se que nestas famílias, são mais as crianças, mesmo em idade pré-escolar, com *tablet* pessoal (figuras 66 e 67) do que com televisor no quarto. Enquanto o televisor está nos espaços comuns, o *tablet* é usado por toda a casa, mas nem todos os pais permitem o acesso no quarto. Este também é o

dispositivo preferido das crianças para ir à internet, já que a sua portabilidade permite "*levar para onde quero e é maior do que o telemóvel*" (Patrícia, oito anos).

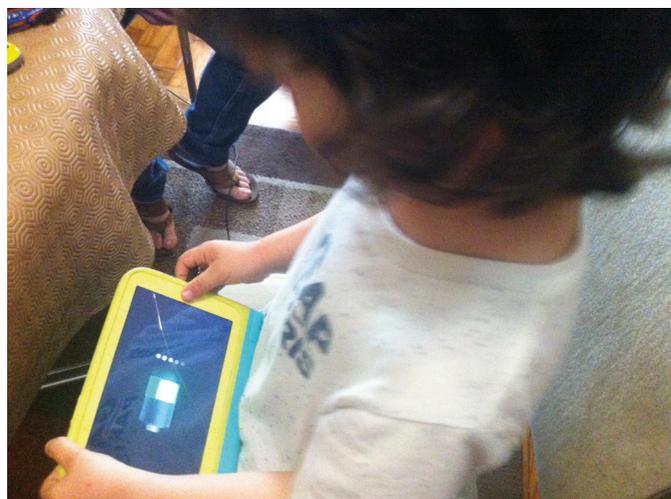


Fig. 66

ANDRÉ, TRÊS ANOS, USA O SEU TABLET

Cinco crianças herdaram *smartphones* que se tornaram obsoletos para os adultos. Destes, quatro não têm cartão SIM, sendo o aparelho usado apenas para ir ao Google e ao YouTube, jogar, ouvir música e tirar fotografias. A Lara, seis anos, a Zara e a Sónia, ambas de oito anos, têm *smartphone* mas dão-lhe tão pouco uso que é a mãe ou o pai que o põem a carregar, quando reparam que está sem bateria. Fora de casa, os ecrãs das crianças não têm acesso à internet. Em alguns casos, o acesso ao YouTube é garantido através dos *smartphones* dos pais.

4.2 - O que fazem na internet?

Os novos ecrãs portáteis são usados pelas crianças para além do *online*: tirar fotografias, filmar, pintar e jogar. Quando *online*, o principal foco de interesse chama-se YouTube. Para o pai do Francisco, 4 anos, completamente autónomo no uso do tablet e no consumo de vídeos: *“a especialidade dele é o iPad mesmo. É o YouTube”*.

As crianças acedem ao YouTube no *tablet*, nos *smartphones* dos pais e com menor frequência no computador. A Rita, 8 anos, com a ajuda do irmão e do pai, transfere a imagem do YouTube no *tablet* para a televisão (figuras 68 e 69).

Quando não sabem ler e escrever, as crianças pedem ajuda aos familiares com as palavras a colocar no campo de pesquisa. É o caso da Catarina, quatro anos, quando quer procurar os vídeos do Mr. Bean:

Pede aos avós muito para ver os vídeos dele. E aqui, volta e meia, também temos o portátil e ela pede ao irmão, porque ainda não consegue escrever. Já consegue escrever, mas Mr. Bean, ainda não. Se tiver num papel, ela vai e escreve. (mãe, família Carvalho)

O Martim, seis anos, ainda a aprender a ler e escrever, também pede ajuda. Os pais soletram-lhe as letras e ele faz a pesquisa:

Pai: Pede para nós escrevermos.

Mãe: Mas ele põe. Ou às vezes pergunta “Como é que se escreve?” “Corridas de carros”

Pai: Motas.

Mãe: Eu digo-lhe as letras e ele escreve. (família Macedo)

O Tiago e a Sónia, ambos de oito anos, têm por hábito começar a pesquisa no Google e ao abrirem o vídeo serem encaminhados para o YouTube. Outras crianças começam as pesquisas pelo histórico, onde acedem aos últimos vídeos visionados.



Fig. 67 GABRIELA, CINCO ANOS, USA O SEU TABLET

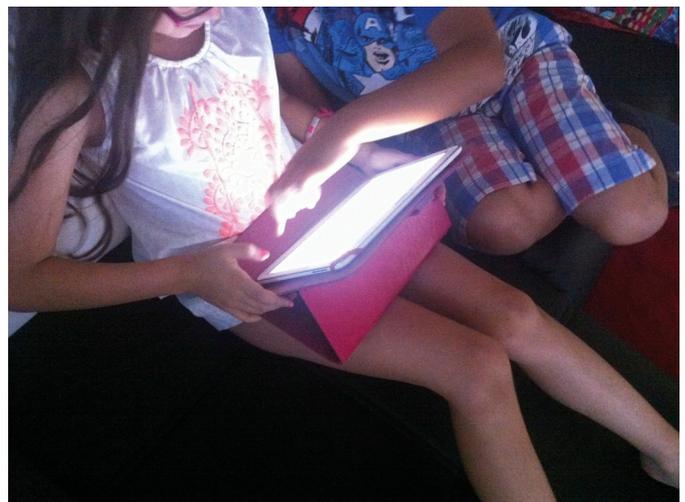


Fig. 68 RITA, 8 ANOS, TRANSFERE A IMAGEM DO YOUTUBE PARA A TELEVISÃO, COM A AJUDA DO IRMÃO DE 10 ANOS



Fig. 69 TRANSMISSÃO DO YOUTUBE NA TELEVISÃO (RITA, OITO ANOS, FAMÍLIA RODRIGUES)

Depois da pesquisa inicial, as crianças vão saltando de um vídeo para o outro a partir de sugestões dadas pelo site. À semelhança do que também acontece na televisão, os pais referem que as crianças veem repetidas vezes os mesmos vídeos.

Alguns conteúdos do seu interesse: séries e vídeos de rir (Mr. Bean); desenhos animados (Pantera Cor-de-Rosa, Tartarugas Ninja, Tom & Jerry, Ruca, Turma da Mônica, Porquinha Peppa, Patrulha Pata); filmes (Frozen e Mínimos, Cars); música (nacional e estrangeira: Agir, Sia, Rihanna, Justin Bieber); tutoriais (construções Lego e trabalhos manuais) (Quadro 29). Conteúdos de desporto (futebol, motocross, corridas de carros e de barcos) e jogos (lançamentos de novidades, tutoriais para passar de nível) foram observados em rapazes e referidos apenas por estes; as raparigas referiram tutoriais de maquilhagem e programas que veem na televisão (Got Talent, The Voice).

A Sónia, oito anos, explica como faz as suas pesquisas no YouTube, indo por vezes parar a conteúdos desadequados sem que se aperceba:

Sónia: Procuo as músicas ou os canais que quero. O Got Talent que dá na televisão. Escolho uma música [no Google] e depois dá no YouTube.

Investigadora: E desenhos animados, vês?

Sónia: Não. Vejo, escrevo 'Eu não sou chato' e depois uma menina diz 'Eu não sou chata'. Isso 'tá no YouTube.

Investigadora: Ora explica-me.

Sónia: "Eu não sou chata".

Investigadora: É uma menina a falar?

Sónia: Sim. Mais pequenina.

Ao Tiago, oito anos, motivam os vídeos para aprender a passar de nível nos jogos:

Mãe: Vê os vídeos para aprender os truques para passar de nível.

Pai: Para perceber como é que se joga. E a ver as novidades. As novidades todas têm vindo através do YouTube e depois vai ver se existe no mercado nacional [jogos]. Às vezes não há ainda. Ontem era o Lego Dimensões 2 que é o supprassumo... Ele pesquisa vídeos. Ele vai ao Google, ele já percebeu que há opção 'vídeos' na pesquisa ... Ele faz muito isto, nomeadamente, coisas novas, depois fica lá e depois lá aquilo vai dando saltos de um lado para o outro... Quando é para começar uma coisa nova é mais fácil e intuitivo começar por aqui [Google]. (família Teles)

O Isaque, seis anos, procura conteúdos para conseguir montar o seu Lego:

Porque há *online* os vídeos da montagem. E ele faz isso. Quando há um Lego que tem três posturas, dá para um dragão, dá para uma águia, dá para um carro, ele monta um, desmonta, vai ao YouTube ver como é que se monta o outro, desmonta e faz isso. (mãe, família Infante)

Quadro
30

PREFERÊNCIAS POR CONTEÚDOS ONLINE

Comédia	Desenhos animados	Filmes animados	Música	Desporto **apenas rapazes	Séries	Jogos **apenas rapazes	Tutoriais *apenas raparigas	Programas televisão *apenas raparigas
Mr. Bean Tom & Jerry	Pantera Cor-de-Rosa Tartarugas Ninja Tom & Jerry Ruca Turma da Mônica Porquinha Peppa Patrulha Pata	Frozen Mínimos Cars	Nacional (Agir) Estrangeira (Sia, Rihanna, Justin Bieber)	Futebol Motocross Corridas de carros Corridas de barcos	Indiscriminado	Indiscriminado Lançamentos de novidades Tutoriais para passar de nível nos jogos	Maquilhagem – apenas raparigas – Construções Lego Trabalhos manuais	Got Talent The Voice

Como acontece com a televisão e os jogos, as preferências das crianças não são estáticas e aquilo que procuram no YouTube muda ao longo do tempo:

São vários [vídeos]. Desde a montagem dos brinquedos a coisas, que há aí umas brasileiras, das Barbies e das Frozen e não sei quê, que fazem e que mexem... estilo como se fosse marionetas. Isso é o que ela procura. Agora anda nesta fase. Já teve outras. (pai da Olga, quatro anos)

Ver vídeos no YouTube é uma atividade lúdica que os irmãos partilham, habitualmente conduzida por irmãos ou irmãs mais velhos:

O irmão também vê muito é aqueles vídeos de como fazer experiências. Ela passa muito tempo com ele a ver isso. Por exemplo, sobre água, sobre o gás. Ele agora quer acetato de sódio. Já fui a drogarias, a farmácias. Mas aquilo só vai mesmo para laboratórios. Ele só quer fazer experiências. Ela alinha e, pronto, assiste aos vídeos com ele. (mãe da Catarina, quatro anos)

Os gémeos Nuno e Nélon, seis anos, têm o *tablet* avariado há mais de um ano e meio e, por isso, já não se lembram do que gostavam de ver no YouTube. Mesmo não estando a funcionar, continuam a brincar com ele, pressionando os pais para consertar o ecrã. Mas tendo em conta que eles se 'pegavam muito' por causa do *tablet* e que os pais preferem que brinquem sem tecnologias, nem mandaram arranjar o *tablet* nem compraram um novo. Os pais recordam que, quando os gémeos eram mais pequeninos, por vezes, lhes punham música do Panda no *tablet* para os acalmar e para que comessem a papa. Das 20 famílias observadas, estas são as crianças com um contacto mais esporádico com a internet.

Mãe: É só mesmo em momentos excepcionais. Lá está, consultas, se realmente 'tamos' no restaurante e a coisa 'tá a ser muito aborrecida, então, deixo usar à vez.

Pai: Quando está demorado, sabe que são crianças, não conseguem 'tar muito tempo sentados. Para não estar a importunar outras pessoas, depois já sabemos que vão importunar outras pessoas, então "pega lá".

Nélon: No *tablet* da L., quando eu fui à casa dela, tinha o Minecraft.

Mãe: A L. é uma amiguinha dele da escola. No outro dia tiveram greve e ele foi para a casa da L. o dia todo. Tudo bem. E pelos vistos estiveram a jogar, e não só. Fizeram tudo e mais alguma coisa.

Nélon: É um jogo que tem umas coisinhas, uns retângulos para nós clicarmos em cubos e assim tem lá as coisas que nós queremos fazer. Uma casa. [...]

Mãe: Mas é mais giro fazer os Legos assim ao vivo. Eu acho. (Nelson e mãe)

A Jade, de seis anos, não vai para o YouTube sozinha. Esta é uma atividade 'ocasionalmente' partilhada entre mãe e filha, no computador portátil.

Eu costumo pôr a minha *playlist* quando 'tu a passar a ferro. Levo o computador, levo uma coluna e ponho a minha *playlist*. E ela está aqui, ouve a música, depois vai ter comigo e depois vai à minha *playlist* e ela é que escolhe as músicas. Deixo-a escolher. Depois de umas, passa para outras. Depois, há vídeos engraçados que eu gosto de partilhar com ela. Chamo para ver. Vemos e rimo-nos, mas é mais uma coisa nossa. Eu gosto mais de ver as coisas em tamanho grande e, então, ponho no computador e sentamo-nos aqui, deitamo-nos às vezes e o computador fica no nosso meio e ficamos a ver vídeos engraçados. Ontem foi o Raminhos. Os vídeos do Raminhos e as filhas. É engraçado [risos] (mãe, família Junqueira)

O Isaque, também de seis anos, procura receitas de bolos para a mãe lhe fazer no fim-de-semana:

E sempre que vê a imagem de um bolo, abre. 'Mãe, ouve a receita, vais-me fazer isto'. (mãe, família Infante)

Vídeos que parecem captar a atenção das crianças são os produzidos por outros utilizadores, adultos ou crianças. Algumas famílias ficam perplexas por as suas crianças ficarem absorvidas a ver vídeos com 30 minutos e mais, de adultos por exemplo a desembulhar ovos de chocolate Kinder, como os pais da Bárbara, três anos, e do Francisco, quatro anos:

Mãe: Há 'aos montes' no YouTube.

Pai: Eles a desembulhar os ovinhos. São pessoas com cestos com setenta ovos kinder e abrem um.

Mãe: Abrem a plasticina, tiram o ovo, explicam o que tem dentro.

Pai: Estão ali uma hora e tal a desembulhar setenta ovos e a tirar setenta bonequinhos. [...] Quem já tem os bonecos que saem nos ovos, embrulha-os em plasticina e depois tira-os da plasticina para mostrar como se fosse uma surpresa. Que é uma coisa perfeitamente absurda. E há centenas de vídeos desses. (família Baltazar)

Mãe: Há uma coisa que eu não estava nada à espera de encontrar a ver, mas fiquei a saber que é extremamente comum que é vídeos de 20, 30 minutos de pessoas a abrirem ovos Kinder.

Pai: Ah, é.

Mãe: E a verem as surpresas que estão dentro dos ovos Kinder.

Pai: Mais de meia hora.

Mãe: Adultos.

Pai: Nunca se vê o adulto.

Mãe: Vê as mãos, a voz a descrever em inglês ou noutra língua qualquer.

Pai: Ah, sim, é tudo em estrangeiro.

Mãe: ...isto eu fiquei a saber de um post no Facebook, um psicólogo que perguntou 'o que é que os vossos filhos, que vídeos é que notam que os filhos veem mais?'. Eu começo a ver as pessoas a dizer: 'a desembrulhar ovos Kinder'". (família Faria)

Vídeos que agradam sobretudo aos rapazes e perturbam os pais são os que apelam à violência, em particular, vídeos de Cosplay protagonizados por adultos (Figura 70):

Entretanto, aquilo foi dando sugestão de outras coisas, e chegou-me às sugestões desses super-heróis. E agora tem andado nessa preferência... Não me preocupa muito mas preocupa. Às vezes que na escolinha ande à luta com os meninos. Que não consiga fazer a distinção entre o real e brincadeira. Há momentos ali que apertam o pescoço. Determinadas situações que podem ser perigosas. E ele não tem consciência de que apertar o pescoço pode magoar... Essa parte preocupa-me por isso. Eu agora já tenho dito que determinadas coisas magoam, não se faz. Que os meninos estão a fazer de conta. Notei que as brincadeiras dele começaram a incidir mais para as lutas, por causa dos vídeos... As crianças têm conhecimento da violência, porque veem e observam violência. (mãe do André, três anos)

Aplicativos gratuitos de mensagens instantâneas e conversas por vídeo estão integrados nas dinâmicas de metade das famílias observadas. São utilizados pelas crianças nos jogos, quando os pais estão ausentes em trabalho, para manter contacto com irmãos que não vivem na mesma casa, com familiares que estão distantes, ou com os próprios pais quando vão de férias acompanhados de outros familiares:

Pai: Eles às vezes estão ligados no Skype como se fosse uma chamada telefónica com auscultadores e jogam e falam uns com os outros ao mesmo tempo.

Mãe: E veem os ecrãs. Partilham os ecrãs. Mas já aconteceu ele estar aqui e não ter o Minecraft e estar com os auscultadores e o Skype e o amigo partilhar o ecrã para ele ver, sem tar a jogar. Estar a acompanhar o jogo.

Valentim (oito anos): É um grupo que nós temos. (família Varela)

Porque elas iam passar 15 dias à Alemanha. E foi uma boa forma de nos mantermos em contacto. Porque o pai deu um telemóvel à irmã, confesso que na altura achei um bocadinho, pronto, fora de idade... Mas, na Alemanha, deu muito jeito.

Lara: Eu utilizo muito o Skype.

Investigadora: Com quem?

Lara: Com a mamã quando eu estava na Alemanha. Com o meu primo que agora está na Alemanha e eu estou em Portugal e com o papá. Com o papá, sim. Também posso utilizar. [...] Sim, moramos perto, mas ainda assim, eu gosto de utilizar um bocadinho de Skype com ele. (mãe e Lara, seis anos)

Nas famílias Baltazar e Henriques, o Skype converteu-se num recurso essencial na gestão do dia-a-dia. Este software permitiu ao pai Baltazar, ausente numa viagem de trabalho, presenciar um momento único: "A primeira vez que ela comeu papa, eu estava no Skype a ver". Na família Henriques permite que o pai, apesar de emigrado, possa fazer estudo acompanhado com a filha, 'se sentar à mesa' e participar da hora do jantar da família:

Mãe: E jantamos com o pai [risos].

Pai: Por Skype.

Filha: Por Skype, ou se ele tiver cá, sem Skype.

Mãe: Se o pai estiver, jantamos sempre com o pai também... Tentamos fazê-lo sempre à hora da refeição, que é a hora em que estamos os três mais disponíveis. (família Henriques)

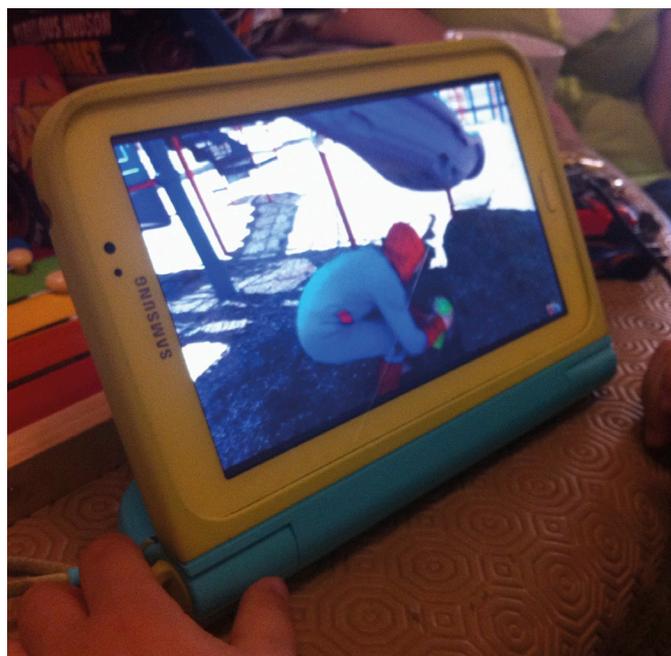


Fig. 70

ANDRÉ A VER OS VÍDEOS DE COSPLAY, NO YOUTUBE

Este meio de comunicação, mais estimulante do que uma mera chamada de voz, é por esse motivo já mais apreciado por esta geração mais nova, habituada a estímulos multi-sensoriais:

Mãe: A Bárbara não gosta de falar ao telefone.

Pai: Por Skype é aceitável.

Mãe: Por Skype, ela não se importa. Por exemplo, a minha mãe liga-me e eu ponho em voz alta para falar com ela.

Pai: Ela chega ao telefone como não vê ninguém, desinteressada-se... Se não tiver vídeo, a chamada não tem nenhum interesse para ela. (família Baltazar)

4.3 – O que fazem nos ecrãs portáteis além da internet?

Os novos ecrãs portáteis proporcionam às crianças as primeiras experiências com a palavra, imagem e som, muito diferentes das vividas pelas gerações anteriores, como afirma uma mãe: *“conseguem aceder a música, a informação escrita, a vídeos, a exemplos de qualquer coisa”* (família Dias). Para além da procura de tutoriais, procuram vídeos sobre temáticas do seu agrado como música, cinema, motas, dinossauros, maquiagem, lengalengas, bebês.

Independentemente do nível de autonomia no acesso e uso dos ecrãs dentro de casa, as crianças adquirem literacias digitais, entendidas como competências adquiridas através do acesso e utilização das tecnologias digitais, incluindo as competências tradicionais, como ler e escrever (Sefton-Green et al., 2016), como é o caso da Lara:

Lara: Eu utilizo o *tablet* para aprender a escrever... Não foi muito, mas foi alguma coisa.

Mãe: Ah, aquele puzzle da Kitty também ajudou. Aquele que tem uma letra em baixo por ordem alfabética. (Lara, seis anos, e mãe)

O que parece ser mais evidente para os pais é a aquisição de vocabulário em português e em inglês, seja por causa dos jogos, *“Ele é muito bom a inglês... aprendeu imenso vocabulário no Minecraft”* (mãe, família Varela), dos vídeos no YouTube ou de lengalengas, como as da Family Finger. Outros pais mencionam a destreza fina e o *‘desenrascar sozinhos’*, como competências que valorizam no uso dos ecrãs. Algumas mães estimulam a aprendizagem recorrendo ao editor de texto:

Pergunta-me quais são as letras, junta, faz palavras. Pergunta que palavra é. Já vai fazendo alguma coisa. (mãe, família Junqueira)

Já comecei a ir para o computador com esse intuito dele escrever o nome dele. Escrever e identificar as letras. (mãe, família Dias)

Para além destas aprendizagens, os pais procuram aplicações de desenho e pintura:

Pai: E tem as aplicaçõezinhas para pintar, para desenhar.

Mãe: E os de pintar é daquele género daqueles livros que há agora para os adultos pintarem. Se ocupam o tempo, que seja com alguma coisa útil, não é? (família Junqueira)

Seja através de texto, desenho ou imagem estática ou em movimento, algumas crianças usam estes dispositivos móveis para criar conteúdos. A Patrícia, oito anos, desenha em 3D (Figura 71), muito por influência de ver os pais:

Mãe: O programa é básico é o SketchUp, mas consegue já modelar uma casa. Fazer uma fachada, com a porta, janelas e ter a noção da perspetiva da relação, das alturas e como vai ser a porta e relação das janelas comparando com a porta... Quem fazia mais aqui em casa era o meu marido que eu não tenho tempo, nem atividade de estar agora a fazer projetos. Mas o meu marido fazia, para desenhar algum móvel aqui para casa, ou qualquer coisa... *Tava* a ver e começou a fazer. *Sozinha*... É um programa de desenho de 3D, mas é muito intuitivo. É muito fácil... Mas depois também depende muito da profissão que os pais têm.



Fig. 71

DESENHO EM 3D DA PATRÍCIA, OITO ANOS

A criatividade observa-se também quando procuram expressar-se de outras formas. É o caso da Lara, seis anos, que gosta de tirar *selfies*, porque é divertido:

Lara: Eu tiro a mim, à minha irmã e a muitas coisas... Mas sabes qual é a parte mais engraçada de tirar *selfies*? Mas é assim, eu acho divertido que podemos pôr-nos em qualquer sítio... carregamos num botão e fica uma *selfie* com a pose e a paisagem. Essa é a parte mais gira de tirar *selfies*. (família Lacerda)

O André, três anos, além de *selfies* apreciou fotografar os pais na última viagem e revela sentido estético a distinguir uma boa fotografia. Para além da câmara fotográfica, descobriu o vídeo e a gravação de voz, muito por estímulo da mãe:

Adora ver as fotografias e vídeos que faço dele e, ultimamente, gosta de tirar fotografias e de tirar fotografias a ele e gosta de tirar fotografias aos outros e usa a máquina fotográfica. Quando fomos a Londres, algumas fotografias de nós os dois [casal] foram tiradas por ele e com bons enquadramentos. Há sempre algumas que ele vai e tira e corta as pernas e depois diz: "Esta não ficou muito bem, mamã, vamos tirar outra" E ele tira. E consegue identificar se a fotografia ficou bem ou mal. Se está tremida ou não... Também faz vídeos. Com os telemóveis. Faz vídeos e também usa aquele do Dictate Pro, que é gravar. Isso começou porque ele estava no Natal a cantar uma música, queria gravar e queria ficar com isso, então usei essa aplicação. Gravei e depois mostrei-lhe. Ele achou piada e depois começou a fazer. (família Amaral)

A Helena, seis anos, para além das *selfies* gosta de fazer vídeos à semelhança dos que vê no YouTube, produzidos por crianças brasileiras, nos quais descrevem e comentam produtos que compram. Mas os vídeos dela não são publicados na internet:

Pai: E ela deve ser das que mais *selfies* tira na casa. Eu, às vezes, quando pego no meu telemóvel, tem lá 15 ou 20 *selfies* tiradas por ela.

Mãe: Lábios pintados[risos]! ...

Pai: E já faz vídeos.

Helena: E depois mostro aos meus pais.

Investigadora: E fazes vídeos de quê?

Helena: De Violetta. As coisas que eu tenho... Ponho na minha secretária e começo a fazer o vídeo.

Mãe: Faz tipo apresentação de produto. "Eu tenho este lápis da Violetta que a minha mãe me deu quando nós fomos ao supermercado." "Também tenho este porta-lápis que veio neste conjunto e é da Violetta. É muito bonito, porque

tem um tom de rosa, não sei quê, não sei quê"

Investigadora: De onde veio essa ideia?

Helena: Do YouTube.

4.4 - Quando usam a internet?

Os ecrãs portáteis intercalam com a televisão, normalmente, depois de as crianças chegarem a casa, ao final do dia, após realizarem os trabalhos de casa e antes de deitar:

Fica lá até às cinco e meia. Vou buscá-la, chegamos a casa. Sempre esta rotina. A hora do banho. Depois da hora do banho, visto-a logo para ficar em casa confortável. Vai para o *tablet* ou vai ver televisão. (mãe da Gabriela, cinco anos)

Às vezes quando vai para a cama, cinco minutos. Que eu deixo estar cinco minutos na cama com o *tablet*. (mãe da Sónia, oito anos)

Tirando partido da portabilidade, o André, três anos, e o Francisco, quatro anos, gostam de ter o *tablet* ou o *smartphone* da mãe com eles em momentos mais privados:

Mãe: Pronto, posso dizer isto em voz alta? Quando ele (criança) vai à casa de banho, vai como iPad...

Pai: Casa de banho. Sempre. Ele pede. (família Faria)

Também os ecrãs portáteis estão mais presentes na rotina das crianças durante o fim-de-semana, quando as regras e os horários tendem a ser mais flexíveis:

Portanto, ao fim-de-semana, embora a gente tente diversificar um bocado as brincadeiras, mas acaba por ter mais tempo de televisão e mais tempo de uso do iPad. Principalmente se passarmos muito tempo em casa. Mas é basicamente brincadeira aos fins-de-semana. (mãe do Francisco, quatro anos)

Fora de casa, os ecrãs (*tablet* ou *smartphone*) embora sem ligação à internet, são muito úteis aos pais para manter as crianças entretidas. A família Teles só começou a ir a restaurantes quando surgiram os *smartphones*:

Nós só começamos a conseguir ir comer fora quando apareceram os telefones móveis desta geração (mãe do Tiago, oito anos)

A mãe da família Dias recorre ao *smartphone* quando leva os dois filhos (o Diogo, quatro anos, e a irmã, dois anos) ao médico de modo a mantê-los 'controlados'. A família Infante recorre ao *tablet* em viagens mais longas. Os jogos e as aplicações de desenho mantêm a criança ocupada:

Fazemos uma viagem de duas horas e meia... Cantamos, contamos histórias, fazemos jogos. Chega a um ponto que está aborrecido. "Queres fazer um jogo, amor?" "Tá bem" Então, não temos a internet, ele faz os joguinhos dele [no *tablet*], ou pinta um animal ou escreve e dá para passar um bocadinho de tempo. (mãe do Isaque, seis anos)

4.5 – Como é feita a mediação na internet?

Os ecrãs digitais e a internet são percecionados de um modo diferente pelos pais. Para uns, são um elo de ligação, "fazem parte da nossa vida" (mãe, família Amaral); para outros, "há muita tecnologia em redor deles [dos filhos] e em todo o lado" (mãe, família Carvalho) e, por eles, se tal fosse possível, "essas coisas não existiam" (mãe, família Junqueira).

Como resultado, diferentes são também as experiências digitais das famílias. Porque o estilo de mediação é transversal aos ecrãs que estão ao dispor das crianças, nas famílias onde prevalece uma mediação mais relaxada e otimista, os pais são menos preocupados com os riscos. Nas famílias que optam por uma mediação protecionista, predomina uma maior preocupação com os conteúdos a que as crianças acedem.

Na família Teles, os pais usam intensivamente os ecrãs e a internet para trabalho e chegam a casa "tão fartos de ecrãs". Mesmo assim, não adoptam uma postura mais restritiva:

Nós nunca fomos daqueles pais restritivos de dizer "Só jogas ao fim-de-semana" Não. Tentamos dar um sempre um bocadinho para descomprimir, para fazer uma coisa que goste (mãe, família Teles).

As famílias ajustam o estilo de mediação de acordo com as situações, o relacionamento que existe entre os adultos e a criança, com a própria personalidade da criança e como esta se relaciona com os ecrãs. A família Carvalho sente necessidade de ajustar estratégias aos filhos (uma rapariga de qua-

tro anos e um rapaz de nove anos), tendo em conta que "são idades diferentes e perigos diferentes". Como vimos, o irmão de Catarina gosta de ver vídeos feitos por outras crianças sobre experiências e produz os vídeos dele usando a irmã como 'cobaia'. Gostava de os colocar no YouTube, porém a mãe não autoriza a sua exposição na rede:

O irmão às vezes filma, mas eu não, não quero porque ele fala. Há voz, há imagem, não quero que haja essa partilha. Temos é os vídeos caseiros. Às vezes gravo-lhe. Ele às vezes pede-me, no outro dia disse: "Oh mamã, eu queria..." Disse: filho, ainda não tens idade para isso [colocar na internet]. Sim por ele, sim e com a irmã de cobaia, ia logo à frente, mas eu é que não quero ceder a imagem, para já, deles (mãe da Catarina, quatro anos)

Além da exposição, os pais manifestaram preocupações com os conteúdos violentos que parecem atrair as crianças e a dependência destes ecrãs. Os pais do André, três anos, apesar de lhe terem comprado um *tablet*, revelam receios sobre dependência e que o menino se isole socialmente:

Ele nos momentos em que não tinha nada, ficava com o *tablet* e ficava ali uma data de tempo em vez de brincar ou falar com as pessoas... acabava por não conversar. Se não tiver o *tablet*, ele acaba por conversar e falar connosco, contar coisas e fazer brincadeiras, pronto, essa é a parte, se calhar, mais negativa. Individualizou mais, não comunica tanto, pelo menos quanto gostaríamos. Não brinca tanto com outras coisas... Quando vamos de viagem ou a algum sítio, agora que não tem internet, ele fica zangado e deixa o *tablet* e vai fazer outra coisa... Agora noto mais aquela reação de frustração: "Que porcaria, não funciona, eu quero os vídeos, eu quero os vídeos". (mãe, família Amaral)

Para fazer face ao uso exagerado de ecrã, a família Amaral, como estratégia, 'avariou' o *tablet* do filho e notou melhorias:

Fizemos a experiência. Desligámos o *tablet*: 'Olha avariou-se e agora não dá' Na escolinha tivemos o *feedback* que ele 'tava mais conversador, não sei se foi [coincidência] ou se não foi. (mãe, família Amaral)

Na família Lacerda, as filhas (de seis e de 11 anos), não usam muito e por isso a mãe considera que não é preciso regras. Outras estratégias contemplam usar os ecrãs como moeda de troca para garantir o desempenho escolar e bom comportamento, "Se hoje te portares bem na escola, deixo-te jogar uma vez no telefone" (mãe, família Dias).

Apesar de variar o grau de autonomia das crianças no tablet, no que toca ao *download* de aplicações, em muitas famílias os adultos tendem a assumir essa responsabilidade, mesmo quando as crianças o sabem fazer: “*Vou no sítio de instalar jogos, escrevo lá o que eu quero e depois instalo*” (Helena, seis anos). Os pais asseguram esta manutenção para evitar que, por descuido, descarreguem aplicações pagas e para administrarem a gestão de memória do dispositivo:

Mãe: Às vezes chamamos à atenção. Pode ser coisas para pagar, ou isso. Que não se deve fazer isso, sem perguntar.

Pai: Pois. Isso ele faz, ele sabe ir à Play Store e vai ver os jogos... vai escolhendo os jogos. Pronto, alguns dão para instalar, outros não dão. E normalmente, são jogos para ficar ali e depois a gente desinstalar. Porque ele carrega e carrega e carrega e aquilo fica sobrelotado de jogos e tem que se apagar, não é? (família Macedo)

Pela sua portabilidade e tamanho, o *tablet* é um dispositivo mais difícil de controlar por parte dos pais, onde a criança aprende por exploração e “*se aventura mais*” (pai, família Junqueira) e pede menos ajuda aos adultos. Duas atividades agarram as crianças aos *tablets*: os jogos e o YouTube. Não saber ler e escrever não parece impedir as crianças de encontrarem vídeos de acordo com os seus interesses, preferências e escolhas pessoais. Apesar de reconhecerem que é tudo muito intuitivo, é frequente ouvir da boca dos pais, “*Eu próprio não sei como é que ele chega lá*” (pai, família Faria), o que deixa algumas famílias perplexas, mas também “*aflitos à procura de controlo parental no YouTube*” (mãe, família Faria).

Evitar anúncios, abrir e fechar aplicações, arrastar, apagar, pesquisar, maximizar, escolher o que querem ver são competências ativas e interativas que as crianças parecem controlar desde cedo no YouTube. Mas, como vimos, o que inquieta os pais são os vídeos que apelam à violência, em particular vídeos de Cosplay protagonizados por adultos. Por exemplo, o André de três anos, por vezes, “*vai para debaixo da mesa ou então vai para o quarto, fecha a porta*” (família Amaral) quando quer ver vídeos de lutas entre super-heróis, conteúdos desaprovados pelos pais. Nesta perspetiva, a televisão dificulta mais a autonomia às crianças, enquanto o *tablet* complica a monitorização dos pais.

Os pais do Isaque, seis anos, também tiveram que intervir por causa de uns conteúdos violentos que o filho gostava de ver. No entanto, enquanto decorria a conversa com a mãe, o menino via vídeos de Cosplay, feitos por adultos, à semelhança dos referidos por outras famílias:

Outra coisa que depois deixou de ver era palhaços. Ele

gosta muito de circo. Mas depois dentro das categorias dos palhaços, surgiam palhaços com motosserras, palhaços malvados... Então ficava assustadíssimo. Então, proibimos de ver essa parte de palhaços.

Investigadora: Como é que deram conta?

Mãe: Ele não reagiu muito, só depois de ver, mas queria sempre ver. Tinha medo, mas queria sempre ver. Esse homem-aranha, eu não sei o que ele anda aí a fazer. Ele gosta destas coisas. (mãe, família Infante)

Os aplicativos gratuitos de comunicação com vídeo, como é o caso do FaceTime e do Skype são utilizados pelas crianças para comunicar com familiares, mas a ligação é, regra geral, feita com a intervenção de um adulto:

Investigadora: Comunica com eles [irmãos] por tecnologia?

Pai: Ah, sim. Comunica através de... mas com a nossa intervenção, ou por Skype ou por FaceTime. Mas sobretudo por FaceTime. (pai da Olga, quatro anos)

Apenas a Helena, seis anos, que tem o pai emigrado, é autónoma para fazer estas chamadas por iniciativa dela, apenas dentro de casa:

Investigadora: A Helena contacta o pai, por iniciativa dela?

Pai: Sim. E ela sabe perfeitamente como é que faz a chamada. Sabe chegar ao Skype...

Helena: Sabe ir ao Skype, clicar e ver onde é que tá o pai, clicar e fazer a chamada.

Investigadora: Por computador?

Pai: Normalmente computador ou iPad, é normalmente as duas ferramentas que a gente utiliza para fazer as chamadas de Skype... (família Henriques)

Nos telemóveis dos pais, a maior parte das crianças sabe atender e fazer chamadas, mas só com autorização dos pais:

Mãe: Ele normalmente vê quem é e diz 'Posso atender?'

Pai: Mesmo para ligar, liga por exemplo para a avó, mas pede para ligar. (família Macedo)

Além disso, sabem ainda os códigos PIN e responder às mensagens escritas, como é o caso da Sónia, de oito anos, que inclusive ensinou a mãe:

O meu sempre que toca mensagens, ela vai ver. Vê as mensagens escritas. Foi ela que me ensinou como é que se põe os acentos que eu não sabia. Sou sincera. (mãe, família Saraiva)

III

Conclusões



III. Conclusões

As crianças portuguesas (3-8 anos) são nativos digitais. Vivem em lares digitais e têm pais digitais.

Os resultados do inquérito nacional aos consumos de media eletrónicos por crianças dos 3 aos 8 anos revelam que nas casas onde estas residem há pelo menos um televisor (99%) e um telemóvel (92%). O computador portátil (70%) e o *tablet* (68%) estão logo a seguir, quase a par. Estes são os principais ecrãs das famílias.

Desde que nascem, as crianças convivem com dispositivos digitais e veem os pais a utilizá-los diariamente.

Estes equipamentos estão nos espaços comuns da casa, estão ao alcance das crianças e fazem parte da sua rotina. Em alguns casos, os equipamentos até lhes pertencem. Além disso, as crianças apropriam-se dos dispositivos comuns, conseguem manuseá-los com facilidade. Muitas vezes os pais reconhecem que o comando do televisor é delas.

A televisão é o meio dominante: 94% das crianças veem televisão todos os dias, em média 1h41 minutos (um valor que sobe aos fins-de-semana).

Veem conteúdos televisivos essencialmente nos grandes ecrãs, em espaços comuns da casa.

Os conteúdos televisivos que os pais reportam como os preferidos dos seus filhos são desenhos animados, programas infantis e para a família. Os pais dizem que as crianças veem o canal Panda (87%), a TVI (73%), a SIC (70%), a Disney (69%) e a RTP1 (66%). Se a análise for efetuada em termos de frequência, todos os dias 75% das crianças veem o Panda, 56% os canais Disney e 46% a TVI.

O consumo de canais generalistas é superior em crianças integradas em famílias com escolaridade mais baixa. Não se ignora que muitas famílias, por razões económicas, têm uma oferta televisiva limitada aos canais da TDT.

As crianças têm acesso ao televisor, cujo funcionamento dominam. O contacto com este aparelho é intenso. Em muitos casos, o controlo por parte dos pais é menos restritivo em comparação com outros ecrãs.

Por outro lado, a televisão em casa funciona como "pano de fundo" ou "babysitter", enquanto os adultos estão ocupados com outras tarefas.

A televisão é também percebida pelos pais como um meio apaziguador. É utilizada, por exemplo, para distrair a criança quando está a ser vestida ou alimentada, quando está a adormecer ou a acordar.

É igualmente neste quadro que se pode perceber a quantidade de *tablets* nos lares portugueses com crianças, porque é considerado um dispositivo adequado para as crianças. Funciona como o ecrã portátil.

As crianças fazem uso do *tablet* em dois terços dos lares onde há este dispositivo, com ou sem a tutela dos pais e irmãos mais velhos, e quase todas (em 63% dos lares) tem um pessoal. *Tablets* e *smartphones* são usados para acalmar ou distrair a criança durante as refeições ou para premiar o bom comportamento ou desempenho escolar.

Um outro meio utilizado pelas crianças é o telemóvel / *smartphone* (45%), destacando-se que 18% têm um aparelho para uso pessoal (metade dos quais *smartphones*).

Consolas de jogos, DVD e computadores portáteis também fazem parte dos equipamentos eletrónicos do lar e das rotinas das crianças.

Muitos destes dispositivos são utilizados *online* e *offline*. Os pais indicam, no entanto, que a utilização da internet pelas crianças é muito menor do que o acesso a outros conteúdos audiovisuais e multimédia *offline*.

Segundo os resultados do inquérito, 38% das crianças acedem à internet, sendo o *tablet* o dispositivo mais usado para este fim (63%). Três quartos das crianças sabem ligar estes dispositivos à rede. Habitualmente os computadores pessoais estão resguardados, sendo, neste caso, mais restrito o acesso das crianças. O uso destes aparelhos acontece na companhia dos pais ou dos irmãos mais velhos.

Conteúdos ligados a televisão, vídeos de desenhos animados e jogos são os mais procurados quando as crianças navegam na internet. As redes sociais são residuais, por interdição dos pais, que as consideram poucas adequadas atendendo à idade dos filhos. O risco surge mais associado à navegação na internet, que gera mais preocupação dos pais do que o consumo *offline*, designadamente, de conteúdos televisivos. No acesso à internet, o acompanhamento parental é mais intenso.

Os pais são, eles próprios, utilizadores frequentes de meios digitais: 80% declaram-se utilizadores de internet e 68% acedem diariamente à rede, sobretudo em casa (96%). Estão familiarizados, pelo menos desde o início da idade adulta, com estes dispositivos.

A maior parte dos pais manifesta preocupações com o uso da internet, sem vigilância, pelos filhos. Também em relação aos conteúdos televisivos, os pais dizem que exercem esse controle. Um total de 81% dizem proibir o visionamento televisivo a partir de determinada hora e 63% impõe como regra a interdição de programas que não sejam para crianças.

Na televisão, o que mais preocupa os pais são conteúdos violentos, linguagem inadequada e nudez/ conteúdos sexuais. A grande maioria não aplica restrições técnicas e 56% referem que os televisores não oferecem esta funcionalidade.

O acompanhamento parental predomina no visionamento de televisão (79%), o que significa que 21% das crianças veem televisão sozinhas. Os pais declaram ver frequentemente com a criança desenhos animados e programas infantis, mas também visionam com os filhos outros conteúdos, como telenovelas, descoberta de talentos, concursos, noticiários... e até reality-shows (15%).

A maioria dos pais (94%) diz que fala com as crianças sobre os conteúdos transmitidos na televisão; 91% referem já ter sugerido programas; e 81% já conversaram com a criança sobre conteúdos que a assustaram. Estes diálogos são mais frequentes junto de pais de nível socioeconómico mais elevado.

Aliás, tanto a abordagem quantitativa como a qualitativa deste estudo indiciam que o nível socioeconómico e a escolaridade são variáveis com influência nos usos de meios eletrónicos pelas crianças. Por exemplo, as famílias de condição escolar mais baixa são as que têm mais aparelhos digitais em casa e as que consomem mais conteúdos da televisão generalista. As crianças de famílias de um estrato socioeconómico mais elevado são as que mais usam a internet.

A idade das crianças também constitui um fator relevante na observação dos modos como se relaciona com os dispositivos eletrónicos.

IV

Notas finais e Recomendações



IV. Notas finais e Recomendações

O primeiro estudo de dimensão nacional sobre acessos e usos de ecrãs por crianças de três a oito anos, articulando um inquérito representativo com observação e entrevistas a famílias com crianças utilizadoras da internet, nos seus lares, mostrou que o ecrã televisivo continua a ser dominante, apreciado por crianças e pais, que cresceram eles próprios a ver televisão. Todas as crianças têm acesso aos seus conteúdos, sobretudo a desenhos animados, que acedem sobretudo em canais infantis especializados, mas não só, e muitas partilham com os pais conteúdos da televisão generalista.

Em geral, os canais para crianças são vistos como bom entretenimento, sem riscos de imagens ou linguagens desadequadas, ainda que contenham um forte apelo ao consumo de marcas. Os ecrãs do televisor são também apaziguadores, facilitam aos pais o manejo das rotinas familiares e o cuidar das crianças. Conteúdos televisivos são também procurados quando as crianças acedem à internet, autonomamente ou por iniciativa dos pais. Menos de metade dos pais exprime preocupação relativamente ao consumo televisivo dos filhos, que consideram sob controlo. Nestes lares mais ou menos apetrechados de dispositivos eletrónicos, a televisão aparece como um ecrã seguro, apaziguador e integrador.

As crianças destas idades parecem algo resguardadas no acesso aos novos ecrãs digitais. Apesar de a maioria dos pais ser utilizadora frequente da internet, e metade ter experiência de a usar desde antes dos seus 20 anos (trata-se da primeira geração de pais a ter vivido a sua infância e adolescência com meios digitais), quase dois terços reportaram que os seus filhos não acedem à internet. Aqueles que permitem o uso da internet pelos filhos expressaram elevadas preocupações com riscos digitais.

A preocupação com conteúdos violentos e com os tempos de ecrã é transversal à televisão, a jogos digitais e à internet, e explica mediações que variam sobretudo com os graus de escolaridade dos pais, sendo mais estrita em pais com mais escolaridade.

Estes resultados nacionais que apontam um retardamento no uso do digital, contrariam a ideia de um *boom* e sugerem valores culturais de proteção e de protelação da autonomia que já se encontraram em estudos anteriores sobre os usos da internet, em Portugal e noutros países da Europa do Sul, relativamente a grupos etários mais velhos (Helsper *et al.*, 2013; Ponte *et al.*, 2012; Simões *et al.*, 2014).

O retrato oferecido pelo estudo *Crescendo entre Ecrãs* deve ser enquadrado no atual contexto sociodemográfico das famílias portuguesas, de mudança e de alguma mobilidade social em relação a um passado relativamente recente. A quebra da natalidade leva a famílias com apenas um filho, que se torna o centro de investimentos diversos – de recursos, de tempo, emocionais – por parte de pais e avós, que querem proporcionar acesso a experiências e bens de que gerações anteriores não dispuseram. A desmesura no número de brinquedos da criança, entre eles os eletrónicos, foi notada em muitos espaços observados e destacada por alguns pais.

Por outro lado, encontra-se em algumas práticas e discursos dos pais uma '*pedagogização*' precoce (Sefton-Green *et al.*, 2015), que encara o 'tempo livre' das crianças como devendo ser 'útil' e as suas práticas com os média como devendo ser educativas, numa tendência comum a outras sociedades contemporâneas. O pouco tempo disponível para brincar livre e imaginativamente faz-se notar nas rotinas e nas diversas atividades extracurriculares que ocupam as crianças fora de casa. Crescendo em ambientes de elevada competitividade e de incerteza quanto ao futuro, muitos pais – sobretudo de classe média – procuram proporcionar aos filhos, desde cedo, recursos e capital escolar que os habilitem a alcançar sucesso individual. E a internet, mais do que a televisão, é valorizada pelo seu potencial para contribuir para essa finalidade educativa.

As famílias com crianças de três a oito anos são marcadas por uma geração de mães, que começa a maternidade mais tarde, com escolaridade mais elevada do que a de gerações anteriores e com uma ocupação profissional fora de casa, outro marco da sociedade portuguesa contemporânea onde poucas mulheres se apresentam como "donas de casa". Em casa, as tarefas domésticas continuam a recair muito sobre si, como excertos das suas falas neste estudo dão conta. As mães continuam a demonstrar o seu peso no cuidar e na educação dos filhos – desde logo, sendo aquelas que se mostram mais disponíveis para responder a questionários sobre os seus filhos e também a colaborar na pesquisa qualitativa, embora em várias famílias se tenha verificado uma presença ativa dos pais no acompanhamento e orientação dos pequenos internautas. Relendo muitas destas passagens encontramos imagens sociais e culturais subentendidas sobre o que é ser *boa mãe*, que conduzem a alguma culpabilização quando explicam usos apaziguadores dos ecrãs.

Estes resultados têm igualmente de ser vistos à luz das transformações dos próprios média, que cada vez mais são detidos e acedidos individualmente, pelos membros da fa-

mília, em dispositivos miniaturizados, portáteis e tácteis. Além disso, há uma crescente convergência no mercado nacional, que se dá a ver simultaneamente na fragmentação dos produtos mediáticos, com a sua oferta em diversas plataformas, e na integração dos média em estratégias de marketing que têm nos mais novos um importante segmento de mercado.

O inquérito nacional permitiu traçar tendências e padrões, revelando um certo retardamento da exploração de ecrãs digitais por crianças desta idade, um resultado tanto mais desafiante quando estamos perante a primeira geração de pais que cresceram, eles mesmos com meios digitais e que poderiam, por essa experiência vivida, ir introduzindo as crianças no seu uso com confiança e segurança. A observação em contexto, ainda que só de famílias cujas crianças acedem à internet, revelou dinâmicas familiares em torno dos ecrãs eletrónicos. Há crianças com autonomia relativa para gerir onde e o que querem ver nos ecrãs, em famílias com uma mediação confiante e otimista; famílias com uma filosofia mais protecionista vão exercendo um maior controlo sobre o tempo de ecrãs e os conteúdos a que as crianças acedem.

Este é um terreno onde mudam os tempos e mudam as vontades, como dizia o poeta. Não só o cenário digital é diferente do de há cinco ou seis anos atrás, com surgem constantemente novos equipamentos e condições de mobilidade e armazenamento de dados. Também as famílias são mais digitais e as crianças crescem rodeadas de novos ecrãs. Quase sem dar por isso, estamos a passar para a fase da 'datificação' da informação, a constante 'pegada digital' que deixamos em todo o lado e a todo o momento por onde passamos, o agregar de dados pessoais através do contacto com a tecnologia e que tem múltiplas potenciais utilizações: reconhecemos muitas, que nos facilitam a vida, mas de muitas outras nem suspeitamos. Muitas crianças, ainda que não sejam utilizadoras da rede, têm a sua vida e imagem exposta pelos familiares através das redes sociais, o computador é o seu álbum de família, crescem entre imagens partilhadas. Este "admirável mundo novo" em que nascem e crescem as crianças precisa de ser levado a sério.

Recomendações

Qualquer tipo de recomendações nesta área não deve ser visto como universal ou panaceia; pelo contrário, deve ter em conta a diversidade de famílias e dos seus recursos – educacionais, socioeconómicos e culturais –, bem como a

diversidade de crianças, desde logo reconhecendo diferenças de género e necessidades específicas de cada fase desta infância.

Tendo presente recentes recomendações da UNICEF nesta matéria, o acesso aos diferentes média eletrónicos e as competências envolvidas nessa utilização devem ser vistos no quadro mais abrangente do "bem-estar e dos direitos das crianças na era digital" (Byrne *et al.*, 2016: 6), que incluem "direitos a informação, educação, proteção, privacidade e participação" (*ibidem*: 7). Essa deve ser a referência norteadora para as políticas, quer as que se dirigem ao bem-estar das crianças, quer as que incidem sobre o desenvolvimento de serviços de informação e comunicação (*ibidem*).

- **As famílias** estão a aprender a lidar com uma tecnologia desafiante e a sua experiência com os média, educação e forma de mediação são capitais importantes para ajudar a construir a experiência digital das crianças de 3-8 anos. As estratégias devem ser sobretudo flexíveis, "ajustando-se à idade, aos interesses e às necessidades das crianças" (Blum-Ross e Livingstone, 2016: 30).
- As estratégias parentais que possibilitam utilizações seguras e capacitadas do digital devem ter em conta a **agência** das crianças, incluindo a sua vontade e necessidade de experimentar e de arriscar, favorecendo a sua autonomia relativa e progressiva, a sua confiança e aquisição de literacias várias (de competências práticas a literacias multimédia). O exercício de estratégias apenas restritivas resulta numa limitação do acesso a oportunidades, pelo que a mediação deve privilegiar a capacitação para a resolução de problemas e a resiliência, proporcionando ao mesmo tempo condições de segurança e acompanhamento.
- **Iniciativas** – de agentes educativos, da comunidade ou outras – de reforço de literacia digital devem ter em conta as famílias, incluindo o papel dos avós (Blum-Ross e Livingstone, 2016) e de outros familiares com quem as crianças passam tempo significativo. A cobertura mediática destes temas deve ser capaz de evitar tanto o desvio pelo 'encantamento tecnológico' como o 'pânico dos ecrãs'. Ao contrário dessas tendências, recomenda-se um tratamento equilibrado e que problematize de forma acessível os desafios e as oportunidades do digital para as crianças que crescem no seu tempo.

- Como vimos, os pais tendem a delegar na escola o que têm dificuldade de realizar em casa: o acesso à internet na escola primária foi sobreavaliado pelos pais em relação ao que reportam os filhos. Os resultados deste estudo colocam desafios a políticas de **educação** desde o pré-escolar, no sentido de proporcionarem às crianças, nos espaços de educação formal, as oportunidades de tirar partido dos meios digitais para aprendizagens e aquisição de literacias que podem não ter asseguradas em casa, contribuindo para atenuar diferenças socioeconómicas entre famílias.
- A escola, o jardim de infância - e espaços comunitários, como bibliotecas ou ateliers - não são apenas local de acesso ao digital: também deve ser considerado o papel de educadores, professores e outros profissionais que lidam com crianças como promotores de literacias digitais e de contacto com as famílias para esse sentido, valorizando **oportunidades** em condições de segurança. Estes profissionais devem ter formação e sensibilização para se afigurarem como figuras de apoio a crianças e suas famílias na utilização do digital como uma das formas, entre outras, de crescimento e desenvolvimento.
- Para além da Educação, esta atenção e orientação deverá ser igualmente partilhada por especialistas no desenvolvimento e **bem-estar** das crianças, como a Pediatria ou a Psicologia do Desenvolvimento.
- As **políticas públicas** (da cultura e para a infância e juventude, e não apenas da educação) podem ter um papel no incentivo à produção, oferta e seleção de conteúdos de qualidade em língua nacional, facilmente acessíveis para as famílias, para diferentes idades.
- As **indústrias** devem comprometer-se com padrões éticos que tenham em conta a susceptibilidade destes consumidores mais novos, revendo formas como colocam no mercado produtos catalogados como educativos para atrair segmentos de pais ou como vendem material licenciado associado através de estratégias agressivas de marketing; importa que ofereçam programas e conteúdos com diversidade, respeito por valores de respeito e dignidade.
- A **regulação** deve continuar a limitar o acesso a conteúdos mais susceptíveis, para dispensar os pais de um policiamento constante da utilização da internet pelos seus filhos (Blum-Ross e Livingstone, 2016). Iniciativas de reforço da literacia digital e cívica devem envolver pais e avós, bem como a comunidade de utilizadores em geral, para a classificação e denúncia dos conteúdos que podem ser danosos para as crianças mais novas.
- O **terceiro setor**, organizações não-governamentais sem fins lucrativo que têm voz neste campo, deve manter e atualizar a defesa dos direitos das crianças. A utilização dos média eletrónicos deve ser enquadrada no desenvolvimento saudável da crianças e dos seus direitos, o que significa também o respeito pelos tempos 'não úteis' - práticas lúdicas, sair de casa e ter espaços para explorar nas localidades - para além dos tempos estruturados pelas famílias e das vidas condicionadas por políticas de economia, habitação, educação...
- Também a **academia** deve dar o seu contributo para o debate, ao investigar e ao tornar acessível o conhecimento produzido sobre dinâmicas familiares e geracionais, culturas infanto-juvenis, ambientes digitais em mudança, estratégias de mercado em tempos de convergência e outros pontos que o mundo digital vai constantemente introduzindo e que impõem a realização regular destes estudos.
- Novos desenvolvimentos das tecnologias como a **Internet das Coisas** e a privacidade de dados pessoais levantam novos desafios na relação entre indústrias, Estados e famílias, a que o terceiro setor e a academia devem procurar acompanhar e intervir.

A equipa de investigação

Referências

Blum-Ross, A. e S. Livingstone (2016). "Families and screen time: Current advice and emerging research". Media Policy Brief 17. London: Media Policy Project, London School of Economics and Political Science.

Burnay, C. D. e Ribeiro, N. (2016). "As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal". Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social. <http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/index.html>, consultado em 20-Set-2016.

Byrne, J., Kardefelt-Winther, D., Livingstone, S. e Stoilova, M. (2016). *Global Kids Online research synthesis, 2015–2016*. UNICEF and London School of Economics and Political Science. www.globalkidsonline.net/synthesis, consultado em 14-Nov-2016.

Chaudron, S. (2015). "Young Children (0-8) and digital technology: A qualitative exploratory study across seven countries". Ispra: Joint Research Center. JRC 93239 /EUR 27052. <http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/handle/JRC93239>, consultado a 25-Out-2016.

Dias, P. e Brito, R. (2016). "Crianças (0 aos 8 anos) e Tecnologias Digitais: Um estudo qualitativo exploratório (Relatório Nacional Portugal)". Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/BOOK_Crianças_e_Tecnologias_Digitais.pdf, consultado a 20-Out-2016.

Helsper, E. J., Kalmus, V., Hasebrink, U., Ságvári, B. e de Haan, J. (2013). "Country classification: opportunities, risks, harm and parental mediation". Londres: EU Kids Online/ The London School of Economics and Political Science.

Ponte, C., Jorge, A., Simões, J. A. e Cardoso, D. (Eds.). (2012). *Crianças e Internet em Portugal: acessos, usos, riscos, mediações: resultados do inquérito europeu EU Kids Online*. Coimbra: Minerva Coimbra.

Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J. e Azevedo, C. (2014). "Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile". Lisboa: CESNOVA – Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. https://netchildrengomobile.files.wordpress.com/2015/02/ncgm_pt_relatorio1.pdf, consultado em 20-Set-2016.

Índice de figuras e quadros

Figura 1	Sexo das crianças do estudo, por idade (%)	18
Figura 2	Nível de educação dos pais e mães inquiridos (%)	19
Quadro 1	Habitat onde vive o agregado familiar da criança	19
Quadro 2	Nível de educação de todos os inquiridos	19
Quadro 3	Situação profissional de todos os inquiridos	19
Quadro 4	Ocupação de todos os inquiridos, das mães e dos pais (%)	20
Figura 3	Frequência de utilização da internet por parte dos pais e mães inquiridos (%)	21
Figura 4	Idade que pais e mães tinham quando começaram a utilizar a internet (%)	21
Figura 5	Locais de uso da internet por parte dos pais e mães (%)	22
Figura 6	Frequência de uso da internet por local (%)	22
Figura 7	Uso da internet por dispositivo por parte dos pais e mães (%)	23
Quadro 5	Aparelhos em casa por escolaridade do inquirido, ESE do agregado familiar e frequência de utilização da internet por parte do inquirido(%)	24
Figura 8	Frequência de uso da internet por aparelho por parte dos pais e mães (%)	23
Figura 9	Aparelhos existentes em casa segundo a frequência de uso de internet dos inquiridos (%)	25
Figura 10	Uso pela criança de aparelhos que existem em casa por sexo, idade, escolaridade do inquirido, ESE do agregado e frequência de uso da internet por parte do inquirido (%)	26
Quadro 6	Posse de aparelhos por sexo e idade da criança(%)	27
Figura 11	Canais vistos pela criança (%)	30
Figura 12	Frequência com que a criança vê cada um dos canais (%)	31
Figura 13	Perfis de visionamento de programas de televisão (%)	33
Figura 14	Frequência com que a criança vê cada um dos tipos de programas (%)	34
Figura 15	Tipos de programas televisivos vistos pelo inquirido com a criança (%)	35
Figura 16	Programas não infantis: visionamento pela criança e vistos pelo inquirido com a criança (%)	35
Figura 17	Visionamento de programas em conjunto com os pais (%)	36
Figura 18	Alguma vez a criança ou procurou para... por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	38

Figura 19	Preocupações por parte dos inquiridos relativamente à televisão	39
Figura 20	Opiniões sobre a televisão	40
Figura 21	Tipo de programas vistos pela criança segundo os inquiridos (%)	41
Figura 22	Os 15 programas mais referidos (N)	42
Quadro 7	Programas com uma a cinco referências	42
Figura 23	Tipo de programas mais vistos (%)	43
Figura 24	Designações de programas de televisão preferidos por rapazes e por raparigas com 3 ou mais referências (N)	43
Quadro 8	O que gosta mais de ver na televisão por sexo	44
Quadro 9	Tipo de programas que gosta mais de ver com...	44
Figura 25	Restrições vistas por pais e por crianças que as referem (%)	45
Quadro 10	Frequência de jogo por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	48
Figura 26	Aparelhos usados pela criança para jogar jogos digitais (%)	49
Figura 27	Aparelhos mais usados pelas crianças para jogar jogos digitais por sexo, idade, nível de escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	49
Quadro 11	Regras/ restrições para jogar jogos digitais por sexo, idade, nível de escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	51
Quadro 12	Razões para não usar ferramentas digitais	52
Figura 28	Preocupações por parte dos pais relativamente a jogos	52
Figura 29	Uso de ferramentas digitais e grau de preocupações dos pais face aos conteúdos (%)	53
Figura 30	Graus de preocupação e utilização de regras/ restrições para jogar jogos digitais (%)	53
Figura 31	Frequência do jogar digital segundo os pais e as crianças de 6-8 anos (%)	54
Figura 32	Aparelhos usados pela criança para jogar jogos digitais: usos, preferências, frequência (%)	54
Quadro 13	Referências a jogos digitais	55
Figura 33	Designações de jogos mais referidos por rapazes e por raparigas (N)	55
Quadro 14	Jogar acompanhado: referências a jogos preferidos para...	56
Figura 34	Crianças que jogam: Regras/ restrições por parte os pais (%)	56
Quadro 15	Frequência de acesso à internet por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	60
Figura 35	Locais de acesso da criança à internet (%)	61
Quadro 16	Locais de acesso à internet por sexo e idade da criança, o facto de viver ou não com irmãos, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	61
Figura 36	Frequência com que a criança acede à internet em cada um dos locais (%)	62
Figura 37	Uso e posse pela criança de cada um dos aparelhos para aceder à internet (%)	62
Quadro 17	Aparelhos usados para aceder à internet por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	63
Figura 38	Frequência com que a criança acede à internet em cada um dos aparelhos (%)	63
Figura 39	Atividades realizadas pela criança na internet (%)	64
Quadro 18	Atividades na internet por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	65
Figura 40	Frequência com que a criança faz cada uma das atividades na internet (%)	66
Figura 41	Com quem faz cada uma das atividades na internet (%)	67
Figura 42	Competências da criança segundo os inquiridos (%)	68
Figura 43	Número de competências da criança, por idade e sexo, segundo os inquiridos (%)	68
Figura 44	Alguma vez a criança... (%)	69
Quadro 19	Alguma vez a criança o procurou para... por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	69
Figura 45	Mediação ativa sobre usos na internet (%)	70
Quadro 20	Mediação ativa por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	71
Figura 46	Frequência com que o inquirido fala sobre cada um dos assuntos sobre internet com a criança (%)	72
Quadro 21	Mediação técnica por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	73
Figura 47	Mediação de segurança online (%)	73
Quadro 22	Mediação de segurança online por sexo e idade da criança, escolaridade do inquirido e ESE do agregado familiar (%)	74

Figura 48	Opiniões e atitudes dos pais relativamente à internet (%)	75
Quadro 23	Utilização de internet de acordo com crianças de 6-8 anos e pais (%)	77
Figura 49	Utilização da internet de acordo com as crianças de 6-8 anos e pais por sexo da criança, escolaridade dos pais e ESE (%)	77
Figura 50	Locais onde usa a internet de acordo com as crianças de 6-8 anos e os pais (%)	77
Figura 51	Atividades na internet de acordo com as crianças de 6-8 anos e os pais (%)	78
Figura 52	Atividades na internet que as crianças mais gostam de fazer, por sexo (N)	79
Quadro 24	Referências a atividades que gostam mais de fazer (N)	79
Quadro 25	Referências a atividades que crianças gostam mais de fazer com... (N)	80
Figura 53	Atividades que faz na internet segundo os pais (%)	80
Figura 54	Restrições na internet segundo as crianças (%)	82
Quadro 26	Identificação das famílias participantes no estudo qualitativo	91
Quadro 27	Posse de dispositivos televisivos por família	92
Quadro 28	Posse de dispositivos individuais pela criança	92
Quadro 29	Preferências de canais de televisão para crianças	97
Figura 55	A garrafa da Patrulha Pata de Evandro, 4 anos	96
Figura 56	André, 3 anos, a pesquisar na televisão	98
Figura 57	O Comando Kids, usado pelo Isaque, 6 anos	101
Figura 58	Diogo, 4 anos, a ver o Miles do Futuro	102
Figura 59	Jade, seis anos, a ver o Disney Júnior	103
Figura 60	Francisco, quatro anos, joga com as cartas dos Invisibles depois de ter estado a brincar com os carros, com o canal Panda como barulho de fundo e o tablet no sofá	103
Figura 61	Helena, seis anos, joga jogo da gata Angela	106
Figura 62	Diogo, quatro anos, a explorar um jogo na companhia da mãe	107
Figura 63	Piano Tiles, um dos jogos preferidos da Sónia, oito anos	109
Figura 64	Jogos existentes na pasta do smartphone da mãe, família Dias	110
Figura 65	Pormenor da Rita a jogar no tablet	111
Figura 66	André, três anos, usa o seu tablet	114
Figura 67	Gabriela, cinco anos, usa o seu tablet	115
Figura 68	Rita, 8 anos, transfere a imagem do YouTube para a televisão, com a ajuda do irmão de 10 anos	115
Figura 69	Transmissão do YouTube na televisão (Rita, oito anos, família Rodrigues)	115
Quadro 30	Preferências por conteúdos online	116
Figura 70	André a ver os vídeos de Cosplay, no YouTube	118
Figura 71	Desenho em 3D da Patrícia, oito anos	119

Anexos

Anexo 1. Procedimento de amostragem

A aplicação do questionário foi assegurada pela empresa GfK, tendo a recolha de dados sido realizada entre 6 de junho e 9 de julho de 2016, de forma pessoal e direta com recurso aos sistema CAPI (*Computer Assisted Interview*).

Universo e seleção da amostra

O universo do estudo foi constituído pelos agregados familiares privados em Portugal Continental com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 8 anos. Foi definida uma distribuição espacial da amostra a partir de duas matrizes: uma primeira cruzando as variáveis região (por NUTS II) e Habitat/ Dimensão dos agregados populacionais (definida em 5 gru-

pos: menos de 9.999 habitantes, 10.000 a 99.999 habitantes, 100 mil e mais habitantes, Cidade de Lisboa e Cidade do Porto); uma segunda matriz cruzando a Região (NUTS II) com População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo, Idade e Escalão de dimensão populacional. Em cada localidade foram selecionados aleatoriamente um número significativo de pontos de amostragem, de acordo com o método *random route*. A seleção dos pontos de amostragem fez-se a partir de dois métodos complementares: a) recurso ao guia de ruas dos Correios de Portugal; b) recurso a mapas territoriais a partir do Google Maps (aplicável no caso de pequenas localidades em meios rurais).

Pretendia-se uma amostra final estratificada por região e habitat. A amostra inicial prevista foi de 650 entrevistas, com a distribuição apresentada no Quadro 1:

Quadro
1

AMOSTRA PREVISTA (POR REGIÃO E HABITAT):

Região	Total	Habitat				
		menos de 9.999 hab	10.000-99.999 hab	100.000 ou + hab	Cidade Lisboa	Cidade Porto
Norte	224	117	69	21	0	17
Centro	152	120	25	7	0	0
Lisboa	193	63	76	12	41	0
Alentejo	51	39	12	0	0	0
Algarve	31	18	13	0	0	0
Total	650	357	195	40	41	17

Quadro
2

AMOSTRA FINAL (POR REGIÃO E HABITAT)

Região	Total	Habitat				
		menos de 9.999 hab	10.000-99.999 hab	100.000 ou + hab	Cidade Lisboa	Cidade Porto
Norte	224	117	69	21	0	17
Centro	153	121	25	7	0	0
Lisboa	197	63	81	12	41	0
Alentejo	51	39	12	0	0	0
Algarve	31	18	13	0	0	0
Total	656	358	200	40	41	17

Seleção dos lares e indivíduos

A seleção dos lares foi feita com base num intervalo sistemático de cinco nos centros urbanos e semiurbanos e de três nas localidades rurais. Cada lar/residência selecionado foi contactado até três vezes, ao fim das quais era considerado inelegível, sendo feito um registo de informação em cada visita realizada. No lar, os entrevistados foram selecionados com base os seguintes filtros de elegibilidade:

1. O adulto a entrevistar teria de ter um *papel-chave na educação da criança* (mãe/ madrasta/ mãe adotiva/ mãe de acolhimento/ namorada com responsabilidade na educação da criança); pai (pai/ padrasto/ pai adotivo/ pai de acolhimento/ namorado com responsabilidade na educação da criança) ou outro responsável que tenha um papel na educação da criança (irmão/ irmã adultos; avô/ avó, etc.). No caso da criança elegível ter menos de 6 anos, a entrevista foi apenas dirigida ao adulto responsável. Nos casos em que a criança tinha entre 6 e 8 anos, uma parte do questionário foi aplicada ao adulto e outra parte à criança, sempre na presença do adulto.
2. A criança a entrevistar deveria ter realizado pelo menos uma das seguintes atividades nos últimos três meses: ver programas de televisão; jogar jogos de vídeo / electrónicos / digitais; utilizar a internet.

No caso de existir mais do que uma criança elegível, foi aplicada a regra do último aniversariante. No momento de realização da entrevista, se a criança que fez anos mais recentemente, entre os 6 e os 8 anos, estava ausente, a entrevista foi conduzida referenciando outra criança (entre os 3 e os 8 anos).

A margem de erro máximo proposta para a amostra efetiva de 650 entrevistas é de $\pm 3,8$ p.p., para um intervalo de confiança de 95%. A taxa de resposta obtida foi de 63.1 %.

Quadro
3

TOTAL DE CONTACTOS/ TENTATIVAS DE CONTACTO

Entrevistas completas validadas	656
Alojamentos não elegíveis (negócios/ instituições/ 2ª Habitação/ Venda/ Arrendamento/ Desabitada)	235
Sem contacto com o lar	229
Sem contacto com o indivíduo elegível (contacto com outros membros do lar) / Entrevistado incapacitado/ Indisponível	71
Barreira Linguística	9
Entrevistas Interrompidas / Incompletas	2
Lar fora de quota (Não há crianças entre os 3-8 anos)	5 014
Recusas do indivíduo elegível	330
Recusas do lar	214
TOTAL	6760

Anexo 2. Questionários

[FOLHA DE CONTACTO]

A. INFORMAÇÃO GERAL

A1. (registar informação sobre entrevistador)

A2. Para efeitos de amostragem (aplicação de método “random route”): registar “ponto de partida” selecionado/ morada selecionada (Rua, localidade, região); registar visitas a determinado local (dia, hora, resultado do contacto – usar códigos com resultado para o contacto)

A3. (é necessário texto de apresentação do estudo para contacto com inquiridos)

(DEPOIS DE ESTABELECEMOS QUE A PESSOA CONTACTADA ESTÁ APTA A RESPONDER AO INQUÉRITO EM PORTUGUÊS)

A3.1. Informação para identificar se agregado é elegível:

A3.1.a – Vive alguma criança de 3 a 8 anos no seu agregado familiar?

Sim (1)
Não (2) (recolher informação apenas para caracterização, parte B. Terminar questionário)

A3.1.b – (se sim) E quantas crianças de 3 a 8 anos vivem neste agregado?

A3.1.c – (no caso de viver APENAS UMA criança com a idade pretendida) Podia dizer-me por favor qual a idade da criança?

A3.1.d – (no caso de viver APENAS UMA criança com a idade pretendida) E pode dizer-me se é rapaz ou rapariga?

A3.1.e – (no caso de viver MAIS DO QUE UMA criança com a idade pretendida) Podia dizer-me por favor quais são as idades das crianças e se são raparigas e rapazes?
(quadro para registar informação)

	Idade	Sexo	Registar criança selecionada para a entrevista (de acordo com critério data nascimento) – perguntar e registar nome próprio –
Criança nº 1:			
Criança nº 2:			
Criança nº 3:			
(acrescentar mais, se necessário)			

A3.1.f – Gostaríamos de entrevistar uma das crianças para este estudo. Como há mais de uma criança, a entrevista será sobre a que fez anos mais recentemente. Pode-me indicar qual é? (assinalar no quadro acima)

A4 - (uma vez escolhida a criança de 3-8). Pode dizer-me se, nos últimos 3 meses, [especificar criança selecionada]...

	Sim	Não	Não sei
Viu programas de televisão	(1)	(2)	(88)
Jogou jogos de vídeo/ electrónicos/ digitais	(1)	(2)	(88)
Utilizou a internet (explicar que deve ter em conta todos os lugares, incluindo escola e casa de outros familiares)	(1)	(2)	(88)

NOTA: NO CASO DE A CRIANÇA NÃO TER FEITO NENHUMA DAS TRÊS ATIVIDADES ANTERIORES, **TERMINAR ENTREVISTA** E REGISTAR APENAS DADOS DE CARACTERIZAÇÃO (ver parte B).

(Nota: será necessário, no “screening” registar se foi possível seleccionar uma criança e se a mesma consegue responder à entrevista em português)

B – INFORMAÇÃO DEMOGRÁFICA SOBRE PAI/MÃE/ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

(ESCOLHA DO ADULTO QUE IRÁ RESPONDER AO QUESTIONÁRIO)

- O entrevistado selecionado tem de ter um papel-chave na educação da criança – ou seja, não pode ser irmão/irmã adulto, a não ser que seja o encarregado de educação (por exemplo, se os pais já tiverem falecido).

PODERÁ SER:

- Pessoa que tenha o papel de mãe (mãe/ madrastra/ mãe adotiva/ mãe de acolhimento/ namorada com responsabilidade na educação da criança);
- Pessoa que tenha o papel de pai (pai/ padrasto/ pai adotivo/ pai de acolhimento/ namorado com responsabilidade na educação da criança);
- Outro responsável que tenha um papel na educação da criança (irmão/ irmã adultos; avô/ avó, etc.)

B1 – Para esta entrevista, gostaríamos de falar com o pai ou com a mãe ou com a pessoa adulta que sabe mais coisas sobre a forma como a criança vê televisão, joga jogos electrónicos ou utiliza a internet,.

(depois de identificado o adulto em questão) Que relação mantém com a criança?

Pai	(1)
Mãe	(2)
Padrasto/ pai adoptivo	(3)
Madrasta/ mãe adoptiva	(4)
Irmão adulto (responsável pela educação)	(5)
Irmã adulta (responsável pela educação)	(6)
Avô	(7)
Avó	(8)
Outro. Especificar	(9)

B2 – Nível de instrução

B2.A – Qual o nível de instrução mais elevado que completou? Até quando estudou?

B2.B – (Perguntar primeiro se tem marido/mulher, companheiro/a. Se não, registar NÃO APLICÁVEL) E qual é o nível de instrução mais elevado que o seu marido/a sua mulher, companheiro/a completou?

	B2.A Próprio/a	B2.B Do cônjuge/companheiro/a
Não sabe ler nem escrever	(1)	(1)
Sabe ler e escrever	(2)	(2)
Ensino primário	(3)	(3)
6º ano (antigo 2º ano do liceu)	(4)	(4)
9º ano (antigo 5º ano do liceu)	(5)	(5)
12º ano (antigo 7º ano do liceu)	(6)	(6)
Ensino superior (bacharelato ou licenciatura)	(7)	(7)
Pós-graduação/mestrado	(8)	(8)
Doutoramento/ pós-doutoramento	(9)	(9)
Não aplicável	-	(99)

B3 – Gostaria agora de saber, por favor, qual é a sua situação profissional

	B3.A Próprio/a	B3.B Do cônjuge/companheiro/a
Trabalha/Exerce uma profissão	(1)	(1)
Outro ativo (especificar)	(2)	(2)
Desempregado(a)	(3)	(3)
Reformado/pensionista	(4)	(4)
Aluno(a)/Estudante	(5)	(5)
Doméstica	(6)	(6)
Outro inativo (especificar)	(7)	(7)
Não aplicável	-	(99)

B4 – Ocupação (se respondeu que exerce profissão ou é ativo; no caso de reformado/pensionista, referir última ocupação exercida)

B4.A – Pode-me indicar, por favor, qual é a sua atual ou última ocupação?

(anotar; usar classificação Nacional de profissões para codificação)

B4.B – (Se resposta a B2.B foi não aplicável, registar também NÃO APLICÁVEL) Cônjuge/companheiro/a

(anotar; usar classificação Nacional de profissões para codificação)

B5 - Composição do agregado

Nesta casa, diga-me com quem vive o seu filho [adaptar]: (resposta múltipla)

Mãe	(1)
Pai	(2)
Madrasta ou mãe adoptiva	(3)
Padrasto ou pai adoptivo	(4)
Irmãos	(5)
Avô/Avó	(6)
Outras pessoas? Especificar _____	(7)

2.1. Inquérito aos pais de crianças de 3 a 8 anos

I - AMBIENTE COM MÉDIA E EQUIPAMENTOS DIGITAIS

Vou agora fazer-lhe perguntas sobre os aparelhos digitais que existem ou não na sua casa.

P1.1 - Desta lista de aparelhos, diga-me, por favor, qual é a situação que se aplica a cada um deles.

P1.2 Destes aparelhos, quais o seu filho [adaptar] tem para uso pessoal?

(LEMBRAR O INQUIRIDO(A) DE QUE ESTÁ A RESPONDER SOBRE/EM FUNÇÃO DA CRIANÇA SOBRE A QUAL É A ENTREVISTA)

		P1.1				P1.2	
		Existe em casa e a criança usa	Existe em casa mas a criança não usa	Não existe em casa	Não sabe	A criança tem um para uso pessoal	Não sabe
A	Smart tv (televisão com ligação à internet)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
B	Aparelho de televisão que não é smart TV	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
C	Leitor de DVD / Blue-ray	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
D	Computador de secretária (desktop PC)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
E	Computador portátil (laptop)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
F	Tablet (iPad, Samsung Galaxy, Google Nexus, etc.)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
G	Telemóvel (de qualquer tipo, incluindo smartphone)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
H	Leitor portátil de média (iPod, leitor mp3, etc)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
I	Consola de jogos ligada à televisão (Wii, Xbox, Playstation)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
J	Consola de jogos portátil (Nintendo, Sony PSP, etc.)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
K	Leitor de ebook (Kindle, etc.)	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)
L	Outros? Especificar	(1)	(2)	(3)	(88)	(1)	(88)

P2 - (Se respondeu P1.B – G – filho tem telemóvel; senão saltar para P9) O/A senhor/a disse-me que o seu filho [adaptar] tem o seu próprio telemóvel. Esse telemóvel é um smartphone?

(SE NECESSÁRIO: explicar que um smartphone é um telefone no qual se pode: aceder ao e-mail, descarregar aplicativos/aplicações e outros arquivos, visualizar websites e navegar na internet. Marcas populares de smartphones: iPhone, telefones BlackBerry e Android, Samsung Galaxy)

Sim	(1)
Não	(2)
Não sabe	(88)

II – TELEVISÃO

Vou agora fazer perguntas sobre televisão, sobre programas que passam em canais de televisão, programas de te-

P4.1

Dia de escola/dia de semana

_____ (minutos/horas)
 Não sabe (88)

levisão gravados (como a chamada “box”) ou programas de televisão que se podem ver noutros equipamentos (computadores, tablets...). Note que não estamos a falar de DVDs.

P3 – Diga-me, por favor, com que frequência o seu filho [adaptar] vê programas de televisão?

Todos os dias ou quase	(1)
Duas ou três vezes por semana	(2)
1 vez semana	(3)
Raramente	(4)
Nunca	(5)

(Saltar para P11)

P4 – Quantas horas diria que o seu filho [adaptar] passa habitualmente a ver programas de televisão num:

P4.2

Dia de fim de semana

_____ (minutos/horas)
 Não sabe (88)

P5.1 – Que aparelhos o seu filho [adaptar] usa para ver programas de televisão? (escolha múltipla)

P5.2 – Qual é o aparelho que o seu filho [adaptar] usa mais vezes? (escolha única)

		P5.1		P5.2	
		Criança usa	Não sabe	Criança usa mais	Não sabe
A	Smart tv (televisão com ligação à internet)	(1)	(88)	(1)	(88)
B	Aparelho de televisão que não é smart TV	(1)	(88)	(1)	(88)
C	Computador de secretária (desktop PC)	(1)	(88)	(1)	(88)
D	Computador portátil (laptop)	(1)	(88)	(1)	(88)
E	Tablet (iPad, Samsung Galaxy, Google Nexus, etc.)	(1)	(88)	(1)	(88)
F	Telemóvel (de qualquer tipo, incluindo smartphone)	(1)	(88)	(1)	(88)
G	Outros? Especificar	(1)	(88)	(1)	(88)

P6 – (Se respondeu “EXISTE EM CASA E A CRIANÇA USA” ou “EXISTE EM CASA MAS A CRIANÇA NÃO USA” à P1.1 – A ou B)

Que tipo de serviço de televisão existe em sua casa?

Por cabo	(1)
Por satélite	(2)
Televisão digital terrestre (acesso aos 4 canais RTP1 e 2, SIC e TVI)	(3)
Outros meios. Especificar	(4)
Não sabe	(5)

III - CONTEÚDOS E ESCOLHAS / PREFERÊNCIAS

(Se respondeu “EXISTE EM CASA E A CRIANÇA USA” à P1.1 – A ou B; senão passar para Secção V)

P7 – **Vou agora ler-lhe uma lista de canais de televisão. Por favor, diga-me se o seu filho [adaptar] vê estes canais e com que frequência.**

(LEMBRAR O INQUIRIDO(A) DE QUE ESTÁ A RESPONDER SOBRE/EM FUNÇÃO DA CRIANÇA SOBRE A QUAL É A ENTREVISTA)

		Todos os dias ou quase todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca	Não sabe
A	RTP1	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	RTP2	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	SIC	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	TVI	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Panda	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Nickelodeon	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Disney Channel	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
H	Disney Júnior	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
I	Cartoon Network	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
J	Biggs	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
L	Baby First	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
M	Sic Kids	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
N	Cartoon Network	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
O	Sic Radical	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
P	MTV	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
Q	Outros. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

P8 – E com que frequência o seu filho [adaptar] vê os seguintes tipos de programas de televisão?

		Todos os dias ou quase todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca	Não sabe
A	Desenhos animados para crianças	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Outros programas para crianças (música, passatempos/ jogos, etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Programas sobre animais/ vida selvagem/ natureza	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	Séries juvenis (ex. I Love it)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Séries em geral	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Telenovelas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
H	Noticiários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
I	Documentários sobre ciência ou história	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
J	Reality shows (ex. Quinta das celebridades)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
K	Talk Shows/ programas da manhã/tarde (ex. Querida Júlia, A tarde é sua, Você na TV)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
L	Programas de descoberta de talentos (ex. Ídolos, Got Talent Portugal)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
M	Desporto	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
N	Programas de música (video-clips, concertos)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
O	Concursos (ex. Quem quer ser milionário, Preço certo...)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
P	Outros. Especificar _____	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

IV - MEDIAÇÃO E ATITUDES FACE À TV

((Se respondeu “EXISTE EM CASA E A CRIANÇA USA” ou “EXISTE EM CASA MAS A CRIANÇA NÃO USA” à P1.1 – A ou B; senão passar para secção V)

Gostaria agora de o/a ouvir sobre o modo como lida com o que o seu filho (adaptar) vê na televisão

P9.1 – Diga-me, por favor, se costuma ver televisão com o seu filho [adaptar]?

Sim	(1)
Não	(2) (passar para P10)

P9.2 – Com que frequência vê os seguintes tipos de programas de televisão com o seu filho [adaptar]?

(LEMBRAR O INQUIRIDO(A) DE QUE ESTÁ A RESPONDER SOBRE/EM FUNÇÃO DA CRIANÇA SOBRE A QUAL É A ENTREVISTA)

		Todos os dias ou quase todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca/não se aplica (não vê)	Não sabe
A	Desenhos animados para crianças	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Outros programas para crianças (música, passatempos/ jogos, etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Programas sobre animais/ vida selvagem/ natureza	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	Séries juvenis (ex. I Love it)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Séries em geral	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Telenovelas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
H	Noticiários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
I	Documentários sobre ciência ou história	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
J	Reality shows (ex. Quinta das celebridades)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
K	Talk Shows/ programas da manhã/tarde (ex. Querida Júlia, A tarde é sua, Você na TV)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
L	Programas de descoberta de talentos (ex. Ídolos, Got Talent Portugal)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
M	Desporto	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
N	Programas de música (video-clips, concertos)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
O	Concursos (ex. Quem quer ser milionário, Preço certo...)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
P	Outros. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

P10 – Diga-me com que frequência o/a senhor/a...

		Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
A	Sugere programas de televisão para o seu filho [adaptar] ver	(1)	(2)	(3)	(4)
B	Conversa com o seu filho [adaptar] sobre o que ele viu no ecrã	(1)	(2)	(3)	(4)
C	Conversa com o seu filho [adaptar] sobre o que é "real" e o que não é "real" na televisão	(1)	(2)	(3)	(4)
D	Conversa com o seu filho [adaptar] sobre alguma coisa que o assustou na televisão	(1)	(2)	(3)	(4)

P11 – No que se refere à televisão, o/a senhor/a usa alguma destas regras ou restrições com o seu filho [adaptar]?

(RESPOSTA MÚLTIPLA)

Só pode ver televisão até uma certa hora	(1)
Só pode ver programas/canais de televisão que sejam para crianças	(2)
Os programas/filmes/séries que ele pode ver não podem ser violentos	(3)
Os programas/filmes/séries que ele pode ver não podem ter linguagem inapropriada	(4)
Os programas/filmes/séries que ele pode ver não podem ter nudez	(5)
Só pode ver televisão acompanhado por um familiar	(6)
Outras. Especificar	(7)
Pode ver televisão sem restrições	(8)

P12.A – No seu serviço de televisão existe alguma forma de impedir o acesso a certos programas ou canais (p. ex. código de acesso)?

Sim	(1)
Não	(2)
Não sabe	(88)

P12.B - Se sim, utiliza esse serviço?

Sim	(1)
Não	(2)
Não sabe	(88)

P13 – Se não utiliza, pode indicar-me o motivo?

(NÃO LER AS OPÇÕES, assinalar apenas; registar se existem outras razões)

Não sei como fazer isso	(1)
Muito complicado/ demorado para instalar/gerir	(2)
Não iria funcionar/o meu filho encontraria uma maneira de contornar esse controlo	(3)
O meu filho só vê televisão supervisionado/na presença de um familiar/adulto	(4)
O meu filho é muito jovem para que isso seja um problema	(5)
Iria interferir na utilização feita pelos irmãos/outros membros da família	(6)
Outras. Especificar _____	(7)

P14 – Diga-me, por favor, até que ponto está preocupado com...

		Muito preocupado	Preocupado	Nem muito, nem pouco	Pouco preocupado	Nada preocupado	Não sabe
A	Os conteúdos dos programas de televisão que o seu filho [adaptar] vê	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	O tempo que o seu filho [adaptar] passa a ver TV/ até que horas vê	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

P15 – (Se respondeu que está muito preocupado ou preocupado na P14.A). Disse-me que estava preocupado com os conteúdos dos programas que o seu filho vê. Que tipo de conteúdos o preocupa?

(NÃO LER AS OPÇÕES, assinalar apenas; registar se existem outras preocupações. Resposta múltipla.)

Linguagem inapropriada	(1)
Sexo/conteúdo sexualmente explícito	(2)
Nudez/partes do corpo nuas	(3)
Imagem pejorativa das mulheres/objetificação sexual das mulheres	(4)
Estilos de vida de pessoas famosas	(5)
Violência (em geral)	(7)
Tratamento discriminatório ou de pessoas (idade/deficiência/sexualidade/raça/religião etc.)	(8)
Falta de respeito pelos mais velhos	(9)
Outras. Especificar _____	(10)

P16 – Ainda sobre a televisão. Alguma vez o seu filho [adaptar] o/a procurou para:

		Sim	Não	Não sabe
A	Falar sobre o que viu na televisão	(1)	(2)	(88)
B	Falar sobre alguma coisa que o perturbou na televisão	(1)	(2)	(88)
C	Pedir conselhos sobre o que pode ver na televisão	(1)	(2)	(88)
D	Pedir produtos/serviços publicitados na televisão	(1)	(2)	(88)

P17 – Até que ponto concorda com as seguintes afirmações sobre o seu filho [adaptar] e a televisão:

		Concordo totalmente	Concordo	Não concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente	Não sabe
A	A maioria dos programas de televisão não ensina nada ao meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Há muitos programas de televisão que são bons para o desenvolvimento do meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Quando o meu filho [adaptar] está a ver televisão eu tenho um tempo de descanso	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	O meu filho [adaptar] está calmo quando está a ver televisão	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Ver televisão é bom para o desempenho escolar do meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Os programas de televisão podem mostrar coisas que não são adequadas para o meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Eu prefiro que o meu filho [adaptar] esteja ocupado com outras coisas do que a ver televisão	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

V - JOGOS

Vamos agora falar sobre jogos digitais ou de vídeo. Nas suas respostas, por favor tenha em conta todos os aparelhos que o seu filho [adaptar] costuma utilizar (consolas, computadores, tablets, etc.) e todos os locais onde utiliza (em casa, na escola, em casa de amigos, etc.).

P18.1 – Com que frequência o seu filho (adaptar) joga jogos digitais?

(Lembrar o inquirido(a) de que está a responder sobre/em função da criança sobre a qual é a entrevista)

Várias vezes por dia	(1)
Todos os dias ou quase	(2)
Pelo menos uma vez por semana	(3)
Pelo menos uma vez por mês	(4)
Raramente	(5)
Nunca	(6) (Saltar para as questões sobre internet)

P18.2 – (Se sim) Em que aparelhos joga? (resposta múltipla)

P18.3 E qual é o aparelho que utiliza com mais frequência?

	P18.2	P18.3
Smart tv (televisão com ligação à internet)	(1)	(1)
Aparelho de televisão que não seja smart TV	(2)	(2)
Computador de secretária (desktop PC)	(3)	(3)
Computador portátil (laptop)	(4)	(4)
Tablet computer (iPad, Samsung galaxy, google nexus, etc.)	(5)	(5)
Telemóvel (de qualquer tipo, incluindo smartphone)	(6)	(6)
Leitor portátil de média (iPod, leitor mp3, etc)	(7)	(7)
Consola de jogos ligada à televisão (Wii, Xbox, Playstation)	(8)	(8)
Consola de jogos portátil (Nintendo, Sony PSP, etc.)	(9)	(9)
Outros? Especificar	(10)	(10)
Não sabe	-	(88)

P19 – Quantas horas diria que o seu filho passa habitualmente a jogar jogos digitais num:

Dia de escola/dia de semana
 _____ (minutos/horas)
 Não sabe (88)

Dia de fim de semana
 _____ (minutos/horas)
 Não sabe (88)

P20 – O seu filho costuma jogar com outras pessoas?

Sim (1)
 Não (2)
 Não sabe (88)

P21 – (Se respondeu sim) Com quem é que o seu filho [adaptar] costuma jogar?

A	Pai/Mãe	Sim	Não
B	Irmãos	(1)	(2)
C	Amigos	(1)	(2)
D	Outros familiares	(1)	(2)
E	Professor	(1)	(2)
F	Outras pessoas. especificar	(1)	(2)

P22 – No que toca aos jogos digitais, usa alguma destas regras/restrições com o seu filho [adaptar]? (Ler todas as opções. Escolha múltipla.)

Não pode jogar a partir de uma determinada hora (1)
 Os jogos têm de ter classificação etária adequada (2)
 Só pode jogar jogos que não contenham violência (3)
 Só pode jogar jogos que não contenham linguagem inapropriada (4)
 Só pode jogar acompanhado/supervisionado por um familiar/adulto (5)
 Só pode jogar jogos aprovados por um familiar/adulto (6)
 Outras. Especificar _____ (7)
 Pode jogar sem restrições (8)

P23– O seu filho [adaptar] joga jogos na internet (conhecidos como jogos online)?

Sim	(1)
Não	(2)
Não sabe	(88)

P24 – Na sua casa, fazem uso de ferramentas digitais para garantir que o seu filho [adaptar] apenas tem acesso a jogos de uma determinada classificação etária?

Sim	(1)
Não	(2)
Não sabe	(88)

P25 – (Se respondeu NÃO na P22) E pode dizer-me porque não usa as ferramentas digitais para os jogos?

(NÃO LER AS OPÇÕES, assinalar apenas; registar se existem outras razões)

		Muito preocupado	Preocupado	Nem muito, nem pouco	Pouco preocupado	Nada preocupado	Não sabe
A	Aos conteúdos dos jogos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Ao tempo que passa a jogar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Ao custo de possíveis compras que possa fazer no jogo para ter acesso a pontos/ níveis ou atualizações do jogo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

VI - INTERNET**PAIS COMO UTILIZADORES**

Vamos agora falar sobre a internet. Para começar, gostava que falasse sobre a sua própria utilização da internet.

P27 – Com que frequência o/a senhor/a costuma usar a internet?

Várias vezes por dia	(1)
Todos os dias ou quase	(2)
Pelo menos uma vez por semana	(3)

Não sabia que era possível	(1)
Não sei fazer isso	(2)
Isso iria interferir nas utilizações de jogos pelos outros membros da família	(3)
Confio nas escolhas do meu filho	(4)
É demasiado complicado e perde-se muito tempo a instalar/gerir	(5)
O meu filho é muito jovem. Esse problema ainda não se coloca	(6)
Outras. Especificar	(7)
O meu filho joga acompanhado	(8)
Não sei responder	(88)

P26 – Diga-me até que ponto está preocupado com os jogos que o seu filho [adaptar] joga, no que diz respeito:

Pelo menos uma vez por mês	(4)
Raramente	(5)
Nunca	(6)

(SALTAR PARA P22)

P28 – E com que idade o/ senhor/a começou a usar a internet?

_____ (Aberta. Registrar)	
Não sabe	(88)
Não responde	(99)

P29 – Com que frequência o/a senhor/a costuma usar a internet em cada um destes locais?

		Várias vezes por dia	Todos os dias ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca
A	Numa divisão da casa onde possa estar sozinho (ex. quarto)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Em casa, nas divisões comuns	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	No trabalho	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	Outros locais (casa de amigos/ familiares, bibliotecas, cafés etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Em qualquer lugar/ em movimento (ex. Na rua, autocarro, carro)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Outros locais. Especificar:	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

P30 – Com que frequência o senhor/a senhora costuma usar cada um destes aparelhos para ir à internet?

		Várias vezes por dia	Todos os dias ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca
A	Telemóvel que não é smartphone	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Smartphone	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Computador de secretária	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	Computador portátil	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Tablet	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Consola de jogos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Outros meios. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

CRIANÇA COMO UTILIZADORA

Voltando novamente ao seu filho [adaptar]...

(LEMBRAR O INQUIRIDO(A) DE QUE ESTÁ A RESPONDER EM FUNÇÃO DA CRIANÇA SOBRE A QUAL É A ENTREVISTA)

P31 – Com que frequência o seu filho [adaptar] **usa a internet?**

(SUBLINHAR QUE DEVE TER EM CONTA TODOS OS LOCAIS ONDE PODERÁ UTILIZAR, INCLUINDO NA ESCOLA OU EM CASA DE OUTROS FAMILIARES)

Várias vezes por dia (1)

Todos os dias ou quase (2)

Pelo menos uma vez por semana (3)

Pelo menos uma vez por mês (4)

Raramente (5)

Nunca (6) **(Saltar para a secção VII do questionário)**

P32 – Com que idade o seu filho [adaptar] começou a usar a internet?

_____ (Aberta. Registrar)

Não responde

(88)

P33 – Tanto quanto sabe, com que frequência o seu filho [adaptar] acede à internet nos seguintes locais?

		Várias vezes por dia	Todos os dias ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca	Não sabe
A	Numa divisão da casa onde possa estar sozinho (ex. no quarto dele)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)
B	Em casa, nas divisões comuns	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)
C	Na escola	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)
D	Outros locais (casa de amigos/familiares, bibliotecas, cafés etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)
E	Em qualquer lugar/ em movimento (ex. na rua, autocarro, carro)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)
G	Outros. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)

P34 – Com que frequência o seu filho [adaptar] usa os seguintes aparelhos para ir à internet?

P35 – Algum destes aparelhos é só dele para ir à internet?

		P34							P35	
		Várias vezes por dia	Todos os dias ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca	Não sabe	Sim	Não sabe
A	Smartphone/ telemóvel	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)	(1)	(88)
B	Computador de secretária	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)	(1)	(88)
C	Computador portátil	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)	(1)	(88)
D	Tablet	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)	(1)	(88)
E	Consola de jogos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)	(1)	(88)
F	Outros. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(88)	(1)	(88)

P36 – O seu filho [adaptar] consegue ligar sozinho o aparelho que mais usa para ir à internet?

Sim	(1) (Saltar para P35)
Não	(2)
Não sabe	(88) (Saltar para P35)

P37 – Se não consegue, quem é que liga o aparelho? (é preciso sublinhar que a pergunta se refere ao aparelho que usa habitualmente)

Mãe ou pai (mãe/pai adotivos)	(1)
Irmão ou irmã (irmão ou irmã adotiva)	(2)
Outros familiares	(3)
Amigo da sua idade	(4)
Professor	(5)
Outra pessoa. Especificar	(6)
Não sabe	(88)

P38 – Quantas horas diria que o seu filho [adaptar] passa na internet num:

P38.1

Dia de escola

_____ (minutos/horas)
 Não sabe (88)

P38.2

Dia de fim de semana

_____ (minutos/horas)
 Não sabe (88)

P39 – Diga-me com que frequência o seu filho [adaptar] faz cada uma destas atividades na internet:

		Todos os dias ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Nunca	Não sabe
A	Procurar informação (por ex. Google)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	Jogar jogos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Ver vídeos/ filmes/ desenhos animados (por ex. no YouTube)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	Ouvir músicas/ ver vídeos de músicas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Fazer download de músicas ou filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Publicar fotos/ fazer vídeos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Criar músicas, histórias, etc.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
H	Desenhar/colorir	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
I	Usar serviços de mensagens instantâneas ou aplicativos de comunicação (Whatsapp, Viber, etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
J	Falar com familiares ou amigos por vídeo-chamada (por ex. Skype)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
K	Ler livros de histórias digitais	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
M	Outras. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

P40 – Destas atividades, diga-me com quem o seu filho [adaptar] costuma fazer cada uma. (ESPECIFICAR QUE SE TRATA DE RESPOSTA DE ESCOLHA MÚLTIPLA)

		Com o pai e/ou mãe	Com o(s) irmãos	Com outros familiares	Com amigos	Com o professor	Outro. Especificar	Não se aplica/ Não faz	Não sabe
A	Procurar informação (por ex. Google)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
B	Jogar jogos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
C	Ver vídeos/ filmes/ desenhos animados (por ex. no YouTube)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
D	Ouvir músicas/ ver vídeos de músicas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
E	Fazer download de músicas ou filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
F	Publicar fotos/ fazer vídeos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
G	Criar músicas, histórias, etc.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
H	Desenhar/colorir	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
I	Usar serviços de mensagens instantâneas ou aplicativos de comunicação (Whatsapp, Viber, etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
J	Falar com familiares ou amigos por vídeo-chamada (por ex. Skype)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
K	Ler livros de histórias digitais	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)
M	Outras. Especificar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(88)

P41 – O seu filho usa alguma rede social destinada a crianças (p. ex. Club Penguin)?

Sim	(1) Qual/Quais? Especificar (registar)
<hr/>	
Não	(2)
<hr/>	
Não sabe	(88) (Saltar para P42)

P41.2 – (Se respondeu “NÃO” à P41.1), porque motivo não utiliza:

É demasiado novo	(1)
<hr/>	
Nunca mostrou interesse em querer usar	(2)
<hr/>	
Desconhece este tipo de programas/aplicações	(3)
<hr/>	
Outra razão? (especificar)	(4)

P41.1 – E o seu filho utiliza outro tipo de redes sociais? (ex. Facebook...)

Sim	(1) Qual/Quais? Especificar (registar)
<hr/>	
Não	(2) (Saltar para P42)
<hr/>	
Não sabe	(88)

P41.3 – (Se respondeu “SIM” à P41.1) Relativamente à rede social que o seu filho [adaptar] mais usa, em seu entender que razões acha que o levam a utilizá-la?

(NOTA: SUBLINHAR QUE É PARA CONSIDERAR A REDE A CRIANÇA MAIS USA. Ler todas as opções)

		Sim	Não	Não sabe
A	Para se sentir integrado no círculo de amigos	(1)	(2)	(88)
B	Para jogar jogos	(1)	(2)	(88)
C	Para partilhar fotos/imagens, vídeos com os amigos	(1)	(2)	(88)
D	Para ter uma atividade comum com o pai/mãe/familiar	(1)	(2)	(88)
E	Outras. Especificar	(1)	(2)	(88)

P42 - Pode indicar-me coisas que o seu filho [adaptar] sabe fazer sozinho na internet (Escolha múltipla. Assinalar todas as opções indicadas)

(Registar se existem outras razões)

Sabe usar a internet para comunicar com outras pessoas	(1)
Sabe fazer download de aplicações	(2)
Sabe fazer download de conteúdos	(3)
Sabe instalar jogos	(4)
Sabe apagar jogos/programas/aplicações	(5)
Sabe fazer compras <i>online</i>	(6)
Sabe encontrar conteúdos do seu interesse	(7)
Sabe localizar aplicações/programas nos dispositivos	(8)
Outras. Especificar	(9)
Não sei responder	(88)

VI – MEDIAÇÕES DO USO DA INTERNET

Os pais [adaptar] têm abordagens diferentes quanto à forma como os seus filhos [adaptar] usam a internet. Gostaríamos de saber o que se faz na sua família em relação ao seu filho [adaptar]. Por favor, pense em TODAS AS FORMAS e em TODOS OS LOCAIS em que (REFERIR NOME DA CRIANÇA) utiliza a internet e diga-nos o que os pais/encarregados de educação costumam fazer .

ENTREVISTADOR: Para as perguntas seguintes, nos casos em que há dois progenitores/ encarregados de educação no agregado familiar, por favor peça ao entrevistado que responda em relação aos dois, ou seja, sobre si próprio e o outro progenitor/encarregado de educação.

P43 – Alguma vez o seu filho [adaptar]...

(LEMBRAR O INQUIRIDO(A) DE QUE ESTÁ A RESPONDER SOBRE/EM FUNÇÃO DA CRIANÇA SOBRE A QUAL É A ENTREVISTA)

		Sim	Não	Não sabe
A	Falou convosco sobre o que faz na internet	(1)	(2)	(88)
B	Falou convosco sobre alguma coisa que o perturbou na internet	(1)	(2)	(88)
C	Pediu conselhos sobre como agir na internet	(1)	(2)	(88)
D	Pediu para comprar produtos/serviços publicitados na internet	(1)	(2)	(88)

P44 – Com que frequência o senhor/a senhora...:

		Frequente- mente	Às vezes	Raramente	Nunca	Não sabe/ não se lembra
A	Fala sobre o que seu filho [adaptar] faz na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
B	Incentiva-o a explorar e a aprender coisas novas na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
C	Se senta ao lado dele quando ele está a usar a internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
D	Faz atividades com ele na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
E	Sugere maneiras de usar a internet com segurança	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
F	Fala sobre o que fazer se algo na internet o incomodar	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
G	Ajuda quando ele tem dificuldade em fazer/ encontrar alguma coisa na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
H	Explica porque é que alguns sites são adequados ou inadequados para ele	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)
I	Ajuda a lidar com algo que o incomodou na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(88)

P45 – Na sua casa, os senhores fazem uso de ferramentas digitais para:

		Sim	Não	Não sabe
A	Bloquear ou filtrar <i>websites</i>	(1)	(2)	(88)
B	Verificar histórico dos <i>websites</i> e programas visitados/usados pelo seu filho	(1)	(2)	(88)
C	Filtrar as aplicações/programas que o seu filho pode descarregar	(1)	(2)	(88)
D	Alertar no caso de o seu filho tentar fazer compras <i>online</i>	(1)	(2)	(88)

P46 – Na sua casa, já alguma vez conversaram com o vosso filho [adaptar] sobre qualquer uma das seguintes coisas que podem acontecer *online*?

		Sim	Não	Não sabe
A	Encontrar conteúdos/websites inadequados para a idade	(1)	(2)	(88)
B	Acreditar em tudo que vê/lê na internet	(1)	(2)	(88)
C	Cyberbullying (EXPLICAR: Tratar outra criança/ ou ter sido tratado de forma maldosa ou desagradável na internet. Isto inclui ter provocado/ ter sido tratado por alguém repetidamente de uma forma que essa pessoa não gostou/ que o próprio não gostou)	(1)	(2)	(88)
D	Publicar informações e fotografias pessoais na internet	(1)	(2)	(88)
E	Apanhar vírus, trojans, spyware	(1)	(2)	(88)
F	Contactar com estranhos	(1)	(2)	(88)
G	Outros. Especificar	(1)	(2)	(88)

P47- Uma última pergunta, para fecharmos esta entrevista. Até que ponto o senhor/a senhora concorda com as seguintes afirmações sobre seu filho [adaptar] e a internet:

		Concordo totalmente	Concordo	Não concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente	Não sabe
A	A internet não ensina nada de positivo ao meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
B	O uso da internet é bom para o desenvolvimento do meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
C	Quando o meu filho [adaptar] está na internet eu tenho um tempo de descanso	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
D	O meu filho [adaptar] está calmo quando está na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
E	Usar a internet é bom para o desempenho escolar do meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
F	Na internet o meu filho [adaptar] pode facilmente ter acesso a coisas que não são adequadas para ele	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
G	Eu prefiro que o meu filho [adaptar] esteja ocupado com outras coisas em vez de estar na internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
H	O meu filho [adaptar] sabe mais da internet do que eu	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
I	O meu filho [adaptar] sabe fazer várias coisas na internet sem pedir a minha ajuda	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
J	A internet é muito complicada de usar para o meu filho [adaptar]	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
L	O meu filho [adaptar] tem dificuldade em deixar de usar a internet por sua livre vontade	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
M	Através da internet, o meu filho [adaptar] pode entrar em contato com pessoas com más intenções.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)
N	Através da internet o meu filho [adaptar] pode fazer compras indesejadas ou inesperadas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(88)

Muito obrigado pela sua colaboração!

(NO CASO DE EXISTIR UMA CRIANÇA DE 6-8 ANOS) Vamos agora fazer umas perguntas ao seu filho...

2.2. Questionário a crianças de 6-8 anos

Olá! Estive a fazer umas perguntas ao/à teu/tua pai/mãe [adaptar] e agora pedia a tua ajuda para responderes a umas perguntas sobre a televisão, os jogos e a internet. Não te preocupes, aqui não há respostas erradas. Gostava de saber o que fazes e o que gostas mais de fazer. Se tiveres alguma dúvida ou se não quiseres responder a alguma pergunta, podes dizer...

I – TELEVISÃO

Vamos começar por falar da televisão. Na televisão podes ver muitas coisas, como desenhos animados, filmes ou músicas que passam nos canais, como o Panda, o Disney Channel, o Nickelodeon, a SIC, a RTP, a TVI... Pode ser?

P1 – Diz-me uma coisa. Tu vês televisão...

Todos os dias ou quase todos	(1)
Pelo menos 1 vez por semana	(2)
Pelo menos 1 vez por mês	(3)
Raramente	(4)
Nunca	(5) (PASSAR PARA P6)

P2 - E o que é que costumavas ver na televisão? Que programas vês?

(NÃO LER AS OPÇÕES, assinalar apenas; pedir para indicar vários programas; registar se existem outros)

(Codificar a posteriori. Preparar lista com classificação para programas mais populares em cada categoria)

P3 – De todos os programas que disseste, o que gostas mais de ver na televisão? (dizer que pode indicar mais do que um. Registar máx. 3)

(assinalar programas específicos e codificar a posteriori)

P4 – E tu costumavas ver televisão com...

	Sim	Não	Não sei	Não se aplica
Os teus pais	(1)	(2)	(88)	(99)
Os teus Irmãos	(1)	(2)	(88)	(99)
Os teus amigos	(1)	(2)	(88)	(99)
Outros familiares	(1)	(2)	(88)	(99)
A/o Professor/a	(1)	(2)	(88)	(99)
Outras pessoas. especificar	(1)	(2)	(88)	(99)

P4.1 – (SE RESPONDEU SIM COM PAIS) que programas gostas mais de ver na televisão com os teus pais?

P4.2 – (SE RESPONDEU SIM COM IRMAOS) que programas gostas mais de ver na televisão com os teus IRMÃOS?

P4.3 – (SE RESPONDEU SIM COM AMIGOS) que programas gostas mais de ver na televisão com os teus AMIGOS?

P5- Tu costumavas falar sobre o que vês na televisão com...

		Sim	Não	Não sei	Não se aplica
A	Os teus pais	(1)	(2)	(88)	(99)
B	Os teus Irmãos	(1)	(2)	(88)	(99)
C	Os teus amigos	(1)	(2)	(88)	(99)
D	Outros familiares	(1)	(2)	(88)	(99)
E	A/o Professor/a	(1)	(2)	(88)	(99)
F	Outras pessoas. especificar	(1)	(2)	(88)	(99)

P6.1 - Diz-me agora se podes ver tudo o que queres na televisão?

Sim	(1)
Não	(2) (passar para P7)

P6.2 – (SE RESPONDEU SIM) o que é não podes ver na televisão?

(assinalar max. 3)

P7 – Diz-me agora se costumavas ver DVDs de filmes/ desenhos animados/ concertos/espetáculos?

Todos os dias ou quase todos	(1)
Pelo menos 1 vez por semana	(2)
Pelo menos 1 vez por mês	(3)
Raramente	(4)
Nunca	(5) (passar para 8)

P8 - Que DVDs de filmes/ desenhos animados/ concertos/ espetáculos gostas mais de ver?

(assinalar max. 3)

III – JOGOS**Vamos agora falar de jogos.****P9 – Costumas jogar jogos no computador, no tablet ou na consola...**

(explicar, se necessário, que não inclui brincadeiras com amigos ou jogos de tabuleiro, etc.)

Todos os dias ou quase todos	(1)
Pelo menos 1 vez por semana	(2)
Pelo menos 1 vez por mês	(3)
Raramente	(4)
Nunca	(5) (passar para 8)

P10.1 - Onde (com que equipamento) costumavas jogar? (resposta múltipla; mostrar cartão com imagens dos aparelhos) (MOSTRAR CARTÕES)**P10.2 - E onde mais gostas de jogar?**

	P10.1	P10.2
No tablet	(1)	(1)
No telemóvel/smartphone	(2)	(2)
No computador	(3)	(3)
Na consola de jogos ligada à televisão (Wii, Xbox, Playstation)	(4)	(4)
Na consola de jogos portátil (Nintendo, Sony PSP, etc.)	(5)	(5)
Noutro aparelho/local. Especificar	(6)	(6)

P11 - Que jogos gostas mais de jogar? (pedir para indicar até um máximo de 3)

P12 - Costumas jogar com outras pessoas?

Sim	(1)
Não	(2) (Saltar para secção IV)
Não sabe	(3)

P13 - (Se respondeu sim) Com quem costumava jogar?

		Sim	Não
A	Pai/Mãe	(1)	(2)
B	Irmãos	(1)	(2)
C	Amigos	(1)	(2)
D	Outros familiares	(1)	(2)
E	Professor	(1)	(2)
F	Outras pessoas. especificar	(1)	(2)

P13.1 – (SE RESPONDEU SIM COM PAIS) Que jogos mais gostas de jogar com os teus pais?

P13.2 – (SE RESPONDEU SIM COM IRMAOS) Que jogos mais gostas de jogar com os teus IRMÃOS?

P13.3 – (SE RESPONDEU SIM COM AMIGOS) Que jogos mais gostas de jogar com os teus AMIGOS?

P14- Há alguns jogos que os teus pais não te deixam jogar no computador?

Sim	(1)
Não	(2) (passar para P22)

P14.2 - Sem sim, podes dizer-me quais?

(assinalar max. 3)

IV – INTERNET

Vamos agora falar da internet. Na internet pode-se fazer várias coisas: procurar imagens, ver vídeos, jogar jogos, procurar informações, entre muitas outras coisas.

P15 - Já alguma vez foste à internet?

(EXPLICAR que pode ter em conta todos os locais em que já acedeu à internet, incluindo na escola, em casa de amigos ou familiares. Deve também ter em conta todos os equipamentos - computadores, tablets, telemóveis...)

Sim	(1)
Não	(2) (TERMINA QUESTIONÁRIO)

P16 - (Se sim) Costumas usar a internet...

Todos os dias ou quase todos	(1)
Pelo menos 1 vez por semana	(2)
Pelo menos 1 vez por mês	(3)
Raramente	(4)

P17 - Onde é que usas a internet?

		Sim	Não
A	Em minha casa	(1)	(2)
B	Na casa dos meus avós/tios/primos	(1)	(2)
C	Na casa dos meus amigos	(1)	(2)
D	Na escola	(1)	(2)
E	No ATL/SAF	(1)	(2)
F	Na biblioteca	(1)	(2)
G	Noutros lugares. Especificar	(1)	(2)

P18 - O que é que costumás fazer na internet?

(APRESENTAR CARTÕES)

		Sim	Não
A	Jogar jogos (por ex. Friv, StarDoll, Minecraft, no Facebook)	(1)	(2)
B	Ver filmes/desenhos animados	(1)	(2)
C	Procurar e ver imagens	(1)	(2)
D	Pesquisar para trabalhos da escola	(1)	(2)
E	Falar com amigos e/ou familiares (por ex: Skype)	(1)	(2)
F	Escrever mensagens para amigos ou familiares	(1)	(2)
G	Desenhar/colorir	(1)	(2)
H	Ouvir músicas/ ver vídeos de músicas (p.ex. no YouTube)	(1)	(2)
I	Tirar fotografias	(1)	(2)
J	Fazer vídeos	(1)	(2)
K	Ver vídeos que explicam como se fazem certas coisas (jogar jogos, dançar, cozinhar...)	(1)	(2)
L	Outras coisas. Especificar _____	(1)	(2)

P19 - E o que é que gostas mais de fazer na internet?

(Registar. Codificar a posteriori)

(assinalar max. 3)

P20 - Costumas usar a internet com outras pessoas?

Sim	(1)
Não	(2)
Não sabe	(88)

P21 - (Se respondeu sim) Com quem costumás utilizar a internet?

		Sim	Não
A	Pai/Mãe	(1)	(2)
B	Irmãos	(1)	(2)
C	Amigos	(1)	(2)
D	Outros familiares	(1)	(2)
E	Professor	(1)	(2)
F	Outras pessoas. especificar	(1)	(2)

P21.1 - (SE RESPONDEU SIM COM PAIS) O que é que mais gostas de fazer na internet com os teus pais?

P21.2 - (SE RESPONDEU SIM COM IRMAOS) O que é que mais gostas de fazer na internet com os teus IRMÃOS?

P21.3 - (SE RESPONDEU SIM COM AMIGOS) O que é que mais gostas de fazer na internet com os teus AMIGOS?

P22- Há coisas que os teus pais não te deixam fazer na internet?

Sim	(1)
Não	(2) (SALTAR PARA P22)

P22.2 - Se sim, o que é que não te deixam fazer na internet?

P23 – Na internet, costumás ir ao...
(Mostrar com cartões)

		Sim	Não	Não sei
A	Club Penguin	(1)	(2)	(88)
B	StarDoll	(1)	(2)	(88)
C	Habbo	(1)	(2)	(88)
D	Facebook	(1)	(2)	(88)
E	Outras. Especificar	(1)	(2)	(88)

P26 – E do que disseste, o que é que mais gostas? (Registar. Codificar a posteriori)

P27 – O que costumás fazer lá? (Registar. Codificar a posteriori)

P28 – Achas que na internet...

		Concordo	Não concordo	Não sei
A	Há coisas muito boas para as pessoas da tua idade	(1)	(2)	(88)
B	Aprendes muitas coisas na internet	(1)	(2)	(88)

(PERGUNTA GERAL)

P29 – De todas as coisas que disseste que fazias (ver televisão, jogar, usar a internet), de qual gostas mais?

Muito obrigado pela tua ajuda.

Anexo 3.

Convite, formulário de seleção e consentimento informado para participação no estudo qualitativo

3.1. Convite

CONVITE À PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO CRESCENDO ENTRE ECRÃS. USOS DE MEIOS ELETRÓNICOS POR CRIANÇAS (3-8 ANOS)

Caros Pais e encarregados de educação

Hoje em dia, as crianças começam cada vez mais cedo a relacionar-se com os ecrãs, do televisor da família ao telemóvel do pai ou da mãe. Muitas brincam com *tablets*, surpreendendo os familiares com a facilidade com que descobrem modos de os usar. O presente estudo procura conhecer como - nas suas famílias e noutros espaços que frequentam - as crianças em idade pré-escolar e dos primeiros anos de escolaridade estão a fazer uso desses ecrãs.

O estudo, da responsabilidade de uma equipa de investigadores da **Universidade Nova de Lisboa**, resulta de uma solicitação da **Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC)**. Um dos objetivos da ERC é dispor de conhecimento aprofundado sobre as crianças como público dos media, tendo em conta a formação da sua personalidade. Com esse conhecimento e a sua divulgação na sociedade portuguesa procura-se que pais, familiares e educadores possam acompanhar as relações das crianças com os média de um modo informado.

As atividades consistirão em obter informação sobre:

- Os meios electrónicos existentes em casa e os usos por parte de crianças entre os três e os oito anos;
- As formas como pais/educadores permitem o uso dos meios electrónicos pela criança e as ideias que têm sobre a importância destes para o seu crescimento

Gostaríamos de contar com a colaboração dos pais, respondendo a perguntas sobre esses usos e permitindo a participação da criança (entre 3 a 8 anos) em atividades que preparámos para ela (entrevistas-conversa, observação do que faz com esses aparelhos, jogos...).

Essa colaboração consistirá em duas sessões, na vossa casa, com a duração de 60 minutos cada, a realizar entre abril e junho. As sessões serão gravadas em áudio e serão recolhidos registos fotográficos. Será garantido o anonimato das famílias participantes e a total confidencialidade das respostas.

Relativamente às crianças, antes das atividades, será pedido oralmente o seu assentimento para participar nas atividades e respeitada uma eventual manifestação de desinteresse ou vontade de abandonar as atividades.

Cada família participante receberá como gratificação um cheque-presente da FNAC no valor de 50 euros.

Caso aceite participar neste estudo, o que muito agradecemos, preencha por favor a ficha de inscrição que se segue e remeta-a para o endereço electrónico: [EMAIL].

Os dados fornecidos na ficha de inscrição serão utilizados para selecionar 20 famílias de modo a garantir a diversidade dos participantes.

3.2. Formulário de seleção

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO
**CRESCENDO ENTRE ECRÃS. USOS DE MEIOS ELETRÓNICOS
POR CRIANÇAS (3-8 ANOS)**

1. Vive alguma criança de 3 a 8 anos no seu agregado familiar? (Assinale por favor a resposta correta)

Sim _____ Não _____

2. Qual a idade e sexo da(s) criança(s)?

	Idade	Sexo
Criança nº 1:		
Criança nº 2:		
Criança nº 3:		

3. Nos últimos 3 meses, a(s) sua(s) criança(s)

	Sim	Não
Viu programas de televisão		
Jogou jogos de vídeo/ electrónicos/ digitais		
Utilizou a internet		

4. Em que distrito e concelho mora?

Distrito _____

Concelho _____

5. Quem vive na mesma casa com a(s) criança(s):

Mãe	
Pai	
Madrasta ou mãe adoptiva	
Padrasto ou pai adoptivo	
Irmãos	
Avós	

6. Qual o nível de instrução mais elevado que completou?

7. Pode-me indicar, por favor, qual é a sua situação profissional atual?

Muito obrigada. Para contacto posterior, indique por favor o seu contacto:

Contacto telemóvel _____

Horário em que quero ser contactado _____

Email _____

3.3. Formulário de consentimento informado

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO
**CRESCENDO ENTRE ECRÃS. USOS DE MEIOS ELETRÓNICOS
POR CRIANÇAS (3-8 ANOS)**

Tomei conhecimento dos objetivos do estudo em questão realizado pela Universidade Nova de Lisboa, em resultado de uma solicitação da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), e estou disponível para poder participar neste estudo, autorizando também que a criança de 3 a 8, pela qual sou responsável, possa participar nas atividades do estudo.

Compreendo que as respostas serão mantidas totalmente confidenciais. O estudo é anónimo e nenhum elemento da minha família serão identificados nos resultados ou relatórios que vierem a ser elaborados.

Nome do adulto responsável

Assinatura do adulto responsável:

Data:

Anexo 4.

Apresentação sumária das famílias participantes no estudo qualitativo

3.1.1. Famílias com crianças de três anos

A **família Amaral** vive numa zona de ambiente ruralizado, contígua a um centro urbano, numa casa à face de uma rua interior em paralelo, entre uma estrada nacional e uma variante. A mãe é estudante com formação académica superior; o pai tem o secundário completo e está desempregado. Ambos com 36 anos, são pais do André, um menino de três anos que tem como atividades preferida de ecrã o visionamento do programa *Patrulha Pata*, na televisão. No seu *tablet* pessoal, uma prenda de viagem que designa por 'paleta', privilegia jogos e vídeos no YouTube, que encontra por sugestão com base nas suas preferências.

Nesta família encontramos pais que gostam de tecnologia e se interessam pelas suas potencialidades educativas e uma criança com autonomia para escolher o que quer ver, quando e onde e cuja destreza tecnológica lhe foi transmitida pelos pais, em particular no uso da televisão em que tem uma maior autonomia. Nos dispositivos móveis são os pais que escolhem e descarregam os jogos. Apesar de promoverem a autonomia digital da criança, algumas inquietações apontam o tempo de uso, o isolamento promovido pelos ecrãs, conteúdos violentos que captam a atenção do menino, em particular no que se refere ao *tablet*, onde encontrar conteúdos não aprovados pelos pais. A mediação parental nesta família define-se pelos verbos 'acompanhar', 'contornar' e 'sugerir' e, estrategicamente, 'avariar' a 'paleta'. Num dia de semana, os ecrãs estão presentes nas rotinas do André ao pequeno-almoço e depois das 17h, quando regressa a casa.

A **família Baltazar** vive entre duas moradas: a morada por conveniência profissional da mãe, onde o pai vive parte da semana; e a morada do pai, a 40 quilómetros, para onde a família, por vezes, se desloca ao fim-de-semana. As duas residências permitem contacto com a natureza, pois estão afastadas de centros urbanos. O pai tem dois filhos (um de 15 anos e um de 27 anos) de um casamento anterior e uma menina de três anos, a Bárbara, desta relação. A mãe tem 39 anos e é diretora numa instituição de saúde e o pai de 44 anos, é empresário. Ambos têm formação académica superior. Uma das salas em casa da mãe é o território da menina, onde tem os brinquedos, onde come, vê televisão e brinca.

Tem dois *tablets* herdados dos pais, que usa para ver vídeos selecionando por sugestão, nos raros momentos em que os adultos veem televisão ou em viagem e restaurantes. Por consequência de prioridades parentais, a preferência por vídeos em inglês levou a menina a aprender algumas palavras nesta língua antes do português. Os brinquedos – os muitos que tem e, por vezes, duplicados nas duas casas – fazem parte dos 'mimos' e 'recompensas', ofertadas pelos pais e familiares. No *tablet* não há jogo descarregado pelos pais que a menina jogue sem que eles o experimentem antes e, na televisão, são os pais os guardiões do comando de ligar e desligar o aparelho, por regra ligado no canal Panda. A televisão está presente na vida da menina ao acordar e ao final do dia e, por vezes, em pano de fundo a par com as brincadeiras. As suas preferências televisivas centram-se na *Patrulha Pata* e na interatividade da série infantil cuja protagonista é *Dora*. A imagem é, ainda, central na gestão dos laços familiares através do Skype, seja com os avós ou permitindo ao pai acompanhar as rotinas da menina quando está ausente.

3.1.2. Famílias com crianças de quatro anos

A **família Carvalho** vive numa área reservada e 'dormitório', próxima do centro urbano. Com formação académica superior, a mãe de 38 anos é professora e o pai, 39 anos, é engenheiro informático. A menina, Catarina, tem quatro anos e um irmão de nove anos. No que toca aos ecrãs, duas palavras traduzem a mediação familiar: 'partilha,' porque todos gostam de tecnologia e a usam; 'regras' e 'controlo', de modo a evitar o isolamento social e perigos que possam colocar em causa a privacidade e segurança das crianças.

Entre irmãos, é frequente a negociação daquilo a que assistem na televisão. De acordo com a mãe, os conteúdos a que a filha assiste por escolha do irmão, nem sempre parecem ser os mais adequados, pela sua idade. O irmão tem televisão no quarto, mas a menina não. O Panda é o canal de eleição da Catarina, mas no *tablet* as suas preferências vão para os vídeos, de música ou do *Mr. Bean* e o *Ruca*. Para procurar o que quer ver conta com a ajuda da mãe e do irmão que lhe escrevem as palavras num papel que ela copia para concretizar as suas pesquisas. Na internet Catarina acaba por partilhar das preferências do irmão e participar nos vídeos que ele vai fazendo e que, por restrições parentais, não são colocados *online*. O único 'dispositivo' que possui é um telemóvel imaginário feito a partir de uma capa de plástico com autocolantes na parte interna a representar as teclas e que ela usa para fazer chamadas e ver vídeos, a brincar.

A **família Dias** vive num centro urbano. A mãe e o pai têm 38 anos, formação superior e são professores. Têm dois filhos: uma menina de dois anos e um menino, Diogo, com quatro anos, que tem no *Miles do Futuro* um dos seus programas favoritos a par da *Patrulha Pata*. Esta família coloca o brincar e as atividades no exterior sempre que possível à frente do uso dos ecrãs. Apesar de verem um grande potencial nas tecnologias, consideram que este convívio com os ecrãs é precoce e, por isso, a mediação parental é sempre feita com alicerces no 'controlo'. A família controla a autonomia no uso e o tempo de ecrãs, bem como os conteúdos que a criança vê. O uso dos ecrãs é restrito, servindo de apoio, por exemplo, quando a mãe está envolvida nas tarefas domésticas. Todos os conteúdos na televisão ou em dispositivos móveis são selecionados pela mãe com base em dois preceitos: não conterem violência e serem pedagógicos. A estas regras familiares está associada a preocupação com o isolamento social e de dependência dos ecrãs. A preferência pelos canais da televisão por cabo prende-se com a conveniência da oferta de conteúdos a qualquer hora/dia.

A **família Esteves** vive numa vila que liga dois centros urbanos. Evandro, de quatro anos, vive com a mãe, de 37 anos, formação superior e professora, a irmã, de 17 anos, e com o companheiro da mãe, de 40 anos, com o ensino secundário incompleto e de profissão bombeiro. O filho do companheiro, de 10 anos, vive com esta família parte da semana. De quinze em quinze dias, Evandro e a irmã passam o fim-de-semana com pai biológico, de 38 anos, com formação superior, administrativo. A gestão do uso dos ecrãs por Evandro é feita com base na recompensa e negociação. Em particular o uso do *tablet* e da *Wii* é uma recompensa em troca de se portar bem. Para deixar os ecrãs, a mãe espera que o filho termine o que está a ver ou a jogar para evitar que ele fique frustrado e irritado. A família privilegia que Evandro vá para o exterior sempre que possível, normalmente acompanhado pela mãe ou pela irmã. Com a irmã também se entretém a jogar na *Wii* e a ver vídeos no computador, como os *Mínimos*, ou a cantar as músicas do *Panda e os Caricas*. Nas férias, os jogos da *Wii* são jogados em família ou com a irmã. Em todos os ecrãs, que são partilhados, o menino, por observação, foi se tornando autónomo e tende a monopolizar os dispositivos. A televisão está presente no dia-a-dia do Evandro de manhã ao pequeno-almoço e quando regressa a casa, final da tarde e depois do jantar.

A **família Faria** vive num centro urbano. A mãe, de 39 anos, tem formação académica superior e exerce advocacia. O pai, de 41 anos, tem o ensino secundário completo e é inspetor do ramo automóvel. Francisco tem quatro anos e gosta muito de dinossauros. A televisão é um aparelho muito utilizado

pela família para fazer companhia, com os desenhos animados ou música em pano de fundo, os programas preferidos do menino. Autónomo na utilização dos ecrãs, é ele quem escolhe o que quer ver e muito do que aprendeu a mexer nos ecrãs foi por observação e aprendizagem com o pai; no entanto, muita da sua autonomia resulta de ter uma personalidade exploradora. No *tablet*, as suas preferências vão para o YouTube onde vê vídeos e ouve música, que encontra por sugestão, e para jogos, um em concreto, de dinossauros, que joga com o pai. Os jogos são descarregados pelo pai a pedido do menino, depois de este ter visto em casa de amigos. A sua autonomia e preferências por vezes desassossegam a mãe que procura fazer face a um contexto diferente daquele em que cresceu, mas que se inquieta e a faz considerar que a liberdade do filho se deve pautar por uma maior aplicação de regras, limitando o tempo de uso e de mediação técnica no YouTube para controlar acesso a conteúdos indesejados. Em média, por dia, Francisco vê entre uma hora e uma hora e meia de televisão e usa o *tablet* 30 minutos, com tendência a aumentar aos fins-de-semana, em especial no inverno, quando passam mais tempo em casa.

A **família Oliveira** vive numa área que é parte de um parque natural. A mãe, de 45 anos, tem formação superior e é *designer*. O pai, de 69 anos, tem o ensino secundário e é consultor. O pai tem dois filhos com mais de 30 anos, fruto de outro casamento. Olga tem quatro anos e frequenta o pré-escolar numa instituição escolhida pelos pais por privilegiar o brincar ao currículo. A meio da tarde, o pai vai buscá-la e ao chegar a casa a menina lancha e brinca; só por volta das 19h tem o tempo dela para usar os ecrãs: o *tablet* ou a televisão. Os desenhos animados que prefere são do Disney Júnior: *Princesa Sofia*, *Doutora Brinquedos* e *PJ Masks*. Ao fim-de-semana vê mais um bocadinho. Não vê muita televisão, mas o pai considera ser mais do que o suposto. Os ecrãs são partilhados. Nos momentos em que os adultos veem televisão, por vezes a menina vê DVD's no computador. No *tablet*, quando a utilização é autorizada pelo pai, vê desenhos animados, por regra, diferentes dos da televisão e assiste a tutoriais de montagem de brinquedos, por exemplo da Lego. Estes vídeos são encontrados por sugestão e é capaz de estar uma hora a ver desempacotar e montar até o dispositivo lhe ser tirado da frente. Pede pouca ajuda ao pai e o que sabe fazer aprendeu por exploração ou por observação. Tem aprendido palavras em inglês como resultado de lengalengas que ouve. Tem um menor grau de autonomia na televisão e no computador onde depende dos adultos para ligar e colocar o que quer ver. Fora de casa, em situações excepcionais, os pais deixam-na usar o telemóvel, que usa como no *tablet*, para ir para o YouTube. Os irmãos deixam-na brincar com os ecrãs pessoais e tem por hábito comunicar com eles por FaceTime.

3.1.3. Famílias com crianças de cinco anos

A **família Garcia** vive num centro urbano. A mãe, de 35 anos, é administrativa e o pai, de 37 anos, é balconista. Ambos têm o ensino secundário completo. Na família existem duas meninas, a Gabriela de cinco anos e uma irmã de dois anos. A televisão e o *tablet* estão presentes na rotina da Gabriela, no final do dia quando chega a casa, antes e depois do jantar. Se vê televisão no quarto, o *tablet* é mais usado na sala, onde o sinal de internet é mais forte. O que vê na televisão depende da sua escolha pessoal, contestada pela mãe que preferia que as escolhas fossem mais infantis e em linha com a Disney. Na televisão a menina tem preferência pelos desenhos animados do canal Nickelodeon e pela *Dora*. No *tablet* prefere ver vídeos de desenhos animados e tutoriais que encontra por sugestão. Os jogos preferidos são sobre culinária, moda e colorir, todos descarregados pela mãe, de acordo com o que considera serem escolhas mais infantis. Muita da autonomia que a menina tem nos ecrãs é estimulada pela mãe, já que considera que estes a mantêm entretida e em segurança.

3.1.4. Famílias com crianças de seis anos

A **família Henriques** vive numa freguesia entre dois centros urbanos, numa zona mais rural. A mãe, de 36 anos, está desempregada; o pai, de 42 anos, trabalha no ramo da saúde no estrangeiro, passa um mês fora e um mês em casa. Ambos têm qualificações académicas superiores. O filho mais velho tem 11 anos e a menina, a Helena, tem seis anos. As tecnologias, em particular o Skype, têm um papel de relevo nesta família, permitindo estreitar a distância que separa o pai de casa, participar das rotinas familiares e fazer acompanhamento escolar. A palavra que melhor define a utilização de dispositivos pelos membros desta família é 'partilha'. Apesar disso, um *tablet* herdado do irmão é um dos dispositivos mais usados pela menina a par da televisão que acaba por ser monopolizada por ela, depois das atividades escolares. Depois do jantar também é habitual todos assistirem aos seus programas no Disney Channel, no caso, as séries infantis *Soy Luna* ou as *Aventuras de Lady Bug*. Autónoma na utilização das tecnologias, Helena auxilia, por vezes, a mãe na resolução de problemas mais técnicos. Joga jogos em vários dispositivos sozinha ou com o irmão. No *tablet* instala e apaga os seus jogos, gosta ver vídeos de maquilhagem, músicas que encontra por pesquisa ou sugestões e de se filmar a comentar acerca de produtos que tem da *Violetta*, à semelhança do que vê outras crianças

fazerem no YouTube. O acesso nesta família não tem restrições e a mediação assenta em acompanhar e falar sobre eventuais preocupações.

A **família Infante** vive numa freguesia na periferia de um centro urbano, numa zona habitacional de cariz comunitário. A mãe tem 36 anos, o pai tem 37; ambos são professores com formação universitária. Isaque tem seis anos. O seu canal preferido é o Cartoon Network e o programa de eleição é o *GumBall*. Apesar de não ter por hábito ligar e desligar a televisão tem um comando só dele que apenas lhe permite mudar entre canais infantis. O uso dos ecrãs é mediado pelos pais com regras, funcionando como um tempo de relaxe quando chega a casa ou quando está cansado. Tem maior liberdade de uso ao fim-de-semana. Tem o seu próprio *tablet* que lhe foi oferecido como recompensa por desempenho escolar. Os pais veem vantagens nas tecnologias, promovendo aprendizagens, mas sentem necessidade de controlar o uso que faz do *tablet*, porque Isaque sabe descarregar conteúdos cujas preferências vão, por vezes, para vídeos e jogos que não são adequados à idade ou que são violentos. Com ajuda ou seguindo as sugestões, as preferências no YouTube vão para as músicas, desenhos animados e tutoriais do Lego, que o ajudam a montar as suas estruturas físicas Lego. O pai recorre a controlos parentais técnicos no *tablet*.

A **família Junqueira** vive num centro urbano. A mãe, de 43 anos, é professora. O pai, de 45 anos, é gestor de projeto. Ambos têm formação universitária. Jade tem seis anos e está no pré-escolar, porque os pais querem que ela comece o ensino obrigatório com maior maturidade. Nesta família, a televisão é orientada para a criança, embora não seja autónoma no ligar e desligar do ecrã. Quando quer utilizar os ecrãs, Jade pede autorização aos pais, tal como a mãe fazia quando era criança. Por dia, em média, vê pelo menos duas horas de televisão, em particular filmes em DVD da Pixar ou Europeus. Os pais procuram orientar o seu gosto para uma visão fugindo do mundo fantasioso da Disney, mas respeitam as suas preferências, como ver o canal Disney Channel e a *Lady Bug*. Com menos frequência, Jade vê o Cartoon Network que, tendo desenhos animados alternativos, são mais da preferência dos pais que valorizam conteúdos diferenciados. Jade aprende a utilizar os ecrãs, em especial com o pai, e aventura-se nos DVD's e no *tablet*, que é usado mais ao fim-de-semana, para jogar interactivamente com a gata Ângela, pintar e desenhar. Os jogos são descarregados pelo pai, de acordo com o que considera ser interessante ou, por vezes, a pedido da menina. O YouTube para ouvir música e ver vídeos engraçados, no computador, é uma atividade partilhada entre mãe e filha. Essa pesquisa é conduzida pela mãe; quando o é pela menina, é feita por sugestão, uma vez que ainda não sabe escrever.

A **família Lacerda** vive num centro urbano. Lara, de seis anos, está no pré-escolar, vive com a irmã de 11 anos e com a mãe de 43 anos que é administrativa. O pai tem 46 anos. Separado da mãe, vive próximo para poder estar com as meninas. Ambos têm formação universitária. Do ponto de vista da mãe, as tecnologias, por opção, têm pouca expressão na vida deste agregado familiar, o que leva à inexistência de regras. As tecnologias móveis foram presentes do pai. No entanto, separada recentemente das filhas numa viagem, reconheceu-lhes vantagens já que permitiram manter o contacto através de aplicações como o Skype e mensagens. Intuitivamente, as filhas perceberam como se utilizam e, em conjunto, ensinaram a mãe a utilizar estes recursos. Lara vê televisão depois de chegar a casa, no final do dia. Nas suas preferências estão os jogos de futebol, em especial, quando é a seleção nacional a jogar e alguns programas que a irmã vê. Em especial, *Simsala Grimm* e *os Descendentes*, no Disney Channel. Embora partilhado com a irmã, o *tablet* é o dispositivo que Lara mais usa, mas sem uma regularidade diária. Usa para fazer pesquisas do seu interesse, como unicórnios, e para jogar e ver vídeos no YouTube. As suas preferências também se associam às da irmã, mas privilegia o Piano Tiles, os puzzles, aplicações para pintar e um jogo da Kitty que a ajuda a aprender a ler. Tem um telemóvel, mas sem cartão SIM. O computador existe apenas em casa dos avós e do pai, e também é utilizado para jogos (FRIV) e pesquisas.

A **família Macedo** vive numa freguesia perto de um centro urbano. Neste agregado vivem quatro pessoas. A mãe tem 40 anos, formação superior e é professora. O pai tem o 3.º ciclo e é técnico operativo. Martim tem seis anos e a irmã tem 11 anos. A televisão está presente na vida do Martim ao longo do dia, em casa e na escola. À hora da refeição não há televisão. Em casa as escolhas dele prevalecem, mas em casa dos avós, onde passa muito tempo, a escolha dos adultos é soberana. O canal RTP 2, de manhã e na escola, e o canal Disney Júnior, são a sua escolha. *Shin Chan*, *PJ Masks* e *Jake Pirata* são algumas das suas preferências. Sem televisão no quarto é a ver televisão que adormece, geralmente tarde. Ao fim-de-semana a televisão está ainda mais presente, porque passam mais tempo em casa e os pais dividem-se pelas suas tarefas. É nos avós que usa mais o *tablet* da avó. Em casa, também há um *tablet*, comprado para as crianças e que é partilhado, mas ele já pede um só para ele. No histórico do YouTube, são os carros, as motas e os super-heróis que prevalecem. Faz as pesquisas com ajuda para escrever, mas prossegue por sugestão. Tem um telemóvel sem cartão SIM e com os menus em inglês, que não representam constrangimentos para o seu uso para ouvir música ou jogar. Também joga no *tablet* da família e no telemóvel da irmã. No

tablet descarrega jogos que, posteriormente, são apagados pelo pai. No computador da mãe, joga o FRIV. No *tablet* tira fotografias e faz vídeos para surpresa dos pais que sentem que a criança cresce num mundo diferente do deles e até da irmã quando tinha a mesma idade. Joga GTA na Playstation em casa do tio, mas o pai não aprova por ser um jogo violento e inapropriado. Lida mal com o perder nos jogos e por vezes, desiste quando está a ponto de perder.

A **família Neves** vive numa freguesia na periferia de um centro urbano, numa área habitacional reservada. A mãe tem 37 anos e é chefe de secção num hipermercado. O pai, de 48 anos, é comercial. Ambos têm formação superior. Os gémeos Nuno e Nélson, têm seis anos. Este é o segundo casamento do pai, que tem dois filhos adultos de um primeiro casamento. O uso de ecrãs por parte das crianças é muito moderado. Estão na escola até ao final do dia e depois têm quase todos os dias atividades relacionadas com a música. Estão em escolas diferentes, mas as decisões dos pais passam por envolver a aprendizagem de instrumentos musicais e por promover o brincar nas poucas horas livres. O Nélson está numa escola com componente musical. Ambos concorreram a essa escola, mas apenas o Nélson foi admitido. Os filhos mais velhos do pai também frequentaram essa escola. Quase todos os dias veem televisão antes ou depois de jantar. Em média, os gémeos veem 30 minutos, por falta de tempo e por serem muito ativos. Os pais gostavam de ver um pouco mais de televisão, mas não veem conteúdos violentos, porque em especial o Nuno fica perturbado. Veem o canal Panda e o Disney Júnior. O Nuno prefere o *Miles do Futuro*, o Nélson opta pelo *Rei Juliano*. O *tablet* foi uma oferta do serviço de televisão há três anos e era usado para os meninos comerem ou na espera de consultas, já que se acalmavam com música. Desenhos animados, apenas na televisão. O *tablet*, entretanto, avariou-se na sequência de várias quedas em que o disputavam. Está avariado há mais de um ano e os pais, apesar da pressão dos meninos, não preveem arranjar-lo. Mesmo avariado, os meninos continuam a pegar nele. A dependência dos ecrãs preocupa os pais e consideram que é a via mais fácil que pais encontram para manter as crianças entretidas. Não têm acesso aos dispositivos do pai, que são de trabalho. Em casos muito excecionais, usam o telemóvel da mãe, fora de casa. Começaram recentemente a utilizar o Skype para manter contacto com família no estrangeiro. Os meninos têm contacto com as tecnologias em festas em casa de amigos e com os irmãos mais velhos que os deixam usar os ecrãs pessoais.

3.1.5. Famílias com crianças de oito anos

A **família Passos** vive numa freguesia situada no extremo de um centro urbano. O agregado é composto por dois adultos e três crianças. A mãe, de 32 anos, tem formação superior e é empresária. O pai tem 34 anos, formação superior, e é engenheiro civil. Têm duas filhas, uma com dois anos e Patrícia, de oito - e um filho, o Pedro, de seis anos. Este jovem casal pôs a família como prioridade no seu projeto de vida, o que se reflete no número de filhos que têm e no local onde vivem que permite o contacto com o exterior. Os ecrãs entram na rotina das crianças depois das 18h até à hora do jantar, em que a televisão passa a ser dos pais. Apesar de terem vários aparelhos, o mote desta família é partilhar e respeitar o tempo de cada um. Para que isso aconteça é muito importante para esta família ter regras no que toca ao acesso e tempo de uso. O tempo de uso é crucial para evitar dependência e, no caso da Patrícia, precaver obesidade. Na televisão, Patrícia prefere o Cartoon Network e o Disney Channel e o irmão, o Disney Júnior. No entanto, a filosofia de partilha faz com que vejam de tudo e, por regra, têm prioridade as escolhas da irmã de dois anos. Pedro tem por hábito usar o Facebook da mãe, no computador, para jogar jogos de luta, carros e zombies, jogos violentos que a mãe faz questão de controlar. A Patrícia tem por hábito procurar 'jogos de meninas' no Google. As crianças não têm muito acesso aos dispositivos dos pais para jogar, por serem ferramentas de trabalho. O *tablet* é usado em grupo ou individualmente. Por vezes, usam-no para brincar, filmam-se ou fotografam-se uns aos outros. Outras vezes usam para ver vídeos de desenhos animados e vídeos de rir e, em menor grau, para jogar. O Pedro também gosta de ver vídeos de super-heróis a lutarem. Os jogos no *tablet* são sugeridos por eles, mas são autorizados e descarregados pela mãe. A mãe sabe da existência de controlos parentais, mas não tem nenhum instalado. Pintam e desenhavam em papel, mas também no digital, o menino no Paint e a menina num *software* de desenho 3D, muito por influência das profissões dos pais. A pressão para ter televisão no quarto ou ter dispositivo próprio já se faz sentir, por vezes, por influência dos pais.

A **família Rodrigues** vive numa pequena freguesia que liga dois centros urbanos. A mãe tem 43 anos e é professora. O pai, de 42 anos, é engenheiro informático. Rita tem oito anos e frequenta o 3.º ano. O irmão, de 10 anos, frequenta o 5.º ano. O uso de ecrãs durante a semana é reduzido: depois da escola e das atividades extracurriculares, os irmãos e a mãe chegam a casa por volta das 20h30, jantam e quando ainda têm tempo, antes de ir para a cama, veem um pouco de televisão na sala. Os canais prediletos da menina são o Disney Channel e o Biggs e as séries *KC*, *Agente Secreta*, *A Irmã do Meio* e *Lab Rats*. As refeições são feitas sem televisão, porque é o momento de con-

versarem sobre o dia. Há diferenças entre os quartos dos dois filhos: o quarto do menino tem tecnologia e o da menina, não. No uso das tecnologias, os irmãos são autónomos, muito por estímulo do pai. A mediação parental é fundamentalmente técnica e da responsabilidade do administrador, neste caso o pai. Toda a família é monitorizada pela aplicação de localização *Home Tracks*. Ao contrário do irmão, Rita não tem telemóvel nem computador, mas tem *tablet* pessoal, comprado por ela há dois anos com a ajuda da semanada dada pelos pais. No *tablet* faz chamadas por Hangout para familiares no estrangeiro, joga os jogos que escolhe e descarrega, dentro das limitações filtradas pelo pai, vê vídeos e séries no YouTube e faz vídeos e tira fotografias, por vezes com o irmão. Com o irmão, ou sozinha, gosta de jogar nas plataformas do Disney Infinity e dos Skylanders, mas concentra-se em escolhas mais femininas, segundo a mãe. O pior castigo que os pais lhe dão é não poder ver televisão.

A **família Saraiva** vive num centro urbano. A mãe, de 44 anos é operadora e o pai, de 56 anos, é técnico de 1.ª classe. Ambos têm o ensino secundário completo. Sónia tem oito anos e anda no 2.º ano. A menina sai da escola às 17h, vai para os avós onde faz os trabalhos de casa e chega a casa pelas 18h30. É depois das tarefas escolares que pode ver televisão, no quarto da mãe e depois de jantar. Na televisão, em especial, os canais de música enquanto dança em cima da cama. Também gosta de ver, no canal Panda, *Márcia e o Urso* e o pedagógico *Panda e os Amigos*. A ela pertencem o *tablet*, dado pela madrinha, e um telemóvel, sem cartão SIM, dado pela tia, que usa para jogar, filmar e tirar fotografias. Sónia começou a pedir um *tablet*, depois de uma prima ter. Também por ver colegas na escola com telemóvel já começou a pedir um aos pais. Tem por hábito pedir ao pai para ele filmar as brincadeiras dela, filmar viagens de carro ou coisas que dão na televisão. Por vezes, leva o *tablet* para a cama, antes de dormir. Depois os pais tiram o ecrã do quarto. Pegava mais no *tablet* quando o teve; no entanto, este continua a funcionar como ameaça de castigo nas raras vezes em que se porta mal. Sónia já pede para ter tecnologia no quarto, mas os pais não cedem porque temem que passe a usar mais tempo do que o aconselhado. Com o *tablet* passou a usar menos o computador. A mãe tem por hábito controlar por observação o que ela está a ver no *tablet*. Por regra, procura música e programas que vê na televisão, como por exemplo, o *Got Talent*. Em média, por dia, vê 1 hora de televisão e usa 30 minutos o *tablet*. Como o pai não prescinde do telejornal na hora do jantar, por vezes, Sónia janta sozinha na cozinha, quando quer ver a *Patrulha Pata*. No *tablet* gosta de procurar músicas no Google, fazer pesquisas sobre a tabuada e jogar jogos, como o gato Tom ou o Piano Tiles, que é, aliás, um jogo que a família (os pais e os tios, vizinhos de casa, com que convive diariamente) aprecia vê-la jogar. Tirando o jogo dos pastorinhos de Fátima, descarregado pela mãe, por regra são as primas mais velhas que lhe descarregam jogos, no *tablet*, para a idade dela. No pouco uso do computador joga no FRIV e no

StarDoll. O Skype foi uma ferramenta útil que usou para manter contacto com os pais numa férias em que viajou com familiares.

A **família Teles** vive num grande centro urbano. A mãe tem 43 anos, é jornalista; o pai, de 45 anos, é professor. Ambos têm formação universitária. Tiago tem oito anos e está no 2º ano. Quando chega a casa pelas 18h30-19h30, às vezes pede para jogar ou ver televisão um bocadinho. Os pais não se consideram restritivos, exceto quando consideram que o filho usa excessivamente; veem nos ecrãs algo que gosta de fazer e meios que lhe permitem descomprimir um pouco. Reconhecendo que cumpridas as atividades extracurriculares e as tarefas escolares não sobra muito tempo para brincar, um dia por semana, apesar de sair pelas 17h o menino fica mais tempo na escola para poder brincar com um amigo. A televisão faz parte da sua rotina, logo pela manhã, ajudando a despertar. É autónomo no uso deste ecrã. O canal preferido é o Cartoon Network e o programa o *Manual do Jogador para Quase Tudo*, no Disney Channel. A única televisão que existe em casa é partilhada e todos têm o seu tempo televisivo. Tiago usa a televisão também para jogar Playstation 3 (mas já pede a 4) sozinho ou com o pai. Por vezes, o pai, nesses momentos, vê televisão no *tablet*. Quando não pode ver televisão, Tiago usa o seu *tablet*, herdado dos pais quando compraram um novo, para jogar ou ver vídeos de jogos para aprender como passar de nível, *trailers* de filmes e tutoriais sobre como montar estruturas da Lego. A pesquisa de vídeos é feita no Google, que é mais intuitivo, e depois no YouTube por sugestão. Tem um telemóvel, sem cartão, que também usa para ir à internet, quando o *tablet* não tem bateria. No *tablet* é ele quem descarrega os jogos. Para além da Playstation, Tiago tem estruturas da Lego Dimensões e plataformas de jogos, Skylanders e Infinity (Disney). Quando joga contra alguém não gosta de perder, ficando irritado, situação que passou a preocupar os pais que combatem esse comportamento ameaçando não o deixar jogar. À noite, os pais deixam levar o *tablet* para o quarto antes de dormir e depois retiram-no.

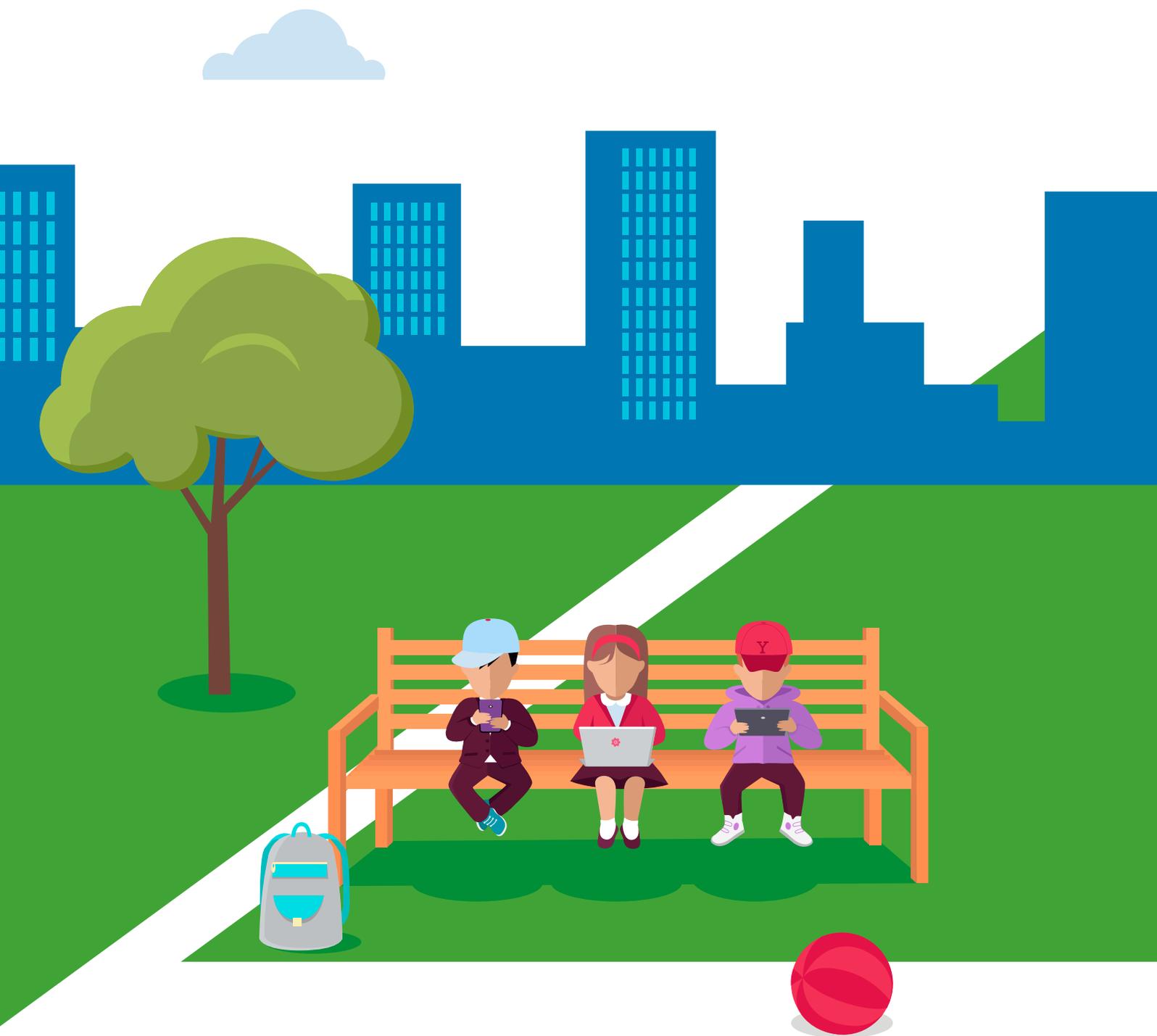
A **família Varela** vive num grande centro urbano. A mãe e o pai têm ambos 42 anos, formação universitária e são argumentistas. Valentim tem oito anos e frequenta o 3.º ano e tem um irmão, de 13 anos, que frequenta o 7.º ano. Para além da escola que frequente, foi aceite noutra, de ensino artístico especializado de música, que frequenta duas vezes por semana. Mas o futebol, a informática e os jogos ocupam as suas predileções. O seu jogo preferido é o *Minecraft* que joga no computador, Playstation e Wii, com o melhor amigo e através do qual fala com outros meninos, de 12 anos, através do Skype. Por causa do jogo aprendeu muito do inglês que sabe falar. Aprendeu a jogar *Minecraft* com o irmão e através de vídeos publicados por YouTubers. Um dos que segue é o *Feromonas*, do qual tem um livro. À semelhança do irmão mais velho no passado, o Valentim também tem mau

perder, o que lhe vale castigos aplicados pelos pais. No momento da entrevista estava com a Playstation apreendida por ficar nervoso, chorar e gritar quando perde, mais ainda se for contra o irmão. Gostava de ter um canal no YouTube para publicar vídeos sobre jogos, mas comenta não ter tempo. Gamer, YouTuber, IP, Server, haters, Deep Web entre outras, são palavras que fazem parte do seu vocabulário. Os ecrãs entram na sua rotina, depois da escola, a partir do final do dia. Vê vídeos no YouTube e joga na Playstation. À noite tem dificuldade em largar o *tablet* para ir dormir, o que dá origem a conflitos familiares. A televisão vê de manhã, às vezes, ao pequeno-almoço. Gosta de ver o *Phineas e Ferb* no Disney Channel. Mas a maior parte da televisão que vê é indo buscar episódios que já deram. Costuma brincar fora de casa e agora, como resultado da escola que passou a frequentar, joga um jogo de tabuleiro, que estava parado, em família. Os dispositivos são partilhados nesta família. No *tablet*, mais do que jogar, prefere ver vídeos de futebol e séries, em inglês, sem legendas, no YouTube.

A **família Zambujal** vive numa freguesia rural entre dois centros urbanos. A mãe, de 40 anos, tem o secundário completo e é administrativa. O pai, de 40 anos, tem o 3.º ciclo e é medidor. Zara tem oito anos e frequenta o 3.º ano. O irmão, de 14 anos, frequenta o 8.º ano. Zara chega a casa ao final da tarde, 18h30, mas não é a televisão o ecrã da sua eleição, embora veja todos os dias. Prefere o seu *tablet*, que usa sem restrições, para jogar um bocadinho nos espaços comuns e, às vezes, no quarto, antes de dormir. Os jogos são sua escolha e descarregados por si. Por causa dos jogos, aprendeu algumas palavras em inglês. O irmão também o usa para jogar. Quando vê televisão, prefere ver *Soy Luna*, no Disney Channel. Às vezes há luta entre irmãos na hora de escolher o que ver na televisão, mas ele tende a ceder e até gosta de ver alguns programas com a irmã. No inverno brinca mais em casa, mas no verão e sempre que possível a menina brinca na rua com crianças que vivem perto. É autónoma nos ecrãs e usa-os com facilidade. Aprende muito com o irmão. No quarto tem televisão, mas raramente liga. A Playstation e a Wii que partilha com o irmão estão numa sala onde os dois estudam. Mas já usaram mais. Prefere jogar cartas e xadrez com uma vizinha. Já pediu para ter Facebook, porque algumas amigas têm, mas os pais ainda não autorizam por acharem que é prematuro. A escolha dos programas em família é feita pelos filhos. Os pais veem o que querem mais tarde. A menina tem também telemóvel pessoal, mas só o usa quando vai em passeios da escola. Tal como o *tablet*, esse telemóvel foi um pedido seu. O *tablet* foi oferecido pelos pais no aniversário e o telemóvel foi um presente do padrinho. No *tablet*, joga o Piano Tiles, o gato Tom e jogos educativos sobre países e de cultura geral. Detesta perder, em especial com o irmão. Para além dos jogos, gosta de procurar músicas no YouTube e vídeos dos programas *The Voice* e *Got Talent*. O *tablet* também acompanha a família nas viagens para registar momentos em fotografia.

ERC

ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL



Morada Avenida 24 de Julho, n.º58
1200-869 Lisboa

Tel +351 210 107 000
Fax +351 210 107 019
Email info@erc.pt
Site www.erc.pt